



VERA CRUZ

Ensino Médio

Ensaaios

n. 1, 2017

Uma revista das disciplinas eletivas do Ensino Médio da Escola Vera Cruz



Ana Maria Bergamin – Coordenação Ensino Médio
Marli de Barros – Coordenação das disciplinas Eletivas 2ª série
Ana Luiza de Azevedo Pires Sérgio – Organização da publicação
Alexandre Trinca – Psicólogo Escolar

Professores de Eletivas

Iuri Pereira – Literatura
Lilian Spalding Degani – Matemática
Lilian Starobinas – História
Marcelo Jorge de Moraes – Biologia
José Auri Cunha – Filosofia
Ana Luiza de Azevedo Pires Sérgio – Física

Ensaio

n. 1, 2017

Uma revista das disciplinas eletivas do Ensino Médio da Escola Vera Cruz

Sumário

Apresentação _____ **4**

Ana Bergamin

Biologia _____ **5**

prof. Marcelo Jorge de Moraes

Percepção, atenção e memória: vivendo nossa própria Matrix 5

Neuroanatomia do circuito neural do medo e ação da cocaína sobre o mesmo 6

Laura Schutt Candiota e Marina Saab Juliatto

Acupuntura: tratamento efetivo e sua fisiologia 19

Juliana Carvalho Chaves e Lia Abrão Ballak Dias

Sonambulismo e Paralisia do Sono: como ocorre a movimentação do corpo durante essas parassonias? 28

Lia Glogowski Cruz

Filosofia _____ **37**

prof. Auri Cunha

Mergulho em temas do pensamento moderno 37

Psiquismo humano e civilização: uma relação dialética para o mal-estar 38

Rafael Pluciennik Faustinoni e Silva

Valor de interpretar os sonhos 61

Pedro Fernandez Tonso

Física _____ **78**

Prof^a Ana Luiza Sérgio

Luz, câmera, física 78

Percepções sobre gêneros cinematográficos: músicas-tema e aberturas de seriados 79

Carol Naspitz

A fotografia automobilística e suas aplicações 93

Luiz Henrique Campos da Costa Manso

Cores: a física, a psicologia e um estudo de caso da série Defensores 103

Laura Novelli de Miranda Oliveira

História 115

Prof.^a Lilian Starobinas

Direito e Justiça 115

A rebeldia e escapismo: um olhar para vida das mulheres hereges 116

André Pisaturo de Moura

A justiça e a injustiça para as religiões de matriz africana no Brasil 134

Dora Cavalcanti Ehrlich

Em busca de um refúgio 160

Gabriela Gorski e Marina Gonçalves

Literatura 175

Prof. Iuri Pereira

Protocolos de maturidade 175

Não tenho medo 176

Fábio Marinho Lutz Motta

Análise sobre a obra Senhor das Moscas 182

Marina Sutton

Matemática 189

Prof.^a Lilian Spalding

Geometria: Um olhar para o mundo 189

Fractais: árvore pitagórica 190

Olivia Bicudo

Apresentação

A revista *Ensaio*s reúne alguns dos trabalhos produzidos pelos alunos dos cursos de eletivas da 2ª série do Ensino Médio em 2017. A escrita autoral resulta das pesquisas realizadas individualmente.

O projeto, que envolve a escolha de um curso anual e a elaboração de um projeto de investigação em torno de temas discutidos pelo grupo, tem grande valor para os objetivos da Escola Vera Cruz no EM. Todos os alunos escreveram seus trabalhos e compartilharam suas conclusões com os colegas de curso.

A publicação dos textos de nossos alunos representa um marco importante do trabalho que desenvolvemos na Escola. O exercício de comunicar por escrito o conteúdo assimilado, ampliado no convite para que os jovens estudantes encontrem suas questões e elaborem seus ensaios, é potencializado com o aprimoramento das aprendizagens e da estruturação dos textos formais. O que lemos nesta publicação revela a força da expressão de nossos jovens e a beleza de seu envolvimento com os temas pesquisados.

Esta primeira edição de *Ensaio*s contém os trabalhos selecionados por cada um dos professores das seis disciplinas eletivas oferecidas em 2017. Ao longo do 2º semestre, cada aluno desenvolveu sua pesquisa em torno de uma questão originada no curso que frequentou. Publicamos a versão final da escrita apresentada pelos alunos após os diálogos com seus professores, sem revisão posterior.

Boa leitura!

Ana Bergamin
Coordenadora

Percepção, atenção e memória: vivendo nossa própria Matrix

Se você viu o filme *Matrix*, talvez tenha ficado incomodado com a ideia de que o mundo poderia não ser exatamente como o percebemos. No filme, a realidade individual era mediada e modificada por um poderoso programa, que gerava um imenso ambiente virtual, comum a toda a Humanidade. Até onde sabemos, não vivemos numa matrix, mas podemos partir dessa fantástica ideia para repensar nossa percepção objetiva do mundo. Basta “ver” para podermos afirmar com certeza sobre a existência de algo? Será que percebemos tudo o que existe para ser percebido? Como seu sistema nervoso transforma algo percebido em uma memória?

O objetivo da disciplina é fundamentar a discussão sobre a percepção humana do mundo e de fatores que podem influenciar na formação de nossas memórias (o que, em última análise, formará nossa concepção do mundo). Tudo isso, partindo da perspectiva biológica, mais precisamente de uma abordagem neurofisiológica. Estudamos as bases biológicas do funcionamento dos sistemas nervoso e sensorial, além de introduzirmos as bases para a discussão sobre mecanismos psicofisiológicos da percepção, da atenção e da memória.

Neuroanatomia do circuito neural do medo e ação da cocaína sobre o mesmo

Laura Schutt Candiota

Marina Saab Juliatto

Resumo: Estudos sobre as emoções deixam explícitas as diferenças que existem entre elas. A proposta deste ensaio é tratar especificamente sobre a atuação do medo no Sistema Nervoso. Simultaneamente, um paralelo entre esta emoção e a droga cocaína será estabelecido, visando apontar se pode ou não existir uma reação sobre os usuários diante de situações que sinalizam o perigo. Sobre o medo especificamente, pode-se afirmar que ele desencadeia um complexo processo neural, que vai desde o tálamo até a substância cinzenta periaquedutal, provocando reações tanto comportamentais quanto fisiológicas e envolvendo muitas estruturas do Sistema Límbico. No que diz respeito a ação da droga sobre o circuito neural, esta é capaz de impossibilitar a comunicação de informações entre neurônios, feita pela serotonina no cérebro. Não só essas relações, como outras também foram trabalhadas ao longo do texto.

Palavras-chave: Medo, Circuito Neural, Cocaína, Amígdala.

INTRODUÇÃO

O ser humano está, diariamente, vivenciando diversas emoções, cada qual com as suas características. A preocupação, o interesse e a curiosidade das pessoas a respeito desse assunto vêm de longa data. Estudos de antigos cientistas são, muitas vezes, encontrados e utilizados em pesquisas e trabalhos que abordam as emoções, algo que mostra a grande importância de tratar sobre tal aspecto, na medida em que este é algo presente não só nos animais, mas também em todos os seres humanos. Além disso, é notório que existe uma grande diferença nas características de todas as emoções, sabendo disso, o foco que será dado neste texto será apenas uma delas: o medo.

A vontade de explorar o medo reside no fato deste ser uma emoção extremamente presente nos dias de hoje, dado que o mundo está vivendo um período de muitas inseguranças. Ao mesmo tempo, é uma sensação vivenciada por todos os indivíduos em algum momento de suas vidas. Sendo assim, é um assunto relevante para ser colocado em pauta. Nesse contexto, as drogas, muitas vezes, podem acabar sendo utilizadas como uma forma de prazer. Todavia, ao contrário do desejado, o efeito da substância nem sempre funciona dessa maneira, mas sim causa um resultado contrário. Dentre essas drogas, a cocaína é aquela que tem um forte impacto cerebral e pode vir a desencadear o medo em usuários. Perante isso, pode-se dizer que o medo e seu funcionamento será o principal objeto em estudo. Concomitantemente, a sua relação com a cocaína também será abordada como uma vertente do tema.

No século XIX, um importante estudo sobre emoções foi escrito por Charles Darwin, com relatos sobre o medo, dando ênfase ao caráter evolutivo no comportamento emocional do homem. Ainda, esse trabalho foi aquele que deu início, do ponto de vista histórico, para o estudo da neurobiologia do medo e da ansiedade, segundo Marcus Lira Brandão, em seu texto “Organização neural de diferentes tipos de medo e suas implicações na ansiedade”. Não só isso, o mesmo estudo de Darwin permitiu perceber que o estudo do comportamento de outros animais era o caminho para a compreensão das emoções no homem, o que incluía o medo. Dessa forma, a compreensão sobre o assunto foi sendo cada vez mais colocada em pauta e tornando-se mais complexa e completa.

A partir disso, descobriu-se quais são as estruturas cerebrais envolvidas no circuito neural do medo no ser humano, assim como quais as alterações fisiológicas provocadas no ser humano quando este sente medo. Todas as descobertas foram facilitadas pelo simples fato de que o “substrato neural das reações aversivas” já é bastante conhecido.

Primeiramente, o Circuito Neural do Medo leva em conta desde as estruturas relacionadas à percepção dos estímulos - perigosos ou não -, até aquelas referentes às respostas com-

portamentais e fisiológicas do estado emocional em estudo. Sendo assim, esse modelo envolve a amígdala, uma das principais componentes dessa organização; o córtex frontal; o hipotálamo; o tálamo; a substância cinzenta periaquedutal; entre outras que serão exploradas conforme o segmento do texto.

ESTRUTURAS NEURAIAS

Grande parte das áreas correspondentes às emoções está associado com a região encefálica. Dentre elas, encontra-se o tálamo, hipotálamo e a área pré-frontal.

O tálamo é uma região do sistema límbico, que desempenha a função de controlar o comportamento emocional, a partir de conexões estabelecidas por núcleos anteriores e pelo núcleo dorso-medial, que, por sua vez, se ligam a outras estruturas do sistema límbico. Assim, é essa estrutura que enviará sinais auditivos, sensitivos, visíveis, entre outros; às seguintes estruturas através de células nervosas.

O córtex cerebral se encontra no encéfalo, numa camada externa, sendo considerado por muitos a parte racional e consciente do cérebro. Essa superfície é dividida em dois hemisférios, direito e esquerdo, e subdividido em quatro lobos: frontal, parietal, temporal e occipital. De forma geral, a estrutura desempenha uma função de analisar e interpretar os estímulos provenientes de processos sensoriais, a fim de organizar as informações e mandá-las ao hipocampo.

O hipocampo é famoso por estar ligado a consolidação de memórias e ao armazenamento das mesmas. À vista disso, ao entrar no cenário do medo, este será importante, na medida em que estabelece um contexto sobre o que está acontecendo ao redor do indivíduo, buscando memórias antigas e processando informações. Com isso, é possível identificar se determinado estímulo é ameaçador ou não, uma vez que as memórias permitem apontar se a situação em voga já aconteceu e, em caso positivo, como que o sujeito lidou com tal circunstância.

A amígdala, por sua vez, é responsável pela coordenação das reações comportamentais e fisiológicas diante de algo perigoso. Portanto, esta detecta, gera e manuseia as emoções relacionadas ao medo, colocando a pessoa em estado de alerta. Além disso, conecta-se com o tálamo, hipocampo e a área pré-frontal, recebendo informações de diversos sistemas sensoriais. Consequentemente, lesionar a amígdala se torna sinônimo de perder a capacidade de reconhecer estímulos ameaçadores e, assim, o indivíduo não é capaz de perceber o medo.

O hipotálamo é o local em que coordena-se as respostas involuntárias da reação, sendo a maioria delas da parte física do sujeito. Como exemplo, há o aumento da pressão cardíaca, ereção dos pêlos, maior pressão arterial, respiração ofegante, entre outros.

Por último, a matéria cinzenta periaquedutal é uma região mais relacionada ao comportamento de defesa do ser humano. Segundo Adriano Reimer, em seu texto de mestrado, esta atuação é decorrente da estimulação química ou elétrica da SCPD. Logo, as reações podem ir desde um congelamento do organismo até ações de defesa ou fuga.

Partes do cérebro envolvidas na reação de medo

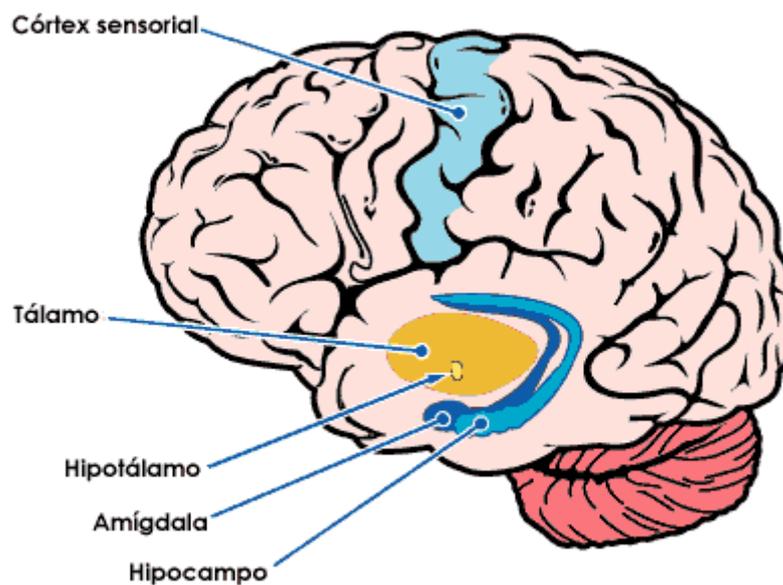


Figura 1: estruturas cerebrais que fazem parte do circuito neural do medo

CIRCUITO NEURAL DO MEDO

Como forma de facilitar o entendimento a respeito do assunto abordado no texto, foi feita uma divisão em relação ao circuito neural do medo, dado que, em certo momento, há uma dispersão nos caminhos tomado pelos estímulos.

Posto isto, o primeiro deles a ser discutido é o mais simples e mais rápido, denominado caminho baixo. Este se inicia através de estímulos ambientais, originários dos dados sensoriais (do olho, ouvido, tato etc) e que sinalizam algum tipo de perigo - ou não -, que atingem o tálamo, estrutura que encaminhará as informações à amígdala. Porém, é importante dizer que a primeira região não tem a capacidade de saber se o estímulo é realmente ameaçador e, por causa disso, a informação é passada à próxima etapa.

Nesta fase, as mensagens entrarão pelo núcleos laterais da amígdala, os quais funcionam como uma porta de entrada, que fará de tudo para proteger o ser do contexto de perigo, coordenando as respostas fisiológicas e comportamentais. Assim, uma ordem de comando será disparada por meio do núcleo central, que, por sua vez, é a porta de saída da estrutura, em direção ao hipotálamo e a substância cinzenta periaquedutal.

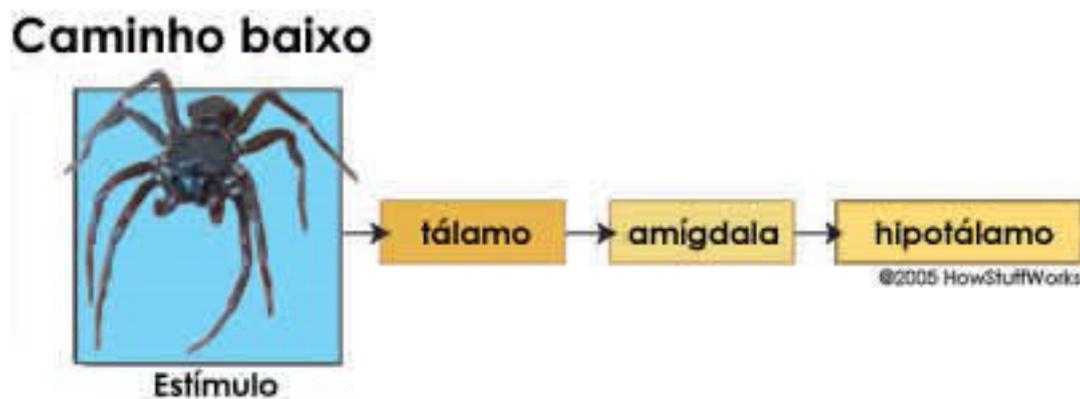


Figura 2: Caminho Baixo - “primeiro modelo do circuito neural do medo”

O hipotálamo ativará dois sistemas, ao mesmo tempo: o nervoso simpático e o adrenocortical. O primeiro deles exerce as suas funções por meio de células nervosas e já o segundo, por meio do sangue. No simpático, o processo se dá da seguinte maneira: este receberá um comando, o que fará com que impulsos sejam enviados às glândulas supra-renais. Estas glândulas, visando o estado de prontidão do organismo frente ao medo, liberam hormônios conhecidos como noradrenalina e adrenalina. Junto desse processo, o sistema parassimpático também é ativado, uma vez que é necessário alguma estrutura que impeça o simpático de se descontrolar. Assim, aquele funciona como uma forma de garantia de que o corpo não irá se prejudicar ao instaurar um estado de relaxamento, o que leva o organismo ao seu estado normal.

Com a ativação desse primeiro sistema, alguns efeitos físicos são notáveis no ser humano, tais como: “a dilatação pupilar, o aumento do diâmetro da traqueia e dos brônquios, taquicardia (aumento da frequência cardíaca), estimulação da produção de adrenalina e noradrenalina nas glândulas suprarrenais, intensificação da liberação da glicose armazenada no fígado, diminuição dos movimentos peristálticos intestinais, vasoconstrição da pele e eriçamento dos pelos e cabelos”. Toda essa sua ação se baseia na reação de luta ou fuga, tendo em vista a sobrevivência do indivíduo.

Já o sistema adrenocortical é ativado com a liberação de corticotropina (CRH), um hormônio produzido no hipotálamo. Este é responsável pela secreção de ACTH (hormônio adrenocorticotrófico) liberado pela glândula pituitária, o qual, através da corrente sanguí-

nea, atinge o córtex adrenal, resultando na liberação de aproximadamente 30 hormônios responsáveis pela preparação de respostas de luta ou fuga.

Reação de luta ou fuga

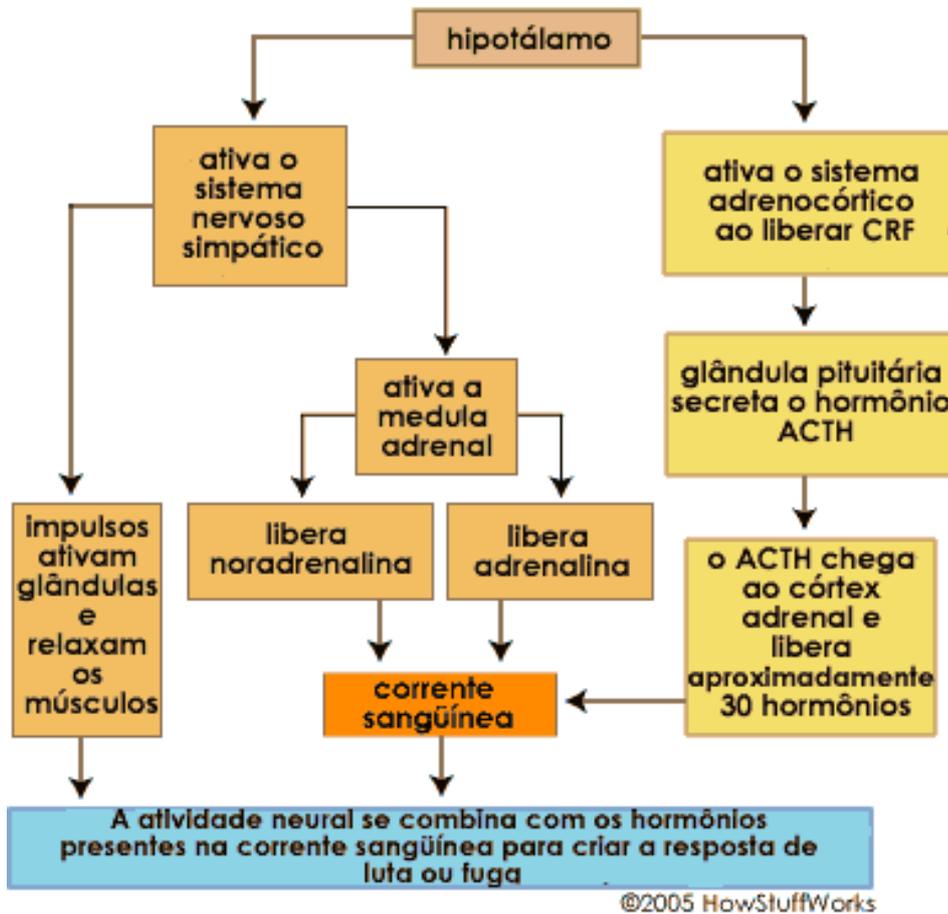


Figura 3: Esquematização dos processos que ocorrem nos sistemas ativados pelo hipotálamo

Assim, esses hormônios se encontrarão com as outras substâncias produzidas pelo Sistema Nervoso Simpático na corrente sanguínea, criando as condições ideais para que o organismo responda a ameaça em jogo, como esquematiza a figura ao lado. Vale ressaltar que, além dos efeitos anteriormente mencionados, o hipotálamo também causa um aumento no metabolismo corporal e, diante disso, muitos indivíduos podem vir a sentir maiores sensações de calor e/ou frio e, logo depois, um sentimento de cansaço, na medida em que há um enorme uso de energia para realizar todos os processos citados.

No que diz respeito à substância cinzenta periaquedutal, esta é a encarregada de preparar o corpo por meio de respostas de congelamento, caracterizado por uma imobilidade tensa acompanhada de respostas autonômicas, como aumento das frequências cardíaca e respiratória, segundo a afirmação do mestrando Adriano Reimer. Ainda sobre o mesmo, ele re-

conhece que “a estimulação elétrica da SCPd leva a um comportamento de fuga explosiva e pouco coordenada”.

Por outro lado, ao abordar o segundo circuito neural do medo, identifica-se que a diferença deste para o primeiro se dá no caminho depois do tálamo. Isto é, ao invés dos estímulos/das informações seguirem diretamente à amígdala depois desta estrutura, eles vão em direção ao córtex cerebral, parte que dará um trato mais “refinado” e rebuscado nas mensagens. Neste local, há um trabalho de entender qual é o significado desse estímulo que se diz ameaçador, ou seja, há uma interpretação e uma análise do mesmo.

Em seguida, o hipocampo, através de buscas nas memórias do indivíduo, procura entender se aquela situação já aconteceu anteriormente e, em caso positivo, quais foram as medidas tomadas em relação a ela. A partir disso, estabelece-se um contexto sobre o ocorrido, formulando um aviso para a próxima estrutura, a amígdala, informando-a se há perigo ou não. Dependendo do recado, o local manda diferentes comandos ao hipotálamo, que, por sua vez, também fornece diferentes atitudes. Resumidamente, o trajeto traçado pelas informações a partir da amígdala tomará o mesmo caminho do primeiro circuito.

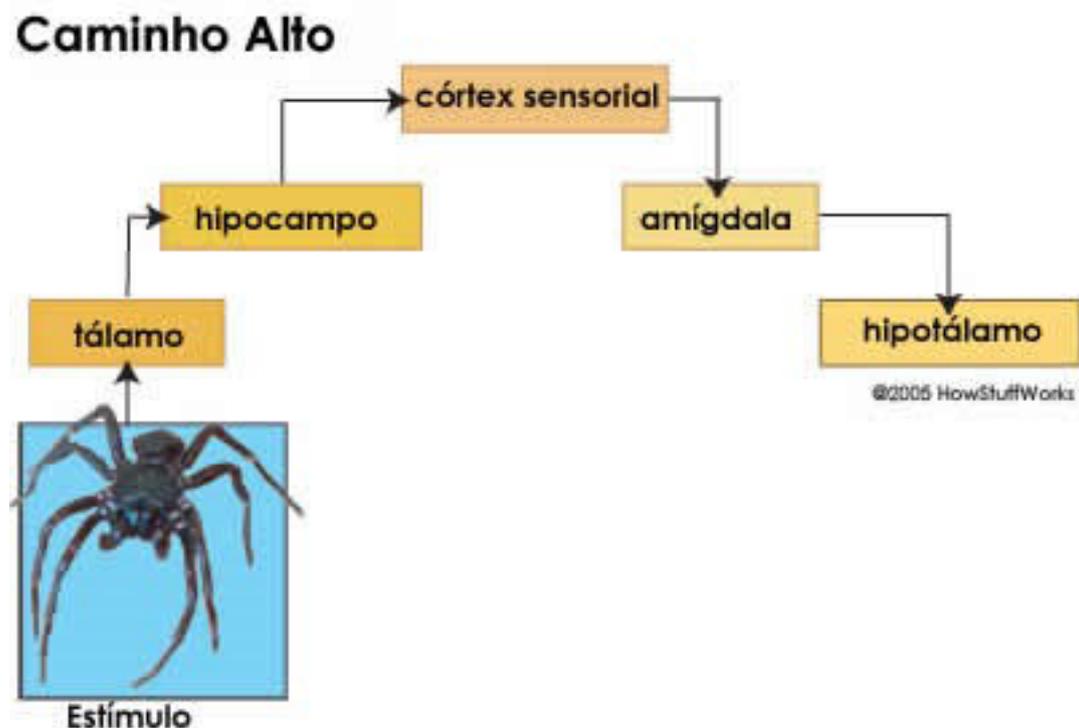


Figura 4: Caminho Alto - “segundo modelo do circuito neural do medo”

Portanto, a divergência entre os dois modelos se inicia pelo fato de haver dois caminhos a partir do tálamo, pelos quais os estímulos podem seguir. Todavia, essa diferença também aparece na velocidade do processo e da complexidade das respostas formuladas ao final. O primeiro é mais rápido, porém menos completo, ou seja, não proporciona uma resposta tão

“evoluída” quanto o segundo modelo. Este, por mais que leve mais tempo, fornece uma resposta ao medo mais completa, diferentemente daquele, no qual as soluções nem sempre certas. Um exemplo deste último caso é quando o ser humano tem reações abruptas frente a determinadas situações.

A COCAÍNA

As escavações arqueológicas da Bolívia e do Peru comprovam que a folha de coca já era utilizada pelos povos Andes, que viveram há mais de 4500 anos (Ferreira, Pedro 2001). Reconhecida como um presente dos deuses, seu uso era restrito à elite Inca, até o período de colonização. Com a chegada dos portugueses na América, seu uso disseminou-se principalmente entre os índios.

CONSUMO DE COCAÍNA E CRACK NO ÚLTIMO ANO*	
País	Número de pessoas (em milhões)
EUA	4,1
Brasil	2,8
América do Sul	2,4
Ásia	2,3
África Central	2,3
Reino Unido	1,1
Espanha	0,8
Leste Europeu	0,6
Canadá	0,5
Oceania	0,4
Caribe	0,3
África do Sul	0,3
América Central	0,1

* Dados da OMS

No Brasil, através das tribos nativas, a folha atingiu boa parte do país, criando condições favoráveis para que a droga já fosse altamente notada a partir da segunda metade do século XIX, sob a forma de bebida e medicamentos. Desse período em diante, seu uso deixou de ser exclusivo da elite, popularizando-se entre todas as camadas, aumentando o número de usuários.

As investigações da droga começaram em 1855, quando Friedrich Gaedecke, um químico alemão, conseguiu o extrato das folhas de coca. Posteriormente, Albert Niemann isolou o extrato de cocaína, o qual representava 80% do total. Somente após 40 anos sua fórmula química foi descoberta e

em 1902 produzida sinteticamente por Willstatt. A estrutura da droga conhecida popularmente como um “pó cristalino branco, deriva da sua forma de cloridrato de cocaína.

Atualmente, os brasileiros representam o segundo maior grupo consumidor mundial da substância, contabilizando ao redor de 2,6 milhões de usuários, como comprova a tabela abaixo, dado 4 vezes superior à média mundial. Com isso, o país se torna responsável por 20% do mercado mundial da mesma, de acordo com dados do segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e resultados da ONU.

A cocaína é uma substância natural extraída das folhas da planta *Erythroxylon coca*, uma planta originária da América do Sul, sendo seus nomes populares coca ou epadu.

Essa droga chega ao consumidor sob a forma de um sal, o cloridrato de cocaína, um “pó” que é solúvel em água. Dessa maneira, existem duas formas de utilizá-la: aspirando-a ou dissolvendo-a em água para uso endovenoso.

Considerada uma droga ilícita, atua no Sistema Nervoso Central (SNC) estimulando o corpo e o cérebro do indivíduo a trabalhar de uma maneira intensa. Após inserida no organismo, os efeitos duram em média 15 minutos para se tornarem notáveis. São eles: elevação da temperatura corpórea, aumento dos batimentos cardíacos e da pressão arterial, dilatação das pupilas, impaciência, tremor, ausência de fome ou sono. À essa agitação, associa-se o sentimento de euforia, onipotência, prazer do indivíduo.

Após a liberação dos primeiros efeitos, estes terão uma durabilidade de em média 30 a 60 minutos. Dessa maneira, com a saída da droga do organismo, o sentimento de euforia chega ao fim, fator que motiva o uso constante e em maiores proporções.

A atuação da droga no SNC se dá através da interferência na comunicação entre os neurônios, inviabilizando a transmissão de informação por conta da inibição da troca de íons de sódio e potássio, o que pode levar a uma sensação anestésica. Ademais, atua no bloqueio dos receptores dos neurotransmissores de dopamina, noradrenalina e serotonina.

A dopamina é produzida em uma região cerebral conhecida como substância negra, a qual está representada como “substância negra “ na figura abaixo. O neurotransmissor é concentrado em pequenas vesículas nos terminais nervosos e liberado por meio das sinapses cerebrais. Entre suas principais funções está a sensação de prazer. Em contextos agradáveis, ela é liberada no organismo, ocasionando impulsos nervosos. Somada a esta sensação, encontra-se a capacidade de memorização e o controle motor de movimentos voluntários.

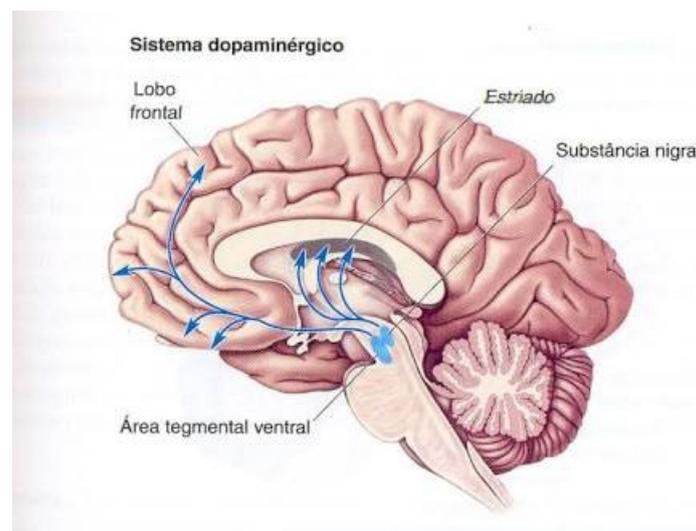


Figura 6: Regiões cerebrais participantes do Sistema Dopaminérgico

Fora isso, a dopamina serve de precursora para a produção de noradrenalina, a qual se assemelha à serotonina em relação ao papel que desempenham, sendo este o controle de humor, a motivação, a percepção e cognição.

Em um funcionamento natural, esses neurotransmissores, liberados por neurônios simpáticos, atuam sobre os receptores localizados em outros neurônios, estimulando suas atividades. Essa passagem de neurotransmissores se dá pela fenda sináptica. Esta é o espaço entre dois neurônios, onde se dão as transmissões nervosas. Posteriormente, um mecanismo atua sobre a dopamina, serotonina e noradrenalina, fazendo com que as substâncias retornem para a célula original, fenômeno ilustrado pela figura abaixo.

Sob o efeito da droga, esse retorno fica comprometido, estimulando ainda mais o funcionamento das atividades neuronais, motivo pelo qual a cocaína é classificada como uma droga estimulante, fenômeno ilustrado pela figura abaixo.

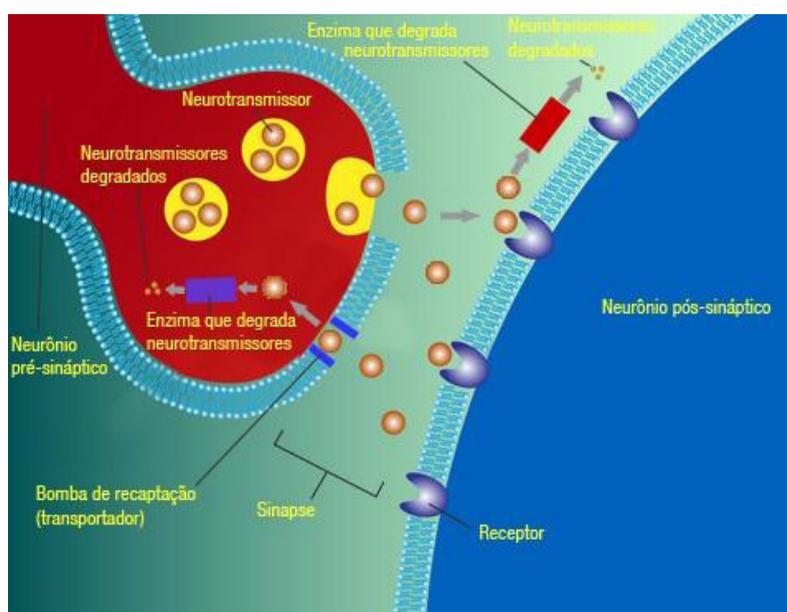


Figura 7: Funcionamento da droga na fenda sináptica e na conexão entre dois neurônios

A concentração dessas substâncias nas fendas sinápticas por um tempo prolongado é a causa dos efeitos proporcionados pela droga. A acumulação de dopamina relaciona-se aos efeitos de prazer, euforia, onipotência. A noradrenalina e serotonina, por sua vez, relacionam-se aos efeitos de vasoconstrição, midríase, hipertensão, taquipneia, taquicardia, diaforese.

O uso frequente e em maiores quantidades pode fazer com que efeito de euforia desejado pelo consumidor ceda lugar para a “psicose da cocaína”, cujos sintomas são: o medo, a paranoia, mania de perseguição, alucinações visuais, auditivas e táteis. Esse acontecimento é explicado pela sensibilização neuronal, através da qual os neurônios reagem de formas excessiva sob efeito de estímulos leves, fenômeno conhecido como *Kindlin* (RIBEIRO, Machado e LARANJEIRA, Ronaldo. 2009).

Em relação às áreas cerebrais danificadas pelo uso constante e em grandes proporções, é notável o alargamento de sulcos corticais e de ventrículos cerebrais, além da modificação dos núcleos de base e da substância branca cerebral. Além disso, evidencia-se danos a uma das estruturas presentes no circuito do medo: a matéria cinzenta periaquedutal, a qual passa por um processo de redução em sua quantidade (SANTOS DA COSTA, Nathalia e MARIA SALGADO MACHADO, Dalva. 2011). Esta, então, se torna pouco ativa em relação aos níveis de receptores de dopamina e, no estado de dependência, associa-se também a comportamentos repetitivos compulsivos.

Logo, reduzida em quantidade, a SCPd pode vir a perder a capacidade de realizar as suas funções frente às situações de ameaça, algo que sugere que o circuito do medo pode ser afetado, em decorrência do uso contínuo da droga. Assim, este consumo se torna, em alguns casos, prejudicial.

Além disso, conforme pesquisas feitas nos laboratórios da USP por alguns especialistas, é certo dizer que a serotonina é o neurotransmissor responsável por transmitir os sinais de medo de uma estrutura, o núcleo mediano da rafe, aos demais locais cerebrais (PIVETTA, Marcos. 2002). À vista disso, sabendo que um dos efeitos da cocaína é o fato dela interferir na comunicação entre os neurônios, percebe-se que a droga acaba sendo um empecilho no circuito do medo. Isto acontece porque ela impossibilita a ação da serotonina enquanto transmissora de informação no cérebro, ao “prender” a substância, por um período mais longo, na fenda sináptica.

CONCLUSÃO

Levando em consideração todos os fatores abordados anteriormente, pode-se dizer que muitas das perguntas levantadas no início do trabalho puderam ser alcançadas com sucesso, por meio de pesquisas e análises pessoais de trabalhos e informações.

De maneira geral, o medo provoca diferentes reações no ser humano, tanto fisiológicas quanto comportamentais. Em relação a elas, observa-se que o hipotálamo e a substância cinzenta periaquedutal têm grande importância em sua produção, uma vez que a resposta a certo estímulo vai se dar de acordo com o último comando do corpo, dado por ambas as estruturas. As reações, propriamente ditas, vão desde as típicas, como: dilatação das pupilas, aumento do batimento cardíaco, arrepios; até as mais antigas, como o congelamento, no qual há uma imobilidade tensa. Esta, segundo um projeto de pesquisadores da USP, se caracteriza como uma das respostas mais primárias de defesa do organismo diante de estímulos aversivos. Ainda, a amígdala é uma relevante componente em todo o processo do circuito neural do medo, pois vai ser ela a responsável por sentir o medo e, logo, sem ela há chances de perder tal capacidade e ainda diminuir a emocionalidade de um alguém.

O fato de existirem dois medos, o incondicionado e o condicionado, não ganhou tanto foco no ensaio. Portanto, não é possível estabelecer um relação entre eles e o circuito neural, isto é, não sabe-se ao certo se o tipo de medo vigente em determinado momento definiria o caminho pelo qual os estímulos percorreriam (primeiro ou segundo modelo do circuito neural). Sendo assim, é necessária uma maior pesquisa sobre o assunto, não podendo ser feito mais comentários a respeito do mesmo.

Finalmente, o medo e a cocaína foram dois elementos que conseguiram ser relacionados, destacando-se o fato de que a droga reduz a quantidade de uma das importantes estruturas envolvidas no circuito neural do medo - a matéria cinzenta periaquedutal -, assim como é capaz de impossibilitar um neurotransmissor, como a serotonina, de desempenhar sua função. Não só isso, o fenômeno Kindlin também apareceu como um fator que pode causar um maior medo no ser humano, dado que a cocaína sensibiliza os neurônios e, sob efeito de qualquer estímulo leve, o indivíduo pode desencadear uma reação extravagante e excessiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRANDÃO, Marcus Lira. **As bases biológicas do comportamento: introdução à neurociência**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 2004. 223p. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0036-46652005000300013&script=sci_arttext>. Acesso em jun. 2017.
2. BRANDÃO, Marcos Lira. et al. **Organização neural de diferentes tipos de medo e suas implicações na ansiedade**. 2003. 6 f. Dissertação - Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v25s2/a09v25s2>>. Acesso em jun. 2017.
3. ESPERIDIÃO-ANTONIO, V. et al. **Neurobiologia das emoções**. 2008. 11 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Morfológicas) - Faculdade de Ciências Morfológicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008 Disponível em <http://espiritualidades.com.br/Artigos/E_autores/ESPERIDIÃO-ANTONIO_Vanderson_et_alii_tit_Neurobiologia_das_emocoes.pdf>. Acesso em jun. 2017.
4. FERREIRA, Pedro. **Cocaína: lendas, história e abuso**. 2001. Departamento de Psiquiatria da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462001000200008>. Acesso em set. 2017.
5. MITIKO NISHIDA, Silvia. **Neurobiologia das emoções - Sistema Límbico**. s.d. Disponível em <http://www.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Fisiologia/Neuro/aula27.sistema_limbico_silvia.pdf>. Acesso em set. 2017.
6. PIVETTA, Marcos. **Circuitos do medo**. 2002. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/04/01/circuitos-do-medo/>>. Acesso em ago. 2017.
7. REIMER, Adriano. **Envolvimento de mecanismos GABAérgicos da substância cinzenta periaquedutal dorsal e do colículo inferior no medo condicionado e incondicionado**. 2008. Dissertação.

- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ribeirão Preto. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59134/tde-08092013-014529/pt-br.php>>. Acesso em out. 2017.
8. SANTOS, Helena Maria da Silva e HAKME, Jamil. **O circuito neural do medo**. s.d. Disponível em <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/fIKvfpOIoM5B-q0F_2013-5-13-16-25-49.pdf>. Acesso em ago. 2017.
 9. SANTOS DA COSTA, Nathalia 1 e MARIA SALGADO MACHADO, Dalva 2. **Neurobiologia e neuropsicologia na esquizofrenia e no uso de cocaína**. 2011. 1 Psicóloga, Neuropsicóloga - Universidade FUMEC. Belo Horizonte, MG. – Brasil, 2 Neurologia Clínica. Serviço de Neurologia do Hospital Municipal Odilon Behrens. Belo Horizonte, MG – Brasil. Disponível em <<http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/102>>. Acesso em out. 2017.

Imagens:

Figura 1

VLADMAN, Rui. **Localização do medo no cérebro**. 2012. Disponível em <<https://www.vladman.net/blog/localiza%C3%A7%C3%A3o-do-medo-no-c%C3%A9rebro>> Acesso em out. 2017.

Figura 2

LAYTON, Julia. **Entenda como é e como funciona o medo**. 2015. Disponível em <<http://coaching-mais50.com.br/category/neurocienciae psicologia/>> . Acesso em out. 2017.

Figura 3

LAYTON, Julia. **Entenda como é e como funciona o medo**. 2015. Disponível em <<http://coaching-mais50.com.br/category/neurocienciae psicologia/>> . Acesso em out. 2017.

Figura 4

LAYTON, Julia. **Entenda como é e como funciona o medo**. 2015. Disponível em <<http://coaching-mais50.com.br/category/neurocienciae psicologia/>>. Acesso em out. 2017.

Figura 5

D'ALAMA, Luna. **Brasil é o 2º consumidor mundial de cocaína e derivados, diz estudo**. 2012. Disponível em <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/09/brasil-e-o-segundo-maior-consumidor-de-cocaina-e-derivados-diz-estudo.html>>. Acesso em out. 2017.

Figura 6:

CARVALHO CÉSAR, Caio. **Um pouco de DOPAMINA**. 2012. Disponível em <<http://neuro-med91.blogspot.com.br/2010/07/um-pouco-de-dopamina.html>>. Acesso em out. 2017.

Figura 7:

COMO agem as drogas no cérebro - SNC. s.d. Disponível em <<http://mais24hrs.blogspot.com.br/2013/03/como-agem-as-drogas-no-cerebro.html>>. Acesso em out. 2017.

Acupuntura: tratamento efetivo e sua fisiologia

Juliana Carvalho Chaves

Lia Abrão Ballak Dias

Resumo: A acupuntura é uma técnica originária da cultura oriental e é disseminada no mundo ocidental de forma cautelosa e apreensiva. Para que os indivíduos se sintam confortáveis em aderir ao método se veem diante de uma necessidade de comprovação científica, referente à medicina ocidental. Dessa forma se torna evidente a importância de que haja uma pesquisa no campo neurológico explicando as relações desse processo tão complexo, além da necessidade de uma análise experimental dessas.

Assim, a dissertação a seguir busca entender os processos orgânicos gerados pela inserção da agulha na pele, com a finalidade de comprovar a efetividade deste método de acordo com a medicina ocidental, levando a ideia de que esse não se trata de um efeito placebo.

INTRODUÇÃO

Na atualidade existem grandes indústrias farmacêuticas, que estão em constante crescimento, em incessante desenvolvimento de novos medicamentos, a fim de combater quaisquer doenças. O fácil acesso a esses medicamentos têm suas vantagens e desvantagens, enquanto trata algo que no pretérito seria incurável também é maléfico para a saúde humana quando usado de forma corriqueira e descuidada.

Em cuidado às sobrecargas que os medicamentos tradicionais vendidos em farmácia proporcionam ao organismo, muitos indivíduos passaram a buscar formas alternativas de se tratar, encontrando técnicas muito mais antigas do que a medicina convencional. Essas técnicas têm sido cada vez mais procuradas pelos mais diversos pretextos, tanto por quem não aprecia estar sujeito a remédios provenientes da indústria farmacêutica, que cada vez mais se move pelos ideais capitalistas, quanto por quem não obteve sucesso em práticas tradicionais e está em busca de novas soluções, e principalmente por quem se identifica com o caráter filosófico e estilo de vida que esse método propõe.

Dentre essas técnicas se encontram a acupuntura, a homeopatia e a fitoterapia. Esses tipos de práticas, em 2006, passaram a ser oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) devido à enorme demanda da população do Brasil, o que mostra o evidente interesse e fé na efetividade desses.

A ACUPUNTURA

A acupuntura é um método de tratamento originado da Medicina Tradicional Chinesa, criada há mais de dois milênios, consistindo em um dos tratamentos médicos mais antigos do mundo. Se trata de um método terapêutico oriental que consiste no estímulo do próprio organismo através de agulhas, moxas e outros instrumentos em pontos específicos do corpo para liberar substâncias químicas que geram efeitos que eliminam sintomas decorrentes de diversas doenças.

De acordo com a medicina chinesa, essa técnica consegue ajustar diversos canais do corpo, chamados meridianos, seguindo o preceito do equilíbrio yin yang. Esta vem sendo incorporada no Brasil como uma alternativa de tratamento desde o início dos anos 80 de maneira extremamente cautelosa, já que se questiona a sua efetividade.

A efetividade desse método é colocada em questão quando se pensa na Medicina Ocidental, uma vez que muitos consideram que esse não passa de um efeito placebo. Entretanto a

acupuntura pode ser feita para diversas especialidades distintas, como o tratamento da dor, cicatrização, cura de alergias e até mesmo como terapia psicológica. Dessa forma é possível dizer que generalizar a acupuntura como efeito placebo em todos os casos não passa de uma ignorância. Para que se possa entender, placebo é uma substância sem princípio ativo que é utilizado em diversos tipos de tratamento. Efeito placebo por sua vez ocorre quando uma dessas substâncias tem efetividade no tratamento, mesmo sem nenhuma alteração no organismo.

Neste ensaio, será discutido se a acupuntura se trata de um tratamento efetivo ou se limita a um efeito placebo, e assim analisando a efetividade deste método segundo a medicina ocidental.

O QUE A ACUPUNTURA GERA NO CORPO?

O acuponto é uma região da pele que possui enorme concentração de terminações nervosas sensoriais e está diretamente ligado aos nervos, tendões e vasos sanguíneos. Sua estimulação proporciona um contato direto ao sistema nervoso central. Os mais comuns receptores destes locais são as terminações nervosas livres, que são receptores sensoriais ligados ao tato, captando estímulos dolorosos e estímulos relacionados à temperatura. Estes tendem a direcionar-se a feixes nervosos (o que constituem o nervo) abaixo do acuponto.

A pele é ricamente inervada por axônios, que nada mais são do que prolongamentos únicos de uma célula nervosa, por onde se transmite o influxo nervoso, os quais se localizam em uma rede de nervos periféricos em seu trajeto ao sistema nervoso central. Os denominados axônios aferentes primários levam a informação dos receptores sensoriais somáticos à medula espinhal ou ao tronco encefálico.

Estes receptores sensoriais fazem parte do sistema sensorial somático o qual tem a função de fornecer informações sobre sensações corporais do animal ao cérebro através da interpretação do meio interno e externo. São receptores especializados que traduzem a sensação de toque, pressão, temperatura e dor. Estes possuem neurônios que transmitem impulsos sensoriais à medula, tronco cerebral e por fim ao córtex, onde essas sensações serão percebidas. Suas formas diferentes e seus tamanhos são correlacionados com o tipo de receptor ao qual estão ligados. Os que inervam os músculos e tendões são chamados de grupos I, II, III e IV, os do grupo C, ou IV, não possuem bainha de mielina, enquanto todos os demais possuem. O diâmetro de um axônio e a quantidade de mielina na qual estes estão envolvidos determinam a sua velocidade de condução do potencial de ação.

Os axônios menores (do grupo IV) são os que transmitem as sensações de dor e de temperatura. Estes, por serem não-mielinizados e terem um diâmetro inferior a 1mm, são os mais lentos, conduzindo a uma velocidade de cerca de 0,5 a 2 m/s. As sensações de tato, transmitidas pelos mecanorreceptores da pele são conduzidas pelos axônios A- δ do grupo III, os quais podem conduzir a velocidades de até 75m/s. Estes dois grupos axônios são os mais manuseados na acupuntura (PARADISO, Michael; CONNORS, Barry; BEAR, Mark).

Além dos axônios, as regiões dos acupontos possuem um grande número de **mastócitos**, células do tecido conjuntivo (um dos quatro tipos de tecidos principais do corpo), que possuem substâncias que interferem nos processos alérgicos e na coagulação, respectivamente a histamina e a heparina.

Essas terminações nervosas livres, células e as fibras nervosas citadas acima são os componentes essenciais para que ocorra a propagação das sensações e dos efeitos terapêuticos da acupuntura (SCHOEN, 2006).

FISIOLOGIA DA ACUPUNTURA

As teorias ocidentais consideram que a acupuntura estimula sinais nervosos de nervos aferentes, os quais conduzem sinais de neurônios sensoriais ao sistema nervoso central, no caso o mecanorreceptor, que faz parte do sistema sensorial somático e é o que responde a pressão ou outro estímulo mecânico. Estes sinais nervosos são estimulados através da aplicação de agulha em regiões específicas da superfície do corpo que contém uma grande concentração de terminações nervosas sensoriais. Estas regiões estão, normalmente, em regiões táteis da pele, denominadas como acupontos. Esses são altamente sensíveis ao estímulo, podem possuir de 0,1 a 5 cm de diâmetro e possuem condutividade elétrica amplamente aumentada comparada às áreas da pele ao redor. Existem quatro tipos de acupontos, estes variam entre si de acordo com a forma em que os nervos estão dispostos na região. Os denominados tipo I são os motores, onde os nervos estão penetrados no músculo, os tipo II no qual os nervos se dividem na região do dorso e ventre corporal. E por último os tipo III e IV, que se referem, respectivamente, a regiões que estão sob redes ou interconexões de nervos (plexos superficiais), que transmitem sinais da coluna vertebral para diversas partes do corpo e nas junções músculo tendinosas.

Quando um acuponto é pressionado, ocorre a chamada sensação Dequi, que para a medicina chinesa seria a captura da energia vital, a qual gera formigamento e contração muscular. Na realidade ocidental, isto ocorre, pois com a estimulação de diversos receptores nervosos do acuponto feita pela agulha, atingem axônios dos grupo III, responsáveis pela

sensação da dor, e do grupo IV (que se localizam mais profundamente), responsáveis pelas sensações de formigamento e parestesia, fixando a agulha no corpo.

Ocorrem alterações elétricas nas terminações nervosas citadas acima fazendo com que haja a liberação de diversos neurotransmissores os quais irão agir por um determinado tempo nas sinapses fazendo uma descarga elétrica na via nervosa que satura o receptor, faz com que este fique constantemente estimulado pela agulha e passe a não conduzir informações, diminuindo assim a transmissão de um impulso doloroso e fazendo com que o paciente não sinta dor.

A inserção da agulha leva a liberação de mediadores inflamatórios, que são compostos decorrentes do indivíduo hospedeiro liberados por células e ativam ou aumentam aspectos da inflamação. Desta forma, eles são chamados de pró-inflamatório. Por alguns destes serem neurotransmissores eles estimulam os mastócitos e fazem com que estes liberem histamina (já citada acima) que estimulam as fibras do tipo C, grupo IV e geram uma dilatação dos vasos capilares. (XIE e PREAST, 2007; DRAEHMPAEHL e ZOHMANN, 1997; YAMAMURA, 2001). “A serotonina provoca dor e também potencializa a resposta de nociceptores à bradicinina. A bradicinina é um potente vasodilatador, aumentando a permeabilidade vascular do local” (SCHOEN, 2006). Segundo o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação da Profa. Ass. Dra. Maria Lucia Gomes Lourenço;

“além da histamina, são liberadas outras substâncias como a bradicinina, íons potássio e serotonina provenientes de trombócitos destruídos. Junto com a liberação dessas substâncias, ocorre acúmulo de íons H⁺, proveniente dos tecidos destruídos”.

Dependendo do tipo de estimulação feita pela agulha serão estimulados neurotransmissores de ação mais curta ou mais prolongada e é assim que é, relativamente determinado o período analgésico gerado pelo tratamento. Esta variação do tipo de estimulação feita pela agulha, também pode gerar uma estimulação do hipotálamo que libera neurotransmissores e assim controla várias funções metabólicas como é o caso da produção de suco gástrico.

Desta forma, a estimulação feita pela agulha gera uma resposta local que se propaga por todo eixo neural, causando inúmeras alterações bioquímicas em todo sistema nervoso até mesmo em todo o corpo (XIE e PREAST, 2007).

Segundo a medicina oriental, com estímulo das terminações nervosas os nervos sofrem alterações elétricas, a agulha é inserida na pele e permanece por um período na mesma posição e altera a polaridade dos canais de energia principais, iniciando uma estimulação desses canais o que contribui para uma melhor condução de Qi (YAMAMURA, 2001).

EXPERIMENTOS QUE COMPROVAM EFETIVIDADE

Tratamento em pacientes com apneia do sono

No ano de 2005, pesquisadores da Unifesp coordenados por “especialistas de três áreas - Luiz Eugênio Mello, da neurofisiologia, Sérgio Tufik, da medicina do sono, e Ysao Yamamura, do Setor de Medicina Chinesa e Acupuntura”, produziram um experimento que verifica se a acupuntura poderia aliviar os sintomas de quem sofre de apneia do sono, que se trata de interrupções de até dez segundos na respiração do indivíduo enquanto dorme. Estas interrupções acordam o portador da doença e faz com que seu sono deixe de ser restaurados.

Para realizar o experimento, a equipe selecionou 36 portadores de apneia e os separaram em 3 grupos que seriam voluntários de dez aplicações de acupuntura ao longo de três meses. O primeiro grupo não foi tratado, o segundo recebeu aplicações de agulhas em pontos falsos, que não produzem efeitos acreditando que estes eram pontos certos (o que verificaria se a acupuntura neste caso é ou não um efeito placebo), e o terceiro grupo recebeu aplicações de agulhas nos pontos certos.

Após os três meses, foi avaliado que as interrupções da respiração se agravaram nas pessoas no grupo 1, que as do grupo dois alegavam de modo genérico que o sono havia melhorado, “mas um exame que mede a atividade elétrica do cérebro durante o sono não confirmou esses resultados”

Após os três meses, os pacientes do grupo um apresentaram um agravamento nas dificuldades respiratórias, os do grupo dois alegavam, de maneira genérica, que o sono havia melhorado, porém um exame que feito com o intuito de medir a atividade elétrica do cérebro não confirmou os possíveis resultados citados pelos pacientes. O real melhoramento da apneia só ocorreu nos pacientes do terceiro grupo, onde metade do grupo deixou de apresentar interrupções na respiração, enquanto houve uma redução de 80% nos episódios da outra metade

“Do ponto de vista quantitativo, a melhora proporcionada pela acupuntura é semelhante à obtida com o CPAP”, afirma Ana Flávia Freire, uma das autoras do estudo. “Mas a acupuntura foi infinitamente superior em termos de qualidade de vida”, completa a pesquisadora, que atribui o resultado à ação da serotonina, associada ao fortalecimento dos músculos da traquéia. (BICUDO,2005, p.3)

EXPERIMENTO EXTRA (EM RATOS)

O mesmo grupo de pesquisadores realizou um experimento com moxabustão e acupuntura em ratos no combate à úlcera gástrica. Antes da aplicação dessas técnicas foi injetado nos animais uma dose de indometacina, que nada mais é do que um anti-inflamatório que induz à formação de lesões no estômago.

Um curto período após a injeção da substância uma parcela dos animais foram submetidos aos tratamentos enquanto outro grupo passou pelas aplicações em pontos falsos e uma última parte dos ratos nem sequer foi submetido à tratamento.

O resultado para esse experimento foi o esperado, o grupo de ratos que receberam o tratamento apresentaram quatro vezes menos lesões estomacais do que a parcela controle, enquanto os que passaram pelo processo fictício tiveram metade das lesões apresentadas pelo grupo sem tratamento.

A compreensão do experimento se deu de fato com uma terceira experiência conduzida por Gisele Sugai, que verificou que a moxa feita nos pontos de acupuntura em ratos acelera os movimentos do estômago, o que faz com que os alimentos sejam empurrados até o intestino. No mesmo trabalho observou o efeito de agulhas nesses mesmos acupontos como semelhante ao da moxa. *“Nessa situação, é provável que a serotonina ajude a acelerar os movimentos do estômago”*, explica Mello.

A fim de verificar a associação à serotonina os ratos foram submetidos a mais uma experimento, em que lhes foi injetado uma substância bloqueadora do neurotransmissor serotonina, a paraclorofenilalanina. Sob efeito dessa substância a ação das agulhas foi inexistente, o que indica a efetividade da ação das agulhas quando se existe produção de serotonina. Uma vez que os submetidos eram ratos é possível afirmar que os resultados não são fruto de um efeito placebo.

CONCLUSÃO

A acupuntura se torna cada vez mais popular, assim como o seu estudo e aceitação na medicina ocidental. Isso se dá devido a uma forte crença em sua efetividade, tal qual adquire cada vez mais fundamentos científicos.

A partir da análise do funcionamento da acupuntura segundo a medicina ocidental e dos processos elétricos e químicos desencadeados no corpo por este tipo de tratamento, foi

possível entender cientificamente todo este método medicinal. Com base nestes fatos científicos passou a ser possível o entendimento de um experimento químico da UNIFESP que pretendia comprovar a efetividade do tratamento e teve resultados positivos.

Desta forma, o ensaio trouxe ponderações que analisam e comprovam que a acupuntura tem potencial de tratamento efetivo e não se limita a um efeito placebo, mesmo que para casos de doenças ou debilidades específicas. Além de apresentar toda a questão neurocientífica que existe nos tratamentos feitos através deste método.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICUDO, Francisco. - **A química da acupuntura**, 2005 - [internet] Disponível em:<<http://www.revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2005/07/050-053-fisiologia.pdf>> acesso em: 16/10/2017

KNOBEL, Roxana. - **Técnicas de acupuntura para alívio da dor no trabalho de parto - ensaio clínico**, 2002 - [internet] Disponível em:<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/313256/1/Knobel_Roxana_D.pdf> acesso em: 08/10/2017

MIN, Li. - **Medicina tradicional chinesa e acupuntura**, 2009 - [internet] Disponível em:<<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n109/a22n109.pdf>> acesso em 16/10/2017

PALMEIRA, Guido. - **A acupuntura no ocidente**, 1990 - [internet] Disponível em:<http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1990000200002&script=sci_arttext&tlng=es> acesso em 10/10/2017

PANTANO, Marianna. - **Bases científicas da acupuntura**, 2011 - [internet] Disponível em:<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120402/pantano_m_tcc_botfmvz.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 13/10/2017

PARADISO, Michael; CONNORS, Barry; BEAR, Mark. - **NEUROCIÊNCIAS - Desvendando O Sistema Nervoso**. [livro] 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SCOGNAMILLO-SZABÓ, Márcia; BECHARA, Gervásio. - **Acupuntura: Bases científicas e aplicações**, 2001 - [internet] Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782001000600029> acesso em: 15/10/2017

SCHOEN, A. Acupuntura Veterinária: da arte antiga à medicina moderna. 2. ed. São Paulo: Roca, 2006. 624p. em PANTANO, Marianna. - **Bases científicas da acupuntura**, 2011 - [internet] Disponível em:<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120402/pantano_m_tcc_botfmvz.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 13/10/2017

TAFFAREL, Marilda; FREITAS, Patricia. - **Acupuntura e analgesia: aplicações clínicas e principais acupontos**, 2009 - [internet] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/pdf/331/33118969029.pdf>> acesso em 14/10/2017

XIE, H, PREAST, V. Xie's veterinary acupuncture. 1.ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. 376p **apud:** SCHOEN, 2006 citado em PANTANO, Marianna. - **Bases científicas da acupuntura**, 2011 - [internet] Disponível em:<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120402/pantano_m_tcc_botfmvz.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 13/10/2017

YAMAMURA, Y. Acupuntura tradicional: A arte de inserir. 2. ed. São Paulo: Roca, 2001. 919p. **apud:** PANTANO, Marianna. - **Bases científicas da acupuntura**, 2011 - [internet] Disponível em:<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120402/pantano_m_tcc_botfmvz.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 13/10/2017

Biologia

Sonambulismo e Paralisia do Sono: como ocorre a movimentação do corpo durante essas parassonias?

Lia Glogowski Cruz

INTRODUÇÃO

O sono costuma ser algo muito desejado e aproveitado por todos, porém existem pessoas que passam por experiências assustadoras e acabam por temer esse momento que ocupa boa parte de nossas vidas. Segundo a Organização Mundial da Saúde 8% da população já passou pela paralisia do sono, e entre 12 e 40% das crianças sofrem de sonambulismo, sendo esses os dois exemplos de distúrbios, que poderiam gerar medo de dormir, que serão tratados neste texto.

Esses distúrbios afetam parte da população, que, com muita frequência, não está informada de suas características. Esse fator pode trazer graves dados e, para esses transtornos, a informação pode ser o melhor remédio. Por esse motivo optei por explicá-los neste ensaio da eletiva de neurociência, do segundo ano de ensino médio da Escola Vera Cruz.

Além disso, viso relacioná-los mostrando suas características semelhantes e diferentes, principalmente na esfera da movimentação, observando como se comportam os mecanismos responsáveis pelo movimento durante a ocorrência de tais distúrbios do sono.

Atualmente não foi encontrada nenhuma explicação completa e comprovada para esses transtornos, entretanto, algo que tem circulado muito na internet e despertou meu interesse no tema foram as explicações místicas para a paralisia do sono. Após vivenciar algumas vezes essa experiência, que não permite a movimentação mesmo quando acordado e engloba alucinações, me interessei por saber o fundamento neurológico (e não apenas místico ou sobrenatural) desse acontecimento e, com esse objetivo, me debrucei em diferentes pesquisas.

Para compreender distúrbios do sono é necessário antes compreender o que ocorre conosco quando dormimos, e, ainda, no caso da paralisia e do sonambulismo, a presença ou ausência de movimentação são de extrema importância, assim é preciso também saber como ocorre a movimentação humana.

O SONO

Nós, seres humanos, gastamos aproximadamente um terço de nossas vidas dormindo e, como foi visto, diversas alterações podem acontecer conosco durante esse tempo. O sono é um estágio fisiológico complexo, que altera nosso raciocínio lógico e fluxo de pensamento. Neste ensaio iremos analisar acontecimentos inesperados e peculiares que podem ocorrer com certas pessoas durante esse terço de nossas vidas.

Durante a noite passamos por diferentes ciclos do sono que geram alterações nos sistemas e nas funções fisiológicas. Podemos dividir em duas principais fases fisiológicas, como explicam os escritores: LOPES, Walter Saraiva; FAUSTINO, Maria Aparecida; LEAL,

Alex Botelho; Nancy Julieta, p. 389. O sono REM (movimentos oculares rápidos) e NREM (sem movimentos oculares), cada qual com suas funções específicas. Além disso, é possível dividir o sono em cinco estágios (que se caracterizam em diferentes níveis de consciência), sendo quatro no NREM e um no REM, uma vez que o primeiro corresponde a 75% do total. Logo após dormir inicia-se o primeiro estágio NREM que é alterado para o segundo, depois terceiro, quarto e após isso o sono REM, levando em média 90 minutos até começar o ciclo novamente, porém sem a repetição do primeiro estágio, como o esquema abaixo demonstra (sendo *stage* os estágios do sono).

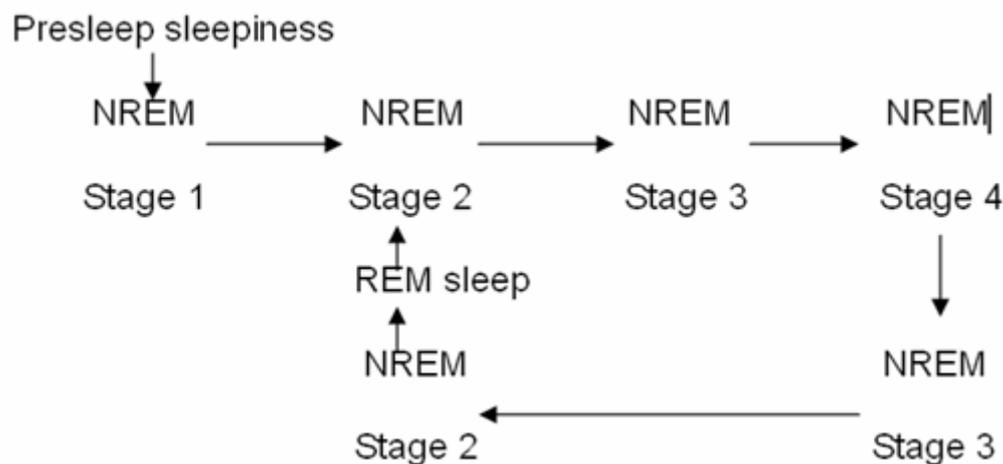


Imagem 1

Baseado nos textos de: PARADISO, Michael; CONNORS, Barry; BEAR, Mark p.596, 2008; NEVES, Andre S. Gisele S. Moura L. Giorelli, Patricia Florido, Marleide da Mota Gomes, p.59, 2013 e FERNANDES, Regina Maria França, 2006 foi possível compreender melhor as duas fases do sono, que serão aprofundadas a seguir.

O **NREM** é responsável por uma diminuição nas atividades cerebrais e restauração o organismo. Ao passo que a pessoa vai mudando do primeiro para o último estágio NREM sua sonolência, antes superficial, se torna profunda e o tipo de onda emitido pelo cérebro é alterado, passando a ser mais lenta. Ainda, o uso de energia e a frequência de disparo de neurônios alcançam os níveis mais baixos do dia. Além disso, nessa fase a temperatura do corpo reduz, devido a um aumento na divisão da atividade parassimpática do sistema neurovegetativo, e a respiração e frequência cardíaca se tornam mais lentas. Sendo assim, ao decorrer do sono NREM há um relaxamento muscular e o metabolismo se torna mais lento e regulado.

Para compreendermos essa mudança será explicado melhor cada um dos estágio NREM. Ao dormimos entramos no estágio 1, no qual o sono é bem leve e dura poucos minutos,

sendo uma transição, e os olhos fazem leves movimentos de rotação. Em seguida, o sono passa a ser um pouco mais profundo, e os movimentos dos olhos quase cessam, esse estágio dura de cinco a quinze minutos. Na sequência temos o 3º estágio, onde os movimentos de todo o corpo praticamente se acabam. O 4º e último estágio é onde o sono fica mais profundo, com lentos ritmos, e, no primeiro ciclo, do sono pode durar de 20 a 40 minutos.

Em contraposição, o sono **REM** se caracteriza como “ativo”, uma vez que ocorre um aumento nos níveis metabólicos, tendo alto consumo de energia, e as atividades cerebrais desse período se manifestam em forma de sonhos, ainda, é possibilitado o reparo cerebral, sendo onde ocorre o aprendizado e a fixação da memória.

Esse sono também se caracteriza como paradoxal, em virtude do indivíduo apresentar profunda inconsciência e perda quase total do tônus muscular, ou seja, quase total inibição motora, (essa característica é fundamental para segurança, ao passo que impede que nos movamos ao sonhar). Porém, os músculos que controlam os movimentos dos olhos estão nitidamente ativos, e estes se movimentam constantemente de um lado para o outro. Durante essa fase o EEG (eletroencefalograma), ou seja, registro gráfico das atividades elétricas cerebrais, se parece mais com o estado acordado (em vigília) do que com o adormecido, as frequências cardíacas e respiratórias também se tornam mais rápida e irregulares, ou seja, o cérebro parece estar fazendo de tudo, menos repousando.

CONTROLE CEREBRAL DO MOVIMENTO

Para nós a movimentação é algo muito automático, seja para andarmos ou respirarmos não estamos acostumados a pensar muito no que é ativado e necessário para que possamos fazer esses movimentos. Para entender, entretanto, os fenômenos do sono abordados neste ensaio precisamos pensar um pouco na esfera cerebral da movimentação humana.

É principalmente em nosso córtex cerebral que ocorrem os movimentos provocados por impulsos nervosos (voluntários), para isso, um grande número de cálculos complexos têm de ser realizados por milhares de células para controlar cada elemento do movimento, e impulsos nervosos são os responsáveis por dissipar esses “comandos” pela medula espinhal e promover o movimento dos mais diversos músculos.

Baseado nos textos de PARADISO, Michael; CONNORS, Barry; BEAR, Mark. 2008 e MALVA, João, 2004 pode-se compreender que os seres humanos possuem uma área do cérebro chamada córtex motor, cuja função é essencialmente promover o movimento. Essa área é formada por uma fina camada de tecido na superfície do cérebro, e é circunscrita do lobo frontal, neste local encontra-se mapeado todo o corpo, e os neurônios que promovem movimento dos membros encontram-se organizados topograficamente. Tal área pode ser observada na imagem como “area 4” .

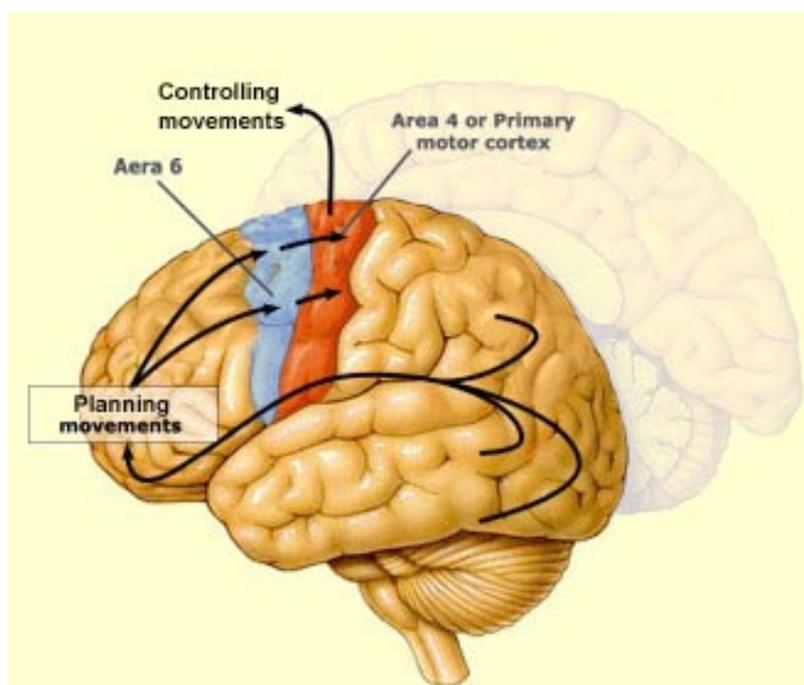


Imagem 2

Em frente ao córtex motor existe o córtex pré-frontal e o parietal responsáveis pelo planejamento de ações, e pela associação entre a visão dos movimentos e a compreensão dos gestos. Tais áreas são acionadas no momento que imaginamos, consciente ou inconscientemente, o movimento que será realizado a seguir e isso acontece toda vez que nos movimentamos.

Existe também, em função da movimentação, os núcleos de base que são um aglomerado de áreas interligadas, que se localizam nas profundezas do telencéfalo e se responsabilizam pela iniciação dos movimentos, fazendo a ponte entre imaginar a movimentação e, de fato, realizá-la, porém ainda não se sabe ao certo de que maneira. Ainda, existe o cerebelo, localizado na parte inferior ao cérebro e fundamental para a execução de movimentos complexos e precisos, sendo onde se dá o equilíbrio, e responsável pelas aprendizagens motoras, como a escrita.

Para que seja efetivamente possível a realização de movimentos, o córtex motor é onde primeiro se iniciam os impulsos nervosos (após o planejamento ocorrido no pré motor e parietal). Esses impulsos são transmitidos pela medula espinhal até os neurônios e, então, atingem a placa motora, isso é, o ponto de junção entre uma terminação nervosa e a membrana plasmática da célula muscular. Nesse momento a membrana recebe o impulso e uma corrente elétrica se propaga pela célula atingindo o citoplasma e fazendo com que esta se contraia, assim, executando a movimentação. (SOUBHIA GIL MALDONADO, G. p.17 e 18 /2016)

PARASSÔNIAS

Após compreender melhor o que ocorre em nosso cérebro durante o sono e ao realizar alguma movimentação, podemos nos aprofundar nas parassonias da paralisia do sono e do sonambulismo.

Primeiramente, uma parassonia é uma das oito categorias de transtornos do sono, e consiste em fenômenos motores, autonômicos ou experienciais indesejáveis. Parassonias também apresentam diferentes modelos, que serão apresentados a seguir. (NEVES, Andre; S. Gisele; S. Moura; L. Giorelli, Patricia Florido, Marleide da Mota Gomes. p. 63)

- Transtornos do despertar (do sono NREM)
 - Despertar confusional
 - Sonambulismo
 - Terror noturno

- Parassonias usualmente relacionadas ao sono REM
 - Transtorno comportamental do sono REM (incluindo transtorno de sobreposição de parassonia e status dissociados)
 - Paralisia do sono
 - Transtornos de pesadelos

- Outras parassonias
 - Transtornos dissociativos relacionados ao sono
 - Enurese do sono
 - Gemido relacionado ao sono
 - Síndrome da explosão da cabeça
 - Alucinações relacionadas ao sono
 - Transtorno do comer relacionado ao sono
 - Parassonias inespecíficas
 - Parassonias causadas por drogas ou substâncias
 - Parassonias por condições médicas

PARALISIA DO SONO

A paralisia é presente apenas quando há movimentos oculares rápidos, no sono paradoxal. Esse distúrbio pode ser definido como a incapacidade de executar movimentos voluntários, ocorrendo em um momento de transição entre o sono e a vigília (despertar), no qual a pessoa se encontra consciente. (BEAR, Mark; CONNORS, Barry; PARADISO, Michael. p. 605)

Como visto anteriormente, o sono REM se caracteriza pela inibição do tônus muscular (atonia muscular), impedindo que nos movamos durante o sonho, mas sem apresentar qualquer falha no sistema motor. Sendo assim, ao presenciar a paralisia do sono, o indivíduo executa um despertar parcial durante essa fase da noite, e, por isso, não consegue executar movimentos, porém a movimentação dos olhos se mantém como durante o sono.

Ao analisar exames como o eletroencefalograma (EEG), o eletromiograma (EMG) e o eletro-oculograma (EOG), que mostram, respectivamente, as atividades elétricas cerebrais, atividades do sistema nervoso periférico e o movimento ocular, de alguém em estágio de paralisia do sono percebe-se que o primeiro se iguala ao estágio de vigília, e os últimos ao sono REM. Isso mostra como, efetivamente, essa parassonia é um estágio transitório, onde a atonia muscular se mantém no estado de vigília.

Apesar que estar acordado o indivíduo não se encontra em uma consciência total, isso faz com que ocorram alucinações, ao passo que há uma mistura de sonhos e realidade, e assim a pessoa não consegue discernir o que ocorre de fato o que não é real. O fato da movimentação dos olhos persistir faz com que haja a percepção do ambiente no qual a pessoa está e, assim, é muito comum que as alucinações sejam fundamentadas em visões naquele ambiente. Existem diversos exemplos de pessoas que relatam ver alguém estranho, ou mesmo um vulto no quarto onde estão dormindo, e inclusive, é comum que haja diálogo durante esse momento. Além disso, existem relatos que descrevem situações de falta de ar e sensação de pressionamento da região torácica.

Tais sensações de alucinação fazem com que o distúrbio se torne algo assustador e enigmático, podendo até ser visto como uma abdução extraterrestre. Por isso, existem as mais diferenciadas interpretações místicas e culturais, por exemplo, culturas indígenas interpretam esse fenômeno como se um ser folclórico, chamado de Pisadeira, que seria uma mulher gorda e negra, pisando no abdômen de pessoas que dormem com a barriga para cima e, por isso, a sensação de sufocamento. (SOUBHIA GIL MALDONADO, G. p. 25 e 26 2016)

Já no campo da neurociência não existe uma explicação concreta para o fenômeno, uma vez que não é algo que já tenham sido estudado amplamente. Entretanto, existem hipóteses que relacionam o fenômeno com estresse e/ou com desregulação hormonal. Ainda, há uma hipótese, que conversa com a lenda da Pisadeira, e defende que o distúrbio é influenciado pela posição na qual dormimos e ocorre enquanto estamos na posição supina (de barriga pra cima), possivelmente por haver um pressionamento dos pulmões pelo coração e até uma leve obstrução nas vias aéreas (SOUBHIA GIL MALDONADO, G. p. 25 e 26 2016).

SONAMBULISMO

Também uma parassonia, o sonambulismo se mostra muito presente na sociedade e pode gerar graves problemas. Esse distúrbio se caracteriza pela realização de atividades motoras, como caminhar durante o sono, tendo quase total inconsciência e pode ser calmo (o mais comum), ou agitado (associado a caminhar agitado, fala ininteligível, reação agressiva), (NUNES, M. L. p.69. 2002) Apesar do sonambulismo não ser propriamente perigoso, pode apresentar situações perigosas, como sair de casa ou subir em janelas, sacadas.

Sendo uma das parassonias com a qual a população é mais familiarizada, o sonambulismo tem ocorrência em 40% das crianças, porém essa frequência não se mantém na idade adulta, na qual apenas 1% mantém a parassonia. O transtorno pode durar de um a dez minutos e é sempre acompanhado de amnésia ao acordar, além de ocorrer no primeiro terço da noite.

Essa parassonia pertence ao sono NREM, que é o momento onde o cérebro descansa e se recompõe, emitindo ondas lentas e de baixa frequência, normalmente, as parassonias que ocorrem nesse momento são benignas, não necessitando de alguma observação mais profunda ou tratamento. Como explicado anteriormente, nesse estágio do sono não há atonia muscular (inibição da movimentação) e é o momento de menos atividade cerebral, por isso é fácil de compreender o porquê de sonâmbulos se movimentarem sem ter consciência.

A causa desse transtorno ainda não é definida, entretanto, cientistas afirmam que existe certa relação genética, sendo muito comum a ocorrência em diferentes membros de uma família. Além disso, existem hipóteses que afirmam que há maior ocorrência em crianças por estar relacionado com o amadurecimento do cérebro e, no caso de adultos, pode ser consequência do estresse ou até mesmo do alto consumo de álcool e da privatização do sono.

CONCLUSÃO - RELACIONANDO AS PARASSONIAS

Após compreender melhor o funcionamento de nosso corpo quando exposto à diferentes situações foi possível notar clara semelhanças e diferenças entre essas. Primeiramente, podemos observar como o sonambulismo e a paralisia do sono podem ser classificados como parassonias opostas: o primeiro se caracteriza pela movimentação inconsciente e o segundo pela paralisação consciente e cada um ocorre em diferentes períodos do sono, apresentando diferentes sintomas.

Todavia, ambas a parassonias alteram a movimentação de nosso corpo, sendo geradas pelas mesmas estruturas motoras, sendo as principais o córtex motor, o pré frontal e o parietal, além de toda a estrutura de condução dos impulsos nervosos. Outra semelhança

é que nenhuma delas é discutida com frequência, e é muito comum pessoas se assustarem por não sabem a causa do distúrbio. Isso se dá em partes por não haver uma explicação clara e comprovada para tais fenômenos e, mesmo havendo diversas hipóteses, não há divulgação.

LEGENDAS

Imagem 1: Apresenta um esquema de como ocorre o ciclo do sono considerando os estados rem e nrem.

- Psychiatric Nursing. **Nursing Management of Sleep Disorders**. Disponível em: < http://currentnursing.com/pn/nursing_management_sleep_disorders.htm > Acesso em: 05 out. 2017.

Imagem 2: Apresenta um desenho representativo do encéfalo indicando algumas áreas específicas.

- The brain from top to Bottom. **The Motor Cortex**. Disponível em: http://thebrain.mcgill.ca/flash/d/d_06/d_06_cr/d_06_cr_mou/d_06_cr_mou.html Acesso em 07 ago, 217.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNANDES, Regina Maria França. **Sono normal**. Revista USP, medicina Ribeirão Preto. abr/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/372>>. Acesso em: 02 ago. 2017
- LOPES, Walter Saraiva; FAUSTINO, Maria Aparecida; LEAL, Alex Botelho; Nancy Julieta. **sono um fenômeno fisiológico**. Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/INIC/cd/inic/IC4%20anais/IC4-15OK.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2017
- MALVA, João. **Neuroscience: The Science of the Brn**. Associação britânica de neurociência. 2004. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/riobrainbee/wp-content/uploads/2012/12/LIVRO-Neuroci%C3%A4ncias-Ciencia-do-cerebro.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2017
- NUNES, M. L. **Distúrbios do Sono**. 2003. 5f.. Artigo de Revisão (Jornal de Pediatria) Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <<http://www.jped.com.br/conteudo/02-78-S63/port.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017
- NEVES, Andre S. Gisele S. Moura L. Giorelli, Patricia Florido, Marleide da Mota Gomes. **Transtorno do sono: visão geral**. Rev Bras Neurol. 49(2):57-71, 2013. Disponível em: <<http://files.bvs.br/uploads/S/0101-8469/2013/v49n2/a3749.pdf>>. Acesso em: 02 ago 2017.
- PARADISO, Michael; CONNORS, Barry; BEAR, Mark. - **NEUROCIÊNCIAS - Desvendando O Sistema Nervoso**. [livro] 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SOUBHIA GIL MALDONADO, G. **Paralisia do sono: entre o mito e a ciência**. Colégio Oswald de Andrade, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1a888NDNq-mu0eom4mRUZYQnMElCKp0dpqUTpvT2u1vM/edit#heading=h.gjdgx>> Acesso em 12 set 2017

Mergulho em temas do pensamento moderno

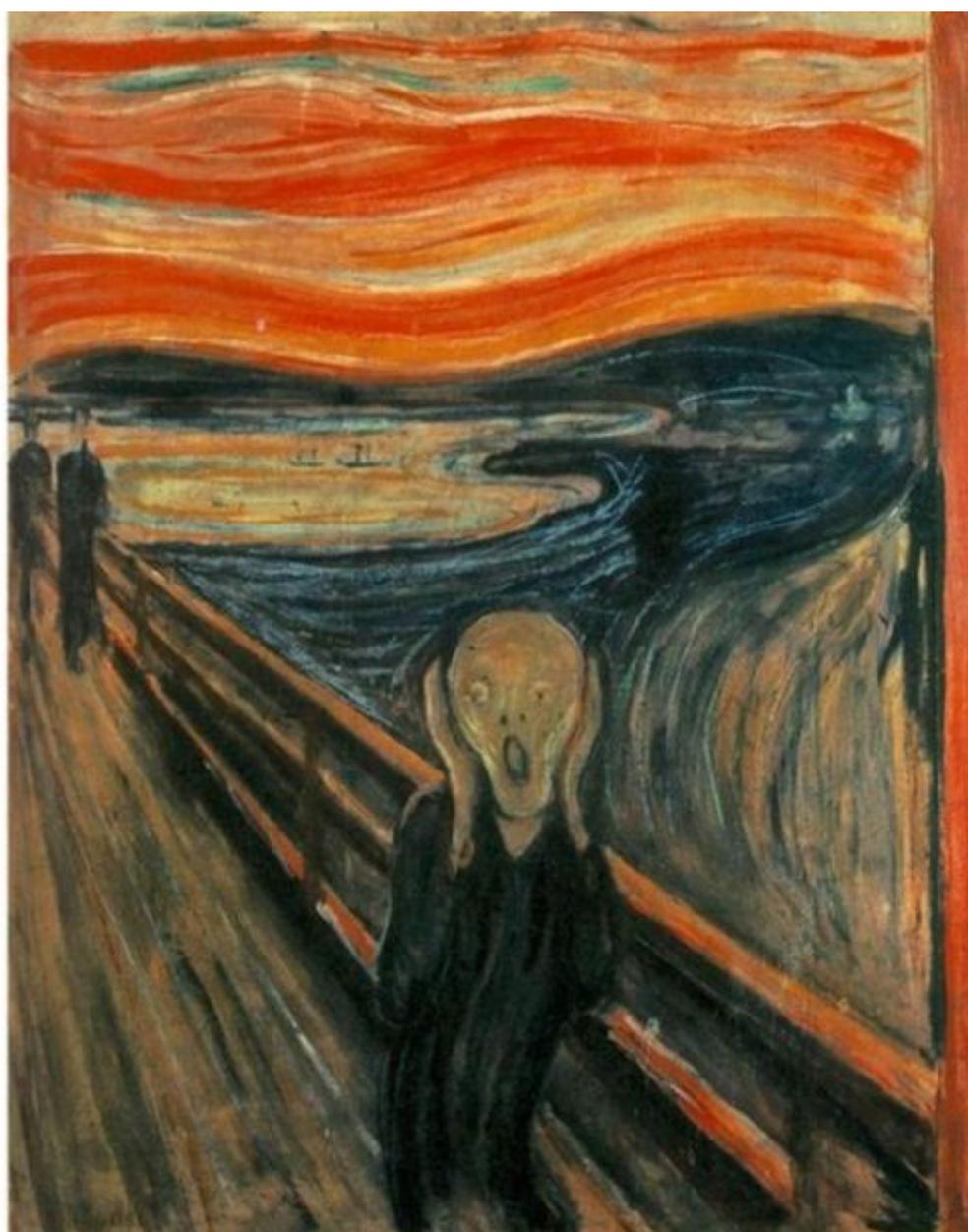
A partir da contextualização sobre as raízes e pilares do pensamento moderno – em especial, a caracterização deste como “filosofias do sujeito” –, o curso visa permitir e orientar um mergulho em um tema de da escolha do aluno no campo da reflexão ética, estética, sobre a ciência, teoria do Estado, teoria do Direito, de modo a ensejar uma produção autoral, que pode ser em forma de ensaio ou em forma de monografia.

Habilidades específicas a serem aperfeiçoadas

- Leitura filosófica de textos, seguindo as técnicas pelas quais o fluxo do pensamento cria conceitos que expressam um modo autoral de olhar.
- Escrita de texto fundamentado em conceitos, a partir de leituras e de experiências de análise e crítica.
- Compreensão e vivência de atitudes próprias da filosofia: suspensão de juízo (époché), maravilhamento (thaumázen), suspeita (exame crítico).

Psiquismo humano e civilização: uma relação dialética para o mal-estar

Rafael Pluciennik Faustinoni e Silva



I. INTRODUÇÃO:

O ser humano é um ser social, isto é, ele depende de relações e ligações com outros indivíduos da mesma espécie para além das relações fisiológicas e de sobrevivência da espécie. Isso acontece pois o ser humano tem a sua psique incompleta e sendo assim nunca tem saciedade plena, depende sempre de estímulos novos e novas formas de prazer. Entretanto, o homem está sempre ameaçado pela falta de prazer ou pior do que isso pela infelicidade gerada pela frustração que traz o caminho em busca da felicidade. A civilização talvez seja então uma alternativa fracassada de evitar o sofrimento. Talvez em certa medida ela consiga mascarar por alguns momentos o sofrimento mas, como Freud apresenta brilhantemente no texto “O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO” o ser humano pode ser entendido como uma representação da constante batalha entre Eros e os instintos destrutivos. A civilização seria uma representação material e simbólica dos conflitos entre as pulsões de Eros e as pulsões destrutivas que atua portanto em função de Eros na medida de evitar uma autodestruição da humanidade. Desta situação surge um problema, a civilização acaba censurando quase todos os instintos mais primitivos do ser humano, sejam eles eróticos ou destrutivos, pois os dois tipos de instintos dificilmente ou talvez nunca atuam totalmente separados e, o homem é um ser altamente destrutivo e, portanto os instintos mais primitivos têm uma elevada parcela destrutiva que seria uma ameaça para a própria vida humana.

É da negação a saciedade plena desses instintos que surge o Mal-Estar, pois o homem passa a ser incapaz de saciar suas vontades e não consegue sublimá-las totalmente para outras atividades, algo que a civilização busca fornecer (Esportes, artes, trabalho, estudo etc.) mas sem sucesso, ocorre constantemente um acúmulo de pulsões destrutivas e frustrações em ambos os tipos de pulsões o que acaba gerando uma sensação de algo faltando e uma vontade destrutiva que cresce cada vez mais. Talvez o chamado Mal-Estar seja a própria civilização, talvez seja a manifestação da falta de liberdade aos instintos ou ainda um reflexo das insatisfações individuais que se acumula e paira sobre a vida civilizada colocando o homem como próprio inimigo do homem, porém tendo como única alternativa para sobreviver se unir entre inimigos.

Ainda, deve ser colocado que o homem é capaz de alterar as relações sociais e a civilização de modo geral da mesma maneira que a civilização é capaz de moldar e alterar o indivíduo humano, sendo assim a relação não é simplesmente dizer que o Mal-Estar vem exclusivamente da civilização, pois se esta é construída pelos homens o homem pode ser entendido já como animal doente ou no mínimo incompleto do ponto de vista do psiquismo e do inconsciente, dessa maneira, para discutir o Mal-Estar relacionado à vida civilizada é necessário discutir a construção do psiquismo do ser humano e também a formação da vida civilizada.

I.I SOBRE A PESQUISA E METODOLOGIA:

para realizar a pesquisa a seguir, foi realizado um estudo sobre a formação da civilização, liberdade, a vida moderna e principalmente uma relação dialética da sociedade e o chamado mal-estar. O foco da pesquisa está centrado na leitura, compreensão e análise do texto de Sigmund Freud, “O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”. Através do estudo deste texto e combinado com pesquisas sobre o mesmo assunto e também com um ponto de vista do materialismo dialético marxista o intuito do texto será buscar maior compreensão sobre a relação entre o homem e a sociedade e sobre o psiquismo humano através de algumas perguntas que ainda serão apresentadas.

A motivação para discutir este assunto vem de uma sensação de que vivemos em uma sociedade distópica que busca fugir do desprazer deixando a felicidade plena em segundo plano e por causa disso é observável uma crescente no sofrimento e nas pessoas que sofrem com alguns tipos de patologias e neuroses.

I.II A VIDA CIVILIZADA:

O Homem é incapaz de viver sem nenhum tipo de ligação civilizatória com outro de sua mesma espécie, isso ocorre, pois, o ser humano cria constantemente símbolos para todos os aspectos da vida. Um fato que exemplifica isso é a criação da linguagem. O homem portanto é um ser social e sendo assim necessita de relações sociais e elos civilizatórios. É desse fato que surge o primeiro impasse: Se o homem surgiu antes da civilização e foi criador desta, o que fez com que o ser humano buscasse a criação deste tipo de estrutura social? Para responder essa pergunta devemos olhar para aspectos biológicos do animal humano.

Como todo ser vivo, uma das características mais importantes do homem é a capacidade e necessidade de se reproduzir. Porém, ao contrário dos outros seres vivos, nos quais a reprodução é algo exclusivamente ou quase exclusivamente biológico em função da reprodução da espécie, o homem encontra neste ato a capacidade de criar símbolos que justifiquem a ligação entre mais de um indivíduo da mesma espécie. Do ato da reprodução que une um macho e uma fêmea e gera uma criança surge o primeiro laço civilizatório: a família. Por mais que não seja o tema a ser debatido no texto, é válido ressaltar que no estado de sociedade em que vivemos modelos de família alternativos são da mesma maneira eficientes, não é necessária a família ser constituída por um pai, líder e representante da ordem e uma mãe submissa ao homem com a obrigação de criar os filhos, para o funcionamento da sociedade, independente de qual seja o modelo de família a única necessidade é que ocorra a educação de valores aceitos socialmente para os filhos no havendo a necessidade de uma autoridade definida no papel do homem, mas ela podendo ser dividida ou determinada em conjunto dentro da família.

Após esta digressão, retomamos o pensamento na linha da formação da civilização. A família então passa a se estruturar como primeira sociedade, podendo ser chamada também de triângulo edipiano. Neste triângulo edipiano devemos ressaltar características importantes da vida em civilização que são expressas já a partir deste momento. A primeira delas é a presença de uma autoridade, portanto do Super-Eu, aquele que determina as regras a serem seguidas pelos indivíduos na sociedade. Sendo esta sociedade o triângulo edipiano ou família e esta família sendo em sua primeira forma (homem, mulher e filhos), nessa estrutura o Super-Eu se apresenta na figura paterna que tenta a partir das condições de vida determinar regras e leis para o funcionamento da instituição social que até então é a família. A autoridade atua através da sua força inicialmente física, mas conforme se desenvolvem as relações sociais a legitimidade da autoridade passa a ser modificada também. Ao longo da história a legitimidade foi determinada de diversas formas diferentes, desde um determinismo religioso até a legitimidade vinda do povo através de modelos democráticos. Essa mudança no que se entende por legitimidade ocorre pois depois de que essa “primeira sociedade” foi criada diversos novos símbolos foram criados pela humanidade, além disso, dentro da família, quando existem irmãos, por exemplo, começa a surgir a percepção de que uma instituição, isto é, uma união entre indivíduos é mais forte do que a legitimidade física do pai e sendo assim a instituição de irmãos é a primeira e destituir o poder de uma autoridade com legitimidade física.

Ainda olhando para o triângulo edipiano, outro aspecto importante trazido por essa relação é o sentimento de culpa. A culpa pode ser entendida como um mecanismo de vigilância do Super-Eu introjetado. A culpa surge na relação da família devido ao fenômeno do Édipo através do qual ocorre o assassinio do pai. É claro que o ato efetivo de um filho matar o pai nem sempre acontece, mas ele ocorrer ou não está longe de ser relevante do ponto de vista da culpa, pois no momento em que o filho percebe que ama e depende do pai, ou seja, tem o Super-Eu introjetado, ele se sente culpado por ter cogitado tal possibilidade e, desta primeira manifestação da culpa, surge a primeira forma do Super-Eu vigiar e coibir as ações do EU.

Não podemos deixar de entender também na formação da família uma tentativa de proteção contra o sofrimento, isso porque, a família traz a possibilidade de manter o objeto de desejo sexual e de amor “sempre” com você, além disso facilita algumas satisfações fisiológicas como a alimentação, por exemplo, através da possibilidade de uma divisão de tarefas. Acima de tudo isso, a família já cria leis que devem ser seguidas e punições para seu descumprimento, essas leis têm um papel importante para que o homem não seja o causador de sua própria destruição, porém para isso reprime instintos, pulsões naturais do homem criando um estado onde a saciedade e a satisfação são somente parcialmente alcançadas e portanto gera frustração e insatisfação constante, gera mal-estar. Talvez a civilização seja, portanto, o mal-estar necessário para a sobrevivência da humanidade.

A partir da criação das famílias novos laços de sociedade começam a ser criados, são as tribos, pequenas aldeias e assim por diante até chegarmos ao estado de civilização que temos hoje. Esse movimento de união do homem se dá pela característica civilizatória de tentar unir através das pulsões eróticas o máximo de indivíduos que forem possíveis para assim garantir a sobrevivência da humanidade. Vale ressaltar que dentro de sociedades de maior grau de sofisticação e tamanho, muitas das instituições sociais são preservadas, são exemplos disso as famílias e tribos.

I.III AS QUESTÕES QUE SERÃO DISCUTIDAS:

A partir de uma pequena análise do texto do Freud diversas perguntas dignas de longos debates surgem. Neste ensaio o foco estará centrado em uma questão que relaciona uma linha de pensamento próxima a dialética histórica marxista com a questão do MAL-ESTAR, nesta linha a pergunta seria: O MAL-ESTAR ESTÁ NA CIVILIZAÇÃO OU O HOMEM SENDO O CRIADOR DA CIVILIZAÇÃO APENAS REPRODUZIU UM MAL-ESTAR JÁ PRESENTE EM SEU PSIQUISMO? O MAL-ESTAR SURGE DE UMA RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE O HOMEM E A CIVILIZAÇÃO?

Olhando para essas perguntas e para as diversas concepções sobre a natureza humana é necessário discutir portanto essa natureza humana para tentar responder se O HOMEM É UM ANIMAL DOENTE OU SE TORNA DOENTE?

Por fim o grande questionamento do ensaio se centra na pergunta: QUEM EDUCA O EDUCADOR? Essa pergunta é importante pois todas as gerações recebem educação das gerações anteriores e, portanto, recebem pelo menos parte das falhas da geração anterior. Sendo assim, É POSSÍVEL ESTRUTURAR UMA SOCIEDADE SEM FALHAS E SEM MAL-ESTAR?

Para discutir essas questões será necessário tentar compreender a formação do psiquismo humano e a estruturação da sociedade e a partir disso observar como esses aspectos influenciam diretamente uns nos outros.

II. DESENVOLVIMENTO:

II.I A FORMAÇÃO DO PSIQUISMO HUMANO E A ESTRUTURAÇÃO DO “EU”:

Se observamos o mal-estar na civilização e com sintomas apresentados em todos os seres humanos que nela vivem, precisamos buscar compreender a formação do psiquismo humano, isso porque, sendo o homem criador da vida civilizada e ao mesmo tempo moldado

pela civilização em que vive, se não compreendermos o seu psiquismo é impossível compreender as motivações para as relações sociais e a força que mantém o homem vivendo sem liberdade de forma civilizada.

Para olhar a formação psíquica do ser humano será utilizada uma abordagem freudiana e a partir dela devemos olhar para três partes dele: O Id, o Eu e o Super-Eu.

A grande discussão do psiquismo humano gira em torno da forma como o nosso Eu é formado e se apresenta. O Eu pode ser compreendido como a fachada que se mostra para a sociedade de um psiquismo individual interno mais complexo. Por mais que esse Eu pareça autônomo, unitário e bem demarcado, o que nos traz uma certa parcela de segurança essa aparência é apenas uma aparência enganosa, isso pois, o Eu se prolonga para o interior para uma entidade psíquica inconsciente que denominamos de Id e este prolongamento se dá sem fronteiras nítidas e bem demarcadas. Para esta entidade psíquica inconsciente o Eu atua como uma espécie de fachada.

Mas quando olhamos para o Eu seguindo o caminho para fora ele parece ter suas fronteiras mais delimitadas. Freud apresenta a ideia de que esses limites do Eu só são alterados de uma forma: no estado de enamoramento, no qual o Eu está disposto a fazer sua fronteira desaparecer para/com o objeto de desejo, quando isso ocorre, o Eu e o Tu começam a entender-se como um indivíduo duplo, são um só e sendo assim tiveram suas fronteiras do Eu modificadas.

São das limitações externas do Eu que começamos a criar as concepções do que é patologia. A patologia pode ser entendida no momento em que diversas delimitações do Eu ante o mundo exterior se tornam problemáticas ou então, os limites são traçados de forma incorreta. Disso surge um questionamento talvez sem resposta: se a patologia é determinada a partir das limitações do Eu com relação ao meio externo, mas vivemos em uma sociedade que é por natureza doente, existe legitimidade para definir o que é de fato patológico? além disso, é possível viver de forma civilizada, isto é, sem liberdade e com instintos reprimidos, é possível viver sem desenvolver nenhuma neurose ou patologia?

Mas para discutir as questões e debater sobre a relação dialética entre homem e civilização gerando mal-estar é importante compreender como se dá a formação do Eu ao longo da vida até atingir o Eu adulto.

Quando nascemos, possuímos apenas uma entidade psíquica, o Id e ainda não existe divisão entre inconsciente, pré-consciente e consciente. O Eu vai começar a se formar após o nascimento e, podemos entendê-lo como a parte do Id modificada pela influência do mundo externo. O Eu busca aplicar a influência do mundo externo ao Id e às tendências

deste. O Eu realiza esforço para substituir o princípio do prazer que é mais forte no Id pelo princípio da realidade.

Mas o Eu não é sempre igual ao longo da vida, portanto para realizar a discussão sobre as relações entre indivíduos e sociedade precisamos discutir as etapas da formação do Eu.

Quando somos bebês lactantes, isto é, aproximadamente um mês após o nascimento, ainda não somos capazes de separar o nosso Eu individual do mundo exterior, aprendemos a fazer essa diferenciação aos poucos a partir de estímulos externos que vamos recebendo.

Começamos a realizar essa distinção ainda bebês quando percebemos que diversas fontes de prazer são acessíveis a qualquer momento, estão presentes em seu próprio corpo, porém, outras fontes de prazer só são acessíveis temporariamente e vem de fora; a principal delas é o peito materno. Além disso, o bebê compreende no externo a possibilidade de trazer o desprazer em função das sensações que o meio externo pode trazer. Assim começamos a distinguir o Eu do externo e começamos a formar a concepção de objetos. e sentindo que o mundo externo é fonte de desprazer, regidos pelo princípio do prazer, começamos a tentar evitar o externo e nos esconder no interno no que foi chamado por Freud de “puro Eu-de-prazer”, nele, observa-se a tendência de isolar do Eu tudo que pode ser fonte de desprazer e portanto passamos a nos “proteger” do ameaçador externo.

O Eu não se mantém assim para sempre, com o tempo adquirimos a percepção de que algumas das coisa que nos dão prazer são objetos, isto é, vem do externo e, além disso percebemos também que alguns desprazeres e incômodos que gostaríamos de nos desprender nos são inseparáveis pois vem do nosso próprio Eu. Com isso passamos a distinguir o que é interior e o que é exterior na tentativa por evitar o desprazer. Chegamo desta forma ao primeiro passo para o princípio da realidade. Podemos dizer que de certa forma o Eu se desliga do mundo externo, percebe a divisão e se mantém como um vestígio do que um dia foi um sentimento mais abrangente do Eu com o mundo externo.

Podemos entender a formação do Eu de um ponto de vista dialético, sendo o Id a tese, a autoridade externa(Super-Eu externo) a antítese e o Eu, portanto a síntese do conflito entre Id e Super-Eu.

Uma observação relevante do âmbito psíquico humano é o fato de nele ser o único local onde todas as informações obtidas, mesmo do psiquismo mais primitivo são acumuladas e estão sempre presentes podendo ser reavivados a qualquer momento através dos estímulos corretos, isso certamente pode ser causador de grandes manifestações do mal-estar, patologias e neuroses, pois mantém para sempre traumas que podem voltar a à tona.

II.II A FORMAÇÃO DO “SUPER-EU” E A INTERIORIZAÇÃO DA AUTORIDADE EXTERNA:

Como vimos, estímulos do meio externo são de grande importância para a estruturação do psiquismo humano. Porém em se tratando da vida humana em sociedade temos em destaque uma influência externa que conhecemos por autoridade ou Super-Eu, ainda externo ao psiquismo humano. O papel desta autoridade é fundamental para discutir dois importantes aspectos da vida civilizada: a falta de liberdade e o conjunto de regras que passamos a aceitar e criar o que compreendemos por moral. Para entender a importância da autoridade no psiquismo humano precisamos entender como ocorre a formação do Super-eu individual.

O Super-eu é um dos três pilares do psiquismo humano e é o último a ser desenvolvido, ele atua como uma barreira moral para as ações do Eu influenciadas pelo Id. Podemos observar que o Eu é uma camada que divide as vontades do Id e do Super-eu, ou seja, uma síntese do conflito entre Id e Super-eu, e, tenta coordenar até que ponto essas vontades serão executadas ou não. O Super-Ee tende a se opor, regular e fiscalizar as vontades do Eu, em geral vindas do Id, que são mais primitivas, não civilizadas. Esse fato se dá, pois o Super-Eu é construído através dos valores morais que recebemos e escolhemos inconscientemente para nós e, além disso, o nosso Super-Eu interioriza as leis da autoridade externa que, em vida civilizada, reprime os instintos mais animais do homem e, portanto, mais primitivos. Sendo assim, o Super-eu acaba reprimindo as pulsões primitivas regidas pelo princípio do prazer predominante no Id.

Mas como ocorre a formação desse Super-eu e o processo de interiorização da autoridade? O processo se ocorre desde o início da vida, lentamente vamos recebendo informações do Super-eu externo, isto é, autoridade externa, que vão regulando as atitudes do Id e com o tempo essa regras vão sendo incorporadas e formando o Super-Eu individual. após o fim do complexo de Édipo, por volta dos 7 anos ocorre um salto qualitativo no que se trata da interiorização do Super-Eu, isto porque ele estará plenamente interiorizado e o Eu adquire a percepção desta autoridade, o Super-Eu interiorizado, como capaz de reger e punir suas ações. O complexo de Édipo, importante para a compreensão desta interiorização do Super-eu, pode ser explicado de maneira breve e superficial como um conjunto de desejos amorosos e hostis da criança com relação aos pais; a criança ama e odeia ao mesmo tempo o seu pai ou mãe e deseja o seu pai ou mãe, em geral se a criança é menino ela odiará o pai vendo ele como ameaça para conseguir seu objeto de desejo, a mãe, porém, o pai também o servirá de exemplo. Para as meninas a situação se inverte. esse complexo é importante para entender a interiorização da autoridade, pois é dele que surgirá o primeiro sentimento de culpa, já que surge o desejo de assassinar o pai ou mãe o que depois se revelará como ruim para criança que, portanto, se sentirá culpada. Além disso, a primeira forma de auto-

ridade que a criança encontra está na figura dos pais, no triângulo edipiano.

É após a fase onde ocorre o complexo de Édipo que a criança começa a perceber e respeitar o seu Super-eu individual como autoridade.

Podemos entender o Super-eu individual como uma força criada do Id que tem como papel dominar o complexo de Édipo já que o Eu foi incapaz de fazê-lo. assim, o Super-eu é uma entidade que constantemente reprime e vigia as ações do Eu.

Quando olhamos para a sociedade encontramos autoridades em diversos âmbitos e com poderes diferentes, porém, todas elas têm funções semelhantes: criar leis e regras, julgar e punir. De certa forma podemos entender as autoridades externas atuando sobre a população da mesma forma que o Super-eu atua sobre o Eu. O Super-eu é a “autoridade do psiquismo”, isto é, aquele que estabelece regras e leis para o Eu reprimindo e punindo este, sempre que surgem vontades proibidas pelo Super-Eu. Além disso o Super-eu cria um “ideal de Eu” que é praticamente impossível de ser atingido e com isso o Super-eu segue punindo o Eu por não atingir este ideal. O Super-eu individual tende a ser mais severo do que a autoridade externa, isso porque a autoridade externa só é capaz de punir as ações e ainda por cima, quando elas são vistas pela vigilância da autoridade, já o Super-eu individual é capaz de reprimir os desejos e, além disso tem acesso às vontades do Eu de forma onisciente. O único lugar que os desejos imorais ou incorretos do ponto de vista do Super-eu conseguem se esconder é no Id. É dessa força de vigilância e regramento do Super-eu que desenvolvemos o sentimento de culpa que tende a ser praticamente inevitável e constante.

Sendo assim, vivemos constantemente vigiados por duas autoridades, a externa e a autoridade do psiquismo, o Super-eu. Quando vamos tratar da vida em sociedade não podemos apenas analisar de forma distinta essas duas “autoridades”, isso porque, na vida social, todos nós vivemos um processo de interiorização de, pelo menos, parte das regras da autoridade externa no Super-eu individual e passamos a fazer um policiamento interno sobre o descumprimento ou vontade de descumprimento dessas leis, o que aumenta o campo de poder do Super-eu que extrapola o campo dos valores éticos e morais que criamos para nós e incorpora as leis e valores da civilização ou meio em que vive.

Mas precisamos, portanto, compreender como ocorre essa interiorização da autoridade pelo Super-Eu.

Desde que nascemos nós somos vigiados por autoridades, em geral, a mais próxima de nós está representada pela forma do pai, que por sua vez é vigiado pelo seu Super-eu e pelas autoridades externas que ele já interiorizou. As autoridades, sejam elas pais, professores, estado etc, exercem sobre nós constantemente pressões e punições além de uma

fiscalização sobre nossas ações, nosso psiquismo infantil escolhe quais desses valores passados por essas autoridades serão acatados, quando somos crianças ainda possuímos alguma liberdade, pelo menos no que se trata de escolher valores, inclusive de cunho político, como exemplifica o texto “Esquerda e Direita frente à Ética Contemporânea”, de Ladislau Dowbor. Com influência do meio e de nossas relações sociais formamos nossas regras e decidimos no que devemos acreditar, neste aspecto, Freud discordaria, isso porque compreende a interiorização do Super-eu e a formação do caráter através de processos puramente psíquicos, porém acredito que não podemos deixar de lado a importância do meio nessa formação pois o meio pode atuar de certa forma como um Super-eu externo ou, minimamente, como motivo para as criações de regras da autoridade externa. Porém para este processo ocorrer é inegável a importância dos processos em nosso psiquismo.

A cultura, civilização e autoridade inibem a nossa porção natural de agressividade reprimindo-a. Porém essa agressividade é introjetada, internalizada e mandada contra o nosso próprio Eu. Parte dessa agressividade é acatada por uma parte do Eu que passa a se contrapor ao Eu como Super-eu. O Super-eu passa a atingir o Eu com a mesma agressividade que gostaria de atingir a outros indivíduos. Da tensão entre o Eu e o Super-eu surge o sentimento de culpa, a necessidade de punição, o mecanismo mais forte de repressão da autoridade e é claro esse mecanismo é interessante também para manter a autoridade externa.

A civilização tem papel em controlar as pulsões agressivas do ser humano, atua de certa forma em função de “Éros”. A civilização busca que ocorra a interiorização de suas regras o que acarreta em uma auto fiscalização do Super-eu sobre o Eu na maioria dos indivíduos de uma sociedade. Com as repressões que a vida em sociedade traz, os homens passam a ser dóceis, domesticados, criam concepções do “mau” e do “bem” sob a vontade da civilização e quando realizam esse mau ou sentem vontade de realizar esse mau são vistos como pecadores e com a interiorização da autoridade formando o seu Super-Eu passam a entender-se como pecadores, isto é, passam a se entender como culpados, com isso começamos a viver em um constante estado de culpa.

Mas porque nos submetemos então a essas autoridades externas? Essa submissão se dá pois como seres humanos tendemos a escapar do desprazer e mais do que isso tememos a perda de objetos de desejo e do amor do outro. A autoridade externa nos parece uma forma de suprir a sensação de desamparo, de falta de um objeto de desejo que o deseja de volta, mas também como uma proteção para manter essa relação entre Eu e objeto. Acreditamos que através da aceitação da autoridade externa estamos um pouco menos expostos aos perigos da vida, principalmente na tendência do desprazer. desenvolvemos portanto uma consciência de culpa que nos faz seguir as leis para nos mantermos protegidos dos desprazeres. A interiorização do Super-Eu vem predominantemente de um medo “social” da perda do amor.

Quando crianças tendemos a fazer o mal apenas quando temos certeza que a autoridade externa, o pai, a quem amamos, não irá descobrir, isso porque tememos perdê-lo caso ele descubra. Com a autoridade do Estado o processo é de certa forma parecido, mas pode se alongar para além da infância, isso porque não sempre há uma relação de amor, o medo vem da punição podendo ser uma ainda maior redução da liberdade. A internalização da autoridade formando o Super-eu individual se dá no momento em que já não importa se essa autoridade irá descobrir ou não, tememos a punição de nosso próprio Super-eu, que além de punir ações é capaz de punir desejos. Do Super-eu não podemos esconder nem pensamentos.

De certa forma, podemos entender o Super-eu individual como autoridade que dá sequência ao poder da autoridade externa, porém sendo este mais severo, pois acumula nossas pulsões destrutivas, as quais direciona contra nosso próprio Eu e, mais eficiente, pois é capaz de fiscalizar constantemente todas as ações e pensamentos do Eu.

Podemos observar como exemplo claro de interiorização do Super-Eu, um religioso. O religioso cria na imagem de Deus uma autoridade onisciente e onipresente, assim como é o Super-Eu. Ele aceita todas as regras impostas pela religião, através do símbolo divino da autoridade como uma forma de suprir o desamparo pela falta da autoridade máxima de sua infância, geralmente o seu pai. O sentimento de religiosidade não é um sentimento primário, mas sim um sentimento secundário que atua para suprimir a falta da autoridade e amor paterno. O religioso interioriza todos os valores da religião e não os descumpre, mesmo que esteja escondido, pois acredita que está sendo constantemente vigiado. A vigilância de fato passa a ocorrer, não por uma divindade, mas sim pelo próprio Super-eu.

Assim percebemos que a civilização com suas leis e autoridades externas ao indivíduo tem grande força no que se trata da formação psíquica do ser humano e, sabendo que existe sempre o mal-estar, não pode ser deixada de lado quando se discute a origem deste. Por outro lado não devemos deixar de olhar a estrutura psíquica do indivíduo como possível causadora deste mal-estar.

II.III BUSCA PELA FELICIDADE E FRACASSO: FALTA DE LIBERDADE E SUBLIMAÇÃO E REPRESSÃO DA LIBIDO:

Como foi possível observar, a autoridade externa e a civilização tem importante papel na construção do psiquismo humano, porém para esta construção nos moldes do interesse da civilização ocorre constantemente a negação da liberdade. Parece impossível ser plenamente livre e viver em civilização. Mas se não somos livres portanto sofremos, sentimos o mal-estar que pode se manifestar através de diversas patologias e neuroses.

A civilização talvez seja um mal necessário, isso porque ela reprime boa parte de nossas pulsões e desejos, principalmente os mais primitivos e/ou mais destrutivos.

Nós, seres humanos, possuímos libido, isto é, uma energia que atua em função dos desejos sexuais humanos, essa energia é o que permite que tenhamos desejos e que realizemos esses desejos. Quando não ocorre a saciedade desses desejos a libido se acumula. Na vida em civilização, muitos dos nossos desejos são tratados como patológicos ou ilegais, sendo assim, diversas vezes somos incapazes de saciar esses desejos, o que leva a um acúmulo de libido.

Podemos analisar os desejos humanos dividindo-os em dois tipos, os de amor, pulsões de “Éros” e os destrutivos, pulsões destrutivas, ou de morte. Esses dois tipos de pulsões atuam em constante conflito, mas também lado a lado, é praticamente impossível que eles estejam separados; em toda ação ou desejo de amor existe uma parcela de destruição e o oposto também é verdade. Porém, vivendo em civilização tanto as pulsões de Éros, sexuais, quanto as pulsões destrutivas podem ser compreendidas como ameaçadoras para a vida social, e de fato podem ser, aí surge a importância da civilização como repressora de pulsões, já que essas pulsões poderiam acarretar, através da guerra de todos contra todos, no fim da vida humana. Um exemplo para essas pulsões sendo reprimidas é, o caso do desejo sexual. Na vida civilizada, nós temos desejos sexuais por outras pessoas, objetos de desejo, porém, isso não significa que podemos exercer nossas vontades nesse objeto, pois assim como nós ele pode ter desejo ou não por você. Somos portanto impedidos de saciar esse desejo, o que do ponto de vista ético é correto, porém acaba gerando um acúmulo da libido e mal-estar por não saciar a vontade. Esse mal-estar é necessário, pois se não reprimissemos esses desejos viveríamos em uma situação onde a convivência entre as pessoas em sociedade seria impossível.

Mas se não conseguimos saciar nossos desejos primitivos e animais, a civilização cria algumas alternativas para a busca de saciedade e felicidade. Realizamos processos para escapar do desprazer e tentar suprimir nossos desejos sem realizarmos as ações que consideramos patológicas de nossos instintos primitivos.

No caminho da busca por essa felicidade encontramos diversos obstáculos e percebemos que todos os caminhos apresentam riscos e tendem a falhar. O primeiro deles, a busca da felicidade pela quietude, dos eremitas e monges, o processo que se dá é um afastamento da vida civilizada, tentando assim viver por si mesmo. Não existem desejos sexuais ou destrutivos nessa forma de vida, a quantidade de libido é baixa, porém a tendência de falha se encontra no fato de o homem ser um animal social e, portanto, depende da vida em sociedade.

As alternativas que possuímos para nossos desejos na vida civilizada por sua vez são os processos de sublimação da libido em outras atividades que não são puramente sexuais ou destrutivas. Exemplos disso são os esportes, onde colocamos nossos desejos destrutivos gastando libido, ou então o trabalho, a pesquisa intelectual e as artes, onde os dois tipos de pulsões atuam. Porém nesses processos de sublimação a libido nunca é usada por completo, como seria nos instintos animais, e sendo assim, uma porção se mantém acumulada e sentimos uma sensação de insaciedade e impotência em paralelo a uma felicidade morna, sendo assim, ainda sentimos o mal-estar.

Existem ainda outras formas de busca pela felicidade, ou ao menos, combate ao desprazer. Uma delas é o uso de entorpecentes, isto é, substâncias químicas que atuam em nosso corpo gerando prazer. Essas substâncias levam, de forma muito rápida, o indivíduo a sentir altas taxas de prazer, porém assim como o prazer é atingido rapidamente, o seu fim também é rápido, o que acaba levando a pessoa a depender cada vez mais desses entorpecentes que a cada vez que é utilizado tem um efeito menor no prazer da pessoa e cria lentamente uma forte situação de desprazer.

Por fim, temos a alternativa do “amar e ser amado”, essa alternativa é a que parece saciar melhor e de forma mais concreta os nossos desejos. Quando amamos um objeto de desejo e este, por sua vez, nos ama de volta, nos sentimos completos e capazes de saciar desejos, principalmente os eróticos. Entretanto, essa situação é a que nos deixa mais inseguros, isso porque dependemos completamente do objeto amado, se este, por algum motivo, deixa de nos amar, nós ficamos completamente desamparados e sentimos uma sensação de imenso desprazer. Por mais que essa pareça ser a melhor das alternativas ela ainda não é segura.

Devido a enorme quantidade de obstáculos para ser feliz e a insegurança de seu caminho, somado ao medo de perder os objetos de amor preferimos viver em função de evitar o desprazer ao invés de buscar o prazer e, assim, nos sujeitamos ainda mais as repressões de nossos instintos.

Assim, podemos entender que somos, vivendo em civilização, incapazes de sermos livres, ao menos no que se trata da saciedade de nossas pulsões e por conta disso somos incapazes de ser plenamente felizes. Porém, sendo os homens animais sociais precisamos viver em sociedade e, sem as regras e repressões sobre nossos desejos mais animais, causaríamos o fim da vida humana. Então, se somos incapazes de ser livres e saciar nossos desejos sentimos mal-estar.

II.IV O HOMEM É O LOBO DO HOMEM

Como vimos, nós possuímos diversos desejos que não aceitos e portanto reprimidos na vida civilizada. Surge portanto a questão de se o homem é um animal por natureza bom ou ruim, ou apenas um animal doente. Por isso para discutir a vida civilizada humana é preciso entender um pouco sobre a natureza humana.

Alguns filósofos e pensadores defenderam que o homem era por natureza bom, podemos destacar nesse pensamento Jean-Jacques Rousseau, que defendia que o homem é por natureza bom e dócil, por ser livre, e, a sociedade seria a responsável por corromper o homem. Olhando por esse lado, talvez então fosse possível afirmar que, sob um olhar freudiano, o mal-estar que sentimos na vida civilizada vem de fato da civilização, sendo essa a culpada pelo sofrimento.

Porém, existe pensamento que se opõem a este, o de que o homem é por natureza mau. Thomas Hobbes se destaca na defesa desta ideia; ele descreve o homem sendo naturalmente mau e em estado de natureza viveria em constante guerra, pois a natureza humana era má e egoísta, como os romanos já diziam, “*homo homini lupus*”, “o homem é o lobo do homem”. O ser humano viveria, portanto, apenas em função de seus próprio interesses e em guerra uns contra os outros, sendo assim, a sociedade tem papel castrador sobre esse homem mau, de forma a garantir a sobrevivência da vida humana. Porém o homem castrado pela civilização não teria suas necessidades satisfeitas. Olhando dessa forma, novamente sob um olhar freudiano, poderíamos entender a civilização como mal-estar, por reprimir a maldade natural do homem, mas como um mal-estar necessário para impedir a autodestruição da humanidade. Porém pode-se fazer um questionamento, se o homem é por natureza mau, ele portanto, deve reproduzir sua maldade na hora de criar a civilização e sendo assim, poderíamos entender o próprio homem como causador do mal-estar pois reproduz sua maldade e sofrimento individual na civilização.

Mas, analisando a natureza humana do ponto de vista do seu psiquismo, podemos entender que o homem não é dócil e bom como Rousseau acreditava, pois o homem não apenas se defende, mas é um animal com uma grande porção de agressividade, suas pulsões destrutivas. Por outro lado, o homem não é inteiramente mau, o homem, além de possuir as pulsões de Eros, deve ser compreendido como um animal com psiquismo mais complexo do que o dos outros animais, ele é incapaz de viver fora de sociedade, se vivesse apenas com base em suas necessidades fisiológicas animais, respeitando sempre sua vontade a humanidade se destruiria, mas não por maldade, sim por conta dos desejos e da incapacidade de viver sem relações sociais.

O dilema portanto sobre a vida humana seria então, como fazer para viver em sociedade e sofrer o mínimo possível? Isto é, seria possível viver em civilização sem mal-estar?

O homem, possuindo psiquismo complexo já pode ser entendido como animal doente, pois nasce com psiquismo incompleto, sendo assim é incapaz de ter saciedade plena e, precisa construir seu psiquismo. Essa construção depende das relações e da vida em sociedade, porém para viver em sociedade sem viver em uma constante guerra entre os homens permitindo minimamente algumas liberdades coletivas e individuais, o homem precisa criar um conjunto de regras que o aprisionam e reduzem sua liberdade natural reprimindo as pulsões que podem ser compreendidas como perigosas para a sobrevivência e convívio humano. Com isso, devido a falta de liberdade o homem se sente sempre necessitado de algo, não consegue aplicar efetivamente sua libido que se acumula e portanto não tem saciedade plena de seus desejos, dessa forma, sentimos fortemente o mal-estar, em função de nossa incapacidade de nos saciarmos e falta de liberdade, e por possuímos desejos reprimidos que se opõe às regras da autoridade e do Super-eu individual, vivemos constantemente em um sentimento de culpa e necessidade de autopunição, influenciada principalmente por dois medos, o medo da autoridade e o medo de perder os objetos de desejos, os objetos amados. Com tudo isso, o mal-estar parece ser inevitável e se manifesta de diversas maneiras, principalmente na questão de os homens preferirem evitar o desprazer ao invés de buscar o prazer. E a própria busca pela proteção contra o desprazer cria situações de mal-estar, um exemplo disso é a situação do narcisismo das pequenas diferenças, que se manifesta quando, o homem se une a iguais para evitar desprazer trazido pelo conflito entre os diferentes, porém ao encontrar pequenas diferenças entre seus “iguais”, o homem volta a entrar em conflito e sentir mal-estar.

Se analisarmos o parágrafo anterior, talvez possamos entender que o mal-estar é uma questão da civilização, porém o mal-estar pode surgir também de dentro do indivíduo, de um conflito interno ao seu psiquismo, algo que provavelmente ocorreria mesmo com o homem na natureza, isso porque, nós dependemos das relações sociais, na natureza não teríamos a relação de amar e ser amado por um objeto de desejo, por exemplo, sendo assim sofreríamos também, sentiríamos mal-estar. Além disso, a vida civilizada permite uma certa garantia de que atingiremos minimamente a alguns prazeres mornos, sejam eles efetivamente sexuais, ou através de sublimações da libido. Na vida natural, mesmo esses prazeres mornos seriam mais difíceis de atingir e não teríamos a mínima segurança com relação a ideia de amar e ser amado, dessa forma, o mal-estar se apresentaria também fora da vida civilizada.

Assim, talvez seja necessária a civilização como forma de reprimir alguns impulsos, pois estes levariam à destruição dos homens feita pelos próprios homens, porém, se o homem já sente mal-estar individualmente, é de se esperar que ele reproduza esse mal-estar na

civilização que constrói, ao mesmo tempo cria na civilização repressões que podem gerar outras formas de mal-estar. Mas, se o homem é gerador de conflitos e, portanto causador do movimento da história, o homem é capaz de reformar ou revolucionar as organizações sociais que possui e disso surge a pergunta: O homem é capaz de mudar a sociedade de forma a reduzir o mal-estar ou até eliminá-lo? para isso é preciso entender uma relação dialética entre homem e civilização.

II.V RELAÇÃO DIALÉTICA HOMEM X CIVILIZAÇÃO COMO CAUSADORA DO MAL-ESTAR E O MOVIMENTO HISTÓRICO COMO TENTATIVA DE REDUZIR SOFRIMENTO:

Aparentemente, o homem, ao longo de toda história sofreu com o mal-estar, seja ele apresentado mais na forma da incapacidade de saciar desejos, incapacidade de ser livre ou por frustrações nos caminhos em busca da felicidade. Porém esses mal-estar surge, provavelmente de uma relação dialética entre seres humanos e civilização. Podemos compreender desta forma pois o homem vive em civilização, mas também é criador e capaz de mudar ela.

O homem cria a partir de condições naturais (necessidade de um homem e uma mulher para reproduzir), a primeira forma de vida em sociedade. É claro que esse modelo de família formada apenas por homem, mulher e filhos, no tempo contemporâneo já não é a única forma de família que pode existir e muito menos a única forma de sociedade. As novas formas de sociedade foram se criando a partir dessa primeira, do triângulo edipiano e foram crescendo e formando as civilizações e essas civilizações foram sendo mudadas ao longo da história através de conflitos criados pelos próprios homens que acabaram resultando na mudança da forma de vida civilizada. E ao lado das mudanças na sociedade o homem muda a forma com que vive, pensa e se relaciona, assim, observamos uma relação onde o homem muda o meio assim como o meio muda o homem. Por mais que seu psiquismo possa ser muito parecido independente da sociedade em que o indivíduo viveu o seu Eu terá tendências que se relacionaram com a forma que se dá às relações em seu meio, isso porque, se compreendermos a formação do Eu sob uma relação dialética hegeliana, entendemos o Eu como síntese do conflito entre Id e Super-eu externo, e, mais tarde, Super-eu interiorizado. Sendo assim, o Eu também muda conforme a sociedade muda, já que a autoridade externa (Super-eu externo) cria leis e suas formas de repressão conforme a ideologia de uma época que por sua vez é criada pelos homens.

Dessa maneira, o Super-eu interiorizado possuirá traços fortes e predominantes da ideologia de sua época e portanto reprimirá o Id conforme o interesse de repressão aos instintos que se contrapõe a essa ideologia de determinada sociedade em determinada época, dessa

maneira a síntese resultante do conflito entre Super-eu e Id em diferentes momentos históricos e/ou diferentes lugares do planeta trarão formações de Eu mais gritantes do que os diferentes Eus formados em um mesmo meio, mesmo que sejam inegáveis sempre, as diferenças entre os indivíduos e a forma que apresentam seu Eu.

Mas, sabendo que o homem é animal capaz de se unir a outros para modificar a sociedade e criar novos padrões de autoridade, porque o homem sempre cria civilização que resultam em seu próprio mal-estar? A resposta provavelmente está no fato de o ser humano possuir em seu estado natural, um psiquismo incompleto, isto é, ele depende de relações sociais para conseguir formar seu Eu e ser capaz de se saciar, enquanto os outros animais já possuem psiquismo completo, é verdade que mais simples, e portanto são capazes de se saciarem fora da vida civilizada. Em termos gerais, o homem depende das relações sociais para constituir o seu psiquismo, porém o processo de repressão do Super-eu externo e sua interiorização adoecem o homem no sentido de reprimir seus desejos tornando portanto, o homem insaciável, o que resulta em um constante mal-estar na vida civilizada. Porém, o homem, sem a repressão de partes de seus instintos, principalmente destrutivos, seria incapaz de viver de forma civilizada, pois viveria constantemente em, guerra levando a nossa própria destruição. Por outro lado, vivendo fora da sociedade o homem provavelmente sofreria por conta da sua necessidade de se agrupar com outras pessoas e necessidades de criar e estabelecer símbolos, o homem depende da vida civilizada para construir seu psiquismo e os símbolos que o diferem de outros animais. Com isso podemos entender que para a sobrevivência da vida humana, a civilização é necessária, mesmo que ela resulte em mal-estar, ou até mesmo, seja o próprio mal-estar.

Assim, surge um novo questionamento sobre a possibilidade de criar uma civilização onde o mal-estar fosse mínimo ou até mesmo nulo. A resposta para isso, infelizmente parece ser negativa, isso porque, para se construir uma sociedade, ao menos dentro do que entendemos hoje, aquelas civilizações que melhor funcionaram foram capazes de garantir liberdades coletivas acima das individuais, dessa forma a repressão a liberdade individual não é total, isso porque segue o princípio de que ela vai até afetar a liberdade do outro, porém, muitas vezes, nossos desejos e pulsões, tanto de Eros, quanto de morte dependem do outro para serem saciados, e muitas vezes o outro não tem interesse pela execução desses seus instintos, pois eles poderiam levar a destruição do outro, ou, minimamente, a um rompimento da liberdade desse outro. Com isso, sem a repressão de parte de nossas pulsões, viveríamos em uma constante guerra de todos contra todos que levaria a destruição da vida humana.

Outro problema que surge, no que se trata de alteração da civilização, está no fato de que mesmo a população e as pessoas que levaram a essa mudança foram educadas em um contexto da sociedade e geração anterior que, por sua vez, foi educada em um outro con-

texto e por outra geração. Tendo isso em vista, podemos entender que ao menos parte do Super-eu interiorizado, mesmo pelos revolucionários carrega leis da civilização anterior e em sua educação recebeu valores dessa mesma civilização anterior, com isso, mesmo na nova civilização que pode ser criada por revolucionários e pelo povo, é inevitável, no ponto em que encontramos a forma de vida humana hoje, que parte das falhas da geração anterior e/ou forma de civilização anterior sejam reproduzidas nas novas formas de Sociedade. Se olharmos para importantes revolucionários, como Ernesto ‘Che’ Guevara ou Lenin, encontraremos neles a presença de traços da educação e da formação do seu Eu com relação ao meio em que foram criados, isto é, antes das suas revoluções e por uma geração anterior, parte desses valores acabam sendo incorporados pelas novas formas de sociedade que estes junto a uma massa popular criaram.

Mas, vale ressaltar que, talvez se opondo ao que Freud acreditava, mesmo que o mal-estar e as falhas sejam inevitáveis, a luta por novos formatos de sociedade, como pela a sociedade comunista ou por outra utopia que se possa defender, ainda é importante na medida em que talvez não mude o sofrimento psicológico, mas possa atingir a um nível maior de justiça e igualdade social que é outro problema da vida humana. Ainda, é possível pensar que em sociedades de maior justiça e igualdade as liberdades serão levemente maiores, para a maior parte da população, do que em uma sociedade desigual e injusta como a que vivemos hoje, e, com isso talvez o mal-estar pudesse ser minimamente reduzido.

Além disso, a humanidade é capaz de criar alternativas para sublimar a libido de cada um, em uma sociedade igualitária essas alternativas de sublimação seriam acessíveis a uma parte maior da população que, por consequência, sofreria menos.

De fato parece impossível eliminar o mal-estar na civilização, mas não é por isso que devemos assumir que devemos deixar a civilização como ela está, assim como a sociedade muda o homem o homem pode mudá-la e para melhor. Não só podemos mudá-la como talvez seja importante mudar, já que, sem a vida em sociedade o homem é incapaz de viver e precisa de algumas repressões de instintos para não viver em eterno conflito. Parece também que o homem deve buscar na sociedade uma forma de garantir que na batalha entre Eros e a morte, as forças de eros prevaleçam para que assim possamos seguir vivendo através de laços e relações sociais.

II.VI VIVEMOS EM UMA SOCIEDADE DOENTE OU SOMOS ANIMAIS DOENTES?

Como observamos, através da constituição do psiquismo humano, o homem depende de uma relação conflituosa entre Id e Super-eu para gerar um Eu, porém é no processo de interiorização do Super-eu que o ser humano adoece.

Isso que pode-se entender como um adoecimento é o fato de nos vigiarmos e punirmos inclusive aos nossos pensamentos, o que resulta em um sentimento de culpa quase que vitalício para a maioria do seres humanos na vida civilizada. Esse adoecimento viria portanto, da civilização para o homem, pois são as repressões sobre os desejos primitivos e individuais que a civilização realiza que são incorporadas e talvez a força pelo indivíduo.

Mas, não é verdade que essa interiorização se dá puramente por força do Super-eu externo, a interiorização ocorre do fato de o homem ser um animal que busca prazer ou pelo menos busca evitar o desprazer, mas sendo o ser humano em questão ele depende de outros e, como uma das formas mais importantes de segurança para/com o prazer se encontra o princípio do amar e ser amado, temendo que esses laços de amor seja sexual ou na forma de amizade e família, sejam rompidos, o ser humano se submete às regras do Super-eu externo, interiorizando-o, na expectativa de evitar o desprazer e adquirir alguma segurança na permanência desses elos afetivos.

Assim, podemos entender que a civilização adoce o homem, no que se trata de eliminar liberdades e tornar o ser humano um animal incapaz de se saciar e concretizar seus desejos, porém o homem já no mínimo um animal fraco, pois, ao contrário dos outros a incapaz de viver sem depender de relações e elos sociais e dessa maneira se submete a regras que reprimem suas liberdades e desejos primitivos, tudo isso resulta em mal-estar.

É claro que existe resistência quanto a interiorização do Super-eu e por parte de praticamente todos os seres humanos, essa resistência é importante para criar um certo nível de individualidade de cada pessoa e também para resistir a práticas que podem ser abusivas da autoridade.

Alguns resistem mais a essa interiorização, criando muitas vezes desejos de mudança social, reformistas ou revolucionários, e esses desejos não são patológicos, pelo contrário são importantes para não sejam estagnados os modelos de sociedade que temos hoje. Porém consideramos resistências muito elevadas contra o Super-eu como patológico, é o caso de por exemplo, psicopatas, nos quais, as pulsões destrutivas e sexuais mais primitivas que atentam contra a liberdade de outros indivíduos não conseguem ser reprimidas pelo Super-eu.

Por outro lado, pode-se considerar patológico também aquele que interioriza totalmente o Super-eu, com isso a pessoa vive a vida inteira seguindo todas as regras da autoridade que se criou, dessa maneira, a pessoa que não possui resistências a interiorização do Super-eu vive eternamente em um sentimento de culpa, pois, por mais que do ponto de vista prático ela não infrinja as leis do Super-eu, ele interiorizado é capaz de punir os pensamentos e desejos que vem do Id e chegam no Eu.

Com isso, podemos observar que a civilização é doente e adocece o homem, porém o homem por sua vez nasce incapaz de viver fora de sociedade e se permite adoecer, talvez por isso ele possa ser considerado um animal doente que entende como única alternativa para sua sobrevivência a negação de seus desejos pela vida em sociedade. E se entendermos então o homem como animal doente e criador da vida em civilização é de se esperar que essa civilização seja também doente.

Mas, mesmo doente e causadora do mal-estar ou, até mesmo, o próprio mal-estar, a civilização é necessária para que a vida humana possa prosseguir com um certo nível de harmonia e uma relativa proteção contra o desprazer. O mal-estar parece ser algo necessário para que o ser humano consiga se manter vivo e se relacionar com os outros de sua mesma espécie, coisa que para o ser humano é necessária.

E, se pensarmos que o homem é um animal doente que vive em uma sociedade doente, talvez, criar concepções do que é patológico é apenas uma forma de normalizar as doenças que já aprendemos a viver com. É claro que, se dependemos da existência da civilização e do mal-estar é necessário tratar aquilo que está anormal aos padrões aceitáveis de saúde e sanidade, pois se não ocorrer o tratamento essas pessoas que sofrem com patologias podem estar ameaçando a si próprias, mas também à forma de vida em sociedade. É importante ajudar a recuperação dessas pessoas através de terapia ou em alguns casos intervenção médica psiquiátrica para que a vida possa ocorrer de forma relativamente harmoniosa, mesmo que nós seres humanos, pelo menos por enquanto, não tenhamos legitimidade de dizer o que é patológico sendo que criamos os conceitos a partir de uma sociedade doente.

III CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste ensaio pretendo deixar claro que não espero ter conseguido atingir nenhuma verdade ou conclusão absoluta sobre os assuntos discutidos, apenas espero ter levantado o questionamento e conseguido realizar uma discussão sobre os assuntos.

Seguindo portanto, e voltando a olhar para o mal-estar e a relação homem x civilização, podemos entender que o mal-estar surge dessa relação, pois a civilização impede liberdades e reprime desejos do indivíduo, com isso, o homem na vida em sociedade nunca é capaz de liberar toda sua libido e se sentir saciado, assim, parte de sua libido se acumula, principalmente aquela que seria usada por pulsões destrutivas, essa libido quando se acumula acaba se tornando arma de punição do Super-eu contra o Eu, assim, a repressão feita pelo Super-eu sobre o Eu, seja pelas ações ou pelos pensamentos e desejos é forte e a vigilância é constante, por conta disso, sofremos com o sentimento de culpa.

O mal-estar parece estar presente todos os dias na vida civilizada e ele pode se manifestar em diferentes maneiras através de diferentes sintomas, mas, se pretendemos viver em sociedade ou melhor, se, como seres humanos, dependemos da vida em sociedade, o mal-estar passa a ser uma mal necessário para a sobrevivência dos homens de forma harmoniosa. Mas, mesmo sabendo que o mal-estar é inevitável ainda vale a pena lutar por mudanças na sociedade, pois essas talvez possam criar uma civilização mais justa e igualitária na qual o mal-estar apareça com menos sintomas e a população tenha chance de acessar formas de sublimar libido, para assim evitar surtos em função da acumulação dessa libido.

Ainda, acredito que seja importante reforçar duas relações dialéticas fundamentais com caráter hegeliano que são a relação da formação do Eu a partir o conflito entre Id e Super-eu e a relação entre homem e civilização gerando mal-estar, mas também movimento da história, nesta, já é possível analisar sob um olhar da dialética marxista. No aspecto do psiquismo humano, encontramos uma situação na qual, o Id, com o qual nascemos, entra desde o nascimento em conflito com o Super-eu externo, o Id se apresenta como tese e o Super-eu como antítese, deste conflito o Eu vai se formando e o Super-eu é interiorizado ao longo da vida e com salto qualitativo após a fase do complexo de Édipo. A relação conflituosa entre os desejos mais primitivos do Id, sejam eles através de pulsões eróticas ou destrutivas vivem em constante conflito com o Super-eu e as vontades se manifestam através do Eu que por sua vez é punido pelo Super-eu.

Mesmo sofrendo com a culpa, incapacidade de se saciar e falta de liberdade, o homem acaba aceitando as imposições do Super-eu em busca de evitar o desprazer e principalmente manter-se ligado aos seus laços de afeto, aos objetos amados. Respeitando o Super-eu, em tese temos maior segurança para nos mantermos ligados àqueles que amamos e dependemos para não vivermos somente em desprazer.

Desta necessidade de se relacionar podemos fazer uma ligação sobre o psiquismo humano e a relação homem e civilização. O primeiro aspecto a ser destacado é o de que o homem depende da vida social, dessa maneira é obrigado a se relacionar e, conforme os padrões aceitos pela sociedade em que vive. Assim, podemos entender que por mais que existam diversos fatores na construção do psiquismo humano, a sociedade em que ele vive, na época e espaço em que ele vive são importantes para a formação do Eu, isso porque, a autoridade externa muda de caráter conforme a ideologia social e, desta maneira, o Super-eu interiorizado sempre apresentará traços da ideologia social e, além disso, reprimirá os desejos do Id de maneira a proteger essa mesma ideologia formando Eus diferentes em diferentes sociedades.

Ainda, vale ressaltar que o ser humano é criador de sua própria civilização e ao mesmo tempo é mudado por ela, o homem como animal de psiquismo incompleto e dependente

de relações sociais cria a civilização e reproduz nela parte de seu sofrimento mesmo que esta tenha como intuito atuar em função de evitar o desprazer. Mas, se o homem é influenciado pelo meio em que vive ele sempre levará, mesmo nas revoluções, falhas da geração e/ou civilização anterior e independente de qual seja a forma de civilização ela reprimirá sempre alguns desejos mais primitivos e principalmente destrutivos e, sendo assim nós adoecemos ao aceitar essa repressão pois não conseguimos nos saciar plenamente de nossos desejos.

Entretanto, como foi dito, o homem possui uma grande porcentagem de desejos destrutivos, talvez, o homem realmente seja lobo do homem, mas sendo assim, a civilização tem papel domesticador sobre o homem para garantir que nossas vidas não sejam sempre em uma grande guerra de todos contra todos. Assim, podemos compreender a civilização como um “mau” necessário para que a humanidade possa existir, já que, dependemos das relações sociais e se liberássemos toda a nossa libido aos nossos desejos primitivos e profundos, sejam eles destrutivos ou movidos por Eros causaríamos uma situação insustentável de conflito e destruição do homem pelo homem.

Assim, parece importante aceitar a ideia de que na batalha eterna entre Eros e a morte, devemos criar uma civilização de forma a favorecer Eros para garantir um convívio minimamente harmonioso sem criarmos a nossa própria destruição. Dessa maneira, o mal-estar parece surgir das repressões necessárias para a sobrevivência humana. Por fim vale a compreensão de que precisamos da civilização para que possamos viver, mesmo que essa seja causadora de nosso mal-estar ou, até mesmo, o próprio mal-estar

AGRADECIMENTOS:

Paula S. Almeida, João Paulo F. Silva e Gabriela A. Pluciennik

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1-<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/psicanalise-a-mente-segundo-a-teoria-de-sigmund-freud.htm>
- 2 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico
- 3 - <http://psicoativo.com/2016/10/o-mal-estar-na-civilizacao-resumo-dos-capitulos-1-e-2-analise.html>
- 4 - <https://outraspalavras.net/posts/esquerda-e-direita-frente-a-etica-contemporanea/>
- 5 - <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/viewFile/828/741>
- 6 - Livro: O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO de Sigmund Freud
- 7 - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u661688.shtml>

- 8 - <http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/hobbes-estado-natureza.htm>
- 9 - <http://g1.globo.com/pernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2013/11/para-o-filosofo-ingles-hobbes-o-homem-e-essencialmente-mau.html>
- 10 - <https://super.abril.com.br/ideias/o-homem-e-o-lobo-do-homem-thomas-hobbes/>
- 11 - <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/jean-jacques-rousseau-2-o-homem-e-bom-por-natureza.htm>
- 12 - Livro: Iniciação à investigação filosófica- um convite ao filosofar, José Auri Cunha
paginas:210-213, 249, 214, 215, 442-448
- 13 - Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud volume XIX, O Ego e o Id e outros trabalhos pág 33-53
- 14 - Ler FREUD, Guia de leitura da obra de S.Freud, Jean-Michel Quinodoz 257-262 e 225-228
- 15 - <http://www.infoescola.com/psicologia/complexo-de-edipo/>
- 16 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_Édipo
- 17 - Vocabulário da psicanálise, Laplanche e Pontalis, ed: martins fontes pág 77, 124, 219, 235, 236, 265, 266, 267, 268, 269, 296-299, 349, 350, 368
- 18 - MAL-ESTAR, SOFRIMENTO E SINTOMA, CHRISTIAN DUNKER ED: BOITEMPO
- 19 - Auri Cunha, J. Hegel: (Uma breve explicação).1.ed. São Paulo, Sp: E-mail para o Tonso, 2017.
- 20 - Guimarães&Cia. Os pensadores: Hegel. São Paulo - SP: Nova Cultura, 1996

IMAGENS:

Capa- O Grito de Edvard Munch

<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj43KKPsvbWAhUCF5AKHY92DWYQjRwIBw&url=http%3A%2F%2Fwww.bbc.com%2Fportuguese%2Fgeral-39793994&psig=AOvVaw2NfVtpOwiD7IFc7bPP-FkG&ust=1508286195121867>

Filosofia

Valor de interpretar os sonhos

Pedro Fernandez Tonso



“Como se sabe, os sonhos são uma coisa muito estranha. Percebemos neles, com uma clareza assustadora, com uma artística elaboração, certos pormenores, ao passo que passamos outros completamente por alto, como se não existissem, sucedendo assim, por exemplo, com o tempo e com o espaço. Creio que os sonhos não os sonha a razão, mas o desejo, não a cabeça, mas o coração, e, no entanto, sobre que coisas tão complicadas passa às vezes a minha razão, no sonho!”

DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *O sonho de um homem ridículo*, pg 9

O homem sonha. Está em nossa natureza, ainda que não queiramos. Enquanto a cobra come o rato, o homem sonha. Mas, ao contrário da cobra, que se alimenta pela complexa cadeia alimentar, sobre a qual o homem já detalhou bem e talvez já possa até se dizer dominante deste conhecimento, os sonhos sempre foram um mistério. É quase unânime a aceitação da explicação (pelo menos no ponto macroscópico) do funcionamento do intestino da cobra. Até do intestino humano não encontraremos tamanha dissonância de aceitação. Agora quando se trata da psique humana, encontramos problemas óbvios. As tentativas de explicar o motivo de sonharmos e o que eles significam na nossa vida de vigília encontram tantas possibilidades quanto foram os que tentaram se debruçar sobre o tema.

Os sonhos se apresentam como imagens projetadas que instigam todos os nossos sentidos e tem um caráter imaginário forte. Apesar de alguns relatos, é possível cogitar que só ocorrem enquanto dormimos. O sono, meio, portanto, pelo qual o sonho se propaga, é dividido pelos neurologistas em fases. A sonolência, na qual a sensibilidade auditiva é alta; o sono leve, seguido do médio e do profundo. Até este momento, não há sonhos sendo formados. Somente depois de aproximadamente noventa minutos, inicia-se a fase REM (“movimento rápido dos olhos”), o único estágio onde mais sonhamos. Tais imagens, como nunca foram satisfatoriamente explicadas na cultura humana, acabam gerando um desconforto e geralmente são explicadas pelo seu caráter místico e religioso.

Na Antiguidade Clássica supunha-se que os sonhos estivessem relacionados com o mundo de seres sobre-humanos, de forma metalinguística. A função seria a de comunicar o futuro, e os mensageiros seriam deuses e demônios com algum propósito. Esta concepção está inscrita numa cultura mitológica fortíssima, e os sonhos teriam um papel tanto de ponte entre o mundo divino e o carnal, quanto de prova da existência desses Deuses. Com o passar do tempo perdemos as origens mitológicas, mas as tradições culturais e religiosas sempre se mantiveram. No Antigo Testamento da Bíblia Cristã, o sonhos se apresentam também com caráter de ponte entre o sobrenatural e o humano; há relatos de pessoas que dormiam em templos para conseguirem revelações pelos seus sonhos.

Eles entendiam também, que havia dois tipos de sonhos. (Freud, A literatura científica sobre os problemas do sonho) “Fazia-se a distinção entre sonhos verdadeiros e valiosos, enviados à pessoa que dorme para advertí-la ou lhe anunciar o futuro, e sonhos insignifi-

cantes, enganadores e fúteis, cuja intenção era desorientá-la ou precipitá-la na ruína.” Esta distinção, apesar de perder o caráter divino, continuou em voga, com a ideia dos sonhos como “restos do dia” ou produções do inconsciente e, portanto, analisáveis; conforme veremos mais adiante.

É bom apontar também, que em todas estas visões do sonho as codificações das mensagens seriam unânimes, atemporais e fixas para todos os símbolos ali presentes. Ou seja, todo o esforço de interpretação dos sonhos só teria que ser feito uma vez, e depois passado de geração por geração. Deste modo, seria necessário apenas umas tabelas de decodificação símbolo-significado real para que pudéssemos interpretá-los. O apontamento desta característica se faz necessário justamente pois, em determinado momento da história científica, esta concepção é quebrada e abre espaço para uma visão dos sonhos como produção da alma (para usar um termo antecessor, poderia ser substituído por psique) do próprio indivíduo. Deste modo, a tabela, que já se viu certa e eterna, é colocada em xeque com a possibilidade de alterações, distorções, transições, etc. Em outras palavras, poderíamos dizer que foi introduzido o conceito do vir-a-ser na teoria onírica. Os sonhos, que antes eram entendidos com um caráter místico e eterno passaram a representar uma produção de forças psíquicas sem um sentido a priori.

FREUD

Ninguém sabe de onde veio. Fato é, o barbudo de sobretudo preto entra nos aposentos e, enquanto tira o chapéu e fecha o guarda-chuva, assiste a explicação da senhora de avental, que conta para a filha o caráter divino dos sonhos; ensinando a temê-los e respeitá-los. Indignado, o homem vai até o quarto da garota, ajoelha e a convence a entender as imagens oníricas como resultado de um complexo mar de memórias e emoções que se encontra abaixo das tranças e lacinhos de cabelo da garota.

E nós, com nossas cadernetas e afins, assistimos ao barbudo e nos deliciamos com suas ideias inovadoras e difíceis de digerir. Tamanho seria o choque da garota, que seria acompanhado de um sentimento de repulsa e hostilidade. Esta descrição representa o que a teoria de interpretação dos sonhos passou a representar entre os séculos XIX e XX.

Neste momento se faz necessário clamar pelo pensador e cientista Sigmund Freud, o fundador da psicanálise e recriador do que se sabia sobre a psique. De caráter dionisíaca e de método racional, a vasta obra freudiana trata de temas como a histeria, o complexo de Édipo, o narcisismo, os diversos mecanismos de defesa, os sonhos, o mal-estar (unbehagen) etc. “Não seria exagerado dizer que Freud descobriu o universo dos impulsos que regem a vida do homem. E isto faz dele um legítimo representante das correntes naturalistas, tão

importantes em fins do século passado.” Explica Alberto, professor de Sofia, na trama. (Do livro: “O mundo de Sofia”, Jostein Gaarder, Cia de Letras, 1995, pág. 458-475).

Nascido em Freiberg (1856-1939), hoje parte da República Tcheca, Freud teve nove irmãs pelo pai Jacob Freud e suas três esposas. Se formou em medicina neuronal, mas logo rompeu com a sua formação ao perceber que os pacientes histéricos (aqueles atingidos por sintomas físicos sem causa aparente) eram tratados pela comunidade médica com indiferença. Freud logo entendeu que teria que realizar uma ruptura na maneira de encarar tais doentes, e a histeria exigiu a criação de uma nova ciência.

Freud, ao realizar essa ruptura, se encontra em um nado contra a maré. Ele chega a comparar a agressividade sofrida pelo povo judeu às críticas hostis que o método da clínica recebeu. Os médicos, mantidos pela inércia e pelo conservadorismo intelectual se irritaram com as tentativas de Freud em tratar de assuntos tão delicados. A proposição da existência do inconsciente e a culpa colocada em cima da sociedade por reprimir os desejos instintivos mais básicos transformou Freud em um agressor em potencial. Ele teria rompido com o acordo tácito de silêncio para discutir assuntos como a sexualidade. No filme “Freud, além da alma” (John Huston - 1962), temos esse debate em voga; no começo há uma cena que usa o escorpião como metáfora da psique. Este, ao ser iluminado, como mostra o professor de Freud no filme, se apresenta de forma hostil. Após essa passagem, que abre para debate todo o projeto freudiano de entender - ou iluminar - a psique e a sua relação com a sexualidade, o mesmo professor muda de opinião e o recomenda seguir sua pesquisa e “trair” o acordo de silêncio.

Do ponto de vista da história da filosofia, Freud se encontraria ao lado de Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer nessa tentativa de puxar a coberta e iluminar todos os assuntos conhecidos e não comentados. Esta é a real genialidade de todos os autores. Podemos lembrar de Maquiavel, que gerou escândalo quando se viu como o primeiro a revelar de forma tão forte a importância que os desejos humanos desempenham na vida política. Apesar de polêmica, sua famosa visão “os fins justificam os meios” acaba explicando boa parte dos movimentos políticos atuais, mas geram dissonância aos ouvidos da maioria. Nietzsche, na mesma linha, ensina a filosofar com o martelo - ou seja, dar marteladas nos grandes ídolos para revelar quem aguenta mais. No geral, seus versos tem conotação agressiva e destrutiva; o termo “filosofia da desconstrução”, empregado por Schopenhauer, pode ser muito bem convocado para a descrição de sua obra. Freud, por sua vez, revelará não somente a existência do inconsciente, mas todas as suas facetas e manifestações. Com isso, será possível explicar as pulsões humanas e analisar vários casos nunca antes entendidos pela ciência.

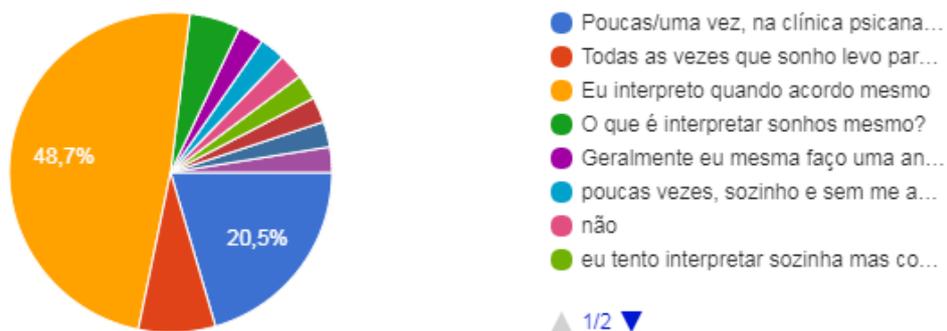
A história da interpretação dos sonhos passou, portanto, por chacoalhadas e ressignificações em diversos âmbitos. Com a quebra da perspectiva divina e de mensagem transcen-

dente, acompanhada da *Morte de Deus*, **o que nos sobra ao interpretar um sonho? Qual seria o valor simbólico que justificaria tamanho esforço nessa direção?** Na tentativa de circunscrever esta questão, e possibilitar, ao leitor, um melhor entendimento de suas possíveis respostas, que este texto foi feito.

Com a perspectiva de entender qual a visão mais aceita pela maioria sobre este tema, foi realizado um questionário analisando a resposta de quarenta pessoas. A amostra utilizada é, porém, na média de alunos do ensino médio, de classe média-alta e paulistanos. Deste modo, nos faltam informações para concluir de modo certo a opinião geral sobre o tema, mas com a amostra citada é possível criar uma perspectiva geral com um certo grau de confiança. Sobre o interesse para analisar os sonhos, com a pergunta “Já participou de algum processo de interpretação dos teus sonhos?”, houve 39 respostas: 48,7% responderam “Eu interpreto quando acordo”; 20,5% alegaram interpretar “Poucas/uma vez, na clínica psicanalítica”; e 7,7% contaram que “Todas as vezes que sonho levam para a clínica”. Além disso, foi perguntado “Os sonhos tem algum significado na sua vida?”, e houve 40 respostas: 30% disseram “tem sonhos e sonhos, alguns não tem sentido nenhum, outros representam mensagens divinas/espirituais”; 25% alegaram que os sonhos “ajudam a entender os desejos do dia-a-dia que são reprimidos”; 17,5% falaram que “já me proporcionaram momentos divertidos”. Nesse levantamento há algumas respostas dissertativas, que dificultam a análise e serão relevadas.

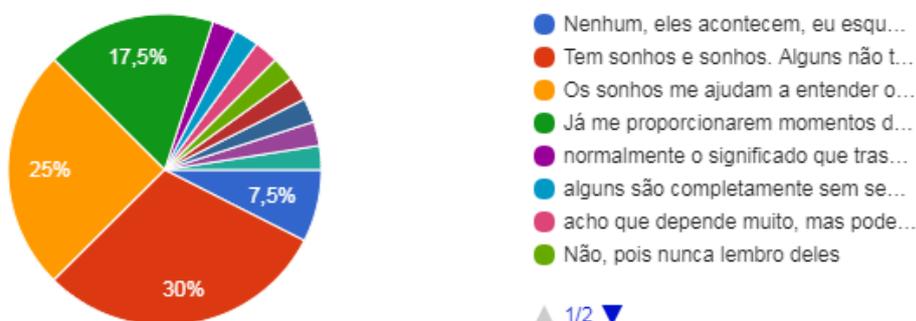
Já participou de algum processo de interpretação dos teus sonhos?

39 respostas



Os sonhos tem algum significado na sua vida?

40 respostas



Olhando para o resultado, vemos que as concepções religiosas não perderam tanto espaço para com cenário público quanto para com os pensadores atuais. Existe também um afastamento da clínica, e como se trata de jovens de classe média que possuem, portanto, tempo e dinheiro, podemos supor que estes baixos índices sejam provenientes da baixa credibilidade na eficiência de um tratamento psicanalítico. Além disso, a alegação de 25% da amostra falando que “os sonhos ajudam a entender os desejos do dia-a-dia que são reprimidos” tem, um impacto forte, já que é a resposta que melhor se assemelha a explicação do próprio Freud quanto a isso.

EMPECILHOS DA INTERPRETAÇÃO

Na busca de identificar o valor dos sonhos, um possível empecilho seria a concepção dos sonhos como produção puramente fisiológica, e, portanto, explicada como tal. Isso porque, se os sonhos se apresentassem dessa forma, eles não teriam o valor simbólico que o próprio Freud os atribuiu, tornando a interpretação uma corrida na esteira. Além disso, podemos imaginar a existência de filtros que dificultariam que nós pudéssemos acessar a parte dos sonhos que nos é importante. Assim, nas próximas páginas iremos nos dedicar à investigação sobre os empecilhos sensoriais e psicológicos para interpretar os sonhos.

É importante ressaltar que as justificativas a seguir se encontram melhor detalhadas no capítulo *A literatura científica sobre os problemas do sonho*, do volume um de “A interpretação dos sonhos” (Sigmund Freud, oitava edição). Estes trechos serão uma paráfrase resumida do capítulo que não abrigará as diversas pesquisas para chegar nas conclusões apresentadas - em caso de ceticismo irritante, tratar com o Mister Freud.

O conteúdo onírico tem relação com diversas variáveis que foram apontadas e analisadas

por diversos pesquisadores durante toda a história. A concepção dos sonhos como sendo um filme completamente absurdo que venha a nós no sono é muito aceita pelo julgamento das pessoas. Porém, com a quantidade de variáveis que afetam a criação dos sonhos, o absurdo começa a ser explicado e apontado. A primeira relação possível é a dos sonhos com a vida de vigília. Jessen, em seu livro sobre a *Psicologia* (p. 530), publicado em 1855, aponta: “Em maior ou menor grau, o conteúdo dos sonhos sempre é determinado pela personalidade individual, pela idade, sexo, classe social, nível de formação, modo de vida habitual e pelos acontecimentos e experiências de toda a vida anterior”. Ele está contando algo bem previsível na verdade, que tudo o que pode ser sonhado provém de alguma forma de experiência.

O próximo passo possível seria de que todo o conteúdo onírico tem frutos em uma reprodução ou lembrança da vida de vigília. Deste modo, a falta de sentido dos sonhos e, portanto, a infinidade de possibilidades que o absurdo oferece são restringidas às informações que o indivíduo coletou no decorrer da vida. De certo modo, Lavoisier tinha razão: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. A psique só pode modelar a massinha que ela possui, já que a formação de novas bases para a criação do conteúdo onírico se apresenta como uma possibilidade absurda.

Empecilhos sensoriais

Os sonhos são interferidos e por alguns pensadores são considerados até o resultado das perturbações no momento de sono. Enquanto dormimos, nossos sentidos continuam de alguma forma ativos - este é, também, o motivo de ser possível acordar uma pessoa dormindo - portanto, seria possível chegar na conclusão dos sonhos apenas como uma interpretação simplória das experiências sensoriais no sono. “Os sonhos vem do estômago”, ilustra esta ideia o dito popular. Porém, sem concluir precipitadamente, vamos analisar quais fontes físicas o sonho pode beber para criar sua sucessão de imagens. Estes são divididos em três espécies: sensorial externa; sensorial interna; e corporal interno.

Os estímulos sensoriais externos são objetivos e podem ser facilmente descritos. Exemplos deles seriam sons de badalada da igreja, toques físicos etc. Caso o sujeito não acorde, ele criará uma imagem onírica correspondente. Vários exemplos desta situação foram citados por Maury (1878) falando dos próprios sonhos. Quando lhe fazem cócegas no lábio, ele sonha com torturas terríveis com uma máscara de piche. Noutro caso, alguém amola uma tesoura e é escutado, nos sonhos, sinos repicando.

A relação dos estímulos sensoriais pode se estender ao infinito. Jessen (1855, p. 527-528) afirma que “Todo ruído percebido de maneira instintiva desperta imagens oníricas correspondentes”. Este argumento se reforça quando percebemos que é possível produzir sonhos

ao introduzir um estímulo correspondente. Esta relação sonho com estímulo foi descrita por Maury (1853, p 72) por uma afinidade qualquer, que não é única nem exclusiva. Desse modo, vemos que os estímulos realmente produzem imagens oníricas, mas, até então, ninguém foi capaz de identificar o padrão desta relação, junto com fato desta relação não explicar todos os sonhos nem todos os momentos possíveis, o problema do entendimento continua.

Existem também as excitações sensoriais internas, que seriam informações que nossa psique recebe dos sentidos, mas não podem ser compreendidas por uma fonte física objetiva. Como exemplos temos as imagens luminosas do campo visual quando escurecido, zumbidos nos ouvidos etc. Estes seriam fenômenos não mensuráveis pela ciência, mas, como todos nós percebemos ao nosso modo, possíveis de cogitar sua existência. Há também as alucinações hipnagógicas e hipnopômicas, que passam por nós antes ou depois de acordar, respectivamente. Elas possuem relações com o estudo da hipnose e existem relatos de construção do conteúdo onírico por base nestas visões.

Os nossos órgãos internos também dão notícia no estado de sono. Apesar de, na vigília, eles estarem pouco perceptíveis, quando adormecemos e os estímulos externos perdem sua grande importância, nosso organismo ganha voz. Podemos pegar o exemplo da empresa de computação Microsoft, que construiu uma sala que absorve de 99 a 100% dos efeitos sonoros. Não é recomendado que alguém fique dentro dela por mais de 40 minutos, pois a falta de ruídos e a altura relativa a qual ouvimos nossos próprios órgãos podem nos enlouquecer. A experiência foi descrita como “agoniante”. Assim, podemos ter uma ideia do poder que os sons de nossos órgãos têm quando não são engolidos por estímulos externos. Além disso, há relatos de pessoas que foram “diagnosticadas” pelo próprio sonho; eles teriam doenças cardíacas ou pulmonares e, pela experiência onírica, puderam perceber sua existência.

Ao perceber todas essas possíveis origens de imagens oníricas, temos que chegar em uma conclusão incômoda: os sonhos precisam de mais alguma fonte para beber. Imaginar que todas as formosas construções oníricas seriam resultado apenas destas relações sensoriais é apequenar o problema. Chegamos, então, na perspectiva do sonho como uma criação psíquica que terá intervenções das relações sensoriais do indivíduo, mas não se esgotará com estas fontes.

Empecilhos psicológicos

Há também filtros psicológicos entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto. Podemos citar entre eles a racionalização e o problema da amnésia dos sonhos. Nossa memória -

processo que permite uma experiência sentida se transformar em objeto da imaginação - não funciona como um HD. Em um computador, é possível imaginar que guardemos informações com total precisão; como um vídeo ou uma foto. O grande problema é que nós, diferente de computadores, funcionamos formando ligações. Assim, somos melhores recordando situações que nos fazem sentido, ou que nos apresentam em momentos de fortes emoções. Uma boa analogia da nossa memória seria um gramado que, ao ser pisado várias vezes, mostra os caminhos por meio das áreas pisoteadas e, com o tempo, tende a crescer a grama de novo. Apenas pisando várias vezes no mesmo caminho, conseguimos criar uma memória sólida e consistente.

O grande problema é que os sonhos, ao contrário de quase todas as situações na vida de vigília, não precisa seguir alguma lógica. Eu mesmo sonho diversas vezes com mudanças de cenário repentinas, ou cenários que são mesclados de lugares do meu dia-a-dia (Ex: escola-casa). Assim, nosso cérebro passa por um processo de racionalização, transformando os sonhos em algo mais palpável para que nosso senso prático ligue com outras experiências vividas. Porém, mesmo passando por essa lapidação, ainda temos problemas para nos lembrarmos dos sonhos quando acordamos. Recordar-se dos próprios sonhos ao acordar é uma tarefa trabalhosa e que nos tira a certeza da coincidência das lembranças com a realidade.

Deste modo, percebemos que todo o conteúdo manifesto que nos é apresentado passa por diversos filtros, que enfraquecem o valor simbólico da interpretação. “Por que eu deveria interpretar algo que é, se não um resultado sensorial aleatório, esquecido e reconstruído para fazer sentido?”. Apesar da existência destes empecilhos, ainda nos cabe seguir no processo de entender as origens e as mensagens dos sonhos - tomando sempre o cuidado de **não os levar tão a sério.**

Introduzir conceitos freudianos: ID, Ego, SuperEgo, inconsciente, consciente

Para seguir na procura dos valores do sonho, teremos que convocar alguns conceitos sobre a mente, com o intuito de entender, sob a ótica freudiana, as origens do conteúdo onírico. No começo de sua obra, Freud propõe um modelo da mente que a dividiria em três partes: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. A mente seria dividida pelo critério do próprio entendimento; aquilo que passa pela nossa cabeça e é percebido por nós seria o consciente. Além dele, temos o conteúdo que não está passando no momento, mas é muito facilmente acessado (ex: nomes, datas, lugares, conhecimentos culturais etc.) que seria o pré-consciente e o inconsciente, que se apresenta como todo o conteúdo que não temos ciência da existência, mas causa efeitos em nós (atos falhos, histerias etc.) - portanto podemos saber da existência.

Ao se deparar com alguns resultados em suas pesquisas, ele foi obrigado a propor uma segunda teoria para explicar a psique. Note que não houve uma substituição, isso porque é perfeitamente possível que as duas estejam certas; assim, temos só uma mudança de perspectiva, não alterando o objeto da descrição teórica. Existiriam, portanto, três entidades psíquicas que atuam em nós e seriam estas a origem de toda nossa vontade psíquica; o ID, o Ego (eu), e o SuperEgo (super-eu; além-eu) que junta e conflituosamente irão reger o comportamento humano. Todas essas entidades teriam sua faceta consciente e sua inconsciente.

Quando nascemos nós somos inteiramente regidos pelo “princípio de prazer”, o ID. Todas as nossas ações têm como força motora a instância do nosso cérebro responsável por aumentar o prazer e diminuir o sofrimento. Seu principal objetivo é satisfazer as próprias pulsões. O ID, por só dar importância para os prazeres, se mostra de maneira imoral, antiética e libidinal (sexual). Imagine, neste momento, como seria a convivência humana, se déssemos total ouvidos ao ID; o conflito físico interpessoal seria iminente.

Mas não vivemos apenas seguindo nossos prazeres. Assim que somos postos no mundo, somos obrigados a perceber o poder destrutivo que a sociedade tem para aqueles que se movimentam pelo prazer. A sociedade irá, inevitavelmente, te impedir. Neste momento se cria um conflito entre nosso ID e uma instância repressora externa. A civilização não permitirá que vivamos apenas pelo nosso princípio de prazer, ela tem regras - condições materiais de satisfação das pulsões. Esta repressão externa é denominada “princípio de realidade”; que gerará um conflito incessante até a nossa morte - porque nós sempre iremos atrás de satisfazer nossas pulsões e a civilização sempre nos atacará.

Com o tempo de conflito, nós internalizamos a repressão social - regida pela cultura - e criamos uma entidade espelho em nossa cabeça: o super-ego. A partir deste momento (em torno dos 7 anos de idade, logo após passar pelo Complexo de Édipo), se tirarmos alguém da civilização, ele ainda terá comportamentos auto repressores da própria vontade. Esse conflito é, portanto, uma questão unicamente humana justamente porque nós seríamos, segundo Rousseau, o único animal com instintos incompletos e que precisa da sociedade para se completar. Agora a terceira entidade mental seria um resultado dessa situação de conflito, o Ego. Este seria um resultado evolutivo para lidar com um conflito de dois gigantes mentais. Ele teria a função de manejar e lidar - talvez de maneira racional - com a situação. Boa parte do nosso período consciente é liderado pelo Ego, que passa a sensação de autocontrole e livre arbítrio, apesar de ter a função de lidar com os seus senhores e não ter uma voz ativa na discussão psíquica de como viver.

Assim, o homem seria um conflito psíquico inerente que escapa ao seu controle, mas - por auto preservação da sanidade - tem a impressão de “ser senhor na própria casa”.

Escapismo

Esta expressão: “senhor na própria casa” é empregada por Freud para mostrar que a maior parte do que pensamos não passa pelo nosso consciente. Nosso inconsciente se apresenta de forma bem utilitarista, uma vez que possui diversos mecanismos psíquicos com a finalidade de autopreservação, amenizando o sofrimento e maximizando o prazer. De modo geral, nós tendemos a um escapismo constante para lidar com pensamentos que nos são difíceis de digerir. Os traumas, por exemplo, geralmente são apagados de nossas memórias e qualquer tentativa de lembrança (por meio da hipnose, podemos citar) nos causa problemas, a exemplo as ab-reações. No nosso dia-a-dia estamos constantemente recalçando ideias que nos são insuportáveis. A habilidade de recalcar, para o traumatizado, se assemelha à habilidade de imaginar, para o estudante. Este, que estaria passando por momentos sofríveis, escapa da aula imaginando, enquanto aquele, para não repetir a experiência traumática pela memória, recalca ela no inconsciente. É claro que essa amnésia programada se dá sem que o sujeito se dê conta de sua existência, e muito menos seja autor ativo e consciente do recalçamento: é um mecanismo inconsciente.

Relação dos sonhos com o Inconsciente

Após atribuir a um conteúdo inconsciente a origem da histeria, Freud percebeu que há outras formas de manifestação do mesmo, que dão origem a outros comportamentos e experiências. Estes são os atos falhos, o chiste, a livre associação e os **sonhos**. Com exceção dos sonhos, temos uma melhor exploração destes conceitos no livro de Freud sucessor da interpretação dos sonhos, a *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901). Em breve resumo, temos os atos falhos como erros de linguagem, tanto escrita, quanto falada, quanto corporal que possuem um significado inconsciente que não pode, por meio de recalque, passar para o consciente. Deste modo, algumas vontades inconscientes que foram reprimidas vem à tona - por meio de uma decodificação simbólica pessoal - e tomam parte na nossa vida. Já o chiste é o momento da piada. O momento no qual o inconsciente toma voz por estar protegido por um manto social. Assim, temos a concepção da chacota como uma possibilidade de revelação do inconsciente - pois não será atacado pelo Super-Ego nem outras instâncias repressoras.

Tanto a livre associação quanto os sonhos têm um caráter mais lúdico, de difícil interpretação, já que esta é realizada com os diversos empecilhos e ambas são muito regidas pelo significado pessoal que é dado a certo objeto. O método da livre associação, usado por “médicos da alma” já pelos gregos, se trata de possibilitar ao sujeito que fale sem qualquer

preocupação com encadeamento ou explicação racional, pois desse modo a faculdade crítica e a repressão dos desejos internos diminuirá, possibilitando que informações inconscientes sejam reveladas.

Essa relação do inconsciente com os sonhos se deve por uma série de fatores: os sonhos possuem um acesso a nossa memória que transcende a vida de vigília. Diversos são os exemplos que Freud oferece para mostrar isso. Todos eles se baseiam em uma situação no qual o paciente sonha com uma informação que lhe é estranha; mas, após uma pesquisa, descobre que ele já tinha tido acesso àquela informação, e só tinha esquecido. Deste modo, o paciente percebe que seus sonhos teriam acesso a memórias que ele mesmo não reconhecia.

Além disso, os sonhos fazem “uso irrestrito de símbolos linguísticos, cujos significados são, na maioria, desconhecidos pela pessoa que sonha” (Os pensadores, Freud pg 214), mas seriam conhecidos pelo inconsciente da pessoa, uma vez que este estabelece relação de significado de modo (e seguindo padrões) diferente da vida de vigília. Os sonhos também tem acesso a diversas lembranças ou símbolos característicos da infância, do período pré-fala, expondo, de maneira certa, a característica inconsciente dos sonhos.

SONHOS COMO RESULTADO DO ID

O trabalho que nosso inconsciente faz com os sonhos e a interpretação psicanalítica seriam processos inversos. Nossos desejos mais perversos do ID, aqueles que nem a sociedade nem nós mesmos aceitaríamos que fosse concretizado ou até mesmo pensado, vão ser os fundadores do conteúdo onírico latente. Um pedófilo pode ter como conteúdo latente, seu desejo por crianças. Esse desejo é completamente censurado por mecanismos como o recalque. Nessa hora, nosso inconsciente realiza um processo de decodificação desse conteúdo. Ele esconde com os vários símbolos internos - estudo esse muito bem detalhado por quem pretende analisar os sonhos - criando um conteúdo capaz de passar pelo nosso consciente sem ser recalado (o manifesto).

O trabalho do interpretador dos sonhos é oposto pois se desafia em decodificar o conteúdo manifesto na tentativa de entender nossos desejos mais íntimos que não poderiam passar pelo consciente na vida de vigília. Assim, os sonhos teriam sua origem nas profundezas dos desejos bestiais e um verniz quando passado por diversos mecanismos inconscientes, para que o conteúdo não apareça de maneira tão bestial ao consciente do indivíduo, possibilitando um contato mais ameno com a fera.

Há também, outra visão para os sonhos.

SONHOS COMO RESULTADO DO EGO

Resgatando aquela divisão dos tipos de sonhos entendida na Antiguidade (sonhos úteis como mensagens espirituais e sonhos nebulosos); há, na interpretação atual dos sonhos, uma separação entre as origens de fragmentos do conteúdo onírico. Existiriam os fragmentos de sonho que tem sua origem no nosso ID e geram experiências de realização de desejos. Mas também existiriam os conteúdos que provém do Ego e, portanto, possuem uma função curativa e organizatória das ideias da vigília: o resto de dia.

A concepção do resto de dia é mais aceita pela biologia, pois encaixa melhor com a teoria de evolução das espécies. Ela evidencia a função curativa psíquica de sonharmos. Para isso, diversos estudos neurológicos foram feitos enquanto as pessoas dormiam, e se chegou na conclusão de que, ao privar alguém do sono REM (momento de maior atividade sonhadora) e proporcionar 8 horas de sono não-REM (acordando quando ocorrer o REM), podemos observar sintomas de problemas de saúde e uma tentativa do corpo em compensar essa falta. Além disso, temos fortes indícios que diversos animais que possuem horas de sono também sonham: deste modo podemos imaginar a existência de alguma vantagem biológica para os seres sonhadores, caso contrário já teríamos abandonado esse esforço criativo e calórico.

Robert, em 1886, apresenta os sonhos como “uma excreção de pensamentos mortos na casca. [...] Um homem sem capacidade de sonhar sofreria de perturbações mentais, pois em seu cérebro se acumularia uma massa de impressões superficiais e de pensamentos incompletos. [...] O sonho presta ao cérebro sobrecarregado o serviço de válvula de segurança.” Deste modo, o real valor dos sonhos seria de podar e organizar as ideias nas gavetas.

Essa concepção, apesar de ser agradável aos ouvidos dos cientistas por ser uma das únicas possíveis de ser comprovada pelo seus métodos, não explica os sonhos completamente. Assim, é possível imaginar a existência de duas origens do conteúdo onírico que geram sonhos mesclados entre resto de dia e realização de desejos.

PERSPECTIVISMO E VALORIZAÇÃO

Pessimismo freudiano

Depois de teorizar, teorizar e teorizar nos resta a pergunta. Tudo bem, sabemos de onde os sonhos vêm e o que eles podem representar, mas qual o valor de interpretá-los para nossa vida prática?

Para um bom empreendedor, focado em resultados e métodos a interpretação dos sonhos seria valiosa se pudesse, de maneira rápida, curar sintomas e histerias, possibilitando trabalhadores mais eficientes para rodar o sistema econômico em crise.

Em primeira instância, devemos tirar a expressão “de maneira rápida” do meio do caminho. A única terapia rápida que existe é a autoajuda - que só ajuda mesmo o charlatão que pegou o dinheiro do paciente. Agora será que interpretar os sonhos pode curar psicoses?

Freud acaba sua teoria de maneira bem pessimista nessa questão: a perspectiva da inexistência da cura para os homens. Ele chega nessa conclusão ao entender os sintomas como resultados da situação de guerra entre o ID e o Super Ego; vários sintomas seriam resultado de uma significação indevida do inconsciente para com alguma parte do nosso corpo, gerando as paralisias; e outros seriam resultado de uma repressão muito forte tanto do nosso ID (exemplo: ninfomaníacas) ou do nosso Super Ego (exemplo: esquizofrenia muito bem retratada no filme Cisne Negro, de Darren Aronofsky). Assim, os sintomas seriam resultado de um desequilíbrio indevido do inconsciente, resultado do conflito ID-Super Ego. Enquanto a sociedade existir, e, portanto, existir conflito entre nossos desejos mais íntimos e a atividade repressora externa, haverá sintomas.

Cabe-nos perguntar, então, ao pai da psicanálise: qual o motivo de fazermos análises e terapias se sempre haverá sintomas já que é uma situação inerente ao homem em civilização? Temos que admitir que todo esse esforço é realmente inútil e interminável? Bem, interminável sim, inútil não. Interminável na medida que nós estamos sempre em mudança, tanto quanto o meio em nossa volta, e assim sempre teremos que nos avaliar para entender os nossos desejos, que de hora para outra podem se apresentar de maneira diferente e os mecanismos de repressão também. O nosso caráter líquido faz da análise algo interminável. Agora, qual seria a utilidade da análise, se sempre haverá sintomas? Para responder essa pergunta, devemos considerar que existem sintomas mais ou menos aceitos socialmente, mais ou menos prejudiciais à vida de vigília. Um pedófilo é menos aceito que um depressivo, que é mais prejudicial que um fumante. Existem, também, sintomas que poderiam resultar em um processo de sublimação. Ao se entender como um pedófilo, e ter a sensação de entendimento das origens, um paciente pode transformar, por meio da sublimação, essa pulsão tão herética em potência para a criação. Talvez virar professor de alunos, ou tocar algum instrumento. Deste modo, um autocohecimento conseguiria proporcionar um **afunilamento** de pulsões “negativos” (patológicos) em positivos (construtivos).

Assim, a psicanálise, tanto para o empreendedor irritante quanto para qualquer um que passe por problemas poderia ser útil na medida que proporciona a chance de um deslocamento maior dos riachos das pulsões, impedindo a existência de represas - no caso de uma

repressão impeditiva. Note que a palavra utilizada foi “deslocamento”, e não extermínio ou controle, uma vez que a perspectiva é das pulsões como algo inerente, assim como o conflito com a sociedade.

Os sonhos entrariam nessa gigantesca teoria psicanalítica como um dos diversos meios que possibilitam melhor entendimento das próprias pulsões. Como a experiência onírica pode se apresentar como uma realização de desejos proveniente do ID reprimido e recalçado, uma análise bem feita poderia gerar o resultado do analisado sublimar ou deslocar esses desejos - que até então eram desconhecidos e só se apresentavam em forma de sintomas - em algo construtivo e socialmente aceitável.

Übermensch

Existe também outra perspectiva, talvez um pouco mais metafísica, de como os sonhos podem nos ser valiosos. A perspectiva do super-homem, de Nietzsche. O além-do-homem. O Übermensch. No seu livro “Assim Falou Zaratustra”, Friedrich Nietzsche, filósofo alemão anterior a Freud, tenta definir o que seria o próximo estágio humano. Talvez uma evolução. Em suas palavras: “o homem é a corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre o abismo [...]”. O Super-homem seria um estágio de cognição tal que não necessitaríamos mais das muletas metafísicas que a humanidade sempre se apoiou. Não precisaríamos mais das definições de certo e de errado, de justo e injusto, de bom e mal, de pecado etc. Estas seriam criações humanas para definir um mundo que só existe.

Você, leitor, que pode estar estranhando todas estas ideias, não se precipite em enquadrá-las e aprisioná-las nos seus estereótipos logo cedo; o meu trabalho aqui está sendo comparado a de um astrólogo descrevendo um planeta: a imensidão do pensamento nietzschiano e a experiência que a sua leitura oferece não pode ser traduzida em poucos parágrafos introdutórios. Tanto que o foco desta conjuração é mostrar a relação do Super-homem com a pessoa que, por meio dos sonhos, realizou uma auto-análise bem feita.

Então, seguiremos.

O Super-homem abraçaria o Amor Fati como melhor forma de experimentar um mundo hostil. Amar um objeto é fácil - quando o objeto só nos causa prazeres e alegrias; basta idealizarmos ele e, mais para frente, nos frustramos com o resultado. Um namoro de lindíssimos 10 meses que termina em uma traição por qualquer parte. Agora amar o destino, o real, o aparente, a experiência, a traição, a vida que nos é apresentada, ahh, este é mais complicado. Por que o Amor Fati pressupõe o amor do sofrimento. Se a vida tem sofrimento, e amamos a vida, por relação ABC, temos que amar também

o sofrimento. E quantas são as dificuldades de amar a vida! A reconciliação com o real é muito difícil, quando o real nos atormenta. Mas o que mais poderíamos amar, se não o real? A proposta nietzschiana seria de total reconciliação com o real, pois é tudo que nos é apresentado na vida. Ela nos exige a coragem de se reconciliar com todas as experiências da vida. O Super-homem seria aquele que, desprovido de qualquer muleta e idealidade, ama a vida. A imagem é a do bêbado equilibrista na avenida. Do dançarino caindo no precipício. Ambos poderiam tentar se apoiar, se prender - idealizar - mas chegariam no mesmo fim cruel. Por que não abrir mão da segurança em troca de uma vida Ativa e Potente?

O personagem sonhador. Aquele que há pouco entendeu seus desejos e pode transformá-los em algo mais. Que passou por um insight. Este mesmo que, por interpretar os próprios sonhos pode descobrir as inclinações mais perversas e blasfêmicas; possui uma escolha. A situação de lucidez que ele se encontra se aproxima fortemente do Übermensch.

A perspectiva valorativa dos sonhos, nesta visão, seria de libertação; pois possibilita ao sonhador interpretativo a experiência de liberdade de ação por excluir a variável 'recalque inconsciente' da equação e tornar as próprias escolhas mais conscientes. Neste momento ele seria próximo a alguém que se libertou completamente da situação de falta de noção - da falta de clareiras - para tomar as decisões da própria vida. Com as informações do conteúdo latente ele tem a possibilidade, de modo consciente, de viver a vida como lhe aprouver. Seguindo ou não os desejos, mas sem a máscara que o inconsciente oferecia para ele. É por isso que Nietzsche, em sua obra, comenta sobre a importância da coragem. A coragem de tomar as rédeas da própria vida e viver sem as muletas, entendendo que o mundo, caótico e desordenado (e nisso inclui toda a psique humana, e os próprios desejos), são do único jeito que poderiam ser; e a real escolha que temos é a de seguir nossos desejos ou deixá-los escapar e trombar com uma sociedade repressora que tentará com todas as forças impedir o nosso gozo.

III - Considerações finais

Perspectivismo

A discussão da valorização tende ao infinito, e como estamos chegando ao fim do ensaio, seria bom delimitar o entendimento do que seria atribuir valor a algo. Um planeta nunca antes visto pelo homem não pode ser grande ou pequeno, maciço ou oco, duradouro ou de existência rápida. Isso porque um planeta nunca antes visto só existe. É o homem - e sua natureza arrogante - que precisa distinguir, classificar e adjetivar as coisas da vida.

Tomando a premissa de que toda percepção da realidade acontece a partir de uma perspectiva - no caso a perspectiva humana - seria absurdo imaginar que algo tenha algum valor em si, antes da experiência de ser observado.

Os sonhos, portanto, assim como tudo no mundo, não possuem um valor inerente e que deve ser analisado de forma transcendente, mas sim um valor na medida que alguém os observa e analisa.

Deste modo, podemos imaginar que o valor dado à interpretação dos sonhos depende, exclusivamente de quem está disposto a interpretá-lo no instante de vida. Se teremos insights, expirações ou iluminações divinas, depende do que a pessoa, enxergando os próprios sonhos, deseja ver. Este é o caráter artístico e lúdico dos sonhos. Talvez, após todas essas elucubrações, devemos dar razão a quem respondeu que os sonhos “me proporcionam momentos bons”.

<https://mundoestranho.abril.com.br/saude/por-que-as-vezes-nos-lembramos-de-nossos-sonhos-e-outras-vezes-nao/#>

<http://psicoativo.com/2016/05/resumo-id-ego-e-superego.html>

<http://psicoativo.com/2015/12/o-que-e-conteudo-latente-do-sonho-freud.html>

<http://www.old.knoow.net/religoes/catolica/sonhos.htm>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sonho>

<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/os-sonhos-como-manifestacao-de-desejos-inconscientes>

Arte de capa - Christine Wu

Psicopatologia da vida cotidiana - Freud

Os pensadores freud - Freud

A interpretação dos sonhos Volume 1 e 2 - Freud

Mal estar na civilização - Freud

Além do bem e do mal - Nietzsche

Luz, câmera, física

A proposta é analisar a relação entre física e cinema a partir de filmes de ficção científica.

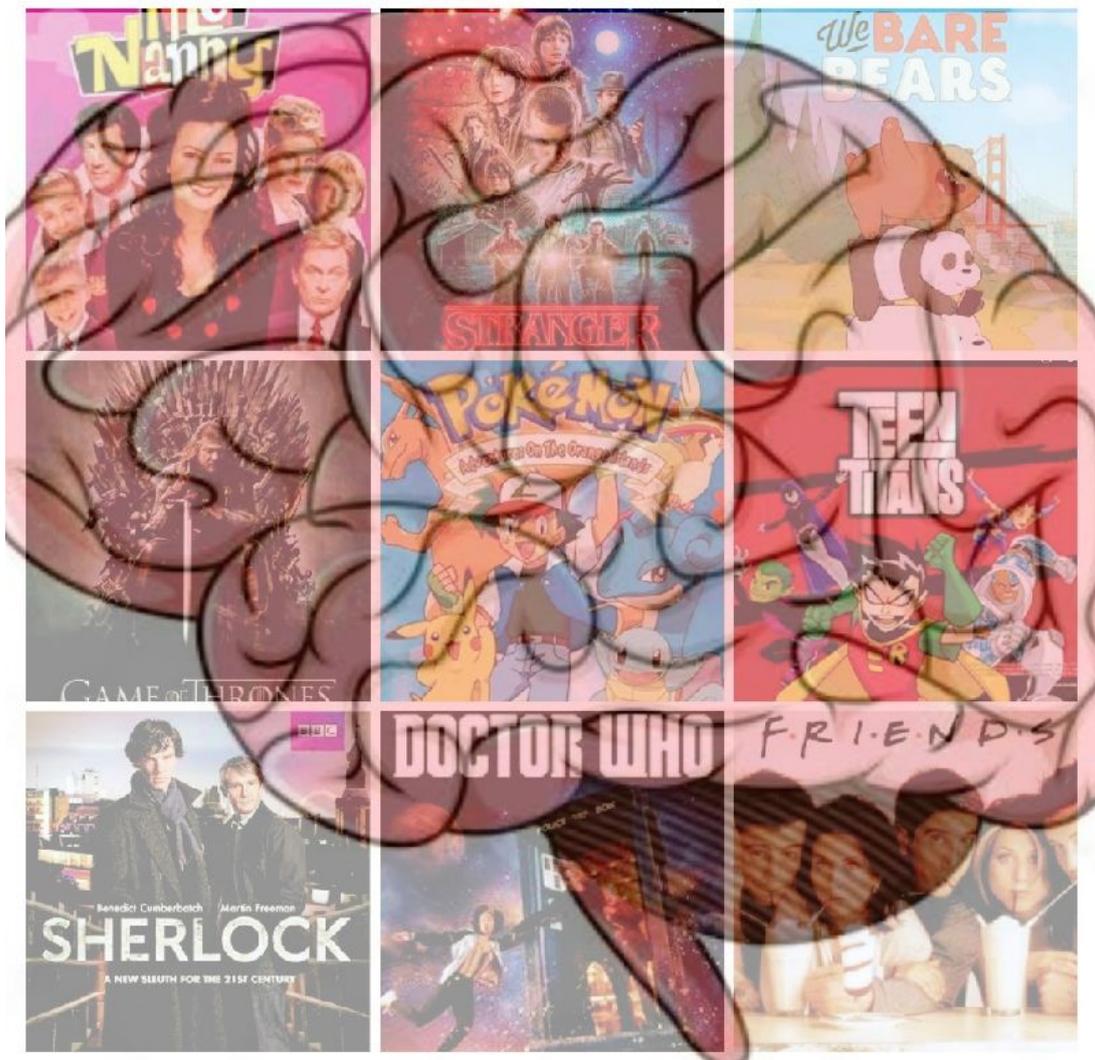
O cinema conta histórias a partir da projeção de imagens que nos dão a sensação de movimento. Uma boa compreensão das técnicas envolvidas na produção de um filme, como a escolha das lentes, da iluminação e do som, pode contribuir para a narrativa. Para isso, estudamos aspectos da física presentes especialmente na óptica e na ondulatória.

A ficção científica mira o futuro, e ao fazer isso traça um retrato do momento presente. Muitas vezes, os filmes retratam os efeitos de quando a ciência ou a tecnologia cai nas mãos das pessoas mal intencionadas, ou trazem a ideia de uma ciência que poderia ser neutra se permanecesse nas “mãos certas”. Analisar tais situações permite avaliar as implicações sociais e filosóficas das descobertas científicas e do desenvolvimento tecnológico.

Outro aspecto tratado na disciplina é como a física aparece nos filmes como tema ou como recurso para produzir imagens emocionantes – grandes perseguições e explosões, por exemplo.

Percepções sobre gêneros cinematográficos: músicas-tema e aberturas de seriados

Carol Naspitz



1) INTRODUÇÃO: OBJETIVO E METODOLOGIAS

1.1- Objetivo

O objetivo deste trabalho é analisar e entender como as músicas tema de seriados e filmes se relacionam com o gênero/tema e conteúdo do programa ou filme. Ou seja, entender como associamos elementos de músicas às nossas experiências.

1.2- Metodologias

Uma longa pesquisa foi feita sobre o som e a forma como reconhecemos músicas no cérebro. A pesquisa foi feita online em sites escolares e artigos acadêmicos de universidade lidos em pdf.

Um experimento para observar e registrar reações de cinco pessoas a 12 músicas de abertura de seriados entre elas algumas músicas-tema de filmes. Foram selecionados seriados e filmes que formam duplas ou trios de gênero cinematográfico muito parecido, por exemplo três desenhos animados do mesmo canal infantil. Desse modo, será possível estabelecer similaridades entre elas e comparações para com os demais a partir do conteúdo dos programas, suas músicas tema e a reação dos entrevistados à ela.

Para esse experimento foi criada uma lista de reprodução no Spotify (um serviço de música comercial em streaming) com as músicas tema dos seriados selecionados e uma tabela no Google Docs que indica os títulos dos filmes e seriados, suas capas e seus respectivos gêneros, seguidos das respostas dos entrevistados.

Entrevistados escutaram em ordem aleatória músicas tema de seriados e filmes da lista, sem saber quais eles eram e sem nunca ter assistido. Após escutar cada música, supuseram a qual/quais gênero(s) pertenciam os seriados ou filmes, entre: ação, aventura, comédia, drama, épico, fantasia, ficção científica, suspense ou policial.

2) Introdução teórica

2.1- Recepção de sons: ondas mecânicas e o ouvido humano

Com foco na Física, o dicionário Michaelis define “som” como o fenômeno acústico que consiste na vibração que se propaga num meio elástico, capaz de ser percebida pelo sentido da audição, ou a sensação auditiva provocada por esse fenômeno.

O som é uma onda mecânica, que precisa de um meio para se propagar. Ondas mecânicas são geradas a partir de vibrações, podendo se deslocar em todas as direções ou parale-

lamente à sua fonte. A vibração de determinados materiais, como um diapasão, gera a compressão e rarefação das moléculas de ar próximas ao material, formando uma fila de partículas ora em grande concentração, ora em pequena concentração.



Imagem 1: Esquema de uma onda sonora, com uma fonte sonora à esquerda apontada para a direita, onde se encontram regiões de compressão e rarefação das moléculas de ar, como consequência da vibração da fonte.

Ondas sonoras se distinguem em características como frequência, comprimento, e amplitude. Do ponto de vista da ondulatória, o som é composto por diversas ondas, que são padrões de repetição representantes de energia. Esses padrões têm ciclos de repetição que tem duração, e ocorrência periódica. Período (representado pela letra T) é o nome dado ao tempo que dura uma repetição do padrão. A quantidade de vezes que o padrão se repete, por tempo, é o que chamamos de frequência (f). O comprimento (representado pela letra grega “lâmbda”; λ) e a amplitude (A) são, respectivamente, os comprimentos vertical e horizontal de uma onda (indicados na imagem 2).

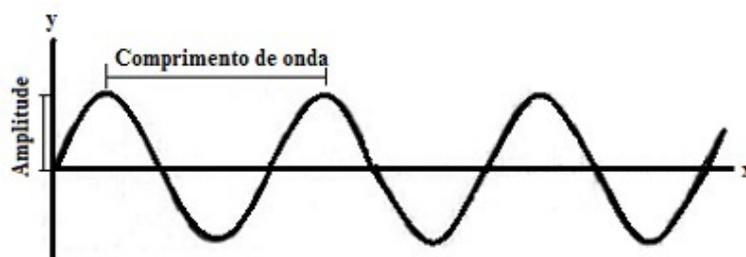


Imagem 2: Representação gráfica de uma onda

Em relação à velocidade, a propagação da onda sonora ocorre em diferentes velocidades dependendo da densidade, pressão e temperatura do meio em que está. A velocidade de propagação de uma onda pode ser calculada por: $v = \lambda \cdot f$. Tendo em vista a densidade como fator principal, quanto mais denso é o meio, maior é a dificuldade de agitar de suas partículas, o que dificulta a propagação, logo, a velocidade do som no meio será menor. Considere que todos estejam no nível do mar e a 15°C. No ar, um meio com densidade de 0,001225 g/cm³ aproximadamente, ou seja, pouco denso, as ondas sonoras se propagam a 3.430m/s. Já em um meio mais denso como a borracha, a densidade é de aproximadamente 1,10 g/cm³,

a velocidade de propagação do som é 54 m/s. Um intermediário pode ser a água, onde as ondas sonoras se deslocam a 1480 m/s, com densidade 1 g/cm³. O som também dispõe de propriedades fisiológicas, que tem relação com a nossa capacidade de recebê-los e interpretá-los. O ouvido do ser humano é capaz de perceber sons que estão entre as frequências 20Hz e 20.000Hz. Os sons que ficam fora desse intervalo, abaixo do mínimo, são denominados de infrassons e os que têm frequência acima do máximo audível são denominados de ultrassons. Essa faixa de frequências audíveis varia entre as espécies. Cães, por exemplo, podem perceber sons com frequência de no mínimo 15Hz e no máximo 50.000Hz.

Sons também podem ser medidos em altura sonora e intensidade. Intensidade é a medida da energia de vibração da fonte que emite as ondas. provocada pela pressão que a onda exerce sobre o ouvido ou sobre algum instrumento medidor da intensidade sonora; quanto maior a pressão maior será a intensidade medida por esse aparelho. A altura é uma característica do som que nos permite classificá-lo em grave ou agudo, e depende da frequência da onda sonora. Um som com baixa frequência é dito som grave e o som com altas frequências é dito som agudo. Já o aspecto dos sons que realmente nos permite diferenciá-los é o timbre. Ondas sonoras como a indicada na imagem 2 são senoidais, isto é, ondas puras e isoladas com formato de parábola. Na maioria das vezes não escutamos apenas uma onda, ou apenas um harmônico, e sim várias ondas senoidais sobrepostas, como harmônicos misturados. A sobreposição de ondas puras gera uma unificada onda complexa, com formato resultante da soma de todas as ondas senoidais, como indicado na imagem 3.

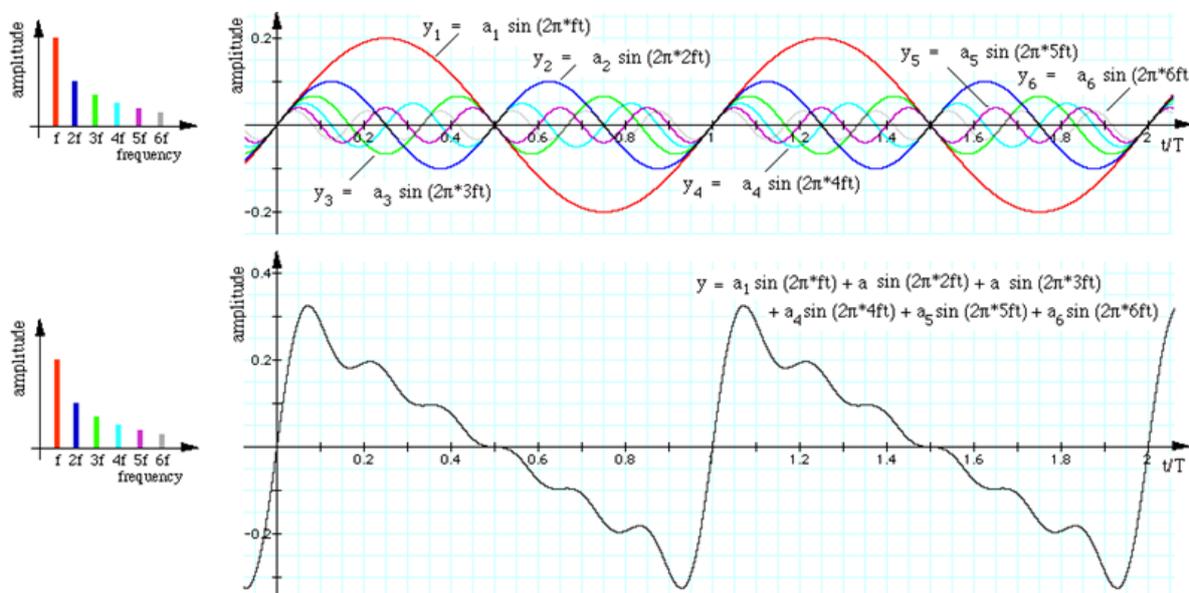


Imagem 3: Ondas puras x Ondas complexas

Para a recepção e interpretação dos sons, é necessária uma série de processos em variadas estruturas auditivas indicadas na imagem 4. Chegando à orelha, as ondas sonoras entram no canal auditivo, onde há uma fina membrana, o Tímpano. Esse é muito sensível, de

modo que vibra ao entrar em contato com pequenas variações de pressão. As vibrações continuam a ser transmitidas até um conjunto de três ossos pequenos, chamados Martelo, Bigorna e Estribo. As vibrações quando atravessam primeiro pelo martelo, que ao entrar em vibração aciona a bigorna e este finalmente faz o estribo vibrar, processo que amplia as vibrações. Em seguida, as ondas sonoras alcançam o ouvido interno, que tem formato de caracol, chamado Cóclea. Dentro dele existem pelos e um líquido que facilita a propagação do som. Posteriormente à passagem por essa estrutura, as ondas sonoras estimulam células nervosas que enviam, por meio de um nervo auditivo, sinais ao cérebro, onde esses sinais sofrem modificações fazendo com que a pessoa perceba o som.

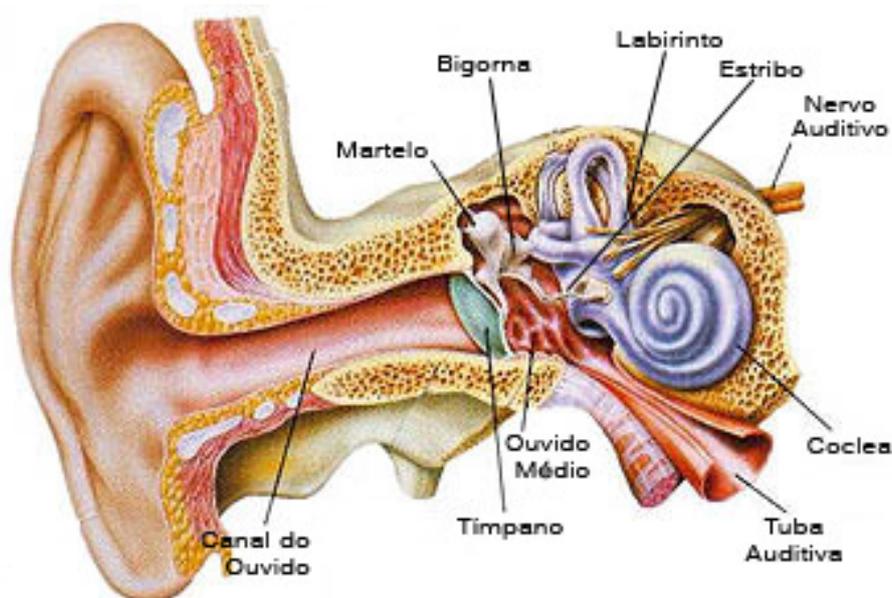


Imagem 4: Estrutura interna do ouvido humano

2.2- Processamento do som no cérebro

A respeito de música, as interpretações de sons não apenas se baseiam na decodificação de variações de concentração das partículas de ar, mas também como a partir de determinados contextos e associações feitas pelas pessoas, fundamentadas sobre suas experiências o conjunto é capaz de transmitir emoções e ideias que identificamos. O nosso cérebro, através do ouvido interno, processa e agrupa todas as atividades ocorridas nesse curto período de tempo em um único evento, e assim o categoriza como “som” ou evento sonoro. A música é composta por três elementos básicos: Harmonia, Melodia e Ritmo. Harmonia é o conjunto agradável de notas musicais (acordes, como os do violão), melodia são notas tocadas separadamente (por exemplo o piano, saxofone ou a voz do vocalista) e ritmo é a noção métrica-temporal da música, a batida (tocada por tambores ou pela bateria).

O processamento musical envolve 3 etapas: percepção musical, reconhecimento e emoção. O córtex auditivo primário e o giro temporal superior (indicados na imagem 5) são áreas responsáveis pela percepção musical.

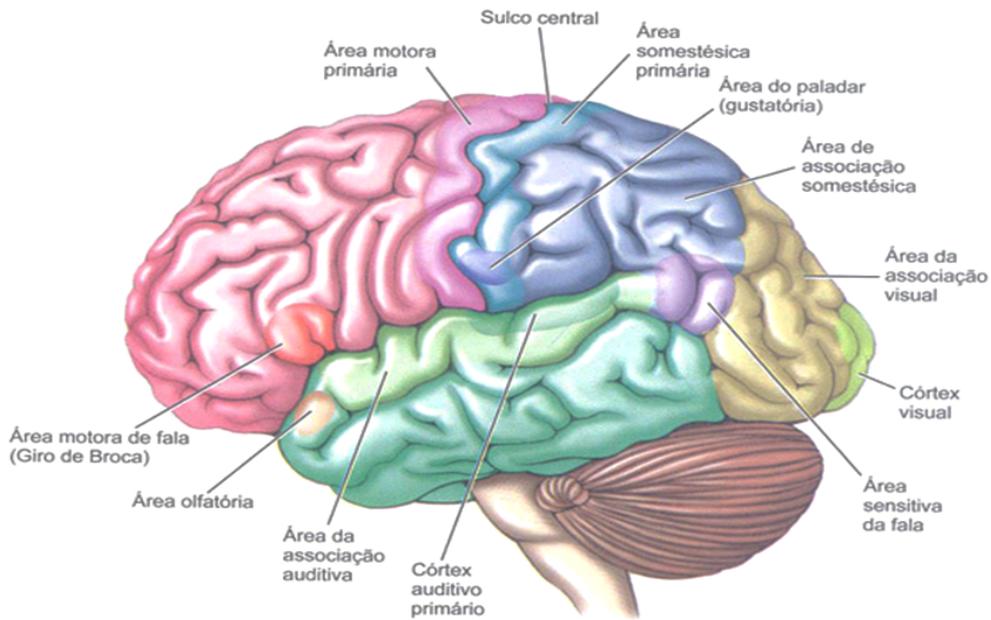


Imagem 5: Divisão do encéfalo de acordo com seus córtex funcionais. (As áreas centrais verdes claro e escuro e roxo são onde processa-se os sons.)

No córtex auditivo primário é onde tem-se a sensibilidade da percepção do tom. A associação auditiva é sensível a processamentos mais complexos como a melodia, mas não como a Harmonia. O ritmo é processado no cerebelo, nos gânglios basais e nos lobos temporais superiores (indicados respectivamente nas imagens 7 e 6).

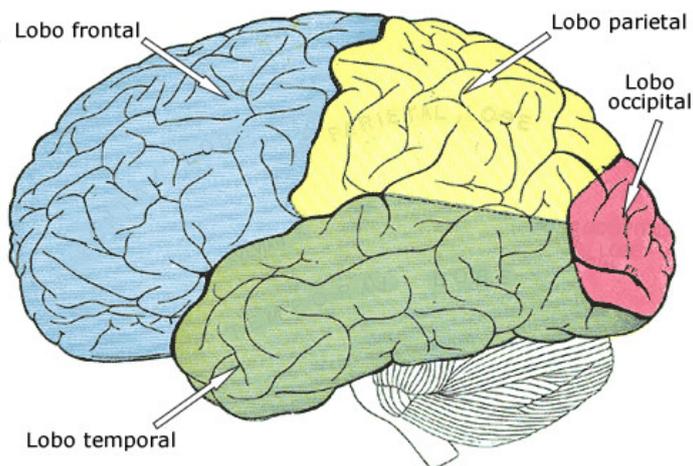


Imagem 6: Divisão do cérebro humano em lobos.

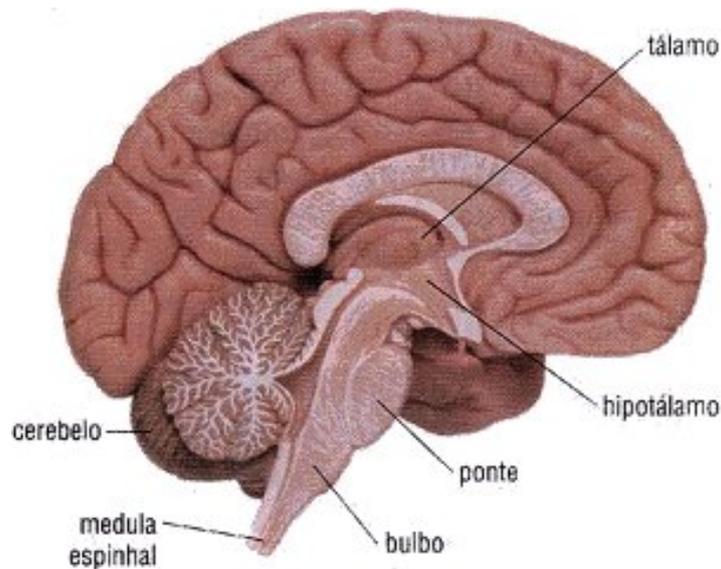


Imagem 7: Divisões do encéfalo

O reconhecimento da música e a emoção envolve o orbito-frontal e o sistema límbico, que estão relacionados à memória musical e com as emoções ligadas à música. As duas áreas responsáveis por analisar os sons complexos, discriminar as frequências e a intensidade sonora, além de localizar a origem da onda sonora pelo córtex auditivo primário e o córtex auditivo secundário. Ambas se localizam no lobo temporal. O córtex auditivo primário recebe os transmissores do tálamo (indicado na imagem 7), uma estrutura localizada na região central do cérebro coberta pelos dois hemisférios cerebrais, com função de transmissão de sinais motores/sensitivos ao córtex. A parte medial do tálamo (indicado na imagem 8) é responsável pela transmissão dos sinais sensitivos e é composta por uma faixa de fibras que liga por meio de redes o tálamo ao córtex de associação auditiva, no caso dos impulsos gerados por sons, e outros córtices multisensoriais, dependendo do estímulo recebido.

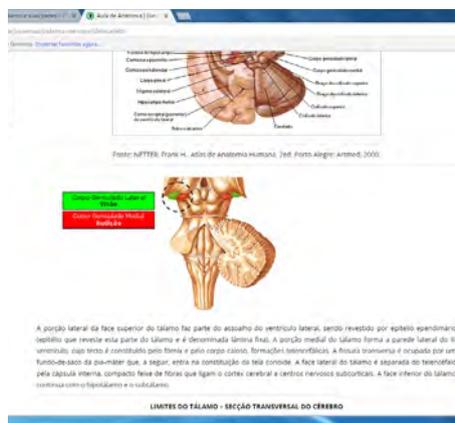


Imagem 8: Subdivisões do tálamo (parte lateral -verde- transmite a visão e parte medial -vermelho- transmite a audição)

2.3- Sensação e percepção: sistema sensorial e memória

Quando nos referimos à percepção musical, a sensação trazida pelo som já é identificada pelo indivíduo como música, ou seja, já passou pelos processos de categorização que fazemos inconscientemente. A percepção é consequência da sensação; quando nosso corpo está usando a audição para receber um estímulo sonoro é que de fato sentimos, e quando realmente o percebemos estamos atribuindo significado ao som, relacionando-o com nossas experiências e o contextualizando.

A memória é dividida em duas categorias para facilitar o entendimento do processo de compreensão e memorização de músicas; a memória a curto prazo e a memória a longo prazo. A memória a curto prazo tem função de distinguir as alturas (graves e agudos) na música. Já a memória de longo prazo, serve para identificá-las. Um exemplo de como as duas funções trabalham juntas é o reconhecimento de desafinações na execução de determinada nota de uma música conhecida, a que nosso processamento cognitivo reage aproximando a nota equivocada à nota mais freqüente e habitual.

Reconhecemos os eventos musicais por correspondência e similaridade, facilitando o processo de agrupação de sons conhecidos e categorização dos mesmos. Isso torna possível a atribuição de significado às experiências musicais, que utilizamos para estruturar nosso entendimento musical.

Um dos elementos mais importantes na percepção e reconhecimento de uma obra musical é o movimento da música, chamado de melodia. Quanto maior o número de harmônicos compõem a melodia, mais difícil será para memorizá-la e assimilá-la. Logo, a apreensão cognitiva, (reconhecimento e identificação) é facilitada quando a quantidade de notas musicais é menor. Isso torna maiores as chances de memorização e entendimento do sentido musical do som ou música. O cérebro memoriza mais facilmente um contorno melódico (gerado através das propriedades de intervalos e direções entre os eventos de altura) e suas características do que cada nota e seus intervalos isoladamente. A acumulação das propriedades de intervalos e alturas relacionados a um significado é responsável pelo perfil do contorno/ movimento melódico, em que podemos perceber características específicas que irão ser absorvidas pela nossa memória.

Resumindo, a percepção de melodias através das alturas presentes em uma música é feita pelo pensamento sistemático, atuando diretamente na nossa memória, responsável pela memorização e assimilação dessas alturas a determinados significados.

Quando reconhecemos esses padrões de movimentação melódica, o cérebro os agrupa e categoriza. Uma vez agrupados, estes conjuntos de notas musicais e intervalos irão se

apresentar como grupos possuidores de caráter e sentido. Esses são capazes de gerar caminhos para próximas percepções e assimilação de entendimento.

3) INTRODUÇÃO TEMÁTICA:

3.1- Trilhas sonoras em filmes

Segundo Ney Carrasco, professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp, toda a informação transmitida em um audiovisual (dramaturgia, narrativa, imagem e som) é compreendida e absorvida pelo espectador em conjunto. Com enfoque na música, é possível afirmar que a mesma se liga a personagens, situações, conflitos, locais, épocas, ajudando a identificá-los e contribuindo para a definição de seu caráter e intenção. A trilha sonora pode ter objetivos diferentes em cada cena, como por exemplo intensificar as sensações expressas na imagem ou criar uma antítese causando um efeito que faça parte da história. De acordo com o professor, um filme não é o mesmo filme quando trocamos sua música.

3.2- Aberturas de seriados ou telenovelas

A vinheta de um audiovisual pode retratar quatro aspectos de seu conteúdo: as personagens principais da trama; o local físico onde se passa a telenovela; a época em que se passa história ou destacar algum aspecto importante do seriado. Temos dois tipos de músicas presentes nas vinhetas: canções e música instrumental. A música pode complementar a mensagem da vinheta, reforçando a compreensão das imagens ou pode ser a única responsável por revelar o contexto e o foco dramático.

4) EXPERIMENTAÇÃO:

4.1- Execução do experimento

Foi feito um experimento que consistiu de um simples teste que, como explicado na primeira introdução, item 1.2, envolveu cinco pessoas submetidas a escutar as músicas de abertura dos seriados “*Game of Thrones*”, “*Jovens Titãs*”, “*Ursos sem Curso*”, “*Pokémon*”, “*Friends*”, “*The Nanny*”, “*Doctor Who*”, “*Stranger Things*”, e “*Sherlock*”, e músicas tema dos filmes “*Star Wars*”, “*De Volta para o Futuro*” e “*James Bond*”. Durante a escuta, as pessoas deveriam estimar a que gênero cinematográfico o seriado ou filme correspondente à música-tema pertenciam.

4.2- Resultados

A tabela a seguir mostra os seriados selecionados e seus respectivos gêneros, seguidos das estimativas dos entrevistados 1, 2, 3, 4, e 5. As barras indicam a ausência de resposta, seja porque a pessoa conhecedora do seriado reconheceu a música, e por isso, sua resposta não seria válida, ou porque não soube responder.

Respostas dos entrevistados							
Programa/Filme		Gênero	1	2	3	4	5
Game of Thrones		ação; aventura; drama; épico	ação	ação	aventura	épico	ação
Jovens Titãs		animação infantil; ação; aventura; super heróis	infantil; aventura	suspense	desenho animado	desenho animado	desenho animado
Ursos sem Curso		animação infantil; comédia	romance; drama	comédia romântica	romance	comédia romântica	comédia romântica
Pokemón		animação infantil; aventura; fantasia	ação; aventura	comédia	/	/	desenho animado
Friends		sitcom; comédia; romance	comédia; aventura	/	/	/	comédia
The Nanny		sitcom; comédia; comédia romântica; família	comédia; romance	musical	desenho animado	musical	tragédia
Star Wars		ação; aven- tura; ficção científica; fantasia	/	/	/	/	ação; aventura

De Volta para o Futuro		ação; aventura; comédia; ficção científica; fantasia	ficção científica; aventura; ação;	bíblico; épico	aventura	/	suspense
Doctor Who		aventura; ficção científica; drama	/	/	suspense	policial	suspense
Stranger Things		ficção científica; suspense; sobrenatural	ação; ficção científica	suspense	guerra	suspense	suspense
James Bond		romance policial; ação; aventura; suspense	/	/	/	/	/
Sherlock		drama; mistério; romance; policial; ação; aventura	drama; épico	romance	guerra	/	mistério

4.3- Análise dos resultados

A partir dos dados obtidos é possível perceber que as músicas-tema ou aberturas de seriados tem um papel importante no entendimento prévio das pessoas sobre o conteúdo do audiovisual. Isso ocorre porque ao escutar a música, a memória a curto prazo do indivíduo atua em fazê-lo distinguir as alturas sonoras características da melodia. Esse exercício desencadeia o processo de assimilação e associação, em que entra em cena a sua memória a longo prazo, através da qual o indivíduo recorda outras músicas-tema (ou mesmo sem referência a audiovisuais) conhecidas com movimento melódico semelhante. Em seguida, o cérebro agrupa a música em curso às de melodia similar, de forma que ela é reconhecida como parte do mesmo contexto que as de mesma classificação, e portanto, possivelmente referente ao mesmo gênero de audiovisual.

Quando as pessoas ficavam em dúvida entre dois ou mais gêneros cinematográficos, a música que escutavam no momento provavelmente as remetia a mais de um agrupamento característico, e não era possível colocar a música em um arquivo com tanta clareza.

A memória a longo prazo das pessoas foi testada principalmente pela música-tema de “James Bond”, uma franquia relativamente conhecida em que todos os filmes têm a mesma

abertura. Neste caso, todos os entrevistados reconheceram a música, como indicado na penúltima linha da tabela. O mesmo ocorreu com “*Star Wars*”, exceto pelo quinto entrevistado que não reconheceu a música, provavelmente por ser muito mais velho que os demais entrevistados, ou seja, o filme não faz parte de seu repertório por uma questão de época.

A audição e memória de todos os entrevistados reconheceu a música de abertura infantil de “*Ursos sem curso*” como romântica, por conta de sua melodia suave e alegre, cantada por uma mulher, de forma leve e afetuosa. Do mesmo modo, “*The Nanny*”, identificado em parte como comédia romântica originalmente, por ter uma música de abertura também com melodia animada e vocais brandos, foi classificado como “desenho animado” por um dos entrevistados.

Ambos “*Stranger Things*” e “*Sherlock*”, seriados de suspense, foram associados com o tema “guerra”, já que suas músicas de abertura tem um tom pesado e ameaçador, podendo remeter a temor.

Já “*De Volta para o Futuro*” foi identificado como épico e bíblico pelo fato de sua música-tema ser instrumental, e, no início, tem expressa grandiosidade com diversos instrumentos orquestrais de sopro. Porém em realidade, essa melodia remete a grandes feitos realizados no enredo como a salvação de universos paralelos através de viagem no tempo. Além de que, segundos adiante, a música acelera com tom alegre e ligeiro, descrevendo a aventura que há no filme.

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Foi possível perceber algumas confusões na identificação de gêneros cinematográficos por parte dos entrevistados, já que em suas próprias percepções, as músicas geravam situações de ambiguidade na memória a longo prazo. Isso mostra que a música não é o único aspecto que permite o reconhecimento de gêneros referentes à canção. Com certeza, se a abertura audiovisual fosse mostrada por inteiro, a capacidade de discriminação das pessoas seria muito maior.

Músicas-tema são um mero exemplo de como a música pode afetar nossa compreensão de situações. Ao longo de um audiovisual, por exemplo, sabendo que a trilha sonora é capaz de emocionar pessoas de diversas formas, diretores escolhem a dedo a reação desejada com a cena através da dramaturgia, imagem e música.

6) BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Bernardo Marquez. “Trilha Sonora: o cinema e seus sons”. *Novos Olhares*, São Paulo, p. 90-95, dec. 2012. ISSN 2238-7714. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/55404/59008>>. Acesso em: 18 de setembro de 2017.

Anatomia do Corpo Humano. “Tálamo - Cérebro Humano”. Disponível em: <<http://www.anatomiadocorpo.com/sistema-nervoso/cerebro/talamo/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2017.

- ANTONIETTI, Andre Checchia; FERREIRA, Sandra Cristina Novais Ciocci; CARRASCO, Claudiney Rodrigues. “A música nas aberturas das telenovelas da Rede Globo de Televisão no período de 1970 a 2012: funções e dramaturgia musical”. *OPUS*, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 237-256, dez. 2012. ISSN 15177017. Disponível em: <<http://anppom.com.br/bkprevista/index.php/opus/article/view/170>>. Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CARRASCO, Ney. “Trilhas: o som e a música no cinema”; 2017 *ComCiência*. ISSN 1519-7654. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000200009&lng=e&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 31 de agosto de 2017.

CARVALHO, Marcia. “A trilha sonora do Cinema: proposta para um ‘ouvir’ analítico”. *Caligrama* (São Paulo. Online), [S.l.], v. 3, n. 1, apr. 2007. ISSN 1808-0820. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/65388>>. Último acesso em: 20 de setembro de 2017. <doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2007.65388>>

Dicionário da saúde. “Nó vital”. Disponível em: <<http://dicionariosaude.com/no-vital/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2017.

JÚNIOR, Joab Silas da Silva. “Ondas sonoras”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/fisica/ondas-sonoras.htm>>. Acesso em 06 de setembro de 2017. (Imagem 1)

JÚNIOR, Joab Silas Da Silva. “O que é som?”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/fisica/o-que-e-som.htm>>. Acesso em 06 de setembro de 2017.

MELDAU, Débora Carvalho. “Ouvido”; *InfoEscola*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/audicao/ouvido/>>. Acesso em 20 de setembro de 2017. (Imagem 4)

MENDES, Mariane. “Ondas”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/fisica/ondas.htm>>. Acesso em 14 de setembro de 2017. (Imagem 2)

MIRANDA, Kaique. “O poder da música no cérebro resenha do artigo- ‘Music and epilepsy: a critical review’ ”; *Portal de Ciências e Cognição*, 2015. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=1201>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017. (Imagem 5)

OLIVEIRA, Marcelo. “Lobos Cerebrais”; *Infoescola*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/anatomia-humana/lobos-cerebrais/>>. Acesso em 25 de setembro de 2017. (Imagem 6)

PEREIRA, Rafael Andrade. “Introdução à Acústica Musical”. Disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/sjawsebek91uw66/AAB0Gz4MwgqCzhockYkhY4YWa?dl=0&preview=Acustica_VC_2017.ppt>. Acesso em: 27 de setembro de 2017. (Imagem 3)

SANTOS, Marco Aurélio da Silva. “A audição humana”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/fisica/a-audicao-humana.htm>>. Acesso em 06 de setembro de 2017.

SANTOS, Marco Aurélio da Silva. “Intensidade, Timbre e Altura”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/fisica/intensidade-timbre-altura.htm>>. Acesso em 06 de setembro de 2017. (Imagem 3)

SIAS, Thiago. “Música E Sentido: O Processo Cognitivo No Efeito Dos Eventos Musicais”; Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro Centro De Letras E Artes Instituto Villa-lobos. Rio De Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/thiagosias.pdf>>. Acesso em 29 de setembro de 2017.

SOM. Dicionário Michaelis On-line 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/som/>>. Acesso em 31 de agosto de 2017.

“Sistema Nervoso”; Aula de Anatomia. Disponível em: <<https://www.auladeanatomia.com/novosite/sistemas/sistema-nervoso/diencefalo>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017. (Imagem 8)

Física

A fotografia automobilística e suas aplicações

Luiz Henrique Campos da Costa Manso

INTRODUÇÃO:

Neste segundo ano foi apresentado uma matéria nova, as eletivas, que seria uma matéria na qual o aluno poderia escolher o foco de estudos. Como eu fiz metade do segundo ano no ano anterior, já sabia como as eletivas funcionavam, mas neste ano foi introduzido física com um foco para a fotografia e o cinema, logo soube que este seria meu foco de estudos este ano pois fotografia e cinema foram áreas que sempre me atraíram. Assim para fazer meu ensaio de conclusão das eletivas, pensei em ir além da fotografia e do cinema, já que entendo um pouco sobre as câmeras e lentes, achei que deveria falar sobre mais alguma coisa que se relacionasse a fotografia e que fosse do meu interesse, assim pensei na fotografia automobilística, que é algo em que posso abordar dois temas que gosto e possuo um pouco de conhecimento. Para isso, irei primeiro explicar as lentes, câmeras e suas funções, para que o entendimento da fotografia de carros seja maior. Depois vou falar um pouco das diferentes aplicações de fotografia automobilística.

CAPÍTULO 1: COMO SÃO AS CÂMERAS E SUAS LENTES.

As lentes de câmeras DSLR (Digital Single Lens Reflex), que serão as lentes estudadas, têm diferentes aplicações, o que mais diferencia as lentes é a distância focal: “Não é a medida do real comprimento da lente, mas um cálculo de uma distância ótica do ponto onde os raios de luz convergem para formar uma imagem nítida de um objeto no sensor digital ou filme de 35mm, no plano focal da câmera.” (trecho retirado de: <http://www.nikon.com.br/learn-and-explore/a/tips-and-techniques/introdu%C3%A7%C3%A3o-entendendo-a-dist%C3%A2ncia-focal.html>) As lentes podem variar de até 16mm á mais de 300mm. Cada intervalo tem um nome, como exemplo as lentes que tem a distância focal até 16mm são denominadas olho de peixe, 16 a 24mm super grande angular, 24 a 35 mm grande angular e assim por diante até as lentes com mais de 300mm que são chamadas super telefoto.

figura 1 -



fonte: <http://www.cameraneon.com/acessorios/tipos-de-lentes-fotograficas-suas-funcoes-e-aplicacoes/> (2017) nesta imagem é possível ver o ângulo de visão de diversas lentes com distância focal diferente

A lente é composta de diversas pequenas lentes que se movem para ajustar o zoom (distância focal) e para ajustar o foco (nitidez) da imagem, existem também lentes que são fixas e nelas só possível ajustar o foco, isso traz um ajuste de foco muito maior para a lente, mas de outra lado impede de a pessoa tirar fotos com um grande zoom.

figura 2 -



fonte: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/05/como-sao-lentes-fotograficas-por-dentro.html> (2011) nesta imagem é possível ver a lente de uma câmera DSLR cortada ao meio, dentro dela tem diversos mecanismos e as lentes que a compõe.

O zoom, ou zoom óptico, existe exclusivamente por causa da lente, que ao mover a imagem para mais “perto” ou mais “longe” o que está sendo feito na verdade é mover as lentes que estão dentro da câmera. Na imagem acima é possível observar estas lentes menores, que se parecem com camadas, estas são as responsáveis pelo zoom e pelo foco da imagem.

Mas a foto não é totalmente feita nas lentes, as câmeras tem 3 fatores principais que influenciam na imagem final, são eles: Sensibilidade do obturador (ISO), abertura do diafragma (quantidade de luz) e velocidade do obturador (tempo de luz). O iso controla o quão sensível à luz o sensor é, ou seja se falarmos de um iso baixo, 100-500 a imagem ficará pouco sensível a luz por isso precisará de um ambiente mais iluminados e por isso nem toda a luz será “absorvida” pelo sensor da câmera, mas se falarmos de um ambiente escuro, como uma rua de noite com pouca luz, será necessário um iso mais alto, algo entre 4000-6000, para que o sensor da câmera possa capturar alguma luz, mas uma imagem com um iso maior faz também com que a foto fique com mais ruído (granulada), isso é como um efeito colateral do iso alto.

figura 3 -



fonte: <http://guiadafotografia.com.br/iso-abertura-do-diafragma-e-velocidade-do-obturador/> (2017)
essa imagem mostra fotos com diferentes graduações de iso em um lugar escuro, mostrando a granulação que acontece quando o iso da imagem é mais elevado.

Outro fator que influencia na imagem é a abertura do diafragma, este fica dentro da lente, mas é controlado pela câmera. O diafragma é uma espécie de cortina que controla a passagem de luz pela lente, essa quantidade de luz é medida através de números “f” de fração, quando estes números são baixos significam que uma abertura maior do diafragma fazendo com que entre mais luz e valores mais altos mostram uma abertura menor do diafragma e assim entra menos luz para o sensor. O diafragma pode ser comparado a nossa pupila, ela abre e fecha conforme a exposição de luz e o diafragma faz parecido. Assim como o iso, o diafragma também tem um efeito colateral, ele influencia no foco da câmera, quando é utilizado uma grande abertura, como $f/2$ por exemplo, a área de foco da imagem é reduzida, deixando o fundo da imagem “embaçado”, como a imagem abaixo:

figura 4 -

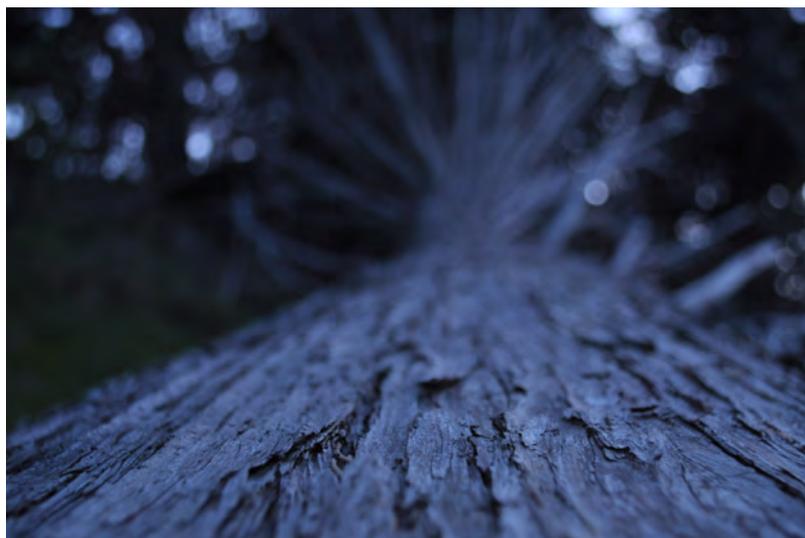
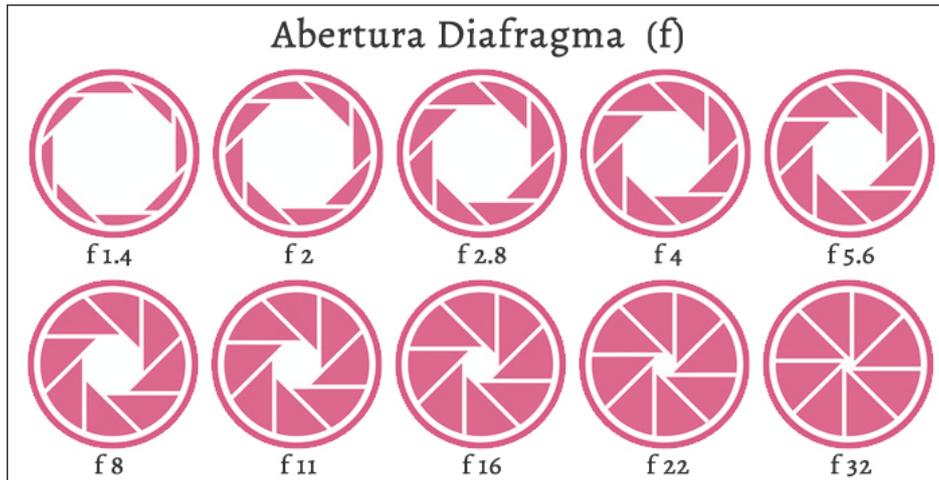


foto tirada por Luiz Manso

Essa foto mostra uma abertura pequena, pois foi tirada em um ambiente escuro e o fundo da imagem está desfocado. Quando o diafragma está mais fechado ($f/22$) a área de foco é maior, mas tende a se entrar menos luz na imagem, o que não é recomendado em ambientes de pouca luz.

figura 5 -



fonte: <http://www.zoomdigital.com.br/entenda-a-abertura-do-diafragma-na-fotografia/> (2017) essa imagem mostra como a “cortina” dentro da câmera fica quando a abertura do diafragma é alta ou pequena.

E por último, a velocidade do obturador também influencia na imagem, este é uma espécie de janela que fica dentro do corpo da máquina e controla o quanto tempo a imagem ficará exposta à luz, ele controla a velocidade que a cortina abre e fecha, assim quanto maior o tempo que ela ficar aberta, mais luz irá incidir sobre o sensor. A velocidade do obturador pode ser comparada a pálpebra do olho humano e é medida em segundos ou frações de segundo.

figura 6 -

Unidades de tempo										
1/5000	1/2500	1/1000	1/500	1/125	1/30	1/4	1/2	1s	10s	30s
5000	2500	1000	500	125	30	4	2	1'	10'	30'
Velocidade do obturador										

fonte: <http://cursodefotografia.org/dicas-de-fotografia/velocidade-do-obturador/> essa imagem mostra as diferentes velocidades que o obturador da câmera pode operar, majoritariamente.

1/5000 significa que o obturador ficará aberto 1/5000 avos de segundo e 10' significa que a janela ficará aberta por 10 segundos. Imagens de longa exposição, onde o obturador fica aberto por alguns segundos, fazem fotografias de lugares muito escuros e estáticos (precisa ficar parado por alguns segundos pelo menos), como está imagem abaixo que foi tirada em um lugar que havia somente a luz da lua.

figura 7 -



foto tirada por Luiz Manso

Nessa foto é possível ver a velocidade do obturador sendo utilizada, pois era um lugar que havia somente a luz da lua e deixando o obturador aberto por 20 segundos foi possível captar uma imagem nítida e visível.

CAPÍTULO 2: APLICAÇÃO DA FOTOGRAFIA NOS CARROS

A fotografia de carros em corridas é um lado pouco explorado, no sentido de que existem muito mais fotógrafos de paisagens, de ensaios, da natureza, etc. Mas fotografia de carros talvez seja o lado mais difícil, podendo ser comparadas até com fotos de animais selvagens, na minha opinião. Isso tudo pois os carros (a não ser que seja um ensaio fotográfico onde o carro está parado) estão em constante movimento e provavelmente em uma velocidade alta, o que torna difícil a foto, pois não é possível parar e ver o melhor ângulo para a foto, a melhor luz, nada disso é possível quando o carro está passando a sua frente a mais de 200 km por hora, dura milésimos e seu reflexo tem de estar preparado.

Para que tudo seja possível, as lentes e as câmeras dão uma grande ajuda ao fotógrafo. Câmeras que o limite de iso maior ajudam a fotos de corridas de noite e lentes que tem uma abertura menor também ajuda essas fotografias, como a 24h de le Mans que dura 24 horas e o fotógrafos precisam tirar fotos durante a noite também, e muitos pontos da pista não são iluminados. Para que isso seja possível, é precisa diminuir a velocidade do obturador, para que a foto fique nítida e não fique assim:

figura 8 -



fonte: <http://www.seriouswheels.com/2006/2006-Aston-Martin-DBR9-Petit-Le-Mans-2006-Rear-And-Side-Night-1920x1440.htm> (2006) essa foto mostra o obturador com uma velocidade um pouco maior do que necessária, pois a luz na foto ficou borrada, justamente porque o carro estava em velocidade e isso implica no tempo da foto.

E aumentar o iso da câmera e podendo diminuir a velocidade do obturador, para que a foto fique clara e nítida ao mesmo tempo, como essa por exemplo:

figura 9 -



fonte: <http://dancarrphotography.com/blog/2012/09/06/one-click-night-curve/> (2012) Nesta mesma imagem é possível ver diversas aplicações do iso, abertura do diafragma e velocidade do obturador. Todos usados devidamente, pois é possível ver que a foto foi tirada em ambiente escuro, mas ao mesmo tempo não ficou escuro e não ficou borrada.

A foto acima foi tirada 1 hora antes do nascer do sol e os carros estavam a uma velocidade por volta de 160 km/h e a câmera estava com as seguintes configurações: 1/1000 (velocidade do obturador), f/4.5 (abertura do diafragma), ISO3200 (iso). Podemos perceber que o fotógrafo deixou o diafragma bem aberto e o iso alto, para que entre a quantidade necessária de luz e ele possa deixar o obturador mais rápido para que consiga capturar o carro nitidamente.

Nesta outra imagem é possível ver o efeito da velocidade do obturador, ele teve a velocidade mais baixa para que tenha tempo de entrar luz no sensor para a formação da imagem, mas como o fotógrafo também estava em outro carro, provavelmente, o fundo da imagem e as rodas ficaram borrados pois o obturador ficou aberto tempo demais para que estes também ficassem nítidos. Não que está foto esteja ruim (quem sou eu para julgar a foto de um fotógrafo profissional), mas o sentido dela talvez tenha sido diferente da foto anterior, provavelmente o fotógrafo quis mostrar o movimento do carro o que deixou a foto mais dinâmica.

figura 10-



Fonte: <http://www.speedhunters.com/2017/07/from-dusk-till-dawn-the-road-to-idlers/> nesta foto o movimento do carro foi resultado pelo fotógrafo ao deixar o fundo e as rodas (partes em movimento) borradas.

Além das fotos e corridas noturnas e carros em movimento, a fotografia automotiva também vale para os ensaios fotográficos. Mas estes usam um pouco menos das funcionalidades das câmeras e das lentes.



Fonte: <http://www.speedhunters.com/2017/10/real-life-shooting-ford-gt-austria/> usando essa foto como exemplo de ensaio, é possível ver características diferentes das fotos de corridas e de carros em movimento.

Nessa foto é possível ver que o fotógrafo usou o desfoque do fundo da imagem para dar destaque ao carro, mas ele ainda usou o fundo como cenário para a imagem. Outra característica desta foto é a água que é utilizada para dar um aspecto maior ao carro.

CONCLUSÃO:

Para concluir meu ensaio, meu objetivo de mostrar a importância da fotografia automobilística e suas aplicações, foram cumpridas, assim vejo que as câmeras e lentes não são somente um objeto e sim algo que traz outra visão do que vemos, na minha opinião de um fotógrafo amador. Tenho certeza de que existe muito mais para ser explorado sobre este tema, seja as câmeras ou os carros, eu somente apresentei o assunto e comecei a explicar como funcionam as coisas nesse “mundo”, pois isso é um trabalho escolar e não há espaço para me prolongar muito mais do que isso.

REFERENCIAS:

HECKE, carolina. “**como é a lente de uma câmera digital por dentro?**” disponível em: <https://m.tecmundo.com.br/lentes/41875-como-e-a-lente-de-uma-camera-digital-por-dentro-ilustracao-htm> acesso em: 05/06/17

NEON, camera. “**Tipos de Lentes Fotográficas, suas Funções e Aplicações**” disponível em: <http://www.cameraneon.com/acessorios/tipos-de-lentes-fotograficas-suas-funcoes-e-aplicacoes/> acesso em: 20/08/17

PONCHIO, pedro. “**fotografia automotiva**” disponível em: <http://www.exoticsbrazil.com.br/fotografia-automotiva/> acesso em: 20/08/17

MARQUES, vinicius. “**entendendo ISO, abertura do obturador e velocidade do diafragma.**” disponível em: <http://guiadafotografia.com.br/iso-abertura-do-diafragma-e-velocidade-do-obturador/> acesso em: 04/10/17

DALLE CARBONARE, dino. “**From Dusk Till Dawn: The Road To Idlers**” disponível em: <http://www.speedhunters.com/2017/07/from-dusk-till-dawn-the-road-to-idlers/> acesso em: 10/10/2017

CARR, dan. “**behind the shot: night racing at le mans**” disponível em: <http://dancarrphotography.com/blog/2012/09/06/one-click-night-curve/> acesso em: 11/10/2017

Física

Cores: a física, a psicologia e um estudo de caso da série Defensores

Laura Novelli de Miranda Oliveira

INTRODUÇÃO

Este ensaio foi criado com o objetivo de entender como as cores são utilizadas na linguagem cinematográfica e como elas afetam emocionalmente a audiência. Para isso, foram feitas pesquisas em diversos sites e artigos científicos. Além disso, foi assistida a série Defensores, de modo a analisar o uso das cores e os efeitos simbólicos causados por elas. Textos que analisavam a série também foram utilizados.

1. Introdução teórica

Existem três formas de manifestação do fenômeno cromático: a cor-luz, a cor-pigmento e a cor-impressão.

A cor não é um fenômeno físico, mas sim como o cérebro dos seres vivos interpreta a ação da luz sobre seus olhos. Para entendê-la é necessário compreender o funcionamento de nossos olhos. Nossas retinas possuem dois tipos de sensores: os cones, que permitem a captação de informação luminosa vinda do dia e a percepção de cores e contraste; e os bastonetes, que permitem a captação de luz noturna e a percepção dos tons de cinza. Os humanos possuem a visão tricromática, ou seja, possuem três tipos de cones: os sensíveis aos azuis e violetas, os sensíveis aos verdes e amarelos, e os sensíveis aos vermelhos e laranjas. Eles são chamados respectivamente de B (blue/azul), G (green/verde) e R (red/vermelho).

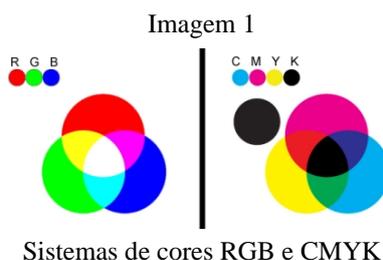
A primeira forma de manifestação do fenômeno cromático é a cor-luz, que é um conjunto de vibrações eletromagnéticas que possuem um comportamento similar ao das ondas eletromagnéticas, sendo que apenas uma porção dessas vibrações é percebida por nós. Essa porção constitui a luz do “espectro visível”. Segundo Cavalheiro (2006), “os limites do espectro visível variam de pessoa para pessoa, mas os olhos dos seres humanos tem uma faixa definida”. Tal faixa é composta pelas ondas que possuem um comprimento entre 380nm e 740nm e uma frequência entre 480 THz e 680 THz. Além disso, para cada cor da luz há faixas de frequência e comprimento de onda definidas. Essa relação pode ser vista na tabela abaixo:

Tabela 1 - faixas de frequência e comprimento de onda para cada faixa de luz visível. (Cavalheiro, 2006)

Cor	Comprimento de onda (nm)	Frequência (THz)
Vermelho	625 a 740	480 a 405
Laranja	590 a 625	510 a 480
Amarelo	565 a 590	530 a 510
Verde	500 a 565	600 a 530
Ciano	485 a 500	620 a 600
Azul	440 a 485	680 a 620
Violeta	380 a 440	790 a 680

A segunda manifestação do fenômeno cromático é a cor-pigmento, que é aquela observada no reflexo da luz em um objeto. O que decide quais faixas da cor serão refletidas e quais serão absorvidas são os pigmentos. Tais pigmentos têm origem natural e são utilizados para a criação da tinta. As cores primárias no grupo cor-pigmento são ciano, magenta e amarelo e formam o padrão CMYK. Sendo assim, a cor que vemos em um objeto é a cor da luz que sofreu reflexão quando o atingiu. Uma camisa azul, por exemplo, possui pigmentos que absorvem todas as faixas de luz menos a correspondente à cor azul. Sendo assim, a luz azul é refletida e captada pelos nossos olhos. Quando um corpo absorve todas as faixas de luz, ele é preto. Já quando um corpo reflete todas as faixas de luz, ele é branco.

Um monitor sempre emite um padrão de cores RGB, pois ele emite luz. Já a impressão é feita pelo padrão CMYK, de modo que não é possível a reprodução fiel das cores vistas no monitor. Além do ciano, da magenta e do amarelo, como cores primárias; na impressão é utilizado o preto para compor as outras cores.



fonte: <https://webprintsgrafica.wordpress.com/2014/11/24/impressao-na-grafica-entendendo-rgb-e-cmyk/>

2. A influência das cores na audiência

A cor é carregada de significados e conceitos que são adquiridos através da cultura e da vivência. Os cineastas utilizam as cores mantendo em mente esses significados e como elas afetarão o emocional do telespectador. Sendo assim, a cor é um elemento essencial na linguagem e na narrativa cinematográfica, já que permite a criação de simbologias.

Os significados que a cultura universal atribui à cada uma das principais cores segundo MITZ-SEARA, RAMOS, SILVEIRA, BRAGA, DA COSTA, WRIGHT e o site Teoria das Cores, podem ser vistos abaixo:

- Rosa: Inocência, carinho, suavidade, amor, doçura, feminilidade, dependência, infância
- Vermelho: violência, paixão, sedução, perigo, raiva, força, autonomia, sexualidade, liderança
- Laranja: sociabilidade, energia, entusiasmo, alegria, calor, juventude, apetite
- Amarelo: excentricidade, loucura, medo, insegurança, disciplina, positividade, espontaneidade, amigável
- Verde: natureza, misticismo, fertilidade, cura, imaturidade, destruição, riqueza, esperança, ganância
- Azul: calma, distanciamento, conservadorismo, tecnologia, saúde, purificação, paz, amabilidade, lógica, frieza, crueldade, frio, mal-humor
- Roxo: fantasia, erotismo, espiritualidade, introversão, morte, magia
- Marrom: falta de sofisticação, conforto, terra, natureza, estabilidade, campo
- Cinza: depressão, isolamento, falta de energia, humildade, desconforto, velhice, combustão
- Preto: luto, morte, medo, anonimato, mistério, poder, elegância, sofisticação, modernidade, glamour, opressão, abandono, sujeira
- Branco: pureza, neutralidade, limpeza, esterilidade, frieza, elitismo, inocência, paz, higiene, sofisticação, luto, limpeza, supervisionado, controle, indiferença

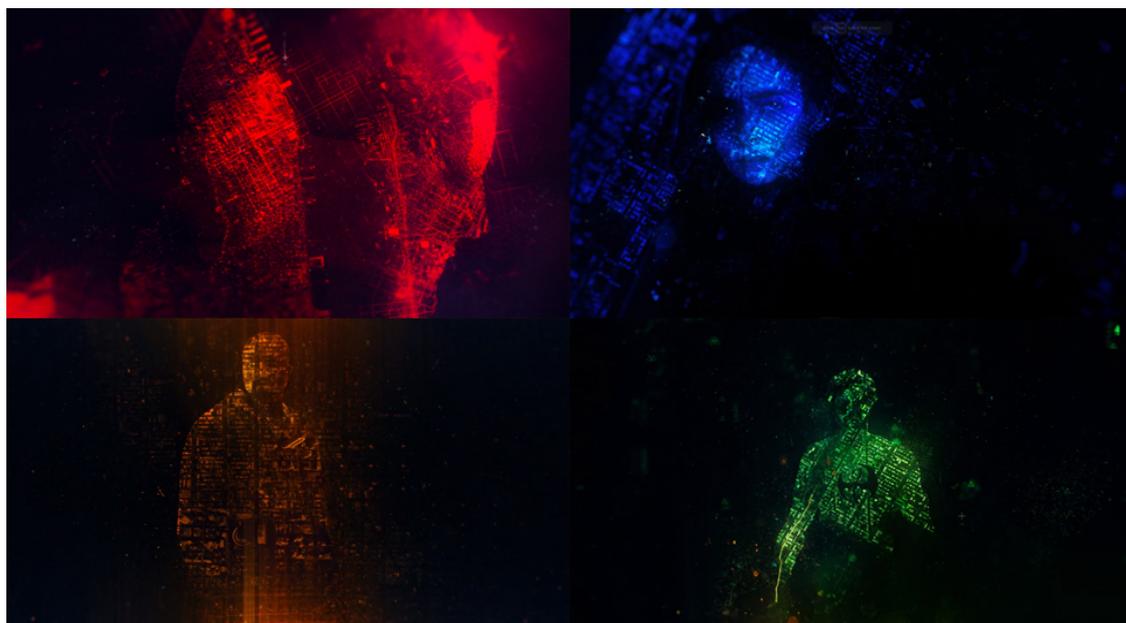
Esses significados são essenciais para a criação da atmosfera da cena e para representação das características das personagens sem que seja necessário falas ou ações.

3. Estudo de caso: Os Defensores

Os Defensores é uma série estadunidense de 2017 criada para o serviço de streaming Netflix e produzida pela ABC Studios em parceria com a Marvel Television. Ela conta a história de uma equipe de heróis formada por quatro personagens super poderosas que foram introduzidas anteriormente em séries próprias: Demolidor (Matt Murdock), Jessica Jones, Luke Cage e Punho de Ferro (Danny Randy). A principal antagonista da série é Alexandra, integrante da organização criminosa conhecida como Tentáculo.

Na abertura da série já é possível perceber a importância das cores para a caracterização dos personagens. A silhueta de Demolidor é vermelha, como a cor de seu uniforme, e representa violência, perigo, força e o papel de liderança que ele exerce no time. Já a imagem de Jessica Jones é azul, representando o mal-humor, a melancolia e o distanciamento da personagem. O amarelo representa a personalidade amigável e espontânea de Luke Cage. E por último, o verde aparece na silhueta de Punho de Ferro, fazendo alusão ao uniforme utilizado por ele nas histórias em quadrinhos e ao misticismo ao qual a personagem está ligada.

Imagem 2:



Imagens retiradas da abertura de Defensores que apresenta cada uma das personagens principais
Fonte: Netflix (2017)

Essas cores e suas associações com as personagens principais continuam sendo utilizadas no resto da série, permitindo à audiência identificar sobre qual personagem é a cena logo após seu início. Quando Demolidor está no confessionário com Padre Lantom, o vermelho pode ser visto na parede e na luz e nos óculos da personagem. Ao ser liberado da Penitenciária Seagate, o amarelo é predominante no mundo de Luke Cage. Os esgotos em que Punho de Ferro luta na primeira cena da série são iluminados por luzes verdes. E a sala de interrogação em que Jessica Jones é questionada é repleta de azul, tanto nas suas roupas, como nas paredes e na iluminação.

Imagem 3



Demolidor se confessa para Padre Lantom. Luke Cage anda pelos corredores da Penitenciária Seagate. Punho de Ferro luta nos esgotos de Cambódia. Jessica Jones na sala de interrogação da polícia.

Fonte: Netflix (2017)

As cores continuam a ser utilizadas mesmo quando as personagens se encontram. No primeiro encontro entre Jessica Jones e Demolidor, a sala de interrogação em que se passa a cena é azul, assim como a camiseta de Jessica. Entretanto, a porta em que Demolidor entra é vermelho vibrante.

Imagem 4



Demolidor entra na sala de interrogação
Fonte: Netflix (2017)

Na cena em que os quatro protagonistas se encontram no restaurante de comida oriental Royal Dragon, as quatro cores se encontram. Elas podem ser vistas no logotipo neon, nas luzes do teto e em outros objetos de cena. Em determinados momentos, como pode ser visto na imagem 5, luz verde ilumina Punho de Ferro, o azul é visto atrás de Jessica e o vermelho na parede atrás de Demolidor. Já quando Luke olha pela janela, essa o ilumina com luz amarela, enquanto o vermelho ilumina o Demolidor.

Imagem 5



Encontro dos Defensores no Royal Dragon
Fonte: Netflix (2017)

Já a vilã Alexandra está sempre vestida de branco, o que traz uma atmosfera de esterilidade, frieza, sofisticação e controle. Os outros integrantes do Tentáculo vestem branco e também preto, que representa morte, poder, modernidade. O cinza, que é o resultado do equilíbrio das duas outras cores, também é muito presente nas cenas que se passam na Midland Circle, a empresa dominada pelo Tentáculo.

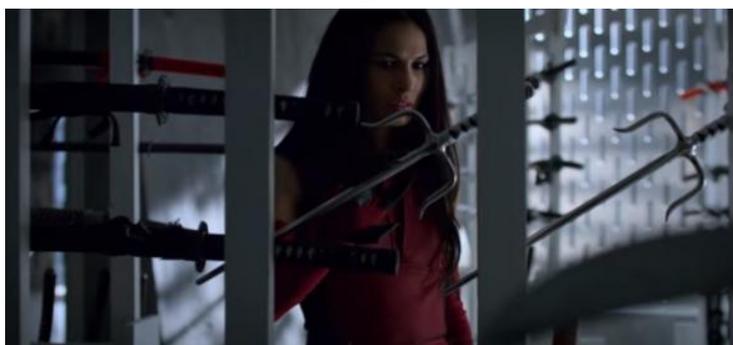
Imagem 6



Alexandra, vestida de branco, alimenta pombas.
Alexandra e outros integrantes do Tentáculo na Midland Circle.
Fonte: Netflix (2017)

Elektra, a ex-namorada do Demolidor, é ressuscitada e passa a ser controlada pelo Tentáculo. Ao seu redor predomina o branco, o preto e o cinza; as cores relacionadas ao Tentáculo. Entretanto suas vestes são vermelhas, mostrando sua força, sua raiva e a sua relação com o herói Demolidor

Imagem 7



Elektra analisa as armas disponíveis em uma das bases do Tentáculo.
Fonte: Netflix (2017)

A cor de cada protagonista também atinge os personagens secundários relacionados a eles. Karen Page e Foggy Nelson, amigos e colegas de trabalho de Demolidor, estão vestidos de vermelho. Na imagem 8, Karen veste uma saia e um cinto vermelhos, e Foggy veste uma gravata vermelha. Já o azul é a cor vestida por Trish Walker, irmã de Jessica Jones. Um detalhe interessante é que em uma cena em que Jessica e Trish, vestidas predominantemente de azul, andam pela rua, todos os livros expostos na vitrine da livraria possuem capas azuis (imagem 8).

Imagem 8



Karen Page e Foggy Nelson esperam preocupados na delegacia de polícia pela volta de seu amigo Jessica Jones e Trish Walker andam pela rua.

Fonte: Netflix (2017)

A partir das análises acima, é evidente que as cores de cada personagem e sua predominância nas cenas são um recurso cinematográfico utilizado conscientemente pela equipe criativa da série ‘Os Defensores’. Isso pode ser comprovado pela imagem 9 e pela imagem 10, que mostram as cores principais do primeiro episódio.

Para a criação da imagem 9, o usuário do reddit “RedRoostered” transformou o primeiro episódio em diversos quadros. Foram utilizados um quadro a cada doze, totalizando 5912 quadros. Depois, todos os quadros foram desfocados pelo Photoshop, para que prevalecesse apenas a cor principal da cena. Então, as fotos foram redimensionadas para 1 pixel e coladas em uma longa tira. Por último, a personagem principal de cada cena foi identificada pela sua inicial ou logo. O dragão representa as cenas em que o Punho de Ferro é o protagonista; o J representa as cenas de Jessica Jones; o L representa as cenas de Luke Cage; o D representa as cenas do Demolidor e o A representa as cenas de Alexandra. Já na imagem 10, as cenas de cada personagem foram separadas das demais e reagrupadas.

Imagem 9



Tira com as cores principais das cenas do primeiro episódio da série Defensores
Fonte: Roostered, Red

Imagem 10



Tiras com as cores principais das cenas do primeiro episódio da série Defensores, separadas pela personagem principal da cena. Fonte: Roostered, Red

4 - Conclusão

As diversas relações e experiências humanas ao longo da história originaram simbolismos e significados atribuídos à cor. Desse modo, as cores estão amplamente relacionadas à emotividade humana, o que é utilizado pelos cineastas como um instrumento de narração para a descrição de personagens e a representação de emoções. Assim, ao se atentar aos seus efeitos simbólicos, é possível instigar na audiência as emoções desejadas. Sendo assim, a cor é um elemento essencial na linguagem e na narrativa cinematográfica, já que permite a criação de simbologias.

5 - Bibliografia

- ADORO Cinema. Os Defensores - Série 2017. Adoro Cinema. 2017. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/series/serie-17054/>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- ANDRADE, Mari. Diferença entre monitor e impressão, RGB e CMYK. Mito Freela. 2011. Disponível em: <<http://www.mitofreela.com.br/2011/diferenca-entre-monitor-e-impressao-rgb-e-cmyk>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- CAVALHEIRO, C. Espectro Visível. Infoescola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/fisica/espectro-visivel/>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- COLOR PSYCHOLOGY. Direção: Lilly Mtz-Seara. 2016. (3 min). Disponível em <https://vimeo.com/169046276>. Acesso em: 04/10. 2017.
- COR-PIGMENTO e Cor-luz. Teoria Das Cores. 2017. Disponível em: <<http://www.teoriadascotes.com.br/cor-pigmento-e-cor-luz.php>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. A cor no cinema: signos da linguagem. Revista Cronos, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 129-138, nov. 2016. ISSN 1982-5560. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/10884>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- D'LUCA, Igor. 'Os Defensores' e a teoria das cores. Divisão Alpha. 2017. Disponível em: <<http://www.divisaoalpha.com.br/2266-2/>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- MARKS, Tom. HOW MARVEL'S THE DEFENDERS USES COLOR TO DEFINE ITS CHARACTERS. IGN. 2017. Disponível em: <<http://www.ign.com/articles/2017/08/24/how-marvels-the-defenders-uses-color-to-define-its-characters>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- MAURER, Margaret. How The Defenders Color-Codes Its Heroes. Screen Rant. 2017. Disponível em: <<http://screenrant.com/defenders-color-codes-heroes/>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- MELROSE, Kevin. The Defenders: The Importance of Color (and That Restaurant Scene). 2017. CBR. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/www.cbr.com/defenders-color-importance-restaurant/amp>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- O que é cor?. Hierophant. 2010. Disponível em: <<http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Nina/115>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- O que é cor, cor-luz, cor-pigmento e cores de impressão. Ideia Visual. 2017. Disponível em: <http://www.ideiavisual.com/www2/?page_id=399>. Acesso em: 27/09. 2017.
- OS Defensores. Produção executiva: Marco Ramirez. Netflix, ABC Studios e Marvel Television. 2017. 8 episódios (60 min). Disponível em <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 04/10. 2017.
- PEREIRA, Inajá Bonning e FERREIRA, Arnaldo Telles. A Cor como Elemento Constitutivo da Linguagem e Narrativa Cinematográfica. Unoesc&Ciência ACHS. 2013. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/682>>. Acesso em 27/09. 2017.
- PSICOLOGIA das Cores. Teoria das Cores. 2017. Disponível em: <<http://www.teoriadascotes.com.br/psicologia-das-cores.php>> .Acesso em: 27/09. 2017.
- RAMOS, João Pedro Camoesas. O significado da cor no cinema. Repositório Científico do Instituto Politéc-

nico do Porto ESMAE - Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo ESMAE - Dissertações/Projetos/Relatórios de Mestrado ESMAE - DM - Comunicação Audiovisual. 2014. Disponível em: <<http://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/9050>>. Acesso em 27/09. 2017

- ROCHA, J. COR LUZ, COR PIGMENTO E OS SISTEMAS RGB E CMY. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/3/cor-luz-cor-pigmento-e-os-sistemas-rgb-e-cmy.pdf>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- ROOSTERED, Red. The average color of every frame of Netflix's Defenders Episode 1, compressed into a single image, shows the unique color grading used for each main character. Reddit. 2017. Disponível em: https://www.reddit.com/r/dataisbeautiful/comments/6wccz2/the_average_color_of_every_frame_of_netflixs/. Acesso em: 27/09. 2017.
- ROOSTERED, Red. The average color of every frame of Netflix's Defenders Episode 1. Reddit. 2017. Disponível em: <https://www.reddit.com/user/RedRoostered>. Acesso em: 27/09. 2017.
- SCHERÉDER. Luz Visível. Scheréder. Disponível em: <<http://www.schreder.com/pt-pt/learningcenter/conceitosbasicosdeiluminacao/visible-light>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- SILVEIRA, Luciana Martha. Introdução à Teoria da Cor. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2015. Disponível em: <http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1582/6/teoriacor_iniciais.pdf>. Acesso em: 27/09. 2017.
- SKLARZ, E. O que é a cor?. Superinteressante. 2007. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-a-cor/>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- STAMATO, Ana Beatriz Taube. et al. A Influência das Cores na Construção Audiovisual. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1304-1.pdf>>. Acesso em 27/09. 2017.
- WOLF, Luisa. ‘Os Defensores’: luzes e objetos de cena dão a cor certa aos heróis. Culturice. 2017. Disponível em: <<http://culturice.com.br/2017/08/21/os-defensores-luzes-e-objetos-de-cena-dao-cor-certa-aos-herois/>>. Acesso em: 27/09. 2017.
- WRIGHT, Angela. Color Psychology (the “Colour Affects” system). Micco. 2004. Disponível em: <<http://micco.se/wp-content/uploads/2010/05/Micco-Groenholm-on-Color-Affects-System.pdf>>. Acesso em: 27/09. 2017.

Direito e Justiça

As tensões entre Direito e Justiça têm se tornado bastante evidentes em discussões contemporâneas. Por um lado, vê-se a busca por estruturar bases legais que organizem a vida em sociedade; por outro, tem-se a clareza de que essas bases muitas vezes perpetuam discriminação, exclusão e privilégios. Como reconhecer os pressupostos de legitimidade do Direito em diferentes sociedades, ao longo da História? Como nascem os movimentos que identificam injustiças nos modelos legais e lutam por transformação? Que dilemas e disputas estão presentes nos debates sobre Direito e Justiça?

A disciplina tem por objetivo identificar e compreender conceitos que estão na base das reflexões sobre Direito e Justiça, e analisar como aparecem em diferentes lugares e momentos históricos. O aprofundamento em temas de pesquisa teóricos ou estudos de caso que façam uso da conceituação estudada proporciona o contato com um conjunto de questões fundamentais no debate político atual.

A rebeldia e escapismo: um olhar para vida das mulheres hereges

André Pisaturo de Moura



I Introdução

Os alunos do ensino médio da Escola Vera Cruz tomaram parte do projeto de eletivas, o qual o estudante deveria escolher uma matéria para estudar um conteúdo que não se encontra no currículo tradicional. Entre as opções haviam biologia, onde se trataria de neurociência, física com seu curso de cinema e ótica, e história.

História oferecia um curso, sobre direito e justiça, onde se abordaria a justiça em vários períodos, tratando cuidadosamente de conceitos que influenciam, e influenciaram nossa sociedade atual, tais como fascismo e judicialização. O curso possuía como objetivo final a produção de um ensaio, o qual deveria englobar um fato, seja ele atual ou não, que deveria se relacionar com o já dito tema da eletiva, direito e justiça.

Dentre as infinitas opções de temas que deveriam ser discutidos e problematizados, optou-se por tratar sobre heresia. Será feito um olhar cuidadoso da heresia na Idade Média com digressões para discuti-la em outros períodos históricos que também tem muito a nos ensinar sobre este conceito complexo e amplo. Justamente por isso, afunila-se o tipo de herege que será trabalhado.

Por ser um grupo que sofreu e ainda sofre inúmeros preconceitos e repressões ao longo do tempo, optou-se por tratar sobre as mulheres hereges, de períodos em que muitas de suas ações eram vistas como bruxaria. Surge assim, a questão problematizadora do texto, que será discutida e debatida ao longo deste ensaio:

Como as mulheres hereges, rebeldes, conseguiam escapar da sociedade em que viviam?

No entanto, por ser um tema amplo e de conotações que podem ser até consideradas atuais, deve-se também perguntar: *O que é herege e heresia? Por que algumas mulheres eram tidas como bruxas? Eram punidas? Existem mulheres atualmente que ainda vivem nestas condições e são vistas como hereges, pecadoras e bruxas?* Todas estas questões serão respondidas e analisadas no decorrer do texto, onde serão vistos casos e conceitos que ajudarão a entender tudo isso.

Mas por que se dá a realização desta pesquisa? Pelo simples fato de uma afinidade com o tema Idade Média, momento chave para o desenrolar histórico. Deseja-se também aprender, sobretudo sobre o feminismo, movimento crescente de igualdade de gêneros. Há um grande desconhecimento sobre este tema por parte do autor, onde se espera aprender sobre este fato importantíssimo.

II Contextualização Histórica

A Idade Média na Europa foi um período que se estendeu do século V com a queda do Império Romano até o início do século XV com início da época conhecida como Renascimento.

O período medieval teve como principais características uma sociedade extremamente rural e suas relações de servidão, entre os senhores feudais e os já ditos servos. O senhor, um homem nobre, proprietário de um feudo (uma grande propriedade rural com um castelo onde residia) oferecia moradia as pessoas não nobres, os servos, e estes por sua vez davam ao senhor sua força de trabalho. Vale notar que estas relações servis, ou relações de vassalagem, são algo diferente de escravidão, já que tanto o senhor como o servo se beneficiavam. No entanto, pode-se dizer que são análogas. Mas além disso, a sociedade medieval se caracterizava por uma supremacia religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, a qual acreditava ser o poder máximo, uma enviada na Terra que deveria trazer a palavra do único Deus salvador, o único não pagão, o católico.

O domínio católico medieval é visto como uma era sem avanços, sejam eles científicos ou tecnológicos, onde a sociedade europeia parou, para viver em uma época dominada pela religião. Por esta razão, a Idade Média é conhecida frequentemente como Idade das Trevas. Mas possivelmente o período não recebeu este nome apenas pela estaticidade intelectual, mas também pela extrema violência. Guerras contra usurpadores de trono eram travadas constantemente, além daquelas que eram justificadas pelo nome de Deus, sendo as mais conhecidas a inúmeras Cruzadas. Aliás, todo método de violência era justificado pelas seguintes frases: “*Em nome de Deus*” ou “*É a vontade de Deus*”. Em muitos casos, a vontade de Deus era o extermínio daqueles que consideravam hereges, conceito que será abordado no decorrer do texto. Por instância, basta saber que um herege é aquele que vai contra um ideal dominante, no caso, os ideais católicos.

Diversas pessoas que eram consideradas hereges foram perseguidas, mortas e torturadas pela Igreja Católica, sobretudo pelo Santo Ofício da Inquisição, um tribunal que tinha como função o julgamento dos hereges, que muitas vezes, resultava em execução. Muitos dos hereges eram aqueles não católicos, pecadores, aqueles que questionavam os ideias e teorias católicas, como Galileu Galilei, que ousou dizer que os diversos astros do sistema solar não giravam em torno da Terra, mas sim que a Terra e todos os outros planetas giravam em torno do Sol.

Mas hereges não eram só os homens. Muitas mulheres eram consideradas hereges, geralmente vistas como bruxas. Muitas acabavam sendo queimadas na fogueira por conta disso. Foi o caso da famosa Joana D’Arc. Algumas mulheres eram bruxas pelo simples fato

de serem mulheres e então eram perseguidas pela Igreja. Aquelas que não eram caçadas pela Inquisição eram forçadas a se casar e a ter filhos, possuindo muitas vezes relacionamentos abusivos.

Nota-se que julgamento e a caça às bruxas e hereges, não ocorreu apenas durante a Idade Média e não apenas na Europa. Muito pelo contrário. É bastante conhecida a caça às bruxas de Salem.

Salem, era um pequeno povoado dos Estados Unidos durante o período colonial no século no século XVII no estado de Massachusetts. No ano de 1689, uma guerra entre franceses e ingleses era disputada pelas colônias norte americanas, a chamada Guerra dos Nove Anos. O conflito resultou em um imenso número de refugiados que tentavam escapar dos combates.

Muitos destes refugiados iam para o pequeno vilarejo de Salem. No entanto, a cidadezinha já possuía certos conflitos internos, apenas agravados pela chegada destas pessoas. Havia uma forte tensão entre a elite da cidade e os agricultores. Com os refugiados a tensão entre os dois grupos piorou, por conta de dificuldades econômicas. No entanto apenas alguns anos depois, em 1692, diversas crianças do povoado começaram a apresentar estranhos sintomas, médicos deduziram que as causas eram sobrenaturais. Assim, foram acusadas diversas mulheres, que supostamente haviam feito pactos com o demônio e estavam causando a desordem no lugar.

Por conta disso, certo tempo depois criou-se um tribunal (uma espécie de tribunal da inquisição) que buscava julgar os casos de bruxaria que cresciam exponencialmente. Ao todo 200 mulheres foram acusadas de serem as tão infames bruxas. 20 dessas (10%) foram mortas com seus pescoços quebrados na forca. A caça as bruxas de Salem se estendeu até 1693, quando a mulher do governador foi acusada, então, foi ordenada que a caça cessasse. Nota-se também que não foram apenas mulheres que foram acusadas de praticarem bruxaria. Também foram presos e executados, homens, crianças e até animais.

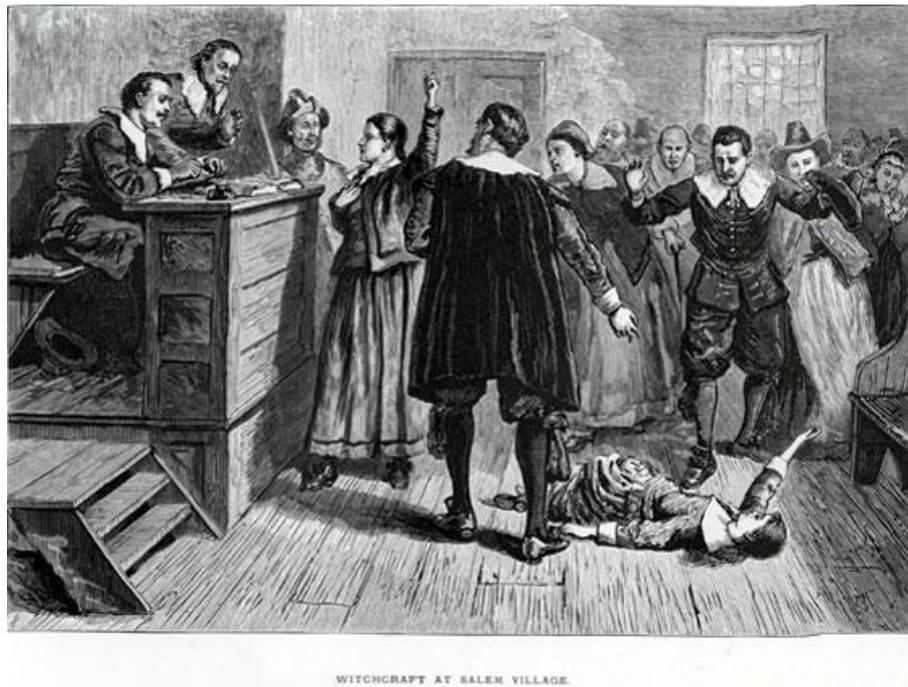


Imagem I: Execução de uma bruxa durante a caça de Salem

III Legislação e Casos de Enquadramento na Sociedade

É de fundamental importância para o entendimento deste trabalho a compreensão de alguns conceitos básicos tais como o de heresia e de inquisição além do que será tratado como escapismo neste ensaio. A inclusão destes conceitos no ensaio possui como objetivo a facilitação do entendimento destes períodos e casos que envolvem bruxaria e heresia, os quais, alguns serão ressaltados neste trabalho e olhados a fundo. Além disso, deve-se também analisar certas leis que conduziam a conduta da vida da mulher na Idade Média, e buscar entender que se elas não fossem seguidas muito possivelmente ela seria considerada como herege. Esta parte do trabalho possui a intenção de proporcionar o entendimento de algumas destas leis e conceitos.

Durante o período medieval vivia-se sob um domínio da religião católica. As pessoas obedeciam os ideais do catolicismo, desta forma, se a Igreja dissesse que o Sol girava em torno da Terra, devia-se acreditar que a o Sol girava em torno da Terra. As ideias católicas que eram pregadas não poderiam de forma alguma serem questionadas. No entanto no decorrer dos anos da Idade Média, as pessoas começaram a questionar estes ideais regentes. “Por que o Sol gira entorno da Terra e não ao contrário?” “E se nós não fomos criados do barro?” Assim pode-se dizer que um herege é a pessoa que em algum momento vem a questionar um ideal regente da sociedade em que vive.

A palavra herege surgiu do latim *Haeresis*, que significa Doutrina Contrária. Ou seja, a heresia de fato era como uma espécie de “anti-doutrina”. Ela surgiu como um movimento

questionador dos ideais dominadores presentes na Idade Média, e era vista como um fator de desordem. Desta forma, o passo lógico daqueles que estavam sendo questionados e perdendo credibilidade, era acabar com a desordem, ou seja, dar um basta nas heresias. Esse movimento de caça aos hereges, os que praticam a heresia, de fato aconteceu, e ele foi um dos mais violentos e sanguinários. Foi principalmente praticado pelo Santo Ofício da Inquisição, se tratava de um tribunal que julgava as pessoas hereges. No entanto, nota-se que a Igreja Católica não realizou estes ataques e pregou seu reino de terror contra os que questionavam seus dogmas apenas na Idade Média. Um certo padre Miguel Hidalgo y Costilla, um homem extremamente influente no processo de Independência do México em 1810 no século XVII foi julgado e executado pela inquisição por questionar a autoridade do estado espanhol. Hidalgo teve seu cadáver mutilado e sua cabeça pendurada em praça pública para servir de aviso para os demais revolucionários.

Mas o que foi esse tão falado Santo Ofício da Inquisição? A inquisição surgiu no século XIII, mais especificamente em 1233, criada pelo Papa Gregório IX. A instituição aparece com o intuito de combater seitas religiosas que iam contra os ideais católicos. Tais seitas eram um perigo para a Igreja Católica, já que pregavam a existência de dois deuses, um bom, e outro mal, sendo o mal, responsável pela criação das criaturas humanas. Tal pensamento era inadmissível pelos católicos o que levou a um verdadeiro conflito entre os dois grupos, onde os dois lados chegaram a se armar. Com o fim do conflito entre os católicos e as seitas, a heresia destes grupos ainda persistia com isso, o Papa Gregório IX viu necessária a criação de um tribunal investigativo que buscasse acabar com estas heresias emergentes. Chamou este tribunal de Santo Ofício da Inquisição.

Deve-se dizer que a inquisição não foi essa grande instituição que assassinou milhares de pessoas pelo seu bel prazer. Isso é algo que costuma gerar uma imensa confusão, e é por isso que o assunto Inquisição tende a ser um tema polêmico entre alguns historiadores. A inquisição ocorreu em dois momentos, uma no período medieval, a que será tratada neste texto, e outra na Idade Moderna. A inquisição medieval se estendeu por um curto período de tempo, por apenas um século, do XIII ao XIV. É principalmente sobre esta

inquisição que as pessoas costumam se enganar, já que suas sentenças resultaram principalmente em excomunhão e apenas em alguns casos a execução. No entanto, o tribunal medieval não hesitava em se utilizar de diversas práticas de tortura para fazer com que as pessoas confessassem suas heresias. Já o tribunal moderno, centrado principalmente na Espanha e Portugal durante os séculos XV e XIX possuía um âmbito bem mais feroz. As execuções tornaram-se bem mais frequentes e uso de torturas continuou. Em tempos atuais, a inquisição tornou-se parte da cultura, sendo representados em livros, peças de teatro e filmes, como no excepcional *O Nome da Rosa* baseado na obra de mesmo nome de Umberto Eco. Mas além disso, tornou-se alvo de inúmeras sátiras, como a do grupo de comédia britânico Monty Python.

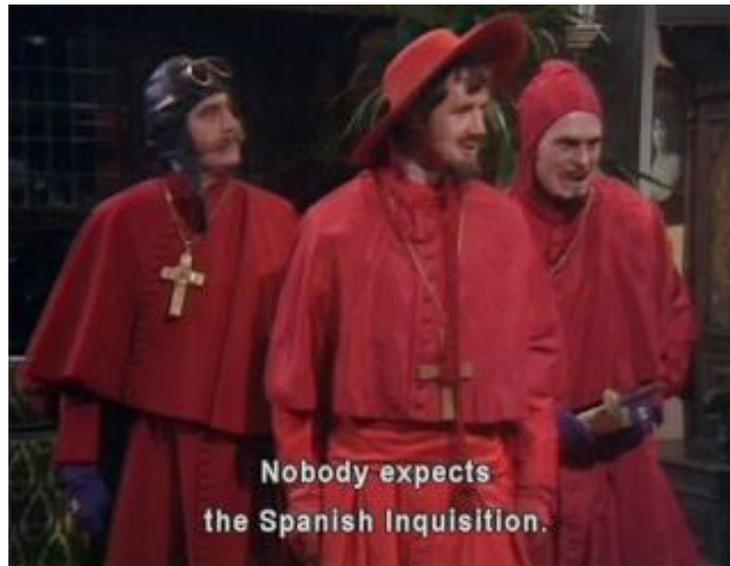


Imagem II: Cena de Monty Python's Flying Circus que foi ao ar em 1970

A inquisição será um ponto norteador para entendermos como as mulheres se enquadravam na sociedade medieval e colonial americana em Salem. Mas antes é necessária a introdução de mais um conceito essencial, o de escapismo. O escapismo foi algo muito presente no século XIX entre os escritores românticos. Nesse período eles se utilizavam se entorpecentes para terem uma fuga espiritual da realidade. É visto como uma distração mental de obrigações ou realidades desagradáveis recorrendo a devaneios e imaginações. Porém, nota-se que além desse conceito, o escapismo pode ser algo totalmente literal. Ou seja, de fato escapar, abandonar sua vida e sua sociedade. Para o propósito deste trabalho, serão utilizados os dois, já que é completamente plausível que uma pessoa possa querer escapar de sua realidade tanto psicologicamente quanto fisicamente.

No período medieval a mulher não se encontrava em uma situação de liberdade, muito pelo contrário, ela se via em uma condição bem menos igual do que vemos nos dias de hoje. Atualmente vemos um número pouco expressivo de mulheres com cargos relevantes em grandes empresas, ganhando um salário pouco parecido ao de um homem com mesmo cargo. Sem mencionar a crescente cultura do estupro, tema que daria páginas para mais um ensaio. Por isso torna-se difícil de imaginar uma realidade com uma situação pior. Durante a Idade Média, a mulher vivia em condições muito piores.

Segundo o historiador francês Jacques Le Goff, durante esse período que abrange o século V e XV, as mulheres se enquadravam em um grupo social que chamava de desprezados. Este grupo possuía pessoas que conseguiam integrar a sociedade até certo ponto, mas eram mal aceitas e mal vistas, sendo vítimas de preconceitos pelo restante da população. Outras mulheres integravam o grupo dos marginais. É por causa do comportamento desta pequena parcela da população, que se justificava a exclusão das mulheres da sociedade.

Vendo-se a situação por este lado torna-se fácil de entender o por que da mulher medieval passar a maior parte de sua vida dentro de sua residência. Ela era vista apenas como um objeto sexual do homem, que deveria ser utilizada para reprodução. Isso no caso da esposa, se o patriarca desejasse apenas o prazer do sexo, ele não iria atrás de sua prometida, mas sim atrás das prostitutas, que trabalhavam durante a noite, em feiras ou em beiras de estradas no meio rural. Nas cidades emergentes, havia bordéis ou ruas prostibulares. A figura da vagabunda, da prostituta se encaixava no grupo das marginais, sendo extremamente mal vistas por todos, pois eram elas que se dedicavam ao prazer carnal, ação horrenda e anormal de acordo com a Igreja Católica. Elas eram chamadas de “ralé”, “mendigas” ou até “mulheres da vida fácil”. As prostitutas também foram vítimas dos movimentos “anti-heresia” sendo inclusive perseguidas pela Inquisição. Mas elas não foram seus alvos principais, esses eram as feiticeiras, as temidas bruxas que vivem em nosso inconsciente voando em vassouras.

A caça às bruxas não foi algo incomum durante a Idade Média, no entanto, foi após no seu fim que ela tomou proporções assustadoras. Elas foram caçadas pela inquisição a partir do século XIV, tendo destinos terríveis, vide Joana D’Arc, o símbolo mundial de bruxaria e heresia. A tão infame caça se iniciou no imaginário das pessoas e as acompanhou durante sua evolução. Segundo José Rivair Macedo, autor de “A Mulher na Idade Média”, livro que possui papel essencial para este trabalho: “As transformações na imagem e conceitualização das magas, curandeiras, advinhas, etc. acompanharam a evolução das sociedades europeias e dependeram dos fatores crença-descrença nos poderes a elas atribuídos, de acordo com as diferentes épocas [...]” Com a impregnação da bruxa no imaginário da sociedade civil, a Igreja Católica se viu obrigada a revelar a irrealdade destes casos, ainda não se utilizando de métodos violentos.

Porém, a partir do século XIII, ocorreu uma transformação no pensamento católico a respeito das feiticeiras. Sua imagem foi completamente modificada, agora essas mulheres eram perigosas. Os católicos precisavam agir, a o Santo Ofício da Inquisição partiu em sua cruzada. Em seu ponto de vista, feiticeiras teriam feito pactos com o demônio por isso deveriam ser caçadas. Todo tipo de feitiçaria sempre havia sido associado com alguma espécie de comunhão com satanás e o diabo, curiosamente, a praticada pelos homens era tolerada. Isso se dá pelo fato de que as invocações satânicas feitas pelos magos, traziam demônios como seus servos, enquanto as bruxas deveriam se submeter ao mal espírito. Assim a caça iniciou-se. Mais temidas que as bruxas, eram suas reuniões, o *Sabat*, frequentemente representado por uma grande orgia com a presença de Satanás, geralmente com a forma de um carneiro.



Imagem III: O sabat das bruxas, representação feita por Goya

Em certo ponto, as bruxas tornaram-se tão temidas que foi necessária a criação de um manual para guiar as caçadas. Feito por dois inquisidores alemães, surge o *Malleus Maleficarum*, com seu título em latim traduzido para “O Martelo das Feiticeiras”. No entanto, o livro não será abordado no ensaio pois o estudo da caça não é o intuito deste trabalho.

Pode-se dizer que houve um ocorrido semelhante em Salem, EUA, onde os casos mais banais eram tidos como bruxaria. Vale dizer também que estes casos de Salem, foram julgados por um tribunal com tendências extremamente semelhantes ao inquisitório, com sentenças igualmente cruéis, sendo a mais comum o enforcamento. A bruxas deveriam depor para diversos juízes, como um tal de Samuel Sewall, que ajudaria a decidir, se eram ou não hereges

Mas e quanto o outro grupo social, o dos desprezados? Quanto a isso vale notar também algumas coisas. A respeito da sucessão, se uma mulher fosse a primogênita de uma família nobre, a herança ainda sim seria do primeiro filho. Se não houvessem irmãos homens, quando casasse, o esposo ingressaria na família e se instalaria na propriedade do sogro, tornando-se o chefe da família, o *Caput Mansi* do latim. As mulheres geralmente eram oferecidas em casamento muito cedo, algumas antes até de sua primeira menstruação. Os casamentos eram muito importantes, pois representavam a união de dois reinos, de duas

famílias, então era uma ferramenta eficiente na ascensão de nobres ao trono. Geralmente o homem era o chefe da família, mas há relatos de certas exceções. Para isso, serão olhadas algumas leis matrimoniais irlandesas da Alta Idade Média, século V. Havia o *Cetmunter*, caso no qual a mulher provinha de condições sociais e econômicas equivalentes à do marido. Se isso acontecesse, o casal desfrutava de uma relação de igualdade. Uma relação não nomeada, era quando a mulher possuía tais condições inferiores às do prometido, assim, ela era incontestavelmente submissa a ele. O *Ferfognama*, traduzido para “homem de serviço”, ou *Fer for ban thincur*, traduzido para “homem sob poder da mulher”, ocorria quando a mulher possuía uma fortuna superior à do marido, quando isso acontecia, ela era a chefe da família, deixando o esposo sem autoridade alguma. Apesar destas leis serem vigentes na região da atual Irlanda, acredita-se que elas não variaram muito pelo resto da Europa durante o resto da Idade Média.

Existem registros de casos nos quais a mulher conseguiu se livrar do matrimônio. Segundo o *English Exchequer Rolls*, que possui dados censitários e fiscais, é mencionado que entre 1140 e 1282, houveram casos de mulheres que pagaram taxas a funcionários do rei para terem independência em relação ao matrimônio. Citando certas mulheres como Emma de Normanville, Roheisa Margareth, diz que estas prestaram contas de 10 marcos para terem a possibilidade de se casarem onde bem entendessem e com quem desejassem. Alice Warwich, pagou de £1000,00 para permanecer viúva e com a guarda dos filhos por tempo indeterminado.

Ocorrências como estas representam escapismos físicos. Deve-se dizer que uma generalização a respeito desses casos é errada, já que eles fazem parte de uma minoria, representados por mulheres regentes de grandes fortunas, ou seja, as mulheres que pertenciam à nobreza. Sendo que nem toda a mulher deste grupo possuía tais possibilidades. Enquanto isso, a maior parte da população feminina, servas, burguesas, etc. possuíam uma vida de total submissão e restrita ao meio residencial, realizando os desejos do marido, cuidando da casa e dos filhos.

Esta é uma realidade presente até hoje, que percorreu todos os períodos históricos seguintes, sendo por opção da mulher ou não. Só atualmente isto está começando a mudar para uma situação mais igualitária de gêneros entre homens e mulheres, mesmo assim, ainda há uma grande estrada para ser percorrida.

IV Estudo de Casos de Mulheres Hereges

Nesta secessão do ensaio serão analisados casos de algumas mulheres que praticaram heresias de acordo com o tribunal da cidade de Salem, ou para o Santo Ofício da Inquisição.

Os casos especificados serão os de: Matteuccia de Francesco, Joana D'Arc e por fim o da escrava Tituba de Salem.

Inicia-se por Matteuccia de Francesco. Ela foi uma presumida freira conhecida popularmente como a “Bruxa de Ripabianca”, sendo Ripabianca, o vilarejo em que vivia. Foi julgada pela inquisição e foi uma das primeiras a ter seu caso documentado no tribunal da Úmbria, uma região da Itália que faz fronteira com a Toscana. Matteuccia foi acusada de bruxaria e heresia, onde mais tarde o tribunal executou sua sentença. Diziam que ela era influenciada pelo próprio diabo, por isso praticava altos sacrilégios, ou seja, um grave pecado contra a religião. Ela supostamente teria tido relações “profanas” com outras mulheres, além de ter usado uma espécie de pomada feita a partir do sangue de crianças recém-nascidas. Acima de tudo, a bruxa alegou ter voado nas costas de um demônio, sendo um dos primeiros relatos de bruxas que voam. A italiana foi condenada, culpada de todas suas graves heresias, sendo posteriormente executada. A sentença se deu em 1428, seu destino foi a terrível morte na fogueira em praça pública, para avisar as demais pessoas de como bruxas seriam tratadas.



Imagem IV: O pequeno vilarejo de Ripabianca na Úmbria

O caso da italiana é incontestavelmente importante, pois mostrava o caráter autoritário da inquisição, no qual a pessoa não possuía sequer o direito de se defender contra as acusações. Ela se mostrou forte perante um poder autoritário, não negando nada do que havia feito. Muito pelo contrário, apenas ressaltando suas feitiçarias ao dizer que havia voado sob as costas de um demônio, questionando de fato a autoridade desta instituição. Mas o caso de Matteuccia não se torna interessante apenas pela sua conotação questionadora, ela foi uma das figuras responsáveis pela criação da imagem bruxa que mora em nosso subconsciente. Oras, ela não era uma feiticeira que voava e que se apoderava de crianças? A bruxa que vive em nossas imaginações não é diferente da “Bruxa de Ripabianca”. É muito

possível que essa imagem que temos da bruxa, tenha sido feita pelos clássicos contos de fadas como João e Maria e pelos ilustres Irmãos Grimm, mas será que a inspiração para estas histórias para aterrorizar as crianças, não tenha sido a própria Matteuccia de Francesco? Infelizmente para o propósito deste trabalho não foi encontrada nenhuma imagem que sirva de ilustração para este caso.

Olhando agora para um caso de outra época e de outro lugar durante a caça as bruxas de Salem. Analisaremos o caso de Tituba. Ela foi a primeira acusada pelo tribunal e a ter confessado a prática de bruxaria. Não apenas isso, Tituba não foi executada ao final de seu julgamento, pois sua magia foi considerada inofensiva a população de Salem, mas Tituba também acusou outras mulheres de serem feiticeiras.

Tituba foi uma escrava, propriedade de um homem chamado Samuel Parris. Pouco se sabe da vida da escrava antes de sua compra pelo americano, no entanto especula-se que ela tenha vindo do Caribe, mais especificamente de Barbados. Acredita-se que já provinha de uma família de escravos. Ela foi levada aos Estados Unidos por Samuel e então começou a servir seu mestre, junto de seu marido, também acusado pelo tribunal.

Tituba teria mostrado práticas de feitiçaria e “voodoo” para duas garotas, primas, Elizabeth Parris e Abigail Williams, que mais tarde prestaram a acusação contra a escrava, por conta de sintomas de uma estranha doença cuja causa era tida como sobrenatural. Durante seu julgamento, ela afirmou que aprendeu técnicas com sua ama em barbados, que a ensinou a ser armar com poderes malignos e a revelar fontes de bruxarias. Além disso, confessou ter feito o chamado *witchcake*, uma espécie de bolo feito com a urina da pessoa que apresentava os tais sintomas. O bolo era dado para um cachorro, que se apresentasse também o mesmo comportamento da vítima, estava clara a presença de algum feitiço. Tituba disse que fez o bolo para ajudar as duas garotas. O fato é, a magia de Tituba não foi considerada nociva à população da cidade de Salem por isso foi inocentada. Porém, ela acusou outras duas pessoas, Sarah Good e Sarah Osborne, sendo que a primeira foi enforcada após o nascimento de seu filho e a segunda morreu na cadeia. A escrava também afirmou que Sarah Osborne possuiu uma criatura com cabeça de mulher, duas patas e asas. Tituba, não só ampliou as atuações do tribunal, como também incitou o terror em Salem fazendo muitas pessoas acreditarem que o diabo em pessoa circulava pela cidade.

O caso de Tituba, é um caso especial, pois é um que mostra a libertação da acusada pelo tribunal, dito por especialistas como um raro ocorrido. Tituba não mostrou a força de Matteuccia por mostrar sua capacidade contestadora, se entregou às mãos do tribunal. Notando-se claro que Tituba, tentou ajudar as garotas, pois percebeu que se não fosse punida pelo seu dono, seria punida pelo tribunal. Logo, Tituba estava em uma posição bem menos favorecida que a italiana, estava na terrível condição de escrava. Logo, sua confissão é jus-

tificada, por inclusive um medo de Samuel Parris. Mas seu caso não foi menos importante, não é muito conhecido, mas assim como o da bruxa italiana, contribuiu para a formação da imagem da bruxa como temos nos dias de hoje, como bem mostra a caricatura do século XIX abaixo.



Imagem V: Representações de Tituba. A primeira é uma ilustração de John W. Ehniger de 1902. A segunda, uma representação popular do século XIX por Alfred Fredericks

Por mais interessantes que estes casos interiores sejam, tornam-se ofuscados pelo mais conhecido caso de bruxaria e heresia. Não por menos, de fato, Joana D'Arc, tornou-se o símbolo da heresia, pois ia contra todos os padrões da época, inclusive tornando um símbolo de feminismo. Joana D'Arc não representa apenas uma bruxa, representa também a força e a coragem das mulheres de irem contra o sistema em que vivem dominadas. Ela era, e ainda é uma pessoa para ser admirada. Mas como se deu o processo de condenação da tão famosa bruxa francesa? Ele é um tanto complexo e interessante.

Joana D'Arc nasceu em Domremy em 1412. Segundo Régine Pernoud, “foi uma rapariga como as outras, uma pastora, uma pessoa do povo”, isso até certo ponto claro. Desde criança afirmava ter visões nas quais conversava com Deus e onde o Todo Poderoso revelava-lhe sua vontade, que Joana libertasse o povo francês da dominação inglesa. Neste período época, dizia-se na França que o reino seria dado ao inimigo por conta de uma mulher e que seria libertado por uma virgem. Joana acreditava que ela era essa virgem, que sua missão era divina e por isso deveria completá-la. Vale notar, que na época a França vivia sob domínio Inglês, uma dominância permitida por conta do tratado de Troyes. De algum modo, D'Arc conseguiu uma audiência com Delfim Carlos, futuro rei Carlos VII. O monarca permitiu que ela marchasse e liderasse o exército rei francês em uma investida contra a cidade de Orleans, sitiada por tropas inglesas. Sob o comando de Joana, os franceses foram vitoriosos. Várias outras conquistas foram feitas sob a liderança da Donzela de Orleans. Em 1430 Joana D'Arc, com dezoito anos, foi capturada pelos ingleses e em 1431

seria julgada pela inquisição de Ruão. A sentença de Joana é algo bastante conhecido por todos. Mas o que nos interessa, é seu processo de condenação.



Imagem VI: Pintura romântica de Joana D'Arc liderando o ataque a Orleans

Ele se iniciou em 9 de janeiro de 1431, conduzido por Pierre Cauchon, no qual tomaram parte sacerdotes da Ordem dos Dominicanos, inquisidores, e o reitor da universidade de Paris além de vários bispos e cardeais ingleses. Grande parte daqueles que acusavam a Donzela de Orleans, faziam parte do círculo de inimigos do recém coroado rei Carlos VII, que queriam se ver livres de Joana, já que ela conquistava vitórias consecutivas para o lado dos franceses. O julgamento de D'Arc é bem interessante já que ele possuía tanto uma condenação religiosa como política. Religioso, pois ela foi acusada de bruxaria e heresia. Político, já que o resultado do julgamento seria muito influenciado pelos resultados dos conflitos entre França e Inglaterra. Além disso, caso Joana fosse culpada, o rei Carlos poderia ser acusado de ter recorrido aos serviços de uma bruxa e por ter sido auxiliado pelos poderes sua magia negra.

Durante meses Joana foi visitada e interrogada pelos inquisidores. Ressaltavam várias vezes as visões que ela tinha, buscando entendê-las. Joana confirmava que era visitada por santos, como São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida. No entanto ela não revelava muito sobre as figuras divinas. Aliás, o fato das visões não foi algo essencial para a

decisão do tribunal, mas sim, as roupas que usava. Masculinas. Eles acreditavam que era algo anormal uma mulher utilizar roupas designadas apenas para homens. Achavam que não era natural ela lutar com homens, chefiar homens e se armar com homens. Quando interrogada sobre isso Joana D'Arc respondeu:

“Eu o faço por ordem de Nosso Senhor e a seu serviço. Não acredito fazer mal por isso, e quando Ele desejar e ordenar, a roupa será tirada”

Em um episódio, após sua sentença original de prisão perpétua, foi ordenado que Joana vestisse roupas propriamente aptas para seu gênero. Ela assim o fez, mas depois foi encontrada vestida novamente com trajes masculinos afirmando ter presenciado novas visões. Ela foi considerada, herege, bruxa, incorrigível, e indigna de toda e qualquer misericórdia. A sentença foi dura. Foi condenada a queimar até os ossos na fogueira.



Imagem VII: A execução de Joana D'Arc em Ruão em 1431 com 19 anos

A história de Joana D'Arc é mais famosa de heresia por um motivo e torna-se fácil de se entender ao olhar todo seu processo. Mas não representa apenas a coragem da guerreira, mostra e revela também a hipocrisia da Igreja Católica, já que Joana D'Arc foi canonizada em 1920 pelo Papa Bento XV. Será que houve um arrependimento da sentença que lhe foi dada? Dificilmente. Mas talvez um reconhecimento de seus bravos atos e de suas visões

com figuras bíblicas, que dessa vez a tornam digna de se tornar uma santa. Santa Joana D'Arc com direito a estátua na Catedral de Notre Dame. Mais interessante ainda, é o fato de Joana ter sido condenada pelo tipo de roupas que vestia. Alguns historiadores dizem que ela não foi condenada por conta das roupas que vestia, mas conta do que se tornava quando estava trajada como homem. Uma poderosa guerreira que amedrontava as forças inglesas. Existem até teorias de que as roupas de homem foram entregues a Joana D'Arc por soldados ingleses, com intenção de que seu destino fosse a fogueira, trazendo assim uma desvantagem ao rei Carlos.

V Considerações Finais

De fato, a Idade Média foi um período de altas injustiças, não só contra a vida da mulher, mas contra a vida de qualquer pessoa vista como herege pela Igreja Católica. Sob o domínio e crueldade impostos pelo Santo Ofício da Inquisição as pessoas viviam com medo de serem hereges. Ainda hoje, o tribunal da Inquisição existe, residindo apenas no Vaticano e com outro caráter com o nome de Sagrada Congregação para Doutrina da Fé, possuindo um âmbito bem menos violento do que antigamente, julgando até hoje alguns poucos casos de heresia. Na Idade Média, no entanto, as mulheres de fato, eram o principal alvo das acusações de heresia. Mas vale dizer, que esta imagem da mulher feiticeira e herege não era uma realidade para todas as pessoas. Para alguns os dois gêneros eram iguais. Basta dar uma breve analisada na seguinte imagem:



Imagem VIII: Representação de São Miguel

Ela mostra São Miguel. O que nos interessa não é o que o arcanjo carrega, mas sim o que se encontra na balança. De um lado um homem e do outro uma donzela. O homem está sendo puxado por uma criatura que se assemelha a alguma espécie de demônio, enquanto a moça é tocada por algum tipo de anjo. Isso demonstra que para algumas pessoas, as mulheres não eram todas, hereges, elas não eram todas bruxas. Elas eram boas, enquanto o homem, ele sim era o verdadeiro pecador e herege, o causador de todo mal do mundo. Esta imagem pode tanto ser uma crítica à essa situação, como pode não ser. Pode apenas ser uma grande coincidência, no entanto nos serve como um belo modo de finalizar estas páginas . O fato é, ainda no século XXI nos encontramos ainda bem longe de uma total igualdade entre gêneros, mas andamos muito em relação ao que era antes.

VI Agradecimentos

Por fim, nada mais justo do que agradecer pessoas, sobretudo incríveis mulheres que tornaram possível a realização deste ensaio:

Agradecimentos à Dora Cavalcanti Ehrlich, extraordinária consultora e brava ativista do movimento feminista e sempre presente na luta pela igualdade de gêneros;

Agradecimentos à Lilian Starobinas, professora de história do segundo ano da Escola Vera Cruz, uma grande guia para a realização do ensaio;

Agradecimentos à Adriana Pisaturo de Moura, querida mãe disposta a ler a produção do filho dando sábias e bem-vindas dicas para a melhoria do trabalho sempre opinando no que achava bom ou ruim;

Por fim, agradecimentos à Paulo Otávio Gonçalves de Moura, pai que leu o ensaio expressando-se diversas vezes sobre o que lá via escrito, corrigindo, pontuação, coesão e acentuação.

VI Bibliografia

VI.I Pesquisas

HISTORY OF MASSACHUSETTS. Tituba: the slave of salem. Disponível em: <<http://historyofmassachusetts.org/tituba-the-slave-of-salem/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

Macedo, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. Contexto, 1999.

Novinsky, Anita. *Inquisição: prisioneiros do Brasil, séculos XVI-XIX*. Vol. 3. Editora Expressão e Cultura, 2002.

O'Faolain, Julia, and Lauro Martines. *Not in God's image; [women in history from the Greeks to the Victorians]* Edited by Julia O'Faolain and Lauro Martines. 1973

SALEM WITCH TRIALS DOCUMENTARY ARCHIVE AND TRANSCRIPTION PROJECT. Tituba. Disponível em: <<http://saalem.lib.virginia.edu/people/tituba.html>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

THOUGHT CO.. Witch cake or witch's cake salem witch trials glossary. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/definition-of-witchs-cake-3528206>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

UOL EDUCAÇÃO. Guerreira e santa francesa joana d'arc. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/joana-darc.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

VI.II Imagens

Imagem I: William A. Crafts - Vol. I Boston: Samuel Walker & Company

Imagem II: Monty Phyton's Flying Circus ao ar em 1970

Imagem III: O Sabat das Bruxas de Goya de 1798

Imagem IV: Autor desconhecido

Imagem V: Tituba por John W. Ehninger, 1902

Imagem V Tituba por Alfred Fredericks em W.C. Bryant's *A Popular History of the United States*

Imagem VI: *Jeanne d'Arc at the Siege of Orléans* by Jules Eugène Lenepveu, painted 1886–1890

Imagem VII: Jules Eugène Lenepveu (1819 – 1898)

Imagem VIII: Autor desconhecido

A justiça e a injustiça para as religiões de matriz africana no Brasil

Dora Cavalcanti Ehrlich



1

1 CARYBÉ - Xangô. Disponível em: <<https://ilepaijoaquimemaemaria.wordpress.com/2013/09/26/qualidades-de-xangô/>>. Acesso em 11/11/2017

I- Introdução

A invisibilidade de práticas religiosas como o Candomblé e a Umbanda no Brasil está fortemente relacionada ao intenso racismo no país, que vem desde os tempos da colonização e também a uma certa superioridade de algumas religiões, que passam a ser mais respeitadas e mais importantes do que outras. Esse estudo pode caracterizar essa invisibilidade e esse preconceito, e buscar as formas com as quais essas próprias religiões lidam com a injustiça.

O assunto a ser aprofundado no texto é a visão e o uso da justiça segundo o Candomblé, a Umbanda, seus terreiros e seus praticantes. O grande motivo para fazer a pesquisa é um crescente encanto por essas práticas religiosas, por mais que não façam parte do meu cotidiano, e uma curiosidade que vem principalmente de músicas, que acompanharam boa parte do processo de pesquisa e escrita, além de serem objeto de estudo: quem é esse Xangô tão destemido e importante para tantas pessoas? Além disso, há um desejo de que um dia seja dado a essa cultura o tamanho que merece. É evidente para mim que, sozinha, eu não consigo realizar esse desejo imenso, que tenho certeza que não é só meu, mas penso que trazer o tema e as discussões importantes e sobre privilégios que ele traz consigo para o Vera Cruz, em um ano no qual já houve uma pesquisa sobre o mesmo em dança, pode ser enriquecedor à escola como um todo, que se encontra em uma situação de privilégios: o bairro, a qualidade do ensino e os privilégios socioeconômicos dos próprios alunos.



A discussão e exposição do tema em uma pesquisa profunda se mostra importante simplesmente pelo fato dessas religiões existirem há séculos e terem sido muito pouco estudadas comparando com outras, como o cristianismo, no caso do Brasil.

É provável que o orixá Xangô (correspondente à justiça) seja muito citado na busca pelas respostas da pergunta acima, mas que também espero usar leis e apontamentos de pessoas

2 “Há África em Mim”, apresentação de dança sobre Áfricas na festa junina da Escola Vera Cruz, 2017.
Foto: Claudia Cavalcanti

relacionadas ao poder judiciário para sustentar os pontos apresentados. E é possível imaginar que os casos de injustiça aqui abordados configuram preconceito religioso e racial.

A falta de bibliografia sobre o assunto, apesar de real, não é total. Há, no Brasil, importantes pesquisadores sobre as religiões em questão, que serão fonte de significativa colaboração na construção desse pensamento pouco visitado sobre a relação entre justiça e religião. Além disso, as religiões que se tornaram objeto de pesquisa se relacionam constantemente com a arte: a música, a dança e as imagens. Vejo como impossível uma busca profunda por informações sobre o Candomblé e a Umbanda só com bibliografias concretas, como ensaios acadêmicos e textos. Será preciso analisar imagens, como as de Carybè, e músicas, indo de Baden Powell até Juçara Marçal, passando por Gilberto Gil.

A pesquisa para responder diretamente a pergunta que diz respeito a relação entre justiça e as religiões estudadas e principalmente como seus praticantes buscam por justiça se mostra menos explícita em materiais já existentes. Portanto, a principal fonte de informação será entrevistas com praticantes, pais de santo, e, se possível, pesquisadores.

II- Contextualização

2.1 - Religiões de matriz africana

“Se a escravidão nos arrancou a realeza, o orixá nos devolveu”³, diz o Babalorixá Rodney de Oxossi, do terreiro paulista Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá. E como Luiz Melodia cantou em “Poeta do morro”, “cantando samba a noite inteira, eu sou mais forte, eu sou mais gente, eu sou um rei”.

As religiões de matriz afro-brasileira são muitas, como a Cabula, o Catimbó, a Quimbanda, o culto aos Egungun e Omolocô. Mas entre o minúsculo número de brasileiros (1%) que se assumem praticantes de religiões originárias do continente africano, as duas ramificações religiosas que têm mais praticantes são a Umbanda e o Candomblé.⁴ Segundo Antonio Flávio Pierucci, o culto aos orixás e às entidades propicia a cultura, desde hábitos alimentares, passando por palavras no vocabulário, indo até festas e comemorações.

Os cultos em questão não são seitas, como se costuma comentar popularmente, mas são religiões rituais que se baseiam na mitologia e em uma representação ritualística. Nesses

3 CARTA CAPITAL - PAI RODNEY DE OXÓSSI. Candomblé: religião de resistência. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/candomble-religiao-de-resistencia>>. Acesso em: 17 out. 2017.

4 CENSO IBGE. **Religião - Atlas do Censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/pag_203_religi%c3%a3o_evang_miss%c3%a3o_evang_pentecostal_evang_nao%20determinada_diversidade%20cultural.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.

rituais, as religiões afro-brasileiras se mantêm pela tradição oral, que segundo João Luiz Carneiro, é a primeira manifestação do pensamento, pois para pensar, falamos com nós mesmos antes de nos expressar.⁵

Há quem diga que as religiões de matriz afro-brasileira se apoiam no sincretismo com o catolicismo para proteção. Por outro lado, o estudioso Reginaldo Prandi defende que acreditar em santos católicos e ao mesmo tempo acreditar no orixás foi uma atitude sincera dos negros, “um sentimento religioso autêntico, apesar da insidiosa obrigatoriedade imposta pelas regras de uma sociedade fundada na escravidão”. Quando a ordem social deixou de exigir que se fosse católico para ser brasileiro e os homens e mulheres negros não eram mais submetidos à escravidão por lei, “os seguidores dos deuses africanos continuaram a se sentir católicos, mas agora com resíduo de um passado que ainda marca com sofrimento, tristeza e vergonha o presente do Brasil.”⁶

O Babalorixá Rodney de Oxossi reitera que os orixás “são divinos, mas estão longe de ser santos, experimentam a vida, seus prazeres e as dores”, “são humanos por serem passíveis e passionais, são como nós e por isso nos entendem, nos aceitam e nos amam”⁷. Pierre Fatumbi Verger escreve no emblemático “Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo” que o Orixá seria um ancestral divinizado que estabeleceu vínculos em sua passagem pela terra, fazendo com que eles tivessem controle sobre a natureza e seus fenômenos, além de dominar atividades sociais, como o exercício do poder, maternidade e agricultura.

Segundo Pai Nagô, as religiões de matriz africana provêm dos negros trazidos do Brasil como escravos. Historicamente, são divididos em três vertentes a partir da origem geográfica e religiosa: os Bantôs, que cultuam os Inquissis (ou nkisis), os Yorubás, que cultuam os Orixás e o povo Jeje, que cantam aos Voduns. Tudo se misturou nas senzalas, até se mesclar com os cultos indígenas e crescer através do próprio catolicismo para que houvesse maior liberdade de culto.

Essas religiões surgiram no Brasil durante a escravidão, que foi formalmente permitida no Brasil entre 1530 e 1888, como uma forma de manter tradições e reatar laços, além de ser um mecanismo para reavivar internamente os locais de origem e as famílias dos escravizados. A figura de identidade familiar, por muitas pessoas perdida devido à violência do tráfico humano, foi devolvida a elas pelas figuras dos pais e mãe de santo, líderes

5 CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. 2014 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 12

6 Prefácio de Reginaldo Prandi no livro “Religiões afro-brasileiras”, de João Luiz Carneiro.

7 CARTA CAPITAL - PAI RODNEY DE OXOSSÍ. **Orixá não é santo**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/orixa-nao-e-santo>>. Acesso em: 17 out. 2017.

religiosos do Candomblé e da Umbanda. Junto com a capoeira e o samba, o candomblé é uma forma de reafirmação da cultura negra.



2.1.1- Candomblé

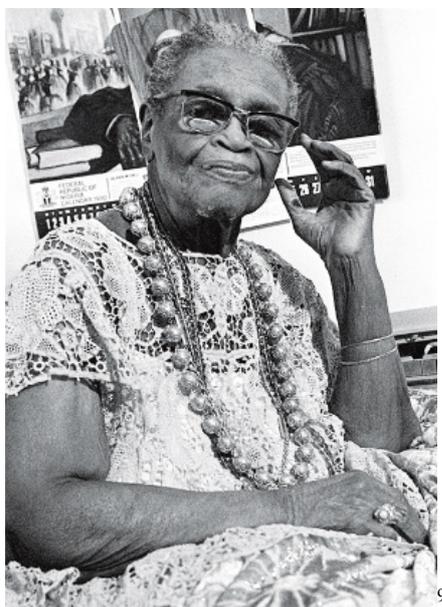
O Candomblé vem de onde hoje se localizam a Nigéria e o Benim. Lá, haviam tradições ancestrais de culto aos orixás (divindades), que aconteciam muito antes do chamado “descobrimento” do Brasil. Essa religião tem idioma, danças e rituais específicos. No Brasil, surgiu na Bahia no começo dos oitocentos, com a chegada dos africanos de origem Nagô. Estes, em Pernambuco e outros estados nordestinos, desenvolveram outros cultos relacionados.

Antes do estabelecimento do Candomblé na Bahia, havia religiões afro-brasileiras, mas tão reprimidas que se tornaram invisíveis. Juntamente com irmandades de negros católicos, protegido sob o sincretismo com os santos da igreja, como há entre Yemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes, surge terreiro Ilê Axé Airá Intilé, o primeiro, que nasceu na década de 1800 na Igreja da Barroquinha, em Salvador. Depois, surgiram espaços renomados como o Gantois e o terreiro do Alaketu. Tais espaços permitiam e permitem proteção para os valores e tradições originários do continente africano, além de reconstruir identidades e manter a cultura, a filosofia e a visão de mundo.

O Candomblé baiano se expandiu para o sudeste e para o sul do Brasil a partir da década de 1960, na qual Mãe Menininha do Gantois era personagem de músicas compostas por Dorival Caymmi e cantadas por Maria Bethânia e Gal Costa. A Constituição de 1988 trouxe garantias, como mais leis garantindo a liberdade religiosa e de culto, e mesmo assim,

8 Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, década de 1950, Cachoeira, BA. Pierre Verger/Acervo Fundação Pierre Verger.

não foi o suficiente para barrar ataques extremamente violentos, como a morte de Mãe Gilda, em 21 de janeiro de 2000, sendo instituído este como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa.



O candomblé é baiano. Práticas como o Nagô Vodum e Nagô Egbá são diferentes do Candomblé, mas como todos cantam os orixás e voduns em yorubá, é comum tratar esses cultos como Candomblé.¹⁰

2.1.2- A Umbanda

As práticas umbandistas, que mesclam elementos indígenas, espíritas e Bantôs, surgem depois do Candomblé, em fins do século XIX, em um momento em que, após a abolição formal da escravidão, acontecia um processo de reintegração dos negros na sociedade urbana. Entre pessoas pertencentes às camadas mais pobres da sociedade, surgiu a união entre os elementos rituais dos cultos sincréticos reunidos sobre o termo macumba com o espiritismo kardecista, que havia chegado ao Brasil na segunda metade do século XIX. O chamado “anúncio” da religião foi feito pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 15 de novembro de 1908, quando se nomeou e definiu a prática ritualística. Na Umbanda, ao contrário do Candomblé, os rituais são em um dialeto que mescla português, kimbundo e tupi-guarani. Além dos orixás, há os guias, que ajudam no contato espiritual e são pretos-velhos, pombas-giras, caboclos, crianças...¹¹

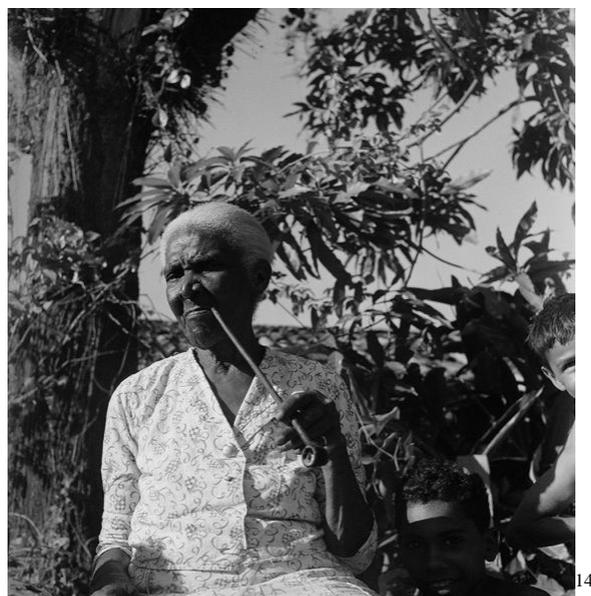
9 Mãe Menininha do Gantois (Foto: Arquivo CORREIO). Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/trinta-anos-sem-mae-menininha-do-gantois/>. Acesso em 11 nov. 2017.

10 Entrevista com Pai Nagô em 10/10/2017.

11 ROHDE, Bruno. **Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista**. Quinto encontro de estudos multidisciplinares em cultura, pp. 1-16, maio/2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19445.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2017.

Ainda sobre o “início” da Umbanda, [Woodrow Wilson da] Matta e Silva [, fundador da umbanda esotérica,] (2007, p. 34) entrevista alguns pais de santo que relataram suas vivências dentro do terreiro no período anterior a 1908. O médium Olímpio de Melo, por exemplo, trabalhava com o Caboclo Ogum de Lei desde 1904. O médium afirmava para Matta e Silva que praticava a “linha de Santo de umbanda”. Trabalhava com o Caboclo Ogum de Lei, preto velho de nome Pai Fabrício e com o Exu Rompe-Mato. Ou seja, entidades tipicamente da prática ritual umbandista (MATTA E SILVA, 2007, p. 34).¹²

O radical “mbanda” pode significar: cura por meio de plantas, raízes e outros elementos naturais ou por meio da medicina sobrenatural baseada em encantamentos. Outra explicação para a palavra é de adivinhar o desconhecido a partir de consulta à alma dos mortos ou outros espíritos, nem humanos e nem divinos. Tais espíritos, segundo a crença, influem sobre os homens e sobre a natureza e são os sortilégios (trabalhos, despachos, oferendas) que estabelecem a relação entre o mundo dos espíritos, a metafísica “Aruanda” e o mundo em que vivemos.¹³ Em um ponto de terreiro (músicas cantadas nos rituais), “Pedrinha de Aruanda”, a beleza desse mundo metafísico é louvada, em palavras que, de certa forma, indicam que todo elemento natural presente no mundo físico pode ser muito maior da Aruanda.



12 Religiões afro-brasileiras, uma construção teológica - João Luiz Carneiro, 2014, p.64

13 CHATELAIN, Heli. “Folk tales of Angola”- 1894 - p.268

14 Mãe Andressa com seu cachimbo de cabo longo. Maranhão. foto: Pierre Verger. Acervo Museu Afro-Digital. Disponível em: <http://www.museuafro.ufma.br/detalhe_colecao.php?col=165&tipo_col=5&acervo=1>

2.2- Xangô ou Sàngó

Kawó Kabiyèsi Le - Permite-nos olhar para Vossa Alteza Real

“taquei fogo na discórdia
na inveja
no arrependimento

taquei fogo em quem dizia
que era meu
mas era só em pensamento

taquei fogo em sonho
desilusão
e naqueles momentos
que até ontem eu guardei
no coração

mas hoje eu cansei
juntei brasa, cansaço e
descontentamento
banhei de álcool e sentimento
e fogo eu taquei

a chama comeu
e eu gargalhei”¹⁵



Reza a lenda que Xangô (ou Sàngó), em consulta com o oráculo, soube que teria que fazer um sacrifício com pássaros e búzios. A oferenda deu-se numa festa com fartura e música. Se perguntou quem seria escolhido para governar o reino, e decidiu-se pelo dono da casa. Assim, Afonjá (outro nome para Xangô) foi feito rei de Oió, império na África Ocidental.¹⁶

15 Fogueira de Sàngó - aquarela e ponta fina sobre papel, 2016. jonas frança © CARCARÁ

16 *Xangô é escolhido rei de Oió*. William Bascom, 1980, pp.737-9. In: Mitologia dos Orixás.

Em seguida, ele e seus homens lutavam contra um forte inimigo, que entregava a Xangô seus homens mutilados. O rei de Oió ficou enfurecido, subindo no alto de uma pedra e consultando Orunmilá, divindade da profecia e Senhor do Mundo¹⁷, sobre como proceder. Começou a bater nas pedras com seu machado, o *oxé*, fazendo faíscas e fogo que devoravam os soldados inimigos. Ele ganhou a guerra e os chefes inimigos foram dizimados por um raio furioso de Xangô, mas os soldados que sobreviveram foram poupados por ele. Seu senso de justiça foi admirado por todos. Ao longo do tempo, orixás e homens passaram a recorrer a Xangô para resolver pendências, discordâncias e injustiças.¹⁸

Segundo as religiões de matriz africana, Xangô é filho de Aganju, mas eles não souberam disso desde sempre, descobriram quando Xangô invadiu a casa do pai para comer frutas e dormiu na rede. Aganju chegou e tentou queimar o jovem na fogueira como forma de punição, mas não conseguiu pois Xangô era feito de fogo. Quando foi afogá-lo no mar, foi interrompido pela mãe do invasor, Iemanjá Conlá, que disse que Aganju não podia matar o próprio filho. Foi dessa história que surgiu a música “Babá Alapalá”, de Gilberto Gil.¹⁹

Além da música presente no disco afro-brasileiro “Refavela”, Sàngó é tema e inspiração para muitas outras, como Obá Iná (Metá Metá) que saúda o Rei e reconhece sua justiça e sua força física. O mesmo grupo homenageia o orixá em “Machado de Xangô”, que conta uma história na qual Xangô reverteu uma injustiça com seu machado de duas lâminas.

Outra canção sobre o Orixá da justiça, talvez a mais famosa, é “Canto de Xangô”, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, que também o saúdam, citam seu amor e contam um pouco das lendas e mitos que descrevem sua história.

Já com certa licença poética, Caetano Veloso o compara com São João em uma canção junina, “São João, Xangô menino”. O sincretismo entre os dois ocorre pela relação de ambos com o fogo: São João Batista, também citado em “Machado de Xangô” tem uma fogueira dedicada a ele e Xangô é feito de fogo. Além disso, o santo-menino tem doutrina de honestidade e ensina para os que governam a não maltratar ou humilhar ninguém. Papa Bento XVI afirmou que:

“A justiça pede superar o desequilíbrio entre aqueles que têm o supérfluo e aqueles a quem falta o necessário. A caridade nos impele a estar atentos uns aos ou-

17 *Orunmilá recebe o título de Senhor do Mundo*. Natalia Aróstegui, 1994 (b), p. 61. In: Mitologia dos orixás.

18 **Xangô é reconhecido como o orixá da justiça**. Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986. in: Mitologia dos orixás.

19 **Xangô é reconhecido por Aganju como seu filho legítimo**. Samuel Feijoo, 1986, pp. 259-60; Natalia Aróstegui, 1994 (a), p. 206.

tros e a ir ao encontro das suas necessidades, em vez de procurar justificativas para defender os próprios interesses. Justiça e caridade não são opostas: ambas são necessárias e se completam. O amor será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa”, porque “sempre existirão situações de necessidade material nas quais é indispensável uma ajuda na linha do amor concreto para com o próximo” (encíclica Deus Caritas Est, 28).²⁰

Apesar de Xangô ser popularmente considerado o Orixá da justiça, há quem diga que isso é um erro. Segundo Pai Nagô, Xangô é um rei com 12 ministros, considerado como o responsável por julgar. Airá é um de seus subordinados, responsável pela justiça, representando o promotor. O juiz é representado por outra figura, mais conhecida nos cultos Nagô e Ketu. Luzinete Trigilio Alonso, yalorixá do Ilê Axé Ossain Dare, complementa que ao contrário do que muitos dizem, Airá é realmente o dono das leis, e não uma qualidade de Xangô.²¹



20 ALETEIA. **Os 3 ensinamentos de São João Batista**. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2017/06/23/os-3-ensinamentos-de-sao-joao-batista/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

21 Entrevistas concedidas em 9 e 10 de outubro de 2017

22 Foto de Pierre Verger

2.2.1 - Obá

A yabá (orixá feminina) Obá é uma valente guerreira, que desafiou homens muito temidos, como Ogum. Na mitologia, foi mulher dele e de Xangô, do qual era a primeira e mais importante esposa, maior que Oxum, Oyá e outras yabás. Obá é considerada o lado feminino da justiça na mitologia dos orixás.²³



24

2.2.2 - Ogum

Rei de Irê, mestre da agricultura e criador da Terra, Ogum também representa a polícia²⁵ e sempre foi muito brigado com Xangô, tendo feito inclusive um pacto com Icu, a Morte, para ajudá-lo em uma aposta com Xangô. Por ser um guerreiro que prende quem foi julgado como injusto, também faz parte da concepção mitológica de justiça.²⁶

III - Intolerância contra o Candomblé e a Umbanda

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

23 Obá é possuída por Ogum. Pierre Verger, 1985, p.40; Agenor Miranda Rocha, 1994, pp.80-1. In: Mitologia dos Orixás - Reginaldo Prandi / Obá provoca a morte do cavalo de Xangô. Lydia Cabrera, 1980, pp.81-2. In: Mitologia dos Orixás - Reginaldo Prandi.

24 Obá - Carybé

25 Apontamento feito por Pai Nagô em entrevista

26 Ogum. In: Mitologia dos Orixás - Reginaldo Prandi. p.86-109.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - e inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;²⁷

O Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa a ser comemorado anualmente em todo o território nacional no dia 21 de janeiro.

Art. 2º A data fica incluída no Calendário Cívico da União para efeitos de comemoração oficial.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 27 de dezembro de 2007; 186º da Independência e 119º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Gilberto Gil*²⁸

Quando se trata de intolerância contra as religiões afro-brasileiras, é importante ressaltar alguns pontos de nossa estrutura sócio-política:

O Brasil, apesar de ter sido habitado há dezenas de séculos pelos povos tradicionais, foi tomado por brancos com a predominância de violência. A supremacia destes propiciou um racismo que perpetua-se há cinco séculos. Além disso, ao imporem o catolicismo a povos com seus próprios cultos e crenças ancestrais, iniciaram uma história de preconceito e imposição religiosa que duram até hoje, infelizmente, com força.

Além disso, é um país considerado laico. Isso significa que é imparcial em assuntos religiosos e que todos os cidadãos podem praticar a religião que bem entendem. A hipocrisia na prática do “estado laico” já se apresenta na abertura da constituição de 1988: “sob a proteção de Deus”.

O racismo no Brasil mata, hoje em dia, a cada 23 minutos, um jovem negro. Segundo dados coletados em 2012 e publicados dois anos depois no Mapa da Violência, cerca de 30 mil jovens de 15 a 29 anos são assassinados por ano no Brasil, e 77% são negros (soma de

27 Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10730845/inciso-vi-do-artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>>

28 Lei 11.635, de 27 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/lei/111635.htm>

pretos e pardos). Esses dados, além de apontar o racismo vigente no país, mostram como a população negra sofre descaso e violência desde a já citada colonização até os dias atuais. As religiões de matriz africana e principalmente o Candomblé têm origem ou influência africana, portanto, são evidentemente discriminadas pelo racismo. Segundo Francisco Rivas Neto, babalorixá e fundador da Faculdade de Teologia com Ênfase em Religiões Afro-Brasileiras (FTU), é impossível dissociar a intolerância do preconceito contra o africano, o escravo e o negro.

Segundo a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR), mais de 70% dos 1.014 casos de ofensas, abusos e atos violentos registrados no Estado entre 2012 e 2015 são contra praticantes de religiões de matrizes africanas.²⁹

Além do preconceito racial, as religiões em questão sofrem um ataque constante de supostos praticantes das religiões (majoritariamente brancas e europeias, diga-se de passagem) dominantes no país, como o catolicismo e o evangelismo, além da Igreja Neopentecostal, que avança nos últimos anos, se apoiando em mitos preconceituosos para “demonizar” as religiões afro-brasileiras e aumentar cada vez mais a perseguição a seus praticantes:

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Evangélicos tentam invadir terreiro em Olinda

Vídeo que mostra grupo evangélico tentando invadir terreiro em Olinda, domingo, foi repudiado por internautas

Publicado em 18/07/2012, às 00h02

30

16/06/2015 00:25:39 - Atualizada às 16/06/2015 11:47:48

Intolerância religiosa leva menina a ser apedrejada na cabeça

Garota de 11 anos iniciada no Candomblé foi a vítima. Parentes dizem ter sido xingados por grupo evangélico

31

29 BBC. **A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>. Acesso em: 17 out. 2017.

30 JORNAL DO COMMERCIO. **Evangélicos tentam invadir terreiro em Olinda**. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2012/07/18/evangelicos-tentam-invadir-terreiro-em-olinda-49482.php>>. Acesso em: 17 out. 2017.

31 O DIA. **Intolerância religiosa leva menina a ser apedrejada na cabeça**. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-06-16/intolerancia-religiosa-leva-menina-a-ser-apedrejada-na-cabeca.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.

Centro espiritual no Rio sofre 3º ataque em 2 semanas, e secretário acusa "milícias religiosas"

Do UOL, em São Paulo 16/08/2017 | 12h22 > Atualizada 16/08/2017 | 17h00

32

15/09/2015 10h28 - Atualizado em 15/09/2015 11h29

Polícia investiga invasão e incêndio de terreiros de candomblé, em GO

Suspeita é de que fogo tenha sido criminoso devido a intolerância religiosa. Em um dos locais atingidos prejuízo chega a R\$ 100 mil, segundo religioso.

33

Ainda sobre o movimento neopentecostal, Denise Pini Fonseca, historiadora, ex-professora da PUC-Rio e coautora de um estudo que visitou mais de 800 terreiros cariocas, argumenta que, mesmo com o racismo, “é muito mais forte o discurso de alguns movimentos neopentecostais que são na realidade um projeto teopolítico que se apropria de símbolos muito poderosos para atingir seus interesses, e que elegeram as religiões de matrizes africanas como alvo”.³⁴

Em depoimento, Pai Nagô afirma que “o preconceito com as religiões de matriz é muito forte e no meu tempo de mais novo ainda era pior. Vi muita gente ser humilhada mas nunca aconteceu com o terreiro de meu pai. Os terreiros no nordeste geralmente crescem em uma comunidade, o bairro inteiro frequenta o terreiro.” Até o padre ia ao terreiro do pai dele, o Templo Afro-Brasileiro Nosso Senhor do Bonfim, na Rua Professora Andrade Bezerra, em Salgadinho, Olinda PE. O sacerdote de orixá também atribui o crescimento da discriminação ao evangelismo, que tem “tomado mais corpo. Agora o Brasil está perigoso”, segundo ele. “Os evangélicos atacam e os terreiros defendem, daqui a pouco vai ser tornar uma guerra como a da Palestina”. Pai Nagô explica que, há muitas décadas, o catolicismo era a origem do preconceito contra as religiões de matriz africana, quando religiosos eram queimados e chamados de bruxos. Isso diminuiu com o crescimento dos terreiros e com o melhor estudo e entendimento das religiões de matriz africana. Com o tempo, a Igreja Católica se tornou mais maleável e deixou de condenar religiões como o Candomblé.

32 UOL NOTÍCIAS. **Centro espiritual no rio sofre 3º ataque em 2 semanas, e secretário acusa “milícias religiosas”** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/16/centro-espirita-no-rio-sofre-tres-ataques-seguidos-e-secretario-cita-milicias-religiosas.htm>>. Acesso em: 17 out. 2017.

33 G1. **Polícia investiga invasão e incêndio de terreiros de Candomblé, em GO.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/09/policia-investiga-invasao-e-incendio-de-terreiros-de-candomble-em-go.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.

34 BBC - JEFFERSON PUFF. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>. Acesso em: 17 out. 2017.

Pai Nagô defende que o ataque voltou a aumentar com o crescimento de seitas ligadas à Igreja Protestante. Segundo ele, são cultos clandestinos falsamente evangélicos, que se valem dos ataques aos orixás para reunir praticantes e frequentadores para as próprias igrejas. Para o babalorixá entrevistado, “os evangélicos aumentaram a dose de ataques pela política, pois há a bancada evangélica. Eles tentam nos intimidar e até acabar com a religião no Brasil. mas não é uma questão religiosa, é uma questão política. Eles querem conquistar nossos adeptos para acumular o dízimo. É uma questão de disputa por adeptos. Eles põe Deus na frente pra enganar as pessoas. Eles põe medo nas pessoas usando o diabo, que na verdade é da religião deles. Eles pegam o diabo deles e jogam dentro da nossa religião. Eles querem construir impérios. Felizmente, agora o povo de matriz africana está acordando para isso e percebendo que é importante ser político também, se apoiando no conselho de segurança e em outros órgãos para ter voz e eleger políticos que os defendam em Brasília.”

Já Ed René Kivitz, pastor da Igreja Batista, falou à BBC que os casos de intolerância no país são localizados e “fazem parte de um recorte de tempo muito específico que estamos vivendo”, “não faz parte da índole do povo brasileiro e nem da índole cristã, quer seja católica ou evangélica. E evidentemente não faz parte da índole do Evangelho”.³⁵

Julia Barcat, filha da Casa de Mata Virgem, Templo Religioso de Umbanda, afirma que “o preconceito sempre vai existir, seja de religião, raça ou estilo de vida. Sempre terão pessoas que não concordam, entre elas aquelas que vão se pronunciar e agredir o outro e aquelas que não vão concordar, mas respeitar a escolha de cada um. Mas, da mesma forma que sempre vai existir o preconceito, sempre vai existir o respeito. A resistência ao preconceito vem da sua certeza do caminho que escolheu seguir. Vejo que a partir do momento que sabe o que escolheu para a vida, acaba atraindo pessoas que se identificam com isto e/ou respeitam. Aquelas que querem ferir, não encontram espaço para isto diante da sua consciência e certeza do caminho que escolheu.”³⁶

IV - Formas de lidar com a intolerância

Mãe Luzinete, do Ilê Axé Ossain Dare, em entrevista, disse que “preconceito religioso eu acho que todo o povo do Candomblé e da Umbanda sofre. Já fizeram denúncia contra a casa por causa de barulho, utilização ritualística de animais, esse tipo de coisa. A gente dentro da lei dos homens, não tem muito o que fazer. Hoje em dia, muitas roças de Candomblé estão sendo quebradas e depredadas. Quanto às leis, não temos muito o que fazer,

35 BBC - JEFFERSON PUFF. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>. Acesso em: 17 out. 2017.

36 Entrevista do dia 9/10/2017

pois elas existem, mas não são cumpridas. A coisa é meio velada. Não temos pra quem recorrer, fazemos passeata, o povo vai pra Brasília, mas não resolve muito, porque não somos respaldados perante a lei dos homens. Falar que alguém nunca sofreu preconceito dentro da religião é mentir. Eu nunca fui atacada, mas é meio velado. Não invadem a nossa roça pois estamos aqui, mas nos denunciam”.

Pai Nagô conta que “existe hoje uma delegacia de intolerância racial e religiosa. Fazer o que eles [preconceituosos, segundo o entrevistado, majoritariamente frequentadores de seitas evangélicas] fazem é crime. Temos um telefone onde podemos fazer a queixa. Hoje em dia destruir qualquer símbolo religioso e atacar verbalmente é crime. Denegrir a imagem da religião é crime, tanto faz a religião. Há um código previsto de mais de 30 mil de multa e 3-10 anos de cadeia. Essa justiça ainda não chegou a tantos os recantos do Brasil. Ela é aplicada em São Paulo, e ainda não chegou muito ainda nos morros do Rio, está chegando agora por que “caiu na globo agora vai”. Temos código penal contra isso. Temos uma facção da justiça ao nosso lado.

“Cabe também às pessoas colaborarem, denunciarem, para que a justiça possa agir. É necessário que criemos a cultura de nos defender juridicamente, usar as leis ao nosso favor, pois elas existem. Se não procurar, não adianta. Infelizmente, boa parte do povo das religiões de matriz africana é omissos. Devemos usar a lei que está ao nosso favor”

4.1 - Meios jurídicos de combater o preconceito

4.1.1- Decradi

A Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, localizada no bairro da Luz, em São Paulo, tem como principal função “reprimir e analisar delitos de intolerância definidos por infrações originalmente motivadas pelo posicionamento intransigente e divergente de pessoa ou grupo em relação a outra pessoa ou grupo e caracterizados por convicções ideológicas, religiosas, raciais, culturais e étnicas, visando à exclusão social (preconceito).”³⁷

É originária do Grupo de Repressão e Análise dos Delitos de Intolerância, o GRADI, criado em 2000 pela Resolução SSP nº 42. Seis anos depois, por meio do Decreto nº

37 POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi)**. Disponível em: <http://www.policiacivil.sp.gov.br/portal/faces/pages_noticias/noticiasdetalhes?collectionid=358412565221001826&contentid=ucm_015005&rascunhonoticia=0&_adf.ctrl-state=43ucs4jaw_4&_afriloop=1635792422435298&_afriwindowmode=0&_afriwindowid=null#!%40%40%3f_afriwindowid%3dnull%26collectionid%3d358412565221001826%26_afriloop%3d1635792422435298%26contentid%3ducm_015005%26rascunhonoticia%3d0%26_afriwindowmode%3d0%26_adf.ctrl-state%3d8eb2x7p47_4>. Acesso em: 17 out. 2017.

50.594, o grupo se tornou a 2ª Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), vinculada à Divisão de Proteção à Pessoa do Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP). Atualmente, tem uma delegada, Daniela Branco, três escrivães e nove investigadores. A equipe busca investigar crimes, ter comunicação com a sociedade civil, com ONGs, com a OAB, conselhos estaduais e outros órgãos.

4.1.2 - Sacrifício animal

Uma decisão no Tribunal de Justiça paulista em maio de 2017 confirmou que a Lei não pode proibir sacrifício religioso de animais. Em Cotia, a Lei 1.960/2016 proibia qualquer tipo de sacrifício ritualístico (ebó) e fixava multa de R\$ 1.504 a quem utilizasse, mutilasse ou sacrificasse animais em locais fechados e abertos, com finalidade “mística, esotérica ou religiosa”. As pessoas “culpadas” pelas mortes seriam obrigadas a pagar R\$ 752 por animal e poderiam perder o alvará de funcionamento. Esta norma foi declarada como inconstitucional pelo Órgão Especial do Tribunal de Justiça de São Paulo, por 20 votos a 4.

Salles Rossi, o desembargador responsável pelo caso, reconheceu a necessidade de se preocupar com animais, mas disse que prevalece no caso o livre exercício de culto. Segundo ele, a proibição é desproporcional, porque não há relatos de grande número de sacrifícios no município.³⁸

Xavier de Aquino, o decano do tribunal, declarou em voto divergente que a Constituição obriga a preservação da flora e da fauna e defendeu que liberar sacrifícios se somaria com a dificuldade de fiscalizar como a prática tem sido feita. “Será que Deus deseja o sofrimento causado ao outro?”, perguntou ao defender seu voto.

“O desembargador Álvaro Passos disse que o debate não pode entrar na questão da fé das pessoas. A morte dos bichos é pano de fundo da controvérsia, afirmou, como alegar poluição sonora para fiéis que cantam alto em cultos. O problema, segundo ele, é que o município invadiu a liberdade de consciência e fé de cada um.”

Em entrevista, Mãe Luzinete conta que a sua roça de Candomblé já foi denunciada algumas vezes por uso de animais e que o Brasil não é um país laico na prática, há discriminação e preconceito em exagero, pois não há liberdade de culto e nem como praticar o Candomblé, “porque a gente não pode utilizar um bicho, a gente não pode tocar...”

38 CONJUR. **Lei não pode proibir sacrifício religioso de animais, declara TJ-SP.** Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-mai-17/lei-nao-proibir-sacrificio-religioso-animais-decide-tj-sp>>. Acesso em: 17 out. 2017.

4.1.3 - Isenção de impostos

LEI Nº 3.193, DE 4 DE JULHO DE 1957.

Dispõe sobre a aplicação do art. 31, V, letra b, da Constituição Federal, que isenta de imposto templos de qualquer culto, bens e serviços de partidos políticos, instituições de educação e de assistência social.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º À União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios e vedado lançar impôsto sobre templos de qualquer culto, bens e serviços de partidos políticos, instituições de educação e de assistência social, desde que as suas rendas sejam aplicadas integralmente no País para os respectivos fins (Constituição Federal, art. 31, V, letra b).

Art. 2º As entidades, a que se refere o art. 1º, juntando a prova que estiverem, deverão requerer a declaração da isenção à autoridade administrativa competente, que decidirá no prazo máximo de 30 (trinta) dias.

Art. 7º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 1957; 136º da Independência e 69º da República.

JUSCELINO KUBITSCHEK

Nereu Ramos

José Maria Alkmim

*Clovis Salgado*³⁹

Pai Nagô opina que “devemos usar a lei que está ao nosso favor. Mas a grande maioria das casas não é legalizada, não tem CNPJ, não é instituição, como são as Igrejas. Nós temos esse direito de isenção de impostos de água e energia. Temos todos esses direitos mas não

nos organizamos. Falta organização para as pessoas da religiosidade de matriz africana. Para denunciar um crime, deve se mostrar um documento. Não se faz BO sem RG. Como a justiça vai abrir um inquérito em nome de uma casa que não tem registro? É preciso que os babalorixás e a imprensa orientem as pessoas para que organizem suas casas e possam se defender.”

4.1.4 - Destruição de símbolos religiosos

LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997.

Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.”

“Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo.

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa.

Art. 2º O art. 140 do Código Penal fica acrescido do seguinte parágrafo:

“Art. 140.

.....

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião ou origem:

Pena: reclusão de um a três anos e multa.”

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o art. 1º da Lei nº 8.081, de 21 de setembro de 1990, e a Lei nº 8.882, de 3 de junho de 1994.

Brasília, 13 de maio de 1997; 176º da Independência e 109º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

*Milton Seligman*⁴⁰

40 Lei Nº 9.459, de 13 de maio de 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm> . Acesso em 17 out. 2017

A invasão de terreiros de Candomblé e Umbanda no Brasil não é novidade, nem muito menos é um evento raro. Pelo preconceito religioso e racial que impera no Brasil desde a instalação da Igreja Católica juntamente com a conversão religiosa das pessoas pertencentes a povos tradicionais, quem representa ou pratica as religiões afro-brasileiras nunca esteve completamente seguro. Nem todos os praticantes relatam violência, mas a opinião de que o preconceito contra eles existe é praticamente hegemônica entre os mesmos.

Infelizmente, a destruição de símbolos de religiões como a Umbanda e o Candomblé tem sido frequente, porém, cada vez mais noticiada e “tirada debaixo do tapete”, uma vez que, no Rio de Janeiro, os ataques podem estar relacionados a facções do tráfico de drogas e grupos políticos e religiosos que têm aproximação com o prefeito recém eleito.

Em entrevista, Pai Nagô diz que “hoje em dia, destruir qualquer símbolo religioso e atacar verbalmente é crime. Denegrir a imagem da religião é crime, tanto faz a religião. Há um código previsto de mais de 30 mil de multa e 3-10 anos de cadeia”. Cita também como exemplo o caso do pastor Sérgio Von Helder, que em 1995, chutou a imagem da santa católica Nossa Senhora Aparecida. Este tipo de ataque preconceituoso e violento é crime quando se trata de imagens de qualquer religião, vindo de representantes de qualquer crença.

4.2 - A religião como mecanismo para reverter as injustiças

Julia Barcat, da Casa de Mata Virgem, conta que “nunca tivemos um caso que fosse necessário acionar a justiça, nem mesmo alguma ocorrência grave de preconceito. Acredito que isto está diretamente relacionado a forma que o umbandista se relaciona com a religião e a expõe ou não aos outros. A partir do momento em que a pessoa tem certeza da escolha que fez de ter a religião como uma prática de vida e não apenas momentânea, os preconceitos que nós sabemos existir, não o atingirão. [...] Normalmente, os assistentes vão ao terreiro para buscar apoio em situações que não estão conseguindo resolver, e entre estas pode acontecer de serem relacionados à justiça, por exemplo algum processo de que depende de uma aprovação ou documento judicial que está demorando mais do que o prazo para ser resolvido. O encaminhamento religioso é feito no apoio que as entidades espirituais da Casa dão ao emocional do assistente que foi buscar este apoio, as entidades não interferem nas nossas leis materiais.”

Segundo Pai Nagô, além da fé na justiça, “religiosamente, é preciso ter fé na ancestralidade e nos orixás”. São esses: Xangô (Airá), Obá e Ogum, já descritos acima. Mãe Luzinete, também em entrevista, reflete que “quando o povo do santo necessita justiça, recorreremos a Xangô dentro da roça de Candomblé, pedindo para que ele responda e pen-

da por nós. Quando alguém está sendo injustiçado, recorremos a ele na forma de abalás, rezas e ebós⁴¹, para que a pessoa consiga o que precisa. Mas justiça é muito relativo, não se pede justiça a Xangô, porque será que a gente é justo? Nem sempre. O pedido para que Xangô faça justiça por nós não existe, porque nem sempre somos justos. Mas quando há um processo jurídico ou uma coisa que a pessoa precisa de verdade, realmente apelamos para Xangô, porque se depender só da lei dos homens, não conseguimos nada. Graças a Deus, tudo que a gente pede pra Xangô aqui nessa casa a gente consegue.”

“quem se curva para o nkisi tem a vida aos seus pés

kiwá tat’etu nkosi”



42

V - Conclusão

A grande maioria das formas de preconceito religioso aqui citadas têm uma certa “solução legal”, em forma de leis e mecanismos também apresentados neste ensaio. As inúmeras formas de violência sofridas pelo chamado povo de santo são legalmente proibidas, tendo como punição reclusão ou multa. Acontece que apenas uma minúscula parte disso é cumprida, uma vez que na própria constituição que sustenta todas as leis brasileiras, há a famosa contradição entre o “país laico”, mas que está “sob a proteção de Deus”. Esses crimes contra a liberdade religiosa e racial são frequentemente encobertos, e provavelmente praticados também por representantes da Lei, uma vez que ela mesma tem religião própria, por sinal, branca e europeia. Se todas essas leis e mecanismos como o Decrادي fossem justos e efetivos, as denúncias efetuadas por terreiros de religiões de matriz africana não existiriam, e seria um tanto menos medonho para praticantes de religiões como a Umbanda e o Candomblé simplesmente saírem na rua exibindo um símbolo de sua crença religiosa na vestimenta, por exemplo.

41 Ebó: sacrifício de animal votivo dedicado a um orixá ou oferenda feita em sua intenção

42 ndumbe se curva para saudar Nkosi manifestado - aquarela e ponta fina sobre papel, 2017. jonas França © CARCARÁ

Por outro lado, nem tudo está perdido. Há meios de reivindicar ainda mais a igualdade e o respeito religiosos do Brasil, começando pelo cumprimento real das leis e pelo fim da hipocrisia relativa à laicidade do país. Uso a minha própria pessoa como exemplo de que conhecimento diminui o preconceito, e que sem preconceito, há menos violência. Portanto, é fundamental que mais materiais sobre as religiões menos estudadas no Brasil, além de mais textos, filmes e livros que mostrem a história do nosso país pelo ponto de vista indígena e de negros escravizados, não só de imigrantes europeus ou descendentes deles, que acabam imprimindo em produtos culturais uma visão potencialmente preconceituosa, já que, desde a colonização, homens brancos e católicos estão em situação privilegiada, muito diferente da situação de pessoas passivas a sofrerem preconceito racial e religioso.

Fora isso, como contaram os entrevistados, a fé nos orixás pode ser um importante meio de acabar com o preconceito, mas vem de dentro para fora. Ou melhor, sai de um pedido particular de uma pessoa ou de um grupo pequeno, para resolver uma questão que faz parte do Estado brasileiro. Não há dúvidas de que seja sim efetivo, uma vez que os próprios praticantes e sacerdotes da Umbanda e do Candomblé afirmam que é. Mas há, ainda, a necessidade de acabar com a hipocrisia, muitas vezes aqui citada, que abre espaço para a existência de um preconceito assassino, violento e que deveria ser inconstitucional.

Agradecimentos

Os agradecimentos deste ensaio abrem uma parte um tanto pessoal, amorosa e brincalhona do trabalho. São essenciais e muitos, pois tudo escrito durante estes meses depende dessas pessoas queridas.

Agradeço, primeiramente, a Gilberto Gil, autor de “Refavela”, um disco afro-brasileiro assim como as religiões aqui estudadas; Itamar Assumpção, autor de “Sampa Midnight”; Baden Powell e Vinicius de Moraes, pelos “Afro-sambas”; Juçara Marçal, por tantas canções de resistência; Caetano Veloso, por “Milagres do povo” e Elza Soares, por “Mulher do Fim do Mundo”, “A carne”, “Hoje é dia de festa” e outras. Também agradeço aos recentes Emicida, Rincon Sapiência e Criolo. Além de Jorge Ben Jor, Chico César, Otto, Maria Bethânia, João Gilberto e Os Tincoãs.

Em seguida, agradeço quem fez isso tudo acontecer. Muitíssimo obrigada a Lilian Starobinas pela orientação de ouro, pela constante caça por materiais quase transcendentais no que diz respeito a profundidade e qualidade e pela companhia agradável que sempre me passou uma calma, uma certeza de que tudo ia acontecer e, ao mesmo tempo, uma vontade de imprimir essa qualidade dos materiais sugeridos por Lilian e do seu próprio trabalho como minha orientadora no meu texto.

A algumas das minhas companhias especiais: obrigada Babette Martins, pelo apoio moral; André Pisaturo, pela revisão e pelo companheirismo; Letícia di Fiore, colega na matéria “Direito e Justiça” que, além de ajudar em aspectos técnicos do meu texto, trabalhou com muita força no dela; Aurora Bolaffi, também na luta monográfica em que muitos segundo-anistas se vêem anualmente, pelo carinho constante; a Sofia Tremel, por me ouvir todo dia dizendo “socorro, preciso escrever meu ensaio” e todo dia responder “relaxa amiga, vai dar tudo certo”; e também agradeço muito à Maria da Mota, amiga querida, muito forte nas suas militâncias e que teve a fala fundamental, em uma sexta-feira de carnaval com chuva, entre as mulheres incríveis, a quem também agradeço, do Ilú Obá de Min, para que eu decidisse realmente seguir o caminho que segui neste trabalho. Além dela, devo agradecer a Matheus Santos pelo mesmo apoio e incentivo, em uma noite memorável na Casa do Povo, além dos ensinamentos diários sobre sua própria cultura.

À Claudia Cavalcanti, minha progenitora e criadora, pela educação consciente e pelo financiamento materno de pesquisa. E também a Dorival, que mora conosco e é meu Buda Nagô felino, que esteve sentado no meu colo ou mordendo meu pé enquanto fazia pesquisas e escrevia ou revisava a maioria das palavras aqui presentes.

À Clara Averbuck, por ser uma mulher forte que não tem vergonha de sua religião e, com isso, me ajudou no contato com o terreiro Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá. Aproveito para agradecer ao Pai Rodney de Oxóssi pela atenção e carinho.

Também agradeço a Mãe Luzinete e Julia Barcat pelos depoimentos fundamentais para que isso fosse possível.

A Arthur Murтинho, pelo empréstimo valioso do magnífico “Mitologia dos Orixás”. E a Janice e Katia, pelos empréstimos e paciência ao me receber frequentemente na midiateca, seu local de trabalho. Aproveito para citar todos os funcionários da Escola Vera Cruz, representados aqui por Claudinei Santana, Fábio Almeida, Edivaldo Galdino, Gilmar Rodrigues, Paulinha, Lesley e Ronaldo de Andrade.

Sou eternamente grata ao Pai Nagô, a Bárbara Assis e toda a família, pela simpatia e pela inspiração e também por despertar e engrandecer meu interesse nas religiões de matriz africana.

Obrigada aos mestres: Paulo Padilha, por tantas trocas de ideias, ensinamentos artísticos e principalmente musicais; Iza Anacletto, Zelão e Luiz Carlos, por bancar debater e representar a cultura afro-brasileira em uma escola majoritariamente branca e elitizada.

Obrigada é pouco para a pessoa a quem dedico esse trabalho e que há anos descontróí meu

preconceito contra a Umbanda. Lula Ehrlich é meu pai e me acompanhou à Casa de Mata Virgem, além de me inspirar e me estimular.

Agradeço ao povo de Santo, a quem é ou foi de Axé, por resistir tanto nesse país injusto e preconceituoso. Sem essa resistência, esse trabalho e muitos outros sobre o mesmo tema não existiriam, assim como parte da cultura brasileira.

Depoimento pessoal

Dia 21 de setembro de 2017, São Paulo. 22h50

Comecei esse trabalho por um encanto curioso e afastado pelas religiões de matriz africana. Ouvia relatos lindos e fortes. Há alguns anos, saindo da infância, sentia certa repulsa pelo o que eu achava que eram os rituais. Isso passou, porque estou em processo eterno de amadurecimento. Hoje foi minha primeira vez em um terreiro de Umbanda. E que bonito e reconfortante foi sentir que esse trabalho chegou pra me mostrar o que pode mudar meu jeito de viver a adolescência. Ser recebida como filha da Casa só me reafirmou o que já pensava: não há limitações para praticar e conhecer as religiões afro-brasileiras. Assim como sinto que o continente africano pode ser como uma mãe de braços abertos para muitas pessoas, a Casa de Mata Virgem me recebeu para a onipresença dessa mãe.

Referências bibliográficas

- **Entrevistas com Luzinete Trigilio Alonso (Mãe Luzinete), Pai Nagô e Julia Barcat**, entre 9 e 11 de Outubro de 2017.
- ALETEIA. **Os 3 ensinamentos de São João Batista**. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2017/06/23/os-3-ensinamentos-de-sao-joao-batista/>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô**. 2001 ed.: Cia das Letras, 1958.
- BBC - JEFFERSON PUFF. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>. Acesso em: 17 out. 2017.
- BBC. **A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. 2014 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 1-37 p.
- CARTA CAPITAL - PAI RODNEY DE OXOSSI. **Orixá não é santo**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/orixa-nao-e-santo>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- CARTA CAPITAL - PAI RODNEY DE OXOSSI. **Os orixás protegem**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/811/os-orixas-protectem-351.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- CARTA CAPITAL - PAI RODNEY DE OXÓSSI. **Candomblé: religião de resistência**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/candomble-religiao-de-resistencia>>. Acesso em: 17 out. 2017.

- CHATELAIN, Heli. **“Folk tales of Angola”**- 1894 - p.268
- CENSO IBGE. **Religião - Atlas do Censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/pag_203_religi%c3%a3o_evang_miss%c3%a3o_evang_pentecostal_evang_nao%20determinada_diversidade%20cultural.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.
- COMUNIDADE DE ESTUDOS FILOSÓFICOS E ESPIRITUAIS “CAMINHO DO ORIENTE. **Saudação ao Òrìṣà Sàngó (Orixá Xangô)**. Disponível em: <<https://cefeco.wordpress.com/2013/03/22/xango/>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- CONJUR - MARCELO PINTO. **Juiz recua em manifestações sobre religiões africanas, mas mantém decisão**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2014-mai-21/juiz-recua-manifestacoes-religoes-africanas-mantem-decisao>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- CONJUR. **Abate de animais para evento religioso é constitucional**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2005-abr-19/abate_animais_evento_religioso_constitucional>. Acesso em: 17 out. 2017.
- CONJUR. **Re sobre sacrifício de animais por motivos religiosos segue para a pauta do STF**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2016-nov-01/sacrificio-animais-culto-religioso-segue-pauta-stf>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- G1. **Polícia investiga invasão e incêndio de terreiros de Candomblé, em GO**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/09/policia-investiga-invasao-e-incendio-de-terreiros-de-candomble-em-go.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- JORNAL DO COMMERCIO. **Evangélicos tentam invadir terreiro em Olinda**. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2012/07/18/evangelicos-tentam-invadir-terreiro-em-olinda-49482.php>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- JUS BRASIL. **Art. 5, inc. vi da Constituição Federal de 88**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10730845/inciso-vi-do-artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- KOINONIA - PUBLICAÇÃO DIGITAL - INTOLERÂNCIA RELIGIOSA ANO 3 - Nº 13 DEZEMBRO DE 2008 - **Caso Mãe Gilda**. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=256&cod_boletim=14&tipo=artigo>. Acesso em: 17 out. 2017.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. Ática, 1986.
- O DIA. **Intolerância religiosa leva menina a ser apedrejada na cabeça**. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-06-16/intolerancia-religiosa-leva-menina-a-ser-apedrejada-na-cabe-ca.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi)**. Disponível em: <http://www.policiacivil.sp.gov.br/portal/faces/pages_noticias/noticiasdetalhes?collectionid=358412565221001826&contentid=ucm_015005&rascunhonoticia=0&_adf.ctrl-state=43ucs4jaw_4&_afloop=1635792422435298&_afwindowmode=0&_afwindowid=null#%1%40%40%3f_afwindowid%3dnull%26collectionid%3d358412565221001826%26_afloop%3d1635792422435298%26contentid%3ducm_015005%26rascunhonoticia%3d0%26_afwindowmode%3d0%26_adf.ctrl-state%3d8eb2x7p47_4>. Acesso em: 17 out. 2017.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás: Xangô, Obá, Orunmilá e Ogum**. 2017 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. **O que você precisa ler para saber quase tudo sobre as religiões afro-brasileiras**. Revista brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais. BIB-Anpocs, São paulo, n. 63, p. 7-30, jan./jun. 2007.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº 3.193, de 4 de julho de 1957**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/13193.htm>. Acesso em: 17 out. 2017.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm>. Acesso em: 17 out. 2017.

- ROHDE, Bruno. **Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista** . Quinto encontro de estudos multidisciplinares em cultura, pp. 1-16, maio/2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19445.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- SUPER INTERESSANTE -. **Quais as principais diferenças entre Umbanda e Candomblé?**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/quais-as-principais-diferencas-entre-umbanda-e-candomble/>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- UOL NOTÍCIAS. **Centro espiritual no rio sofre 3º ataque em 2 semanas, e secretário acusa “milícias religiosas”** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/16/centro-espirita-no-rio-sofre-tres-ataques-seguidos-e-secretario-cita-milicias-religiosas.htm>>. Acesso em: 17 out. 2017.

História

Em busca de um refúgio

Gabriela Gorski

Marina Gonçalves

“Um refugiado é alguém que, temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país”, segundo a definição estabelecida pela ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

A atual crise de refugiados, estabelecida aproximadamente desde 2011, quando iniciou-se a Guerra civil da Síria, é considerada pela ONU a pior crise humanitária do século e a mais grave crise de refugiados desde o final da Segunda Guerra Mundial. Em linhas gerais, trata-se da fuga de indivíduos de seus respectivos países devido a conflitos internos, guerras, perseguições políticas, ações de grupos terroristas e violência aos direitos humanos. Visando melhores condições de vida, migram para países ao redor do mundo, principalmente na Europa, Estados Unidos e na Ásia, que, supostamente, devem prestar auxílio a essas populações.



Centenas de refugiados tentam atravessar a Croácia para chegar ao Norte da Europa
Foto: <http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2015/10/14/crise-de-refugiados/>

Portanto, a dupla definiu o tema da pesquisa devido à sua grande relevância no momento atual, uma vez que engloba uma crise de teor ético e político. Por isso, busca o melhor entendimento da vida desses refugiados, os fatores que os motivaram a sair de seus países de origem, as dificuldades enfrentadas durante a viagem à outros países e suas condições nos lugares que os recebem. Além disso, a questão dos refugiados apresenta grande impacto mundial, uma vez que muitos países demonstram receio quanto ao não pagamento de impostos pelos refugiados e ao desequilíbrio no mercado de trabalho, com a perda de emprego dos nacionais em troca da mão de obra dos imigrantes. Ainda, não ampliam

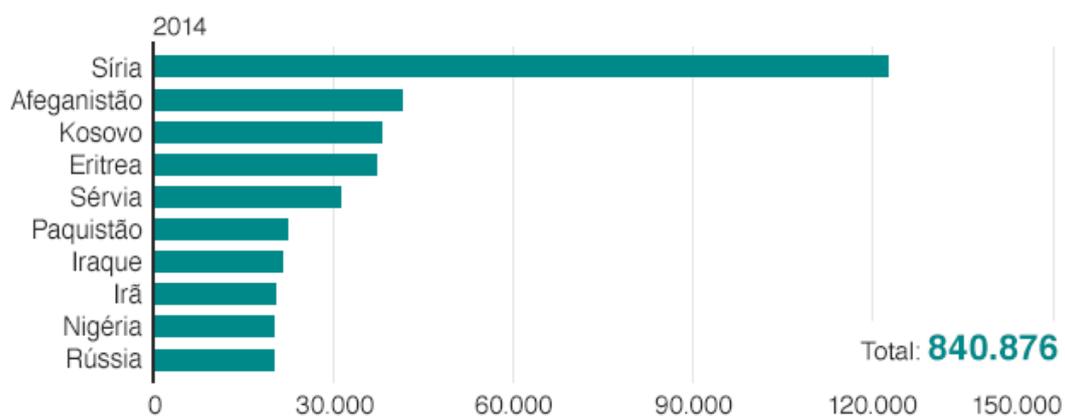
serviços públicos e humanitários e apresentam atitude preconceituosa e medo de possíveis ataques terroristas.

A pergunta norteadora do trabalho é “Os refugiados têm a pretensão de voltar a sua terra de origem ou estabelecem um vínculo mais forte com o país que os abriga? Independentemente de sua escolha, de que maneira eles buscam a melhoria de seu país natal?”.

A fim de averiguar a trajetória dos emigrados, a dupla realizou pesquisas nos artigos dos jornais Folha de São Paulo, Estadão, Veja, Carta Capital, Época, BBC, El País e EBC; no livro “Estranhos à nossa porta”, de Zygmund Bauman; em entrevistas feitas pela Globo, pela BBC e pela Veja; em sites online voltados para a discussão do assunto e em consulta a entendedores do assunto.

Para uma compreensão mais profunda, é preciso conhecer os conflitos motivadores da fuga migratória, uma vez que variam de acordo com a origem dos refugiados. No caso dos sírios, a guerra civil no país é o principal fator de abandono, enquanto a violência constante no Afeganistão e na Eritreia, assim como a pobreza no Kosovo, também têm levado pessoas dessas regiões a procurar asilo em outros países.

Origem das pessoas solicitando refúgio na UE



Fonte: Eurostat

BBC

Dados de setembro de 2015: Origem das pessoas solicitando refúgio na UE

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/refugiados-na-europa-crise-em-mapas-e-graficos.html>

Em relação à Síria, principal fonte de refugiados no mundo atual, uma onda de revoltas contra regimes autoritários no mundo árabe influenciou os sírios a realizarem a Primavera Árabe, em 2011, contra o governo de Bashar Al-Assad. Mas a família Assad, no governo desde 1960, se recusou a sair do poder e iniciou uma guerra civil brutal. Desde então, diferentes etnias e grupos religiosos lutam contra si em várias coalizões. ISIS, um grupo radical jihadista, usou a oportunidade e entrou nos conflitos com o objetivo de criar um

Califado Islâmico totalitário, sendo responsável por diversos ataques terroristas. Além disso, grupos sunitas, de religião distinta de Assad, que é alauíta, fazem uma esmagadora oposição. Aos opositores de Bashar, juntam-se países da União Européia e os Estados Unidos, enquanto Rússia e China apoiam o governador atual. Assim, a população Síria ficou presa entre o Regime, grupos rebeldes e extremistas religiosos. Um terço dos sírios foram deslocados dentro da Síria, enquanto 4 milhões deixaram o país.

Já no caso da Eritreia, seus habitantes buscam uma vida melhor diante da ditadura de Issayas Afeworki, que é a pior do continente africano. A população vive sujeita à uma vigilância em massa e uma repressão intensa, enfrentando inúmeros riscos durante a fuga. O Afeganistão também apresenta um cenário violento devido aos combates entre tropas do governo e radicais islâmicos, além de enfrentamentos entre milícias rivais, dentre as quais se destaca o grupo Talebã. Isso deixou diversos civis mortos desde 2015 e influenciou a fuga de cerca de 40 mil habitantes até agora.

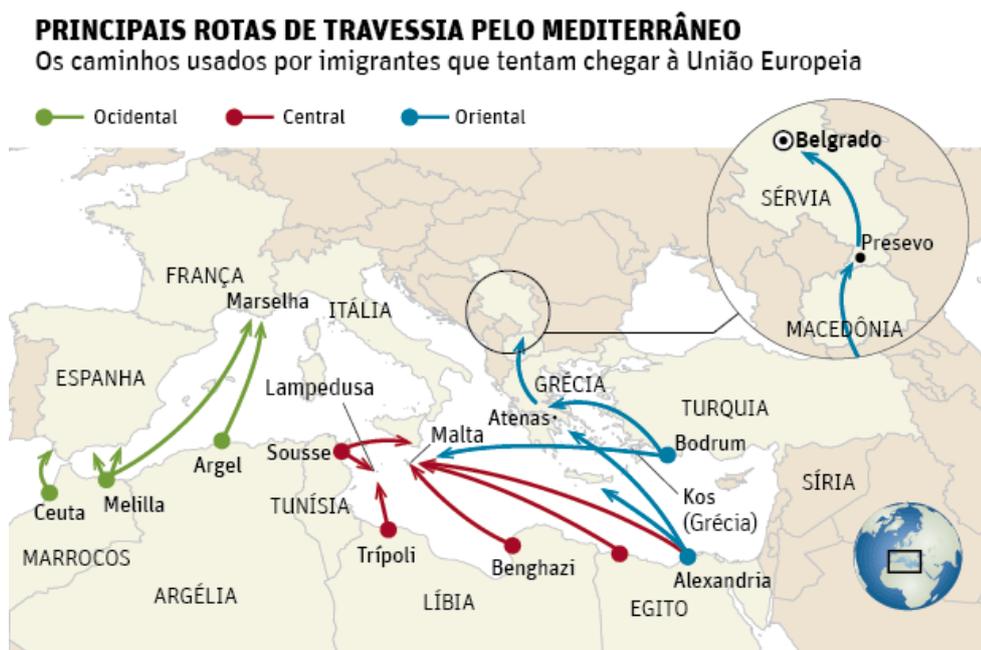
O Kosovo, por sua vez, vem sendo atingido pelo desemprego e pela miséria, além de estar sob o controle de uma máfia corrupta, o que gera violência e o êxodo da população.

Esses são apenas alguns exemplos de países com altos índices de fuga. A saída do país, porém, é só o primeiro passo para a jornada a ser enfrentada pelos refugiados. Antes de alcançarem seu destino, os últimos se deparam com uma perigosa travessia, que pode demandar dias e custar vidas.

Primeiramente, a travessia é comandada por contrabandistas em barcos inapropriados para navegação no mar, como lanchas, barcos de pesca ou de madeira e botes infláveis. Não bastasse isso, neste ano houve uma alteração de rotas, sendo a utilizada agora mais perigosa. Em 2015, mais de 850 mil pessoas fizeram a travessia pela chamada rota oriental, que parte da Turquia e atravessa o Mar Egeu até chegar às ilhas gregas, enquanto atualmente, o número de pessoas que chegaram por esta rota caiu e houve um aumento na chamada rota central, que sai da Líbia e chega à Itália. Essa mudança se deu principalmente por conta de um acordo realizado entre Turquia e União Europeia que demandava a solicitação de asilo para os imigrantes que chegassem à Grécia que, caso contrário, seriam rejeitados

É importante citar as diferenças sociais que se repetem nos barcos de imigrantes: os mais ricos vão em locais mais seguros e privilegiados- como no deck- e os mais pobres vão no porão. Conforme retrata a imagem da página seguinte, o barco se encontra lotado de pessoas, aparenta ser antigo e divide-se em dois andares, que concretizam a distinção social afirmada por muitos imigrantes.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), “até dezembro do ano passado, 7.274 migrantes refugiados que iam em direção à Espanha, Chipre, Itália ou Grécia foram declarados mortos no mundo inteiro desde o início de 2016, 4.913 deles apenas na travessia do Mar Mediterrâneo, o que indica uma média de 14 pessoas por dia. Apesar do aumento no número de mortes no Mediterrâneo, a quantidade de pessoas que chegaram à Europa caiu drasticamente: de mais de um milhão em 2015 para cerca de 400 mil em 2016.”



Principais rotas de travessia pelo Mediterrâneo e na Europa

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1833034-mortes-de-refugiados-no-mediterraneo-em-2016-chegam-a-4600-um-recorde.shtml>

O caso que chocou o mundo foi o de Alan Kurdi, menino sírio de três anos de idade que viajava com sua família em uma travessia de Bodrum até a Grécia. Estavam em um pequeno bote que carregava 17 pessoas no momento em que virou, provocando a morte de nove delas. A imagem do garoto morto em uma praia na Turquia tornou-se símbolo do perigo enfrentado pelos refugiados e alarmou a muitos sobre a necessidade de proteção a essas pessoas. Serviu de lembrete que, enquanto os líderes europeus tentam impedir a entrada de refugiados no continente, cada vez mais refugiados morrem no desespero da fuga.

As rotas de travessia variam de acordo com o destino procurado. Este, por sua vez, é escolhido a partir da acessibilidade geográfica e do motivo da fuga. A Europa é o principal destino preferido por refugiados vindos da África e do Oriente Médio. Isso se dá devido à localização de países europeus, como Grécia e Itália, próximas ao continente africano e banhadas pelo Mar Mediterrâneo. Outro atrativo é a economia europeia e o desenvolvimento tecnológico que se observa nos países do continente.

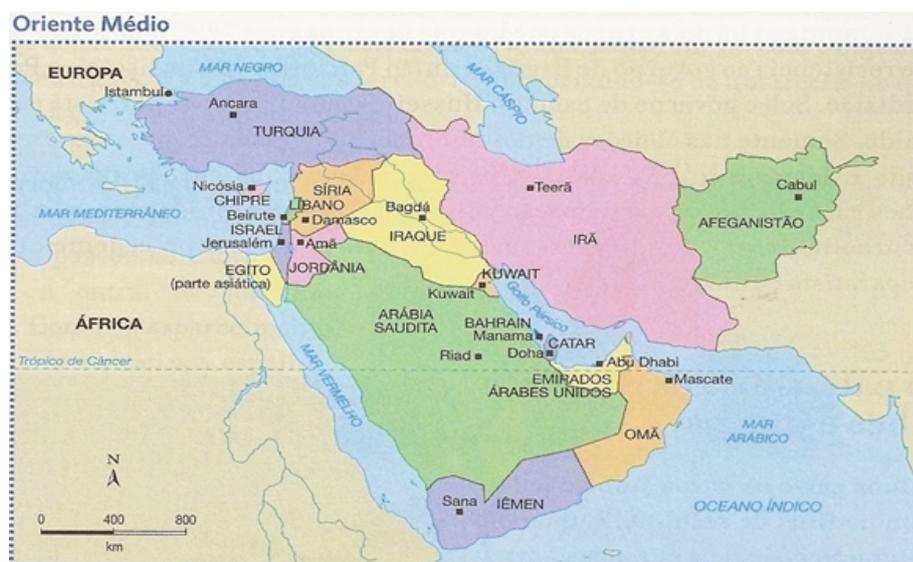


Barco de refugiados em travessia pelo Mar Mediterrâneo

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/04/entenda-arriscada-travessia-de-imigrantes-no-mediterraneo.html>

Apesar de a Europa ter recebido muitos imigrantes, a maior parte dos fugitivos da guerra da Síria dirigem-se para outros países do Oriente Médio, como Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito. Esses apresentam uma série de dificuldades para atender às necessidades básicas dos recém-chegados, como alimentação, moradia, higiene e educação. No entanto, demonstram mais flexibilidade quanto a chegada de refugiados, enquanto a Europa, embora tenha melhores condições para serviços públicos, lida com a questão dos refugiados de maneira hostil.

Diante do grande fluxo de imigrantes, alguns Estados impuseram leis à entrada destes. O Líbano, por exemplo, passou a exigir o pagamento de uma taxa para obtenção de autorização de permanência – válida por no máximo um ano. A Hungria instituiu políticas que visam dificultar a chegada e permanência de refugiados, como uma punição de até três anos para quem entrar ilegalmente no país, acompanhada de uma possível deportação. Para mais, construiu um muro de 175km na fronteira com a Sérvia, que não faz parte da U.E. A ideia de construção de um muro também é válida para a Áustria, enquanto a Grécia pediu ajuda aos países europeus para conseguir lidar com o grande fluxo recebido. Já a União Europeia, em novembro de 2016, fechou um acordo com a Turquia que demandava deste país a melhoria dos abrigos e a ampliação da permissão de trabalho aos sírios. Tal medida foi tomada visando evitar que os sírios desembarcados na Turquia se mudassem para países europeus, principalmente a Alemanha e a Áustria.



Mapa do Oriente Médio

Fonte: <https://www.resumoescolar.com.br/geografia/resumo-sobre-o-orientes-medio/>

O receio de muitos países de receber refugiados reside no fato de que estes trazem consigo a ideologia e etnia de seus países e podem exacerbar a concorrência econômica do país receptor, já que eles não pagam impostos e sua mão de obra é mais barata. “Outro ponto importante é a utilização dos campos de refugiados em países vizinhos como abrigo de facções. Os países receptores muitas vezes têm economias instáveis que somadas ao custo das ações humanitárias em situações de grande fluxo de refugiados podem acentuar problemas domésticos, como educação e saúde e gerar conflitos entre a população local e os refugiados”¹. Além disso, outro problema decorrente é a eclosão de novos conflitos dentro dos países vizinhos devido ao fluxo de refugiados. Sendo assim, o empenho da ACNUR é essencial para que crises humanitárias não se alastrem.

Entretanto, em meio a tanto egoísmo, no dia 11 de setembro de 2015 foi proposta pela União Europeia uma realocação de 160 mil refugiados na Hungria, Grécia e Itália, de acordo com as necessidades desses, e foi incentivada a abertura de vias legais para a entrada dos refugiados, o que reduziu a necessidade de perigosas travessias. Ademais, na Alemanha, a Chanceler Angela Merkel adotou uma política de portas abertas para aliviar os países de fronteira com o norte da África e a Ásia, que receberam um grande número de refugiados sírios. Esse acolhimento também se justifica pela questão da baixa natalidade nos países europeus e o aumento da expectativa de vida, o que implica na falta de pessoas em idade e condições de trabalho para sustentar a qualidade de vida dos idosos. Desse modo, a Alemanha e o continente europeu precisam da força de trabalho imigrante.

¹ Conforme acrescentam Kristian Skrede Gleditsch, professor da Universidade de Essex, e Idean Salehyan, professor de ciências políticas na Universidade de Texas

Abrir portas não é suficiente quando as condições de vida proporcionadas aos fugitivos não são favoráveis. A maioria deles se instala em campos de refugiados, assentamentos de estruturas precárias, com serviços sanitários mínimos, e de suposta estadia temporária.

O maior campo de refugiados no Oriente Médio, Za'tari, localiza-se no norte da Jordânia e é majoritariamente habitado por sírios. Inicialmente, o local tinha tendas de lona, as quais eram frequentemente destruídas pelas condições climáticas do país. Assim, foram progressivamente substituídas pelos contêineres de zinco e aço: as “caravanas”. A rede elétrica, projetada para fornecer luz apenas às ruas do campo, teve de ser ampliada, porque a maioria das moradias contava com ligações remendadas – os “gatos”. O tratamento de esgoto e o sistema de coleta foram criados através dos investimentos da Alemanha, que também contribuiu no pagamento de contas de luz. Com relação à disponibilidade de empregos, os trabalhos são rotativos, oferecidos por organizações que atuam no campo, e a remuneração é muito baixa. Diante da infraestrutura precária, a perspectiva de um futuro melhor é escassa, o que leva ao contrabando, ao tráfico de pessoas, à violência doméstica e à prostituição. Outros meios de subsistência são encontrados para além de Za'tari, sob autorização das autoridades jordanianas, principalmente em fazendas cujos donos querem mão de obra barata.



Al Zaatari: maior campo de refugiados do Oriente Médio

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/imagens-areas-mostram-campo-de->

A Grécia, por sua vez, é acusada pela ONU de não acolher adequadamente as pessoas em condições mais vulneráveis. Os acampamentos encontram-se superlotados, com tendas de lonas incapazes de proteger as famílias de chuvas e ventanias, e o acesso a cuidados hospitalares é muito limitado.

Na França, o maior campo de refugiados e o principal ponto de residência dentro do país desde 2002 se encontra na cidade de Calais, no noroeste. Refugiados e imigrantes vindos de países como Síria, Afeganistão, Eritreia e Marrocos vivem em suas tendas no meio da lama desde 2015. A cidade, apelidada como “Jungle”, selva em inglês, é um dos pontos mais habitados por refugiados dentro da França por abrigar a entrada do Eurotúnel, principal ponto de acesso não-aéreo à Grã-Bretanha, tornando-se assim um ponto estratégico de moradia. Porém, com a crise de imigrantes cruzando o Mediterrâneo, o acampamento lotou, tornando a questão do abrigo um dos maiores desafios.

Dentro desse campo, os expatriados têm como maior sonho chegar à Inglaterra para aproveitar as oportunidades do mercado de trabalho local e tentar, assim, reconstruir suas vidas. Enquanto não conseguem fazer o trajeto pegando “carona” em caminhões, carros ou trens, se mantêm dentro do acampamento juntando dinheiro com o objetivo de conseguir pagar um traficante de pessoas e, dessa maneira, efetuar a travessia.

Já o Brasil não oferece uma casa ou auxílio financeiro aos asilados, os quais têm de reorganizar a própria vida de modo independente, sem políticas habitacionais específicas com condições de aluguel. Entidades como a Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM) oferecem cestas básicas, colchões, cobertores e marmitas. A grande vantagem do país é a possibilidade de conseguir emprego, com direito a carteira de trabalho, apesar da exigência de um certo nível educacional para conseguir vagas.

A Alemanha, destino de grande parte dos refugiados, sobretudo sírios, iraquianos e afegãos, disponibilizou o antigo aeroporto Tempelhof, construído na Primeira Guerra Mundial, como abrigo para os refugiados. Foram instalados tendas e boxes nos salões do aeroporto e, cada vez mais, estão sendo feitas melhorias nas acomodações, com mais infraestrutura de higiene pessoal e alimentação, escola, creche e até área de lazer. A projeção dos alemães é que o Tempelhof consiga receber até 7 mil pessoas, mas sempre como um ponto de passagem, dando abrigo a refugiados enquanto eles não conseguem emprego e moradia fixa para reiniciar a vida no novo país. Visando aumentar a perspectiva de obtenção de um emprego, de ascensão econômica e integração social, Angela Merkel criou, em 2016, a Lei de Integração de Migrantes e Refugiados. Por meio desta, foram criadas 100 mil oportunidades de trabalho para os refugiados, cujo salário varia de 1 a 2,5 euros. Além disso, eles continuaram recebendo auxílio-moradia e apoio financeiro mensal do governo. Outra mudança implicou suspensão por três anos de uma lei que dá preferência a alemães e a outros cidadãos da União Europeia na oferta de uma vaga de emprego. Apesar das vantagens relacionadas ao mercado de trabalho, essa lei tornou obrigatória a participação dos migrantes nos cursos de integração, em aulas de língua, de história e política.

A medida, porém, gerou polêmica, uma vez que a organização não governamental alemã Pró-asilo apontou que ser desnecessária a obrigatoriedade de integração, porque os refugiados têm vontade de se enturmar, embora seja essencial a melhoria da eficiência dos cursos que promovem essa integração.



Cabines para refugiados no antigo aeroporto Tempelhof Foto: Markus Schreiber
Fonte: <http://outracidade.uol.com.br/simbolo-do-nazismo-se-torna-o-maior-campo-de-refugiados-da-alemanha/>

Ainda em relação à inclusão social, independentemente do acesso à bens materiais e apoio financeiro, grande parte dos refugiados sente falta de seu país, sua comunidade, as amizades, a familiaridade com a língua e as comidas típicas. Por isso, esperam que haja uma interferência de outros países para sanar os problemas que causam a imigração em seu país de origem. Conforme afirma o geógrafo e professor universitário Henrique Alckmin: “Tem que ser colocado em questão o que acontece nas regiões em que esses refugiados viviam, porque se não você só vai ‘enxugar gelo’ e não vai resolver o cerne do problema”. Através de uma possível solução, o fluxo migratório diminuiria e parte dos refugiados poderiam retornar às suas casas.

Um conhecido caso de desejo de regresso é o da paquistanesa Malala Yousafzai. Essa, “aos 12 anos, para poder continuar indo à escola, desafiou uma das mais cruéis e violentas milícias em ação, o Talibã. Aos 15, foi baleada na cabeça numa tentativa do grupo de silenciá-la. Malala sobreviveu ao atentado e, aos 16 anos, tornou-se porta-voz mundial de uma causa até há pouco quase obscura, entre outros motivos, por ter surgido em uma região que já parecia ter problemas demais a tratar: as milhares de meninas no Afeganistão e no Paquistão que, graças a uma interpretação do Islã eivada de ignorância e ódio, são

impedidas de ter acesso à educação e a um futuro melhor”². Depois de seu ataque, Malala foi transferida para Birmingham, cidade da Inglaterra, onde recebeu tratamento e tornou-se refugiada. Contudo, assegurou seu desejo de voltar ao Paquistão para entrar na política e buscar a melhoria de seu país. “Vou ser política no futuro. Quero mudar o futuro do meu país e quero que a educação seja obrigatória. O mal de nossa sociedade e de nosso país é que sempre esperam que venha outra pessoa para consertar as coisas”, declarou a jovem em entrevista para a BBC em 2013. Seu discurso esclarece uma vontade generalizada entre os refugiados de voltar ao seu país natal visando fazer a diferença na melhoria deste.

Um conhecido caso de desejo de regresso é o da paquistanesa Malala Yousafzai. Essa, “aos 12 anos, para poder continuar indo à escola, desafiou uma das mais cruéis e violentas milícias em ação, o Talibã. Aos 15, foi baleada na cabeça numa tentativa do grupo de silenciá-la. Malala sobreviveu ao atentado e, aos 16 anos, tornou-se porta-voz mundial de uma causa até há pouco quase obscura, entre outros motivos, por ter surgido em uma região que já parecia ter problemas demais a tratar: as milhares de meninas no Afeganistão e no Paquistão que, graças a uma interpretação do Islã eivada de ignorância e ódio, são impedidas de ter acesso à educação e a um futuro melhor”. Depois de seu ataque, Malala foi transferida para Birmingham, cidade da Inglaterra, onde recebeu tratamento e tornou-se refugiada. Contudo, assegurou seu desejo de voltar ao Paquistão para entrar na política e buscar a melhoria de seu país. “Vou ser política no futuro. Quero mudar o futuro do meu país e quero que a educação seja obrigatória. O mal de nossa sociedade e de nosso país é que sempre esperam que venha outra pessoa para consertar as coisas”, declarou a jovem em entrevista para a BBC em 2013. Seu discurso esclarece uma vontade generalizada entre os refugiados de voltar ao seu país natal visando fazer a diferença na melhoria deste.

Em 2015, a União Europeia se propôs a realocar 120.000 refugiados, mas países como a Hungria, República Tcheca, Eslováquia e Romênia votaram contra. O texto final do bloco europeu estabeleceu o abrigo imediato de 66.000 refugiados. Todavia, nesse projeto foi colocado a margem de atraso de dois anos para os países.

Um ano depois, apenas 3,5% dos refugiados propostos no combinado foram acolhidos. Levando em consideração que os países estão disponibilizando apenas 9,5% das vagas necessárias, é praticamente impossível que consigam completar o processo até o final do prazo.

Esse descomprometimento de países que se propuseram a contribuir para crise, objetivando um equilíbrio de recepção, faz com que ela se mantenha praticamente estática. Há uma decrescente oferta de recepção, uma vez que lugares que costumavam ter taxas de recepção altas, como Quênia e Líbano, estão cada vez mais se fechando. Para mais, com

2 Thais Oyama, redatora chefe da Veja em seu texto: “A Jovem Malala conta sua incrível história”

a subida de Donald Trump ao poder nos Estados Unidos, a maior potência mundial, orçamentos humanitários estão sendo cortados.

É fundamental reconhecer que, apesar de cada país ser soberano em relação aos seus valores e decisões, encontram-se entrelaçados em uma espécie de rede mundial, na qual todos possuem uma interdependência. Deveria existir, então, não apenas um vínculo que visasse questões econômicas de benefício próprio, mas também acordos que pudessem pelo apoio entre os países tendo em mente o bem humanitário. Tem-se, portanto, a questão do acolhimento dos refugiados como um exemplo claro da falta de empatia entre os países, já que muitos recusaram-se a abrir suas portas de forma receptiva. A crise dos refugiados não é somente um problema local, mas sim uma complicação mundial, o que torna imprescindível a contribuição das demais partes.

Existem inúmeras maneiras dos países auxiliarem não apenas com acolhimento, mas também com uma recepção empática que envolva cuidados e direitos aos refugiados. “Uma opção seria olhar para os refugiados como uma questão de desenvolvimento e não apenas um problema humanitário. Eles têm habilidades, talentos e aspirações. Uma abordagem voltada para o desenvolvimento na questão têm o potencial para fornecer oportunidades de ganhos a todos: refugiados, países anfitriões, e doadores - até que refugiados possam voltar a seus países.”³

Como por exemplo, em Uganda adotou-se a chamada “estratégia de autoconfiança”, que dá aos refugiados o direito de trabalhar e ter liberdade de movimento, o que contribuiu para o desenvolvimento econômico do receptor. Em Kampala, cidade da Uganda, 21% dos refugiados comandam empresas que empregam outras pessoas e 96% das famílias de refugiados têm alguma fonte de renda independente.

Em áreas urbanas e assentamentos, refugiados participam de diversas atividades empreendedoras. No México, são oferecidas oportunidades de autossuficiência e integração local para o alto número de refugiados da Guatemala, com o auxílio de recursos europeus para o projeto de agricultura.

Embora haja exemplos de lugares que adquiriram métodos para a integração de refugiados, deve-se ponderar que esses países, em comparação com a Europa, recebem um número minoritário de refugiados. Tendo em vista que é menos complicado oferecer condições para uma parcela menor de fugitivos necessitados de abrigo e ofício, é importante a compreensão das dificuldades exigidas à Europa diante do grande fluxo de refugiados que esta recebe. Sendo assim, torna-se crucial que haja uma colaboração para que os demais locais sejam anfitriões, distribuindo a quantidade de necessitados de modo equilibrado.

3 Alexander Betts: diretor do Centro de Estudos de Refugiados da Universidade de Oxford, na Grã-Bretanha

Contudo, a dificuldade de um consenso mundial é causada pelas diferenças de opinião entre os países, os quais apresentam interesses divergentes. Para que os refugiados conseguissem retornar às suas origens, seria fundamental uma colaboração para sanar os problemas em sua raiz. A solução, entretanto, se dá à longo prazo, em função de envolver negociações, investimentos, processos de realocação e obtenção de recursos para incentivar o retorno de fugitivos. Logo, muitos lugares não se dispõem a tomar atitudes por não enxergarem a perspectiva de melhoria, o que adia uma possível resposta ao tema. Dependentes da colaboração das potências mundiais, os refugiados permanecem no local que os recebeu, vivendo com o anseio de voltar à sua procedência.

Referências Bibliográficas:

1. BETTS, ALEXANDER. **Análise: Apesar de crise na Europa, 95% dos refugiados estão fora do continente.** BBC Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150830_analise_imigracao_hb>. Acesso em: 13 set. 2017.
2. PEROSA, TERESA. **Vidas intermitentes: como vivem os refugiados sírios no maior campo do Oriente Médio.** Época. 2016. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/05/vidas-intermitentes-como-vivem-os-refugiados-sirios-no-maior-campo-do-oriente-medio.html>>. Acesso em: 13 set. 2017.
3. POUCHARD, ALEXANDRE. **Entenda os conflitos que motivam a saída dos refugiados de seus países.** Uol. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/le-monde/2015/09/11/entenda-os-conflitos-que-motivam-a-saida-dos-refugiados-de-seus-paises.htm>>. Acesso em: 13 set. 2017.
4. VIEIRA, ISABELA. **Refugiados no Brasil, sírios têm dificuldade de encontrar empregos e moradia.** EBC. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/09/refugiados-no-brasil-sirios-tem-dificuldade-de-encontrar-empregos-e-moradia>>. Acesso em: 13 set. 2017.
5. IBDAR. **Travessia do Mediterrâneo: o enorme saldo de migrantes e refugiados mortos em 2016.** Ibdar. 2016. Disponível em: <<http://www.ibdmar.org/2017/01/travessia-do-mediterraneo-o-enorme-saldo-de-migrantes-e-refugiados-mortos-em-2016/>>. Acesso em: 20 set. 2017.
6. MEDICOS SEM FRONTEIRAS. **MSF alerta para péssimas condições de vida dos refugiados na Grécia.** MFS. 2016. Disponível em: <<http://www.infogrecia.net/2016/10/msf-alerta-pessimas-condicoes-vida-dos-refugiados-na-grecia/>>. Acesso em: 20 set. 2017.
7. SANTIAGO, EMRSON. **Campos de refugiados.** Infoescola. 2012. Disponível em <<http://www.infoescola.com/sociedade/campos-de-refugiados/>>. Acesso em: 29 set. 2017.

8. MONTENEGRO, CAROLINA. **Como é a vida no maior campo de refugiados da França**. BBC. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160220_campo_refugiados_calais_franca_cm_rb>. Acesso em: 29 set. 2017.
9. ONU. **‘All refugees want to go home someday’ – UNHCR spokesperson and author Melissa Fleming**. ONU. 2017. Disponível em: <<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=56846#.WdPkh1tSziU>>. Acesso em: 29 set. 2017.
10. LEAL, URBITAN. **SÍMBOLO DO NAZISMO SE TORNA O MAIOR CAMPO DE REFUGIADOS DA ALEMANHA**. UOL. 2016. Disponível em: <<http://outracidade.uol.com.br/simbolo-do-nazismo-se-torna-o-maior-campo-de-refugiados-da-alemanha/>>. Acesso em: 29 set. 2017.
11. MORAES, ALINE. **Alemanha cria primeira lei para integração de migrantes e refugiados**. Agencia Brasil. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-04/alemanha-cria-primeira-lei-para-integracao-de-migrantes-e-refugiados>>. Acesso em: 29 set. 2017.
12. MARÇAL, JÉSSICA. **Crise de refugiados: especialistas comentam possíveis soluções**. Notícias. 2015. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/mundo/crise-de-refugiados-especialistas-comentam-possiveis-solucoes/>>. Acesso em: 9 out. 2017.
13. CHACRA, GUGA. **Qual o interesse da cada um dos envolvidos na Guerra da Síria?**. ESTADÃO. 2016. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/qual-o-interesse-da-cada-um-dos-envolvidos-na-guerra-da-siria/>>. Acesso em: 9 out. 2017.
14. GLOBO. **Saiba quem é Malala Yousafzai, a paquistanesa que desafiou os talibãs**. G1. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/saiba-quem-e-malala-yousafzai-paquistanesa-que-desafiou-os-talibas.html>>. Acesso em: 14 out. 2017.
15. OYAMA, THAIS. **A Jovem Malala conta sua incrível história**. Veja. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/a-jovem-malala-conta-sua-incrivel-historia/>>. Acesso em: 14 out. 2017.
16. ABELLÁN, LUCÍA. **Ue distribuiu apenas 3,5% dos refugiados que prometeu há um ano**. EL PAÍS. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/28/internacional/1475057959_651744.html>. Acesso em: 14 out. 2017.
17. BBC. **A história por trás da foto do menino sírio que chocou o mundo**. BBC. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd>. Acesso em: 14 out. 2017.
18. MELO, DÉBORA. **Brasil, de portas quase fechadas aos refugiados**. CARTA CAPITAL. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/942/brasil-de-portas-quase-fechadas-aos-refugiados>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
19. ACNUR. **Deslocando-se através das fronteiras**. UNHCR ACNUR. s.d. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
20. OLIVEIRA, ARIADNA. **A Questão dos refugiados no mundo**. IMPACTO PUBLICAÇÕES. 2012. Disponível em: <<https://www.revistaimpacto.com.br/a-questao-dos-refugiados-no-mundo/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
21. CARNEIRO, MARIA LUIZA. **A questão dos refugiados- um colapso humanitário**. JORNAL DA USP.

2016. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/artigos/a-questao-dos-refugiados-um-colapso-humanitario/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
22. MERELES, CARLA. **A crise humanitária dos refugiados**. POLITIZE. 2016. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.
23. FERNANDES, CLÁUDIO. **Crise dos refugiados na Europa**. INFOESCOLA. 2016. Disponível em: <<http://vestibular.brasilecola.uol.com.br/atualidades/crise-dos-refugiados-na-europa.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2017.
24. **A UE e a Crise dos refugiados**. COMISSÃO EUROPEIA. 2016. Disponível em: <<http://publications.europa.eu/webpub/com/factsheets/refugee-crisis/pt/>>. Acesso em: 27 ago. 2017
25. **REGRESSO de refugiados aos seus países seria solução para crise, diz Trump**. DIÁRIO DO PODER. 2017. Disponível em: <<http://www.diariodopoder.com.br/noticia.php?i=74974504640>>. Acesso em: 27 ago. 2017.
26. HENRIQUES, ANA MARIA. **A “vida sem perspectiva” de quem espera num campo de refugiados**. P3. 2017. Disponível em: <<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/22853/vida-sem-perspectiva-de-quem-espera-num-campo-de-refugiados>>. Acesso em: 27 ago. 2017.
27. FORSELL, TUOMAS. **Milhares de refugiados iraquianos na Finlândia querem voltar para casa**. P3. 2016. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/02/14/mundo/noticia/milhares-de-refugiados-iraquianos-na-finlandia-querem-voltar-para-casa-1723293>>. Acesso em: 27 ago. 2017.
29. **CERCA de 30 mil refugiados querem regressar**. REDE ANGOLA. 2014. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/cerca-de-30-mil-refugiados-na-rdc-querem-regressar/>> Acesso em: 27 ago. 2017.
30. ONU. **ACNUR alarmado com o retorno forçado de mais de 800 refugiados à Nigéria**. ONU. 2017. Disponível em: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2017/06/acnur-alarmado-com-retorno-forcado-de-mais-de-800-refugiados-a-nigeria/#.WaLXez6GPIU>>. Acesso em: 27 ago. 2017.
31. **FALSA hospitalidade leva refugiados a voltarem para casa**. SPUTNIK NEWS. 2015. Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/mundo/201510082368418-refugiados-europa-iraque-finlandia/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

Literatura

Prof. Iuri Pereira

Protocolos de maturidade

A literatura vitaliza e tem propriedades terapêuticas. Ainda não está provado, mas é uma questão de tempo. Mitos são matrizes narrativas da experiência comum, que fazem circular modelos de comportamento e repertórios de saberes. De acordo com o intelectual Tzvetan Todorov, a literatura favorece uma melhor realização da vocação de ser humano.

O foco da disciplina é a leitura de textos literários reunidos por tratarem de protocolos de maturidade, isto é, formas de representação do ingresso de pessoas na vida adulta.

Estarão em pauta personagens como o adorável irlandês Stephen Dedalus; o desgraçado Lazarillo de Tormes, que vive na Espanha durante o século XVI; Eugênia Grandet, rica herdeira da França rural do século XIX, pura bondade e delicadeza; o perverso e fútil Alex Delarge, que vadia pelas ruas proletárias de Londres em meados de 1950 e se dá tão mal que até passamos a gostar dele.

Os alunos são convidados a refletirem sobre os predicados para a vida adulta no mundo contemporâneo à luz de um modelo literário, buscando perceber como a experiência subsidia a leitura literária, que por sua vez subsidia a experiência..

Não tenho medo

Fábio Marinho Lutz Motta



Niccolò Ammaniti nasceu em 25 de Setembro de 1966, em Roma. Escreveu os romances *Branchie*, *Ti prendo e ti porto*, *Não tenho medo*, *Como Deus manda* e *A Festa do Século*, e o romance de formação *Eu e você*; além do conto *Fango*. Ganhou o prêmio *Strega* pela obra *A Festa do Século*.

A obra “Não tenho medo” tem como época o ano de 1978. Nesse período¹, na Itália, houve o sequestro e assassinato do ex-primeiro-ministro e Presidente da Democracia Cristã italiana Aldo Moro, pelas Brigadas Vermelhas. Essa, por sua vez, foi uma organização paramilitar de guerrilha comunista, que era anticapitalista, contrarrevolucionária e apoiava-se em ideias marxistas a fim de, entre outras coisas, instaurar a ditadura do proletariado. As Brigadas eram formadas por membros de diversas tendências políticas e “deixou rastros” quanto aos sequestros relâmpagos, panfletagens e atentados incendiários que realizavam. Indignados com a situação do país, capturaram Aldo Moro e o mantiveram em cativeiro durante uma tentativa de negociações infrutíferas com o governo. Em 1978, Aldo Moro foi assassinado.



Aldo Moro sequestrado



Bandeira das Brigadas Vermelhas

O livro, em si, aborda a história de um grupo de crianças de aproximadamente 10 anos, que vive em em um minúsculo e pacato povoado ao sul da Itália chamado “Acqua Traverse”, no ano de 1978. O protagonista Michele Amitrano é uma das crianças que, junto com seus amigos, se diverte nos ensolarados dias de verão, do vilarejo que não possui mais de uma rua e quatro casinhas. Com sua irmã Maria, e seus amigos Salvatore, Remo, Antonio e Barbara; Michele costuma andar de bicicleta e apostar corridas pelas redondezas da cidade. Todos os dias, então, decorrem exatamente iguais: o grupo de amigos se diverte pela manhã e tarde, e volta para suas casas à noite. Até que um dia, durante uma corrida até o alto de uma colina, Michele descobre um segredo inacreditável e amedrontador que virá a esconder de todos, e que porá em cheque tudo o que ele acreditava saber sobre os adultos, sua vida e natureza.

¹ Disponível em <<http://ewordnews.com/ptbr/literary-news/2014/7/25/resenha-eu-no-tenho-medo-de-niccol-ammaniti>>. Acessado em 10 Out, 2017.

Michele é uma criança intrigada e curiosa, mas ao mesmo tempo ingênua e infantil; porém, como seu mundo é cercado pela ingenuidade e inocência da infância, não há muitas possibilidades de se esperar outra coisa tanto de Michele quanto dos outros; especialmente Maria, a caçula. Já Salvatore, é o melhor amigo de Michele, desde os primeiros anos escolares que fizeram juntos. As principais características que constituem esse personagem são a amizade, respeito e bondade, principalmente para com esse amigo. Quanto à Barbara Mura, é a menos próxima aos outros, e a mais satirizada e humilhada, visto que era a que sempre perdia as apostas de corrida, por ser a “gordinha” da turma, e, assim, a que pagava os castigos que sempre vinham depois das corridas. Antonio Natale, vulgo “Caveira”, era quem estipulava os castigos, e por ser ele quem especialmente não gostava dela, obrigava-a a cumprir as piores consequências. Um dos castigos, por exemplo, foi submeter a garota a mostrar os peitos a todos, e em seguida, a genitália (p.). Apesar disso, Michele, por vergonha alheia e pena da amiga, assumiu seu segundo castigo, dito acima. Tal ato mostra não só um sinal de racionalidade e respeito do protagonista para com Barbara, como o fato de Michele ser o único do grupo, pelo menos até esse ponto, capaz de se impor a uma regra ditatorial de Caveira. Portanto, essa cena já revela uma independência maior de Michele, em relação aos outros membros do grupo, para com Antonio; o que também garante, por sua vez, um desenvolvimento muito mais acentuado em relação a seus amigos. Já Caveira, é o líder autoritário e com aspectos ditatoriais, do grupo. Sempre tem a necessidade e vontade de ter o grupo e a situação sob seu controle, em todos os momentos. Afinal, não quer perder a liderança, deseja que todos façam a sua vontade; quando isso não ocorre, agride seus amigos verbalmente. Quanto à Maria, como já dito, é a caçula do grupo, que, teimosa, sempre quer estar junto e fazer parte. Também, como Barbara, é deslocada, pois só tem mais afinidade com Michele, e não participa das corridas e competições por ser considerada muito pequena por Caveira (era quem decidia tudo). Além disso, Michele teme pela irmã fazer parte do grupo, pois se preocupava que ela se machucasse com as “sérias competições”, fora que sempre o atrasava nas corridas. Mesmo assim, o irmão era atencioso e paciente com Maria, não permitindo que ela se machucasse, fosse prejudicada ou algo do tipo; afinal, Michele era o mais velho, e era seu dever cuidar de sua irmã. Logo, Michele executa mais uma vez o papel do ajuizado, agora para com sua irmã (assim como fez no incidente de Barbara, já citado anteriormente). Através desse acontecimento, o protagonista é, então, capaz de dar mais um passo em direção à maturidade: por meio da “responsabilidade”. Já quanto ao último componente do grupo é Remo: fiel escudeiro de Caveira, que o segue como um cão obediente, e de menor participação e relevância à história.

Quanto ao país, são Pino e Teresa (de Michele e Maria), Italo Natale (pai de Caveira) e Angela e Pietro Mura (pais de Barbara). Além de Sergio Materia, amigo de Pino, que supostamente “manda nos outros pais” e gerencia a cidade. Pino, na verdade, era o chefe de

Acqua Traverse, mas pelo modo que o velho Sergio agredia a todos, sem papas na língua como Caveira, parecia que era ele quem “mandava” cidade. Já Teresa é uma mulher com belas silhuetas, desejada por todos os homens, “dona de casa”, que literalmente nunca sai, só prepara as refeições e cuida da casa. Quanto a Italo, Angela e Pietro Mura, não há muitas informações relevantes. O único aspecto importante comum aos três e a todos os adultos citados, inclusive, é que todos têm conhecimento da dura e inacreditável verdade, que Michele, por sinal, ainda está para descobrir. Ainda há outra personalidade na narrativa, o irmão de Caveira e filho de Ítalo, Felice Natale, de 18 anos. “E se o Caveira era mal, Felice era mil vezes mais” (p.73), é o que narra Michele e melhor descreve Felice. Os atos do irmão mais velho se resumiam a agressões físicas e verbais, tanto para com as crianças, quanto aos adultos (mas, nesse caso, predominantemente verbal).

Quanto à questão de amadurecimento das crianças, pode-se inferir que Michele tem um desenvolvimento bem maior e mais claro do que os outros, como já dito. Sendo que o ápice de seu crescimento começa a partir da grande reviravolta e peripécia do livro: o descobrimento de um menino dentro de um buraco. É esse justamente o segredo que guardará para si, pois acredita ser seu, visto que foi ele que achou; e, logo, não repartirá tão facilmente. Aos poucos, Michele vai “ganhando intimidade” com Filippo, até o dia que descobre que todos os adultos, além de terem o conhecimento de que ele estava lá, o tinham posto naquele lugar. A certa altura, Pino, após tanto tempo de desconfiança pensando onde o filho ia todas as tardes (ninguém sabia), descobre que Michele já havia descoberto o garoto. A partir de então, Michele tem de redobrar o cuidado para cobrir seus rastros, se quisesse voltar a ver Filippo, pois seu pai o tinha intimado que se naquela montanha retornasse, matariam o menino. E se o fizessem, o protagonista assumiria toda a culpa por “praticamente selar” o destino do garoto no buraco. É a partir de sua preocupação com Filippo e ter de esconder esse segredo de todos, que Michele, então, amadurecerá, descobrindo a real verdade sobre os adultos; o que lhe permitirá sair do mundo da ingenuidade e infantilidade, no qual está preso até praticamente a metade do livro, e ingressar na vida adulta.

A obra, em si, apresenta variadas figuras de linguagem, como hipérboles, metáforas, paradoxos, personificações, comparações, e outras. Um exemplo de personificação localiza-se na página 191: “O coração já martelava no meu peito”. Essa pode ser assim considerada pois há a atribuição de características humanas a seres inanimados; no caso, o coração (ser não vivo) estaria martelando (característica dada a ele) o peito de Michele. Outra exemplificação é de uma figura de linguagem que se localiza no sétimo parágrafo da mesma página: “Minha irmã Maria ... me seguia com a obstinação de um vira-lata que acabou de ser tirado do canil”. Tal frase é uma comparação do modo como Maria o seguia, com o modo com que um vira-lata age quando acaba de ser tirado de um canil. Um dos paradoxos, por sua vez, está na página 19, na última frase: “Tínhamos visto a colina, porém sem vê-la

realmente”. Assim pode ser designado, sabendo que há duas ideias contrárias em oposição, que apresentam contrariedade entre si, mas podem ter uma explicação que transcende o limite do verbal. Quanto às metáforas, uma delas pode ser encontrada na página 191: ...”edredom de nuvens”... Por se tratar de uma substituição de um termo pelo outro, em uma relação de semelhança entre os elementos que esse termos designam; estabelece-se uma metáfora. Nesse caso, o termo “edredom” está substituindo o termo “camada” ou “monte”, ou eventualmente outro que mantenha o sentido da frase.

Alguns outros aspectos formais e até pessoais do autor incluem pessoa do discurso, algumas digressões feitas e a linha temporal dos fatos. Quanto ao primeiro, a obra é narrada em primeira pessoa, portanto só há um emissor (Michele). Algumas das digressões feitas pelo autor se encontram nas páginas 31 (a partir da linha 9 até a linha 6 da página seguinte); 37 (a partir da linha 6 até o segundo parágrafo da próxima página); 59 (da linha 21 a 16 da página 60); 73 (desde os dois últimos parágrafos até as duas primeiras frases da página 75); 80 (o terceiro parágrafo); 101 (da linha 3 a 18) e 159 (a partir da linha 4 até a 22). A respeito dessas digressões, pode-se dizer que foram sempre voltadas a explicar elementos e informações importantes presentes na narrativa, portanto, nenhuma delas foi feita em vão. A primeira citada acima, por exemplo, pressupõem o “tempo atual”, do qual ele conta a história; quanto à segunda, descreve *Acqua Traverse*, e assim por diante. Já referente ao tempo da narrativa, como inclusive já dito, é o passado, visto que todas as ações já foram feitas. Porém, não é possível precisar há quanto tempo “exatamente” os fatos se deram; apesar do autor indicar, nas 2 primeiras linhas da primeira digressão, citada acima, que foi há aproximadamente 10 anos: “Aproximadamente dez anos depois aconteceu-me estar esquiano no Gran Sasso”. Em contrapartida, para além desse tempo, há uma outra linha temporal que é a da narrativa (ação); e pode-se dizer, levando em conta os dias e noites descritos por Michele ao longo da obra (por volta de menos que 10 de cada), que essa deve valer aproximadamente um mês.

Em suma, pode-se dizer que o romance de Niccolò Ammaniti traz reflexões sobre a questão do amadurecimento juvenil, por meio do crescimento “forçado” e abrupto de Michele, que, logo, não teve “opção de escolha quanto a esse. Ainda, é possível perceber, agora quanto ao livro em si, que o aprisionamento de Filippo, na obra, dialoga, mesmo que coincidentemente e/ou de forma rasa, com a prisão do ex-primeiro-ministro italiano Aldo Moro. Logo, há uma correspondência entre ambos os casos, fictício e real, que podem estar, possivelmente, relacionados. Assim, e em suma, pode-se dizer que o autor faz uma contraposição entre a realidade e a natureza da vida adulta, e a ingenuidade e infantilidade da mocidade. Ou seja, é necessário deixar de lado a ingenuidade e o encantamento da juventude para “abraçar” o mistério, o enigma e o desencanto da vida adulta.

Bibliografia:

<http://ewordnews.com/ptbr/literary-news/2014/7/25/resenha-eu-no-tenho-medo-de-niccol-ammaniti>. Nome do texto: Resenha “Eu não tenho medo” de Niccolò Ammaniti. Site: *EWordNews*.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_It%C3%A1lia. Nome do texto: História da Itália. Site: Wikipedia.

<http://popeseries.blogspot.com.br/2016/06/>. Nome do texto: Universo Pop. Site: blogspot.

Literatura

Análise sobre a obra Senhor das Moscas

Marina Sutton

Informações Básicas:

O Senhor das Moscas é um romance alegórico escrito por William Golding e publicado em 1954, sendo considerado uma das maiores obras da literatura mundial, adaptado duas vezes para o cinema e traduzido para 35 idiomas, vendendo mais de 25 milhões de exemplares só na língua inglesa. É narrado na terceira pessoa com narrador onisciente durante a Segunda Guerra Mundial, em uma ilha deserta. Os personagens mais marcantes são Ralph, Jack, Porquinho, Simon e os gêmeos, todos são personagens alegóricos, portanto cada um representa algo a respeito da natureza humana e vida em sociedade.

Sobre o Autor:

William Golding é um escritor britânico nascido em 1911. Foi ator, músico e professor primário antes de se tornar escritor. Seu primeiro livro, “Poems”, foi lançado em 1935 e 5 anos depois ingressou na marinha Britânica e participou de ações militares durante a Segunda Guerra Mundial. Escreveu muitas obras: 12 romances, peças teatrais, poemas, livros de ensaio e pequenas histórias. Sua maior obra foi “O Senhor das Moscas”, que antes de se tornar um fenômeno mundial foi rejeitado por uma série de editoras por seu conteúdo inovador e desafiador sobre a natureza humana. Recebeu prêmios como o Booker Prize em 1980 por “Ritos de Passagem” e o Prêmio Nobel de Literatura em 1983. Morreu aos 81 anos em 1993 devido a um problema cardíaco.

A Narrativa:

A história se dá em torno de um grupo de meninos entre 6 e 13 anos cujo avião cai em uma ilha deserta durante a Segunda Guerra Mundial. Lá eles terão que sobreviver aprendendo a cuidar de si mesmos sem supervisão adulta, prover comida e abrigo, conviver pacificamente e lidar com a questão mais gritante: a liderança do grupo. Ao perceberem que estão completamente afastados da civilização, sem nenhum adulto, pai ou figura de autoridade impondo-lhes regras ou obrigações, há um sentimento compartilhado de euforia tanto pela liberdade recém descoberta quanto pela beleza extasiante da ilha farta e selvagem. Sendo o cenário perfeito (mas nunca imaginado) para inúmeras aventuras e brincadeiras: os frequentes banhos de mar e mergulhos na lagoa, as excitantes expedições e as idas à caça a procura de carne.

O grupo se divide em dois: os pequenos, composto principalmente por Henry, Roger, Johnny e Percival e os maiores Ralph, Jack, Simon, Porquinho, Maurice, Robert, os gêmeos e o coro. A hierarquia entre os dois grupos é evidente: os pequenos não atuam tanto na vida administrativa ou política da ilha, a maior parte do tempo brincam ou saem à procura de frutas. Durante as reuniões não têm opinião própria, concordam com o resto do grupo e assentem com a decisão ou fala de algum dos mais velhos. Pensando em um ponto de vista literário de uma outra obra alegórica e aclamada durante um contexto histórico

similar, “A Revolução dos Bichos” de George Orwell, os pequenos teriam o mesmo papel na narrativa que as ovelhas: agem como uma massa e concordam com a opinião dos mais poderosos.

Logo ao chegarem na ilha, Porquinho e Ralph acham uma concha que quando assoprada produzia um ruído extremamente grave e solene, a partir dele eram convocadas reuniões à beira da praia, nas quais Ralph falava e todos escutavam, verbalizando a opinião geral do grupo, a partir delas, decisões práticas e cruciais sobre o futuro de todos na ilha eram tomadas. Se tornou regular a liderança de Ralph e reconhecido seu posto como porta-voz, liderando todas as reuniões. A principal regra criada era que quem tivesse a concha em mãos teria a palavra, enquanto que todos os outros teriam que ouvir para que a mesma pudesse ser passada adiante. Geralmente a concha permanecia nas mãos de Ralph, pois o grupo o admirava e respeitava, isso se deu já a partir do primeiro dia dos meninos na ilha, quando na primeira reunião, Ralph os espantou com sua figura de autoridade e seu otimismo a respeito da sobrevivência e saída da ilha, firmando seu novo posto de chefe a partir de uma votação.

A relação entre Ralph e Jack muda ao decorrer da narrativa: ambos figuras de admiração e respeito, Ralph por ter sido eleito o chefe e Jack por ser líder do coro (que seria um grupo de meninos que Jack comandava e o seguiam como se fosse o chefe de um exército). Jack chegou na ilha afirmando certa posição de autoridade e poder entre os demais, porém, ao contrário de Ralph, não foi eleito democraticamente. Entretanto os meninos se identificam, talvez até por ambos se sentirem superiores aos demais, e ali se inicia uma relação de respeito e amizade. No início da narrativa, as posições ocupadas pelos dois no grupo são respeitadas mutuamente, um ocupa uma posição administrativa e encarregado das decisões de sobrevivência e o outro encarregado da caça e líder do antigo coro e novos caçadores da ilha. Porém os conflitos se iniciam no capítulo 4 quando Jack e seus caçadores, encarregados de alimentar a fogueira abandonaram a tarefa e foram caçar. Durante esse período um navio passa. Esse não foi ao resgate dos meninos pois a fogueira que sinalizava sua existência estava quase apagada.

“ Vocês deixaram o fogo apagar”

Jack conferiu a informação vagamente irritado por aquela irrelevância mas contente demais para deixar que o perturbasse.

“O fogo a gente acende de novo. Você devia ter vindo com a gente, Ralph. Foi grande. Um porco derrubou os gêmeos– ”

“E a gente acertou o porco–”

“–eu pulei em cima dele–”

“E eu cortei o pescoço do porco”, declarou Jack orgulhoso, embora ainda estreme-

cesse ao contar sua façanha.

[...]

Ralph tornou a falar, com a voz rouca. Não tinha movido um músculo.

“Vocês deixaram o fogo apagar.”

Aquela repetição provocou um desconforto em Jack.

[...]

“Passou um navio, lá fora. Vocês disseram que iam manter a fogueira acesa, mas deixaram apagar!” Deu um passo na direção de Jack, que se virou de frente para ele.

“E eles podiam ter visto a gente. A gente podia estar indo pra casa—”

Como é possível evidenciar na passagem do capítulo mencionado, se inicia uma grande discussão na qual a questão primordial não é a fogueira em si, mas sim a disputa pelo poder. Após esse incidente fica claro que a relação dos dois havia mudado.

Principais Temas Abordados:

A obra foi extremamente polêmica para sua época de publicação, afinal aborda temas que evidenciam questões extremamente profundas do ser humano e das sociedades criadas por ele. Sendo um destes o tema filosófico-social, muito discutido por Hobbes e Rosseau, por exemplo, da natureza humana em seu aspecto mais verdadeiro: “sendo o homem um animal social, ele nasce mau ou a sociedade o corrompe?” Golding defende a tese de que a maldade é algo extremamente primitivo e animalesco. O afastamento da civilização e o contato intenso com instintos primitivos do ser humano é suficiente para que ele perca a racionalidade, ideais de igualdade e democracia e se entregue à barbárie. Onde impera o autoritarismo, a violência e os desejos mais primitivos do ser humano que se misturam com suas necessidades animais e suas necessidades humanas representadas pelo poder.

É importante levar em consideração o porquê o autor escolheu crianças como personagens da narrativa e isso se dá pois ainda não estão completamente inseridas e adaptadas à sociedade, mesmo que já tenham certa noção do que podem e não fazer. Golding aborda essa questão quando descreve a cena na qual o menino Roger estaria jogando pedrinhas no pequeno Percival com o intuito maléfico de machuca-lo por diversão, porém antes que pudesse realizar o lançamento para que seu objetivo se concretizasse, algo o impediu:

“ invisível, contudo forte, estava o tabu da vida antiga. Em volta da criança de cócoras estava a proteção dos pais, da escola, da polícia e da lei. O braço de Roger estava condicionado por uma civilização que não sabia nada dele e estava em ruínas ” .

Há ainda uma forte presença dos impulsos e instintos quando crianças. Nas mesmas é evidenciada mais puramente a natureza humana enquanto que nos adultos, as regras e imposições sociais interferem com suas verdadeiras vontades. No entanto, um motivo crucial para a escolha dessa faixa etária é a capacidade de aprendizagem durante essa idade, que é rápida e extremamente mais fácil do que a de um adulto de se adaptar a um meio novo.

Alegorias de cada personagem:

- **Ralph:** O líder escolhido a partir do voto pelo grupo representa a democracia e a civilização. Sempre pensando em meios de como sair da ilha, ou como tornar sua estadia focada em priorizar as tarefas e reuniões. Para o eleito líder, a ordem na ilha seria mantida, assim como os mesmos costumes e valores morais de uma sociedade civilizada.
- **Jack:** Jack representa a selvageria e a barbárie. É um menino obcecado com a guerra e tem uma verdadeira obsessão, que é evidenciada desde seus primeiros momentos na ilha, com a caça e a possibilidade de matar um porco. Sem escrúpulos, o menino é agressivo, violento e tirano, assim como o homem em sua verdadeira forma, de acordo com a visão de Golding, que dá vida à frase “O Homem é o lobo do Homem” de Hobbes por meio de Jack.
- **Porquinho:** Representa a ciência, a racionalidade. Muitas vezes pensando em ideias para tirá-los da ilha ou otimizar a sua estadia, mas nunca é escutado e é motivo de chacota entre os meninos da ilha. O autor utilizou deste recurso para denunciar a invisibilidade da racionalidade em um ambiente extremamente primitivo. Outro recurso utilizado é fazer com que Ralph seja a única pessoa com a qual Porquinho se relaciona em termos de amizade, mesmo esse não tolerando muito o colega gordo, Ralph algumas vezes é porta-voz das ideias de Porquinho por ser mais articulado e por conta de sua reputação.
- **Simon:** Este representa a fé e a religiosidade por conta de suas visões e revelações místicas a partir do contato com O Senhor das Moscas.
- **Gêmeos:** Os gêmeos Sam e Eric representam os soldados, afinal, fazem parte do coro de Jack, nada mais nada menos que um chefe de exército totalitário. São personagens que perdem a individualidade e agem como um só. Essa similaridade é contextualizada ao notar que muitas vezes os gêmeos não têm opinião própria, não falam, somente concordam e até realizam trabalho braçal, como quando mataram o primeiro porco, os gêmeos foram os responsáveis por carregá-lo.

Sobre o Título:

Eis a pergunta mais recorrente sobre o livro: quem é O Senhor das Moscas? Para responder essa pergunta é necessário situar o contexto no qual ele se encontra. A partir do momento que o conflito entre Ralph e Jack se acirra, os meninos (principalmente os pequenos) ficam cada vez mais primitivos, confundindo a imaginação e a realidade. Tendo isso em mente, o medo se intensifica sobre um suposto bicho-cobra que reside na ilha e já foi “visto” por alguns dos garotos. Se sentindo completamente impotentes e desamparados frente o possível verdadeiro dono da ilha os meninos se refugiam na espiritualidade, mesmo não sabendo. Jack empala uma cabeça de porco morto em uma estaca e ela serve de oferenda para o bicho-cobra, demonstrando medo, subordinação e um respeito quase divino. Por conta do cheiro e de seu estado mórbido a cabeça atrai moscas e então se torna O Senhor das Moscas, também por uma atribuição de divindade protetora, que protege-os do monstro da ilha.

Já Simon tem uma relação diferente com a cabeça do que os demais. Ele se comunica com ela e sente que ela se comunica com ele, explicando a natureza do mal, aí vem outra atribuição do nome: seria a representação simbólica de Satanás (afinal “Senhor das Moscas” em hebraico é a tradução literal de Belzebu) ou seja um lado escuro, primitivo e verdadeiramente mau do Homem, um lado do qual neste ponto da narrativa os meninos sucumbiram. Essa parte específica que evidencia a ruptura da civilização e da moral pode ser comparada com a história bíblica de Moisés e do bezerro de ouro. Nela, os hebreus, perdendo a fé na religião e em seu líder (assim como na narrativa inglesa), abandonam-no e decidem cultuar um deus palpável, visível e que melhor atendia a suas necessidades espirituais, que seria o bezerro de ouro na história bíblica e, na narrativa, a cabeça de porco.

Simon tem uma relação diferente dos demais com a ilha, o amadurecimento e a cabeça de porco, ele é uma figura com tom mediúnico e psíquico pois vê aquilo que mais ninguém vê e consegue se comunicar com algo que mais ninguém o faz. Sua personagem representa a verdade, pois ele convoca a espiritualidade, e o faz a tal ponto que é considerado louco pelos demais, ou seja, louco por saber da verdade. É possível notar que as personagens mais sábias e que de algum modo estão ligadas à razão e sabedoria são ridicularizadas e marginalizadas, enquanto aquelas que pregam e instalam a barbárie e selvageria são poderosos e respeitados. Assim é esse o estado que prevalece principalmente a partir da morte de Simon. Este, descobrindo a verdade sobre a fera que os assombrava: que ela era, na realidade, um paraquedista morto, se dirigiu para contar a novidade aos demais. Estes se encontravam em um estado de transe selvagem após a caçada bem sucedida. Ao se aproximar do grupo, Simon é cercado e atacado até a morte por conta do ritual conduzido por uma harmonia maléfica que gradualmente evolui de tabu, para desejo, sentimento, dança e ataque. A partir daí a selvageria e desordem se instalam na ilha.

“ O monstro tentou avançar, rompeu o cerco e despencou da beira da laje de pedra na areia junto ao mar. Na mesma hora o bando se atirou sobre ele, pulando da laje, caindo em cima do monstro, gritando, batendo, mordendo, rasgando. Não se ouvia mais palavra alguma, e só o que se via eram as investidas dilacerantes de presas e garras. ”

Outras figuras alegóricas:

- A concha: Representa a democracia, pois é por meio dela que Ralph convoca as reuniões. Perde a influência à medida que os meninos se tornam mais bárbaros.
- Os óculos: são a ferramenta com a qual Porquinho, a razão, vê com clareza o mundo e o que deve ser feito de acordo com a racionalidade. A partir do momento em que uma das lentes quebra, é evidenciado o início da perda de controle.
- A fogueira/fumaça: Pode simbolizar tanto a esperança que Ralph tem de retornar à civilização quanto a conexão que ele tenta manter entre os garotos e o mundo civilizado. Os esforços para manter a fogueira acesa vão gradualmente cessando ao decorrer da narrativa.
- A ilha: O cenário perfeito para evidenciar a natureza humana; um ambiente rústico, primitivo, no qual os meninos terão que entrar em contato com sua natureza animal e instintiva para sobreviver. E a partir do contato com esta, as verdadeiras feições de sua natureza humana surgirão. O autor utiliza um cenário paradisíaco, para simbolizar o próprio Éden, um lugar abundante e não colonizado pelo homem, completamente fora da civilização. É muito parecido com a respectiva história do Jardim de Éden, os habitantes são tentados para o mal e a partir dessa tentação que há a sua ruína.

Bibliografia:

- <http://www.william-golding.co.uk>
- <https://habitantesdenarnia.wordpress.com>
- <http://docnm.blogspot.com.br>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Senhor_das_Moscas
- <http://www.ileel.ufu.br>

Geometria: Um olhar para o mundo

A disciplina busca aproximar a observação do entorno por meio da linguagem geométrica. Para tanto, ao longo do 1º semestre são acionadas algumas propriedades dos polígonos regulares e construções com régua e compasso, para que com esse estudo comum, possam surgir pesquisas sobre temas de interesse. A proposta de trabalho tem como meta o desenvolvimento de competências e habilidades para pensar matematicamente, argumentar, representar, comunicar, resolver e formular problemas, desenvolver e explorar ideais ou ferramentas matemáticas, para realizar projetos.

Lidamos com temas que podem dar início aos trabalhos de pesquisa, por meio de pequenas experiências compartilhadas. São eles: Artes (mosaicos); Arquitetura (construções arcos); Demonstração (quadraturas); Computação (jogo Euclides); Fractais (flocos de neve); Natureza (observação dos padrões); História (a sociedade pitagórica); e Jogos (Tangram).

Matemática

Fractais: árvore pitagórica

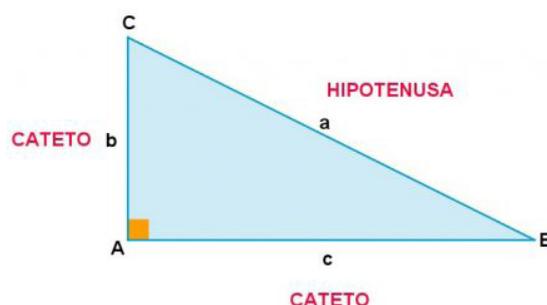
Olivia Bicudo

Fractais são figuras geométricas construídas a partir de equações matemáticas. São figuras caracterizadas por uma complexidade infinita e por uma auto-similaridade, ou seja, são aquelas que “contém, dentro de si, cópias menores deles mesmos. Essas cópias, por sua vez, contêm cópias ainda menores e assim sucessivamente”, explica Eduardo Colli, professor do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP). Além disso, os fractais são usados para descrever fenômenos que parecem aleatórios, mas na realidade seguem certas “regras”, como o nosso pulmão ou a samambaia.

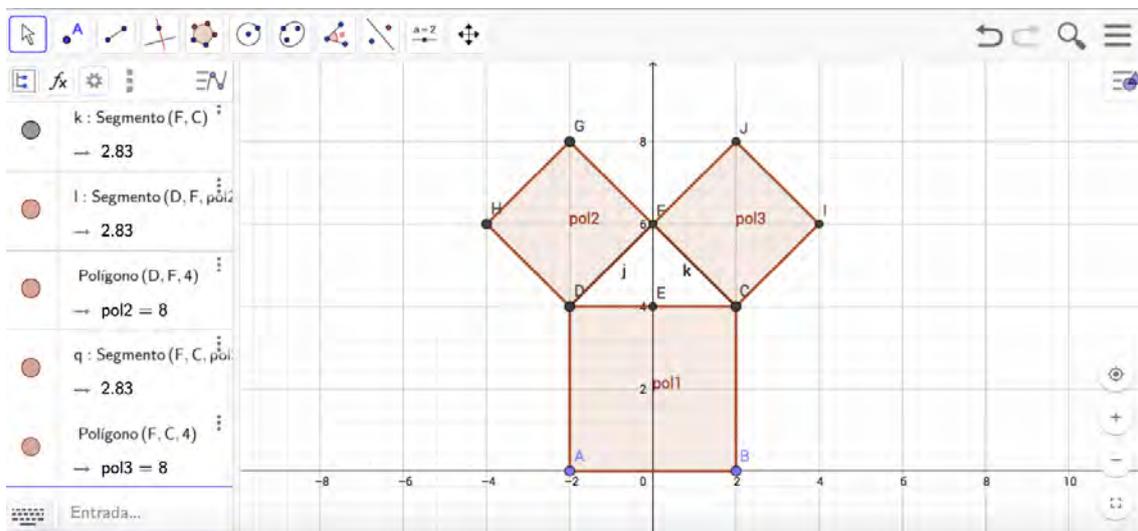
Esta forma está relacionada com muitos matemáticos embora a nomenclatura “geometria fractal” tenha sido criada por Mandelbrot. Em 1500, Dürer desenvolve construções de polígonos regulares e gera os fractais que levam o seu nome; já em 1904 Koch publica as Curva de Koch e a Ilha de Koch e não valorizava o aspecto de auto-similaridade; Levy, em 1938, escreve sobre a propriedade de auto-similaridade de algumas curvas; e em 1967 Mandelbrot publica seu artigo sobre a topologia da costa da Grã-Bretanha e cria é o primeiro a relacionar os fractais a fenômenos e objetos naturais.

Atualmente o estudo dos fractais tem diversas aplicações nos campos da ciência e tecnologia. A análise de solos, nebulosidade da área, movimentos dos rios e estrutura de vários cristais podem ser modelados por fractais. Em relação as ciências médicas e biológicas pode-se citar o estudo da fisiologia animal, uma vez que as ramificações pulmonares, veias e artérias seguem padrões de ramificações, que são bem representados por fractais. Além disso, a análise de imagens no diagnóstico precoce tanto de câncer como de alzheimer pode ser realizada através da modelagem de fractais. Ainda, esta geometria está muito ligada a computação gráfica na medida em que é usada no cinema para criação de vários cenários como rios, conjuntos de montanhas etc.

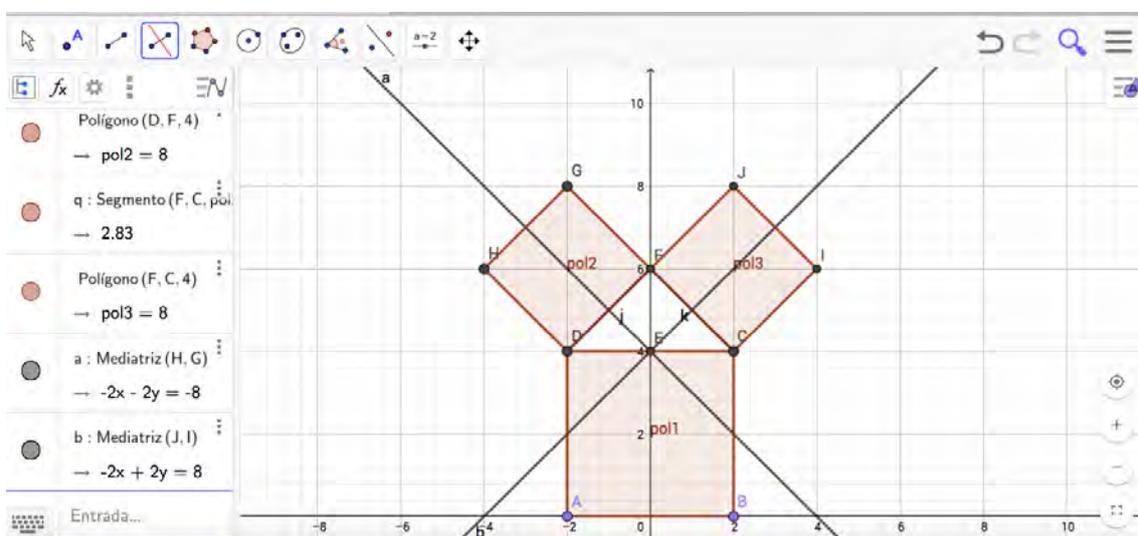
A “árvore pitagórica” é uma forma estudada pela Geometria Fractal e sua aparência característica lembra o formato dos galhos de uma árvore. Esta forma foi elaborada pelo professor de matemática holandês Albert Eckart Bosman (1891-1962) em 1924. Ele se baseou no teorema formulado pelo matemático grego Pitágoras, o qual consiste em dizer que em um triângulo retângulo a soma dos quadrados dos catetos é igual a soma da hipotenusa, sendo os catetos os lados menores e a hipotenusa o maior, como mostra a figura abaixo:



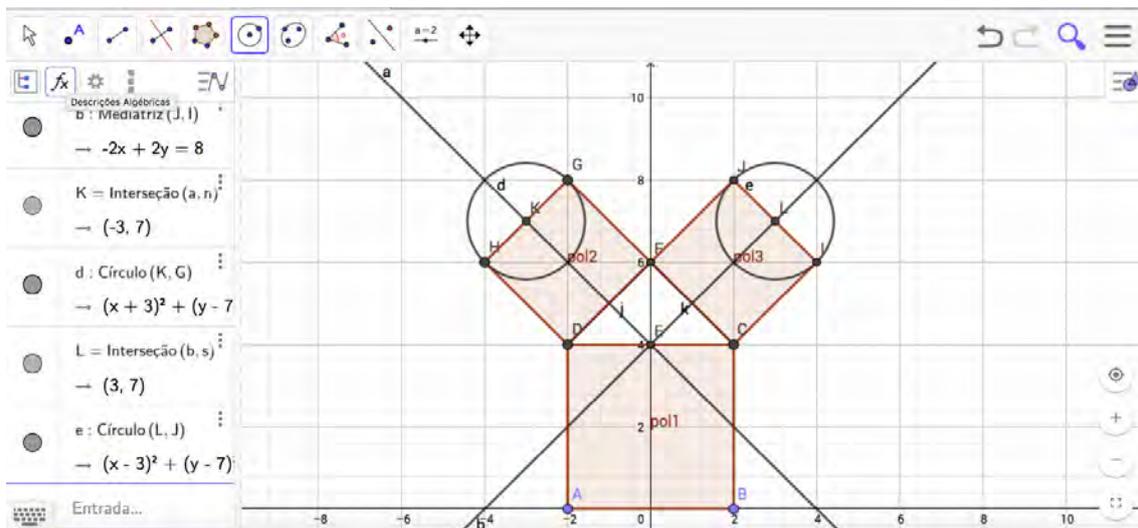
Assim, partindo de um triângulo isósceles, constrói-se sobre os lados menores do triângulo vão ser construídos polígonos regulares, ou ainda, quadrados:



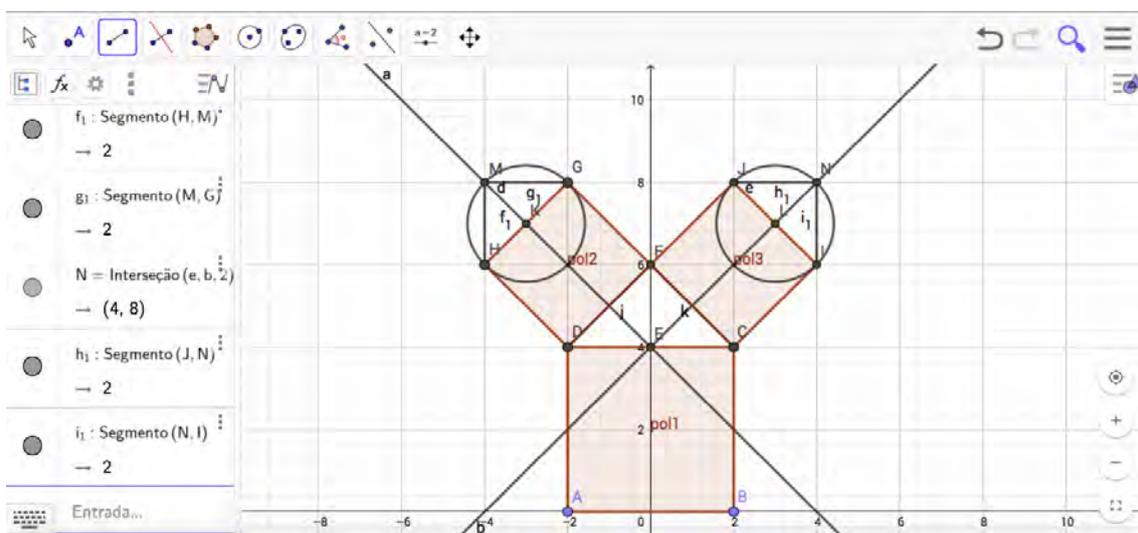
Posteriormente, são construídos mais dois quadrados em cima dos catetos dos triângulos formados nos polígonos 2 e 3 da imagem a cima. Para fazer isso, primeiramente constrói-se a mediatriz dos polígonos:



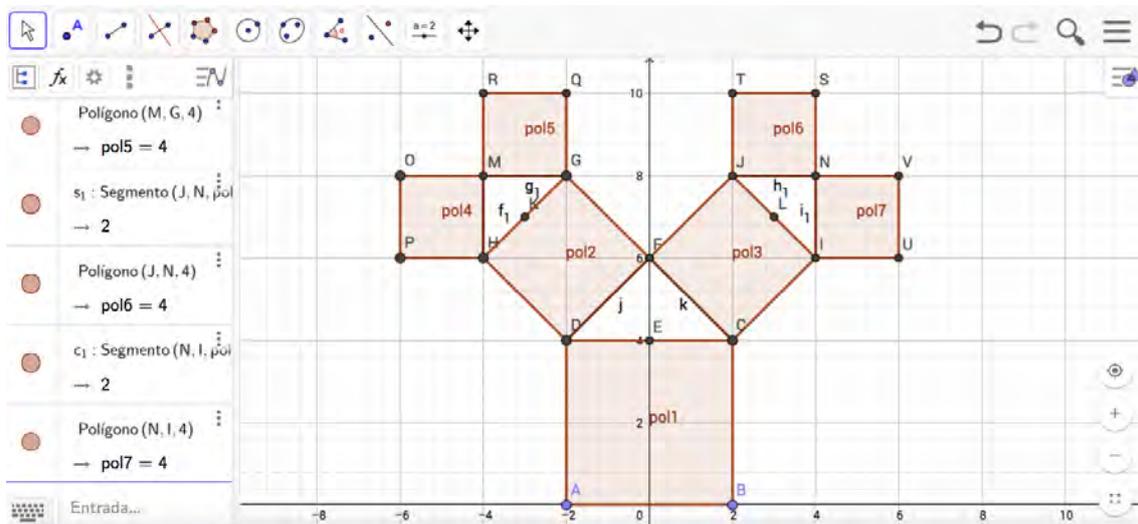
Em seguida, faz-se uma circunferência com o centro no cruzamento da mediatriz com o lado de cima do polígono e com diâmetro do tamanho do lado do quadrado:



Logo depois, traça-se dois segmentos de forma a ligar o vértice do quadrado ao ponto de cruzamento da mediatriz com a circunferência:

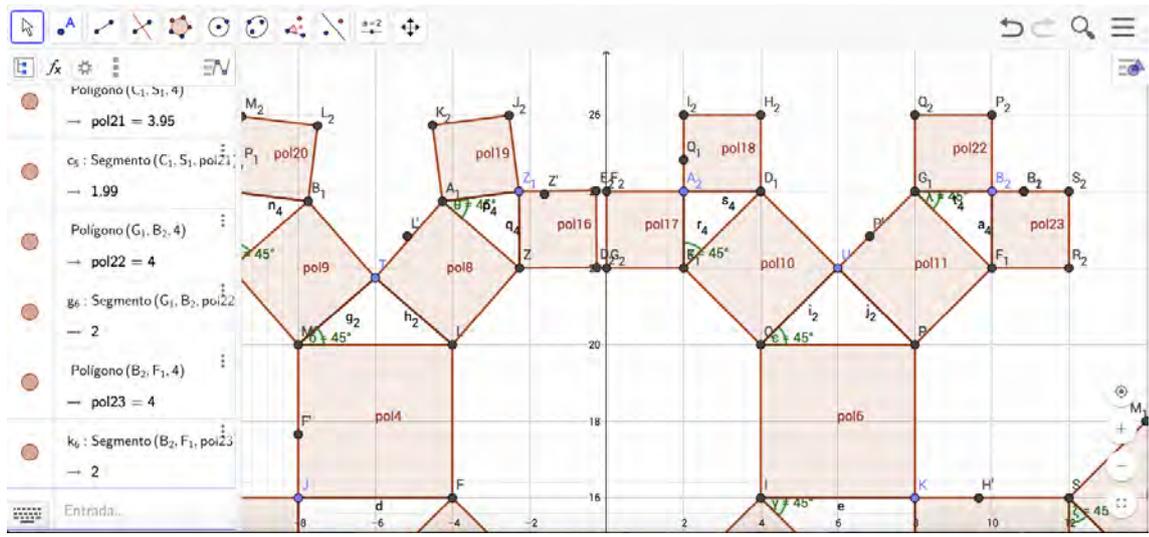


Assim, pode-se construir os dois outros polígonos em cima dos catetos dos triângulos formados e apagar as formas indesejadas (mediatrizes, circunferência):

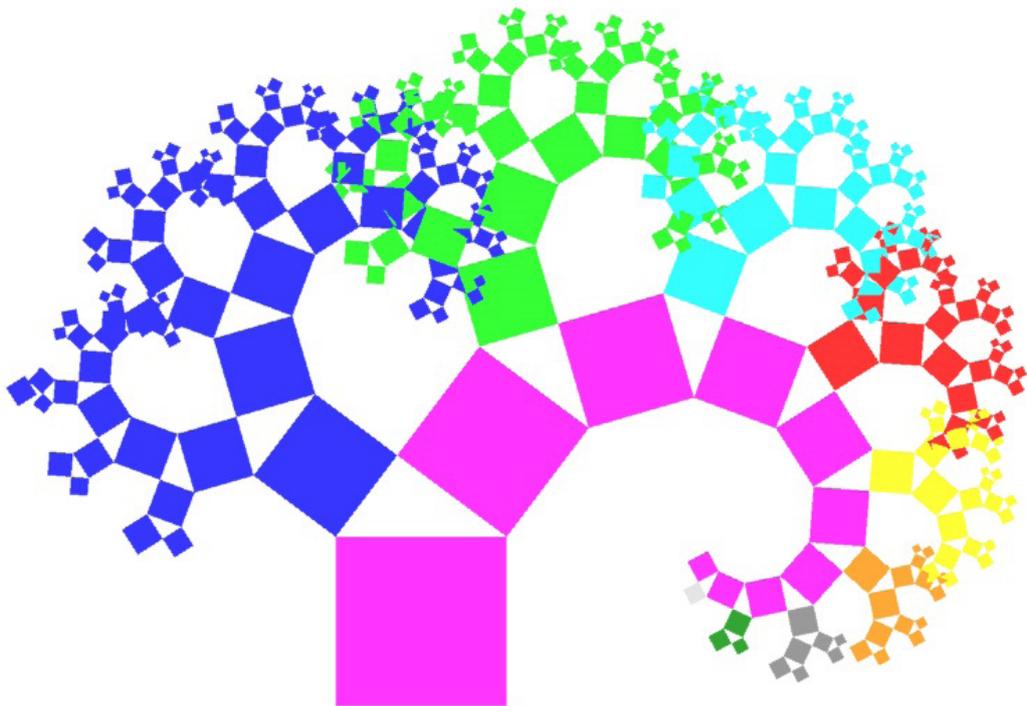


Sucessivamente vão sendo construídos quadrados e triângulos de tal maneira que as formas geométricas vão diminuindo constantemente. Entretanto, qualquer que seja a ampliação do objeto fractal, poderíamos seguir ampliando já que nunca teríamos uma imagem finalizada, ou seja, não teríamos um fim na construção. Desta forma, este trabalho tem como objetivo construir estas formas geométricas até ser possível identificar uma árvore e as características de um fractal. Assim, é esperado que o observador consiga perceber ruma autosimilaridade bem como a infinidade da imagen. Além disso, espera-se que as pessoas percebam como conforme as formas vão diminuindo a imagen vai aumentando seu nível de complexidade até atingir um ponto em que não dá nem para distinguir os quadrados e os triângulos.

Vale resaltar que a construção da árvore pitagórica tem que ser feita a partir de circunferências na medida em que, se construída a partir de ângulos, ou seja, prespõem-se que existem dois ângulos de 45 já que um é de 90, pode ocorrer imprecisões que levam a “distorção” da imagen. Como mostra-se abaixo. Os quadrados, que deveriam enconstar seus lados precisamente estão tortos:



Além disso, a árvore pitagórica pode ser formada através de triângulos retângulos de lados três, quatro e cinco. Porém, neste caso, a imagem seria inclinada:





"Pythagorean Tree," a pancake by Nathan Shields (www.10minutemath.com)

Atualmente, muitos artistas se envolvem com o tema de fractais e fazem obras baseando-se nisso, como Nathan Shields que fez uma árvore pitagórica com panqueca, ou até mesmo, Jos De Mey que construiu a árvore através de cubos feitos de madeira:



Logo, os fractais estão diretamente ligados com a matemática, sendo um estudo desenvolvido durante muito tempo e que hoje em dia é muito utilizado em diversas áreas e explica muitas coisas antes vistas como aleatórias.

Bibliografia

tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7651/2/arquivototal.pdf

<https://www.dm.ufscar.br/hp/hp0/hp0.html>

Edição
C▲S▲
▼ER▲
CRUZ

São Paulo, maio de 2018